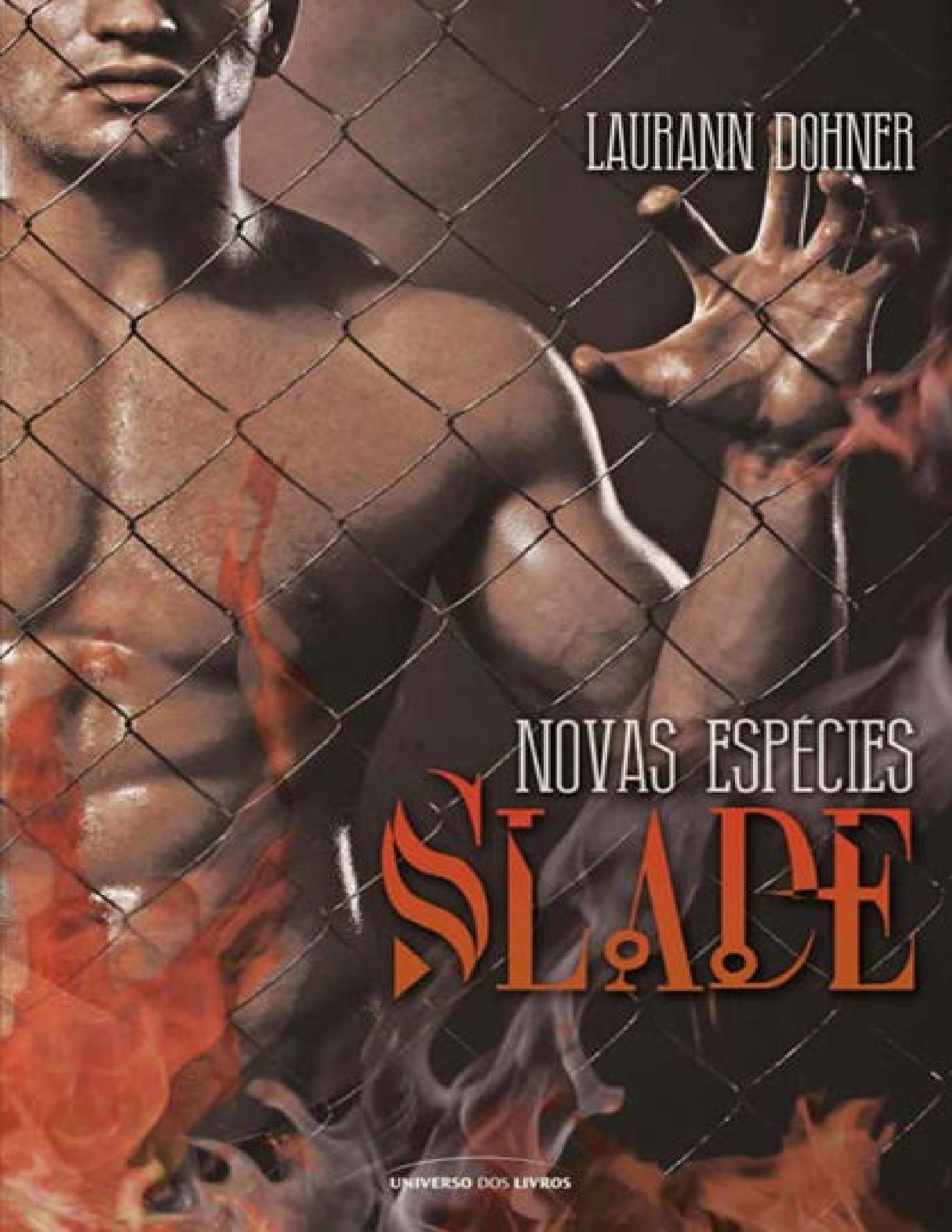

LAURANN DOHNER
NOVAS ESPÉCIES
SLADE
UNIVERSO DOS LIVROS

LAURANN DOHNER

NOVAS ESPÉCIES

SLADE

São Paulo
2015

UNIVERSO DOS LIVROS

Slade
Novas Espécies, volume 2
Copyright © 2011 by Laurann Dohner

© 2015 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**
Editora-chefe: **Marcia Batista**
Assistentes editoriais: **Aline Graça, Letícia Nakamura e Rodolfo Santana**
Tradução: **Flora Manzione**
Preparação: **Cássio Yamamura**
Revisão: **Felippe Pereira**
Arte: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes**
Capa: **Rebecca Barboza**

ZZZZ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

D677s

Dohner, Laurann

Slade/ Laurann Dohner ; tradução de Flora Manzione.
São Paulo : Universo dos Livros, 2015.

352 p. (Novas espécies, v. 2)

ISBN: 978-85-7930-870-3

Título original: Slade

15-0599 CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Este livro contém cenas de sexo, violência e linguagem adulta.

Ao meu, sempre e para sempre, Mr. Laurann

PRÓLOGO

– Você não trabalhava para um veterinário, Trisha?

Trisha franziu o cenho, dando um gole no café gelado. Seu corpo ficou tenso quando ouviu a voz do homem. O doutor Dennis Channer era um imbecil. Sempre dava um jeito de incomodá-la como pudesse. O cara simplesmente adorava provocá-la.

Ela já sabia lidar com o fato de que era muito fechada, mas isso ainda a chateava às vezes. Terminara a escola com apenas 14 anos de idade e, quando tinha 24, havia concluído a faculdade de Medicina, completado a residência e passado alguns anos nas trincheiras de alguns dos hospitais mais conhecidos por receberem vítimas de traumas. Com 28 anos, ela chegou ao seu emprego dos sonhos, em um dos melhores hospitais dos EUA.

A maioria das pessoas ou se sentia intimidada por ela, ou a achava muito convencida. Ela não era esnobe, não achava que era melhor do que os outros e definitivamente não era insensível. Era apenas péssima com habilidades sociais. Sempre fora um pouco tímida, com uma vida cheia de ocupações que não a permitia ter muitas amizades, e também havia o fato de que poucas pessoas eram amigáveis com ela. Não era fácil ser simpática com quem a ignorava.

Dennis Channer era seu chefe e tinha um ressentimento enorme em relação a ela. Tinha trinta e tantos anos, uma década a mais que Trisha, quando foi trabalhar no Hospital Mercy. Achava-a muito bonita e não escondia sua ideia de que o que a levara até aquele emprego havia sido sua aparência, e não suas capacidades. Ela havia trabalhado muito para chegar até ali. Sacrificara a vida pessoal pela carreira.

– Sim. Trabalhei num pronto-socorro veterinário durante a faculdade de Medicina.

– Não tinha bolsa? – Ele deu um sorriso zombeteiro.

Ela contou até dez silenciosamente.

– É.

– Você é a próxima. – O rosto enrugado dele parecia estar achando muita graça de algo, satisfeito demais para o gosto de Trisha. – Há um paciente chegando que é a sua praça. – Ele riu, obviamente fazendo alguma piada interna, cujo alvo era ela.

Seus dentes se apertaram para que ela não dissesse nada de que se arrependeria. Atirou o café gelado e o resto do sanduíche na lixeira antes de sair do saguão e seguir Dennis pelo corredor. *Deve ser outra alma infeliz*, pensou Trisha. Dennis adorava jogar bêbados, sem-tetos e membros de gangues para ela. Como ele mencionou "praça", um morador de rua lhe veio à cabeça.

Uma imagem de um corpo muito malcheiroso e sujo, que a chocaria com o fedor, correu por seu cérebro. Era possível até que fosse um daqueles loucos que ficam gritando sobre como marcianos iriam sequestrar todos. Trisha já lidara com vários desses, infelizmente. Muitos costumavam enrolar folhas de alumínio em várias partes do corpo, supostamente para impedir que os alienígenas os escaneassem. Remover aquilo para examinar os ferimentos muitas vezes resultava em pelo menos quatro pessoas da equipe tendo que segurá-los.

Trisha passou por Sally, uma enfermeira de quem ficara amiga, enquanto andava rapidamente em direção às portas da emergência. A expressão amedrontada e sombria no rosto da outra mulher a fez ficar mais tensa. Seja lá o que estivesse a caminho, era algo bem nefasto, pois aquela mulher era durona e havia visto coisas horrendas nos quinze anos em que trabalhava na emergência.

Trisha começou a ficar preocupada. Não havia muita coisa que assustava Sally. Duas semanas antes, a enfermeira sequer se encolheu quando chegou por lá um membro de gangue com três ferimentos de bala nas costas. Enquanto cuidavam do jovem, uma gangue rival enviara um de seus integrantes até a sala de emergência para liquidá-lo. Sally calmamente ajudou Trisha a levar o homem inconsciente até um armário para escondê-lo, enquanto os seguranças evacuavam o prédio para localizar o bandido armado.

Dennis se virou, com um sorrisinho presunçoso para Trisha.

– Está chegando um metade homem, metade cachorro.

– Não tem graça – Trisha suspirou. – Joguei fora meu jantar por isso? Cresça, Dennis.

Ele levantou as mãos, ainda sorrindo.

– Eu gostaria que isso fosse uma piada, mas falo sério. Ele foi resgatado de

um centro de pesquisas Frankenstein para uma empresa farmacêutica. Tem mais ou menos sessenta e cinco pacientes dando entrada em diferentes hospitais. Somos o centro de trauma mais próximo e eles estão enviando-o de helicóptero para cá porque é a pior vítima. Os paramédicos que o atenderam no local e a equipe do transporte aeromédico confirmaram que esse homem é um humano com partes de cachorro. – Dennis parecia absolutamente alegre. – E ele é todo seu, já que você entende de cachorros.

Trisha colocou as mãos na cintura.

– Você devia ter guardado essa para o primeiro de abril. Qual é a história de verdade? Estão trazendo uma vítima fantasiada de cachorro? É um ator que fingia ser um vira-lata numa festa de criança e que tropeçou durante o espetáculo?

– É verdade – Sally interveio delicadamente. – Está em todos os canais. – Ela não fazia pegadinhas com Trisha. Seus olhos escuros pareciam ansiosos. – A polícia invadiu um centro de pesquisas e estão tirando os sobreviventes do prédio, dizendo que são metade animais, metade humanos. Tem mesmo um voo chegando com um deles a bordo. Chamamos um veterinário de emergência para nos dar suporte, mas ele só chegará em vinte minutos.

Uma onda de choque percorreu Trisha enquanto ela lutava para absorver as ramificações do que ouvira. Ela se virou e foi a passos largos e rápidos até o posto das enfermeiras para dar uma espiada na televisão que ficava presa à parede. Duas enfermeiras já assistiam, com os olhos grudados no aparelho. Um helicóptero de uma rede de televisão circundava um prédio enquanto filmava ambulâncias e carros de polícia, de bombeiros e da SWAT no solo. Um letreiro em negrito passava pela tela. Ela leu o suficiente para se virar novamente.

– Quanto tempo? – gritou Trisha.

Cory, o enfermeiro que controlava as chegadas, falou de seu posto escondido no cantinho, atrás de uma mesa na entrada.

– Chegam em três minutos. Até agora ele está estável.

– Merda! – desabafou Trisha. Seu olhar flutuou até Dennis e ela fez com a cabeça um aceno soturno para ele. – O que sabemos por enquanto?

– Detalhes precários, na melhor das hipóteses. – Dennis ainda sorria. – O Garoto Cão teve perda de sangue, está em choque e não sabem o que há de errado com ele. Eles só o recolheram e saíram correndo quando os sinais vitais dele pioraram. Talvez você possa dar a ele um biscoito de cachorro para ele responder com latidos quais são os ferimentos.

– Está achando graça? – Trisha encarou-o com nojo. – Meu Deus, você é um

babaca. Trata-se da vida de alguém. – Ela lhe deu as costas e focou em Sally. – Por via das dúvidas, prepare uma sala de operação, já que não sabemos com o que vamos lidar. Acorde todo mundo. Vamos ter que descobrir o tipo sanguíneo dele e quero painéis completos. Nós…

– Não transporte sangue de cachorrinho – interrompeu Dennis.

Trisha se virou e olhou fixamente para ele.

– Estou trabalhando aqui. Sou uma profissional. Lembra o que é isso?

O sorriso dele se esvaeceu.

– Não fale assim comigo. Sou seu chefe.

– Você é só um dos meus chefes e vou passar por cima da sua cabeça se não sair de perto de mim agora mesmo – ameaçou Trisha. – Me ajude ou saia do meu caminho. O transporte aeromédico deve aterrissar em um minuto. – Ela girou nos calcanhares e correu até a porta externa. No caminho até lá fora, para vasculhar os céus, gritava instruções.

Ela ouviu o helicóptero antes de vê-lo. Barulhos de portas se abrindo atrás dela deram-lhe certeza de que seu time estava se posicionando, e ela virou a cabeça, jogando os braços no ar enquanto o helicóptero descia. O vento causado pelas hélices a fez virar a cabeça ainda mais, enfiando-a debaixo da manga frouxa de seu jaleco branco para proteger o rosto. Seu olhar se fixou em Sally e nos dois outros médicos que haviam trazido uma maca. Ela esperava que não parecesse tão apreensiva como os outros três. O helicóptero pousou.

Apenas os anos de experiência mantinham Trisha calma. Ela mal olhou para o embrulho grande e coberto sendo tirado do helicóptero. Voltou toda a sua atenção para o paramédico enquanto ele gritava sobre os sinais vitais e informações do paciente. Trisha assentiu com a cabeça, escutando-o.

– Qual é o nome dele?

– 215.

Trisha franziu a testa para o paramédico. Ele balançou a cabeça vigorosamente.

– É tudo o que temos. É assim que o chamam.

– Obrigada. – Trisha girou o corpo, se apressando até a maca que era colocada lá dentro. Ela olhou rapidamente para Cory ao passar correndo por ele. – Arranje mais informações sobre ele para mim. Ligue para a polícia que está trabalhando com essa bagunça. Custe o que custar, preciso saber tudo o que for possível sobre esse cara. O único nome que eles têm dele é 215. – Ela arrancou luvas dos bolsos e as colocou.

– Pode deixar – prometeu Cory, pegando o telefone.

Trisha adorava trabalhar com ele. Era do tipo que podia fazer tudo. Nunca reclamava, nunca choramingava sobre nada e fazia tudo o que ela pedia, mesmo que não fosse tecnicamente da alçada dele. Sabia que ele faria o possível para ajudar. Ela correu para a sala de exames e observou seu time transferir a vítima da maca para a cama de exame. Moveu a cabeça dele e, vestidas com as luvas, suas mãos desceram em direção ao rosto.

– Vamos lá – ordenou Trisha. Ela olhou para o corpo que era descoberto conforme sua equipe removia as roupas dele. A vítima tinha sujeira espalhada pelo rosto e pelo corpo, alguns montes de lama seca, o que tornava difícil ver seus traços com clareza.

– Veja isso – Sally murmurou. – As roupas têm velcro nos lados, em vez de costuras.

– Prático – grunhiu Pete. – Ajude-me a virar ele, Sally. Esse desgraçado é grande.

– Possível ferimento de faca na lombar – observou Sally – de pelo menos quatro centímetros. – Ela examinou o ferimento com as mãos com luvas. – Não é profundo.

– Há algumas queimaduras no ombro direito – acrescentou Pete. – De segundo grau, não muito graves. Acho que alguém usou uma arma de choque nele. Os ferimentos são pequenos orifícios no centro das áreas afetadas. Que tipo de arma causa queimaduras? Nunca vi isso antes.

Trisha estava passando a mão pela cabeça dele.

– Há um calombo, mas nenhum sangramento visível. Peça uma tomografia. – Ela o soltou e pegou sua lanterninha. Delicadamente ela abriu uma das pálpebras e viu que ele tinha lindos olhos azuis. Ela iluminou cada um dos olhos, verificou as respostas. Seu alívio foi imediato ao ver que as pupilas reagiam perfeitamente. Tocou a garganta dele, procurando por algo fora do lugar. *Aparentemente sem ossos quebrados, nenhum inchaço*, ela foi ticando mentalmente o checklist em sua cabeça. Em seguida, focou-se na boca dele e separou os lábios. E arfou.

Sua equipe ficou imóvel, todos atentos a ela. Trisha se mexeu para sair daquele momento de choque. Olhou fixamente para os dentes afiados na boca do paciente. Lembravam presas de vampiro. Ela colocou as mãos com cuidado entre os lábios dele e abriu a mandíbula para examinar dentro da boca e verificar as vias aéreas.

– São dentes de cachorro? – A voz de Pete saiu trêmula.

– Ferimento de bala na coxa esquerda – anunciou Sally. – Entrou e saiu.

– Sangramento? – Trisha soltou a boca do paciente.

– Tratável, mas há um corte numa artéria. Os médicos fizeram uma bandagem de pressão nela. A pressão sanguínea dele está estável no momento. Os fluidos que eles injetaram no caminho parecem ter ajudado.

– Vamos levá-lo à sala de operação assim que terminarmos aqui. Ela deve estar preparada e pronta para nós.

Trisha ignorou os outros funcionários que saltavam para dentro e para fora da sala de exames, colhendo amostras da vítima. Ela confiava em sua equipe e eles trabalhavam bem juntos. O Hospital Mercy era conhecido por contratar apenas o melhor pessoal. Cuidadosamente, viraram o paciente de lado e examinaram cada centímetro de sua pele.

– Marcas de agulha na nádega direita – observou Sally. – Ele não é um drogado. Teria que ser bem flexível para alcançar ali com um armamento *desse*, e homens não são muito flexíveis.

– Ele tem uma arma? – Trisha rapidamente tirou as mãos de cima do paciente. – Onde? Cuidado.

Sally riu pela primeira vez.

– Não uma arma de verdade. *Armamento*, Trisha. Não está vendo esses músculos grandes e sarados? Este cara é totalmente bombado, não reparou?

Trisha chacoalhou a cabeça, aliviada porque o cara não estava armado.

– Vamos levá-lo à sala de operação e verificar essa coxa. Ainda está sangrando. – Ela examinou o ferimento de bala. Cutucou os buracos dos dois lados, por onde a bala entrara e saíra.

– Vamos lá, pessoal – ordenou Sally.

Trisha foi em direção à porta.

– Vou me preparar para a cirurgia.

Ela chegou ao corredor antes de ser parada pelo doutor Jose Roldio, que bloqueava seu caminho. Ele estava pálido.

– Eu cuido desse, Trisha. Obrigado. – Ele a empurrou e foi embora.

Trisha ficou ali por alguns segundos, chocada por Jose ter acabado de assumir o paciente dela sem consultá-la. Ela rapidamente saiu do caminho quando sua equipe deixou a sala de exames com o homem inconsciente. Fitou o rosto do paciente, agora que tinha tempo para pensar e sua mente permitia que as impressões se registrassem. Ele tinha cabelos compridos, grossos e castanhos, com raios dourados no meio. Os olhos eram de uma cor única: azul-escuro com raios de azul-claro se agitando em volta da íris, tornando-os muito bonitos. Ela arrancou as luvas ensanguentadas e correu até uma lata de lixo. Ficou muito irritada por não ser ela a operá-lo.

Seis pacientes depois, Trisha se encontrava novamente no saguão médico. Deu um gole em outro café gelado e tentou relaxar. Jose Roldio era um dos maiores cirurgiões de trauma do país e o paciente era importante, notícia de jornal. Ela não deveria ficar tão chateada por ele ter vindo sabe-se lá de onde para assumir os cuidados com aquele homem, mas ficou mesmo assim. Seus ombros caíram. Ela sempre queria ir até o fim com seus pacientes.

A porta atrás dela se abriu, chamando sua atenção. Ela viu o próprio diabo quando o doutor Roldio entrou, parecendo acabado. Ele acenou a cabeça para ela, indo até a máquina de café. Trisha se virou na cadeira para encará-lo.

– Ele sobreviveu?

– Sim. Tive que consertar uma artéria, mas foi a pior parte. O sangramento não era tão grave como imaginávamos. O tal do veterinário apareceu, mas ficou com medo de tocar no paciente. Só ficou ocupando espaço na minha sala de operação. Você viu as anormalidades do paciente. Aquilo não é de cirurgia plástica, verifiquei enquanto ele estava na minha mesa de operação. De alguma forma aquele cara foi criado. Ele tem tantas anormalidades que estou convencido de que não é totalmente humano. Dá pra acreditar nisso? Meu Deus!

– Foi possível identificar o tipo sanguíneo dele? – Aquele mistério incomodara os pensamentos de Trisha por horas.

– Não. Demos plasma universal e ele não o rejeitou. Ele está estável agora, mas precisei mandá-lo à UTI, pois não temos ideia de com o que estamos lidando. A divisão que está trabalhando nesse pesadelo nos disse que algumas dessas pessoas são meio perigosas. Tivemos que colocar guardas do lado de fora do quarto para proteger a ele e a nós. Acho que há equipes de reportagem acampando na recepção para tentar dar um jeito de entrar também. – Jose se jogou na cadeira e olhou para Trisha. – Não quis passar por cima de você. Acho você uma ótima médica, mas esse estava acima de mim. Os chefões estavam com medo de que ele morresse, então me convocaram. Essa merda vai cair no ventilador no mundo inteiro.

Trisha deu de ombros.

– Eu entendo. – Ela sorriu. – No começo fiquei brava, mas me acalmei. É a sua especialidade.

– Deixei seu nome com os seguranças. – Ele sorriu de volta. – Achei que te devia uma e pensei que você pudesse querer dar uma olhada nele. Sei que sempre faz isso com seus pacientes.

Ela deu um gole na bebida.

– Por que você teve que dar meu nome? Meu crachá do hospital já seria

suficiente para que eu entrasse na UTI e o visse.

– O cara é uma aberração médica – Jose suspirou. – Estamos tendo problemas com todos da equipe que querem ficar olhando para ele, estarrecidos. Também estão com medo de que alguém tire fotos dele para vender para a mídia. Alguém espalhou que ele tem dentes de vampiro.

– Caninos. São diferentes.

– Que seja. Ele é uma aberração e o hospital está morrendo de medo de quebra de sigilo. Temos um ótimo representante para proteger nossos pacientes. Tivemos que restringir o acesso a ele, mas você está autorizada a vê-lo. – O médico se levantou. – Preciso ir para casa para ficar com minha esposa. Estávamos indo jantar quando me biparam e ela não ficou nada contente. É aniversário dela.

– Na saída, passe na lojinha de presentes e compre chocolates para ela. – Trisha piscou. – Eu perdoaria qualquer coisa por alguns quilos.

Jose riu.

– Minha esposa não é tão boa assim. Acho que preciso ligar para um joalheiro. Por favor, fique de olho nele para eu poder dormir um pouco. Vão me bipar se for preciso. – Ele a cumprimentou ao sair.



Trisha bocejou. Estava naquele turno há muito tempo e era hora de ir para casa. Ela pensou em sua cama macia e mal pôde esperar para se jogar nela. Mostrou rapidamente o crachá ao segurança.

– Sou a doutora Trisha Norbit. O doutor Jose Roldio me pediu para ver um paciente dele.

O guarda leu a prancheta.

– Entre, doutora Norbit. Está autorizada.

Trisha entrou na UTI e acenou com a cabeça para uma enfermeira que fazia o monitoramento, e com quem falara algumas vezes. Não conhecia muitas pessoas que trabalhavam de dia e havia acabado de ocorrer uma mudança de turno. Ela olhou para o painel da UTI e na hora descobriu em que quarto ele estava. O número 215 estava escrito no painel. Ela se virou, indo em direção à sala 3.

Trisha abriu a porta devagar. O homem esticado na cama tinha sido limpo. Seu cabelo fora lavado e caía em seus ombros, e ela não pôde deixar de notar como parecia que raios de ouro corriam por linhas de areia molhada e escura. Ele era muito diferente sem aquela sujeira e montes de lama espalhados pelo corpo. Era

lindo. Tinha um rosto muito masculino e forte, com uma linda estrutura óssea.

Ela pegou o prontuário para estudá-lo. Seus olhos se dirigiram de novo para ele, sua atenção se moveu para o peito nu e largo, onde fios que o conectavam aos monitores desfiguravam sua pele. Ela olhou um pouco embasbacada para seus braços robustos e tonificados. *Armamento*. Ela nunca tinha ouvido aquele termo, mas ele era extremamente musculoso. *Talvez ele seja um fisiculturista*. Seus olhos desceram até o teste de drogas, enquanto ela folheava o prontuário. Procurou por alguma droga conhecida usada por fisiculturistas, mas os resultados eram negativos para todas. Só havia dado positivo para um sedativo bem conhecido.

Trisha colocou o prontuário de volta no lugar e se aproximou. Parou ao lado da cama e colocou as mãos na barra lateral, que fora levantada para impedir que ele caísse. Estudou o rosto dele bem de perto, fascinada. As maçãs do rosto eram mais salientes que as de um humano típico e o nariz era mais largo e tinha um formato… diferente. Ela mordeu o lábio ao se inclinar para mais perto e observar melhor aqueles lábios generosos que escondiam bem os dentes caninos, até que eles se mexeram. Ela hesitou por um segundo antes de enfiar a mão no bolso e colocar uma luva para examinar novamente a boca dele, com a intenção de dar mais uma olhada naqueles dentes enquanto tinha a oportunidade.

Os lábios dele eram suaves, perfeitamente desenhados e quentes. Ela não notara isso na noite passada, mas estava ocupada demais avaliando ferimentos, não feições. Ela delicadamente usou os dedos para puxar o lábio inferior. Os dentes de baixo pareciam normais, com exceção dos laterais, que eram afiados como os de um cão. Ela usou o polegar para, suavemente, levantar o lábio superior, enquanto se inclinava para a frente para observar melhor. Com a mão que estava sem luva, segurou suavemente o rosto. Ela abriu mais o maxilar dele, deixando-o com a boca aberta. Precisou esticar-se sobre o peito dele para observar melhor, estudando o que via.

Com os olhos, ela observou os dentes dele, com suas pontas afiadas, e lamentou não saber mais sobre odontologia. Abaixou-se mais e percebeu que seu cabelo caía no peito nu dele, mas não se preocupou sobre acordá-lo. Ele fora altamente sedado durante a cirurgia e ainda faltavam horas para que acordasse. O rosto dela pairava a poucos centímetros da boca dele enquanto ela examinava os dentes posteriores e fazia anotações mentais. Os molares superiores e inferiores eram definitivamente caninos, mais afiados que dentes humanos. Aqueles dentes anormais serviam para dilacerar e mastigar.

Trisha tirou os dedos da boca dele, mas o queixo ainda estava em sua mão. Ela

olhou para seu rosto outra vez para estudar o nariz achatado e largo, mas em vez disso encontrou-se fitando um par de olhos bem abertos e de um azul incrível, que olhavam de volta para seus olhos surpresos.

– Olá – disse ele suavemente, num ruído rouco.

Trisha deu um pulo. Ficou surpresa com o fato de o paciente estar acordado antes do que deveria. Tentou afastar-se dele, mas duas mãos agarraram seus braços. Seu quadril bateu na lateral da cama quando ele a puxou com força, deixando-a em cima dele. Um choque de dor percorreu seu quadril com o impacto da barra de metal quando ele a virou e a colocou no espaço estreito ao lado dele. Seu peso a esmagou contra o colchão quando ele rolou para cima dela, prendendo-a sob seu corpo.

Trisha começou a lutar depois de alguns segundos, quando percebeu o que estava acontecendo. As mãos do paciente deslizaram por seus braços e agarraram seus pulsos, ele os forçou para cima da cabeça dela e um rosnado alto arrancou-se de sua garganta. O som era tão surpreendente, assustador e feroz que Trisha ficou paralisada de medo. Ela fitou aquela face bem masculina pairando centímetros acima dela. Seus estranhos olhos hipnóticos pareciam olhar diretamente para a alma dela enquanto ele a estudava, até que os olhos se estreitaram. Sua língua apareceu entre os lábios e deslizou pelo lábio inferior.

– Você é nova. Não te avisaram para nunca cruzar a linha da morte? – Seus olhos desceram até a garganta dela, mas retornaram ao rosto. – E não me acorrentar foi mesmo bem idiota. Não explicaram como lidar com a gente, doutora? Nunca se deve remover as amarras.

A voz dela finalmente saiu.

– Você está em um hospital, vai ficar bem.

Ele franziu a testa. Trisha estava presa embaixo dele, com o corpo fortemente pressionado contra o dele dos pés à cabeça. Também não conseguia ignorar o peso, nem o fato de que o corpo dele cobria o seu totalmente.

– Não sei se devo te montar ou te matar – rosnou ele, suave. De repente ele se mexeu, fazendo Trisha arfar quando algo duro se pressionou contra ela. Não houve dúvidas de que ele estava com uma ereção quando ajustou o corpo novamente sobre ela, pressionando seu pau duro contra a costura da calça dela. – Voto em montar você, porque detestaria matar algo tão belo. – Ele sorriu para ela. Trisha ficou amedrontada ao ver aqueles dentes afiados. – Já quis ser comida por um animal, gracinha?

– Sou a doutora…

– Não estou nem aí – ele rosnou suavemente, interrompendo-a. – Me beije,

linda, e então vou mostrar o que você andou perdendo. Decidi te montar, apenas não consigo resistir. – As narinas se abriam quando ele inspirava e um gemido profundo se fazia ouvir de seus lábios semicerrados. – Você me deixa tão duro e cheira tão bem…

O pânico tomou conta de Trisha. Ela gritou.

– Socorro!

215 a fitou e sorriu.

– Ninguém seria idiota a ponto de entrar nesta sala para tentar te salvar, linda. Você tirou as amarras e agora é minha.

Ele a ajustou na cama, agarrando os dois pulsos com uma mão só e deixando a outra mão livre para percorrer o corpo dela. Suas mãos pararam por um momento na curva dos seios, o bastante para fazê-la arfar, e então passaram pelas costelas, depois desceram mais um pouco, até o quadril. Ele se mexeu sobre ela o bastante para deslizar a mão por entre ela e a cama, agarrou-a na bunda e apertou com força.

– Sua bunda é minha, docinho. Mas não se preocupe, não vou te machucar e definitivamente não vou te matar. Gosto pra caramba de você. Só decidi te manter comigo aqui por alguns dias, doutora. Vou praticar com você coisas que vão te fazer nunca mais querer sair dessa sala. Quando eu for forçado a te libertar, você vai querer que eu te monte, vai precisar disso do mesmo jeito que precisa comer ou respirar.

De repente uma sirene alta soou dentro da sala. Trisha fitou o homem, que continuava a sorrir para ela. A mão em sua bunda a agarrava ainda mais firme conforme ele se mexia, forçando o quadril entre suas pernas e abrindo-as. A ponta dura do pau dele se esfregava contra o quadril da médica. Os olhos dela se arregalaram com a sensação de tê-lo pressionando tão fortemente seu corpo.

– Você vai me desejar do mesmo jeito que te desejo – garantiu ele num tom de voz rouco.

Ele se aproximou mais de Trisha, não mais olhando em seus olhos. Acariciou o rosto dela com a bochecha, pressionando-a até ela virar a cabeça. Seus lábios roçaram o pescoço dela, se abriram e ele lambeu a pele e gemeu. Um choque a percorreu quando ele a mordiscou mas, pior ainda, o quadril dele começou a se mexer no mesmo instante. O comprimento rígido de seu pênis se esfregava diretamente no clitóris dela através das roupas. O corpo dela estremeceu embaixo dele, e ele rosnou, com o maxilar se apertando no ombro dela.

O fato de o corpo dela responder a ele a deixava um pouco aterrorizada. Seus mamilos se endureceram, sua barriga tremia e o prazer provocado pelo quadril

que se mexia e massageava seu clitóris, mesmo através de camadas de roupa, a deixava ofegante. Ser dominada nunca fora uma fantasia, mas de repente ela não conseguia deixar de ficar excitada com o fato de que um homem poderoso, lindo e muito perigoso controlava seu corpo. Ela lutava contra isso, tentava racionalizar suas respostas físicas com uma lógica fria, mas sua mente não queria funcionar.

Ele rosnou contra o pescoço dela, livrando-a da mordida.

– Não posso esperar para sentir o gosto de cada centímetro seu. Vou enterrar minha cara entre suas coxas e te foder com a minha língua até você implorar para que eu te faça gozar, gracinha. Sei que seu gosto vai ser tão doce quanto seu cheiro – ele rosnou mais alto. – Depois vou te virar, colocar a sua bunda para cima e te montar até você gozar de novo.

Trisha arqueou o corpo contra o dele. A imagem que ele pintou em sua mente, combinada com o estímulo em seu clitóris, quase a fez chegar ao clímax antes de ele fazer tudo aquilo. Ela sabia que isso aconteceria se ele não parasse de mexer o quadril. Seu clitóris latejava e ela mordeu o lábio com força para não gemer.

De repente as portas do quarto se romperam estrondosamente e pelo menos seis pessoas correram para dentro. Aquele distúrbio fora como um balde de água fria para a libido descontrolada de Trisha. O homem em cima dela virou a cabeça em direção a eles e um rosnado alto e amedrontador irrompeu de sua garganta.

– Sedem ele! – berrou Trisha, com sua mente funcionando de novo.

Assistentes e guardas pularam no paciente. Ele tentou se virar para encará-los com um rugido de raiva, com a intenção de mantê-los longe. Suas mãos a soltaram e ele tentou elevar o corpo para se livrar dos homens que o seguravam. Com medo de que ele se ferisse, Trisha colocou os braços em volta do pescoço dele e passou as pernas em volta das coxas dele para tentar ajudar a segurá-lo. Ele se debatia, com o pau se esfregando com mais força contra ela, deixando-a mais ciente do quão excitado estava. Ela viu dois assistentes enfiando agulhas nele enquanto o cercavam pelas costas para segurá-lo.

Rosnados raivosos saíram de sua garganta, mas ele finalmente parou de lutar. O corpo relaxou e seu peso morto recaiu sobre ela como um cobertor asfixiante e pesado, até ela ficar sem ar e não conseguir nem tomar fôlego. Só conseguiu se libertar quando dois assistentes, um segurança e dois enfermeiros ergueram o homem o bastante para que Trisha saísse rapidamente de baixo dele depois que as laterais da cama foram abaixadas.

Trisha suava e ofegava ao se levantar com as pernas bambas. O paciente estava sedado e de barriga para baixo na cama. Ela olhava para ele, tremendo e

profundamente perturbada com o que acontecera. Eles provavelmente estariam transando se ela não tivesse sido resgatada.

Uma mão a tocou, fazendo-a pular. Era o doutor Hearsal Morris, que parecia preocupado e apertava seu ombro.

– Você está bem? Ele te machucou?

Trisha pigarreou.

– Estou bem – mentiu.

CAPÍTULO UM

UM ANO DEPOIS

Trisha estava sentada à sua mesa, lembrando-se de 215. Ele ainda a assombrava com seus incríveis olhos azuis, com a maneira como havia a prendido sob ele na cama de hospital e como quase a… seduzira. Sabia que nunca iria esquecê-lo, mas ele não se lembrava dela. Isso também a incomodava muito.

Ela tinha ouvido falar que as Novas Espécies, sobreviventes que foram resgatados do centro de testes de drogas, tinham se dado nomes no lugar dos números com os quais as Indústrias Mercile os havia marcado. Ele tinha escolhido o nome Slade.

Combinava com ele. Ele era um filho da puta enorme, de peito largo, cabelos longos e selvagens e exalava uma sensação de perigo. Toda vez que mostrava os dentes afiados e anormalmente longos quando sorria, parecia predatório. Era quase como se ele estivesse ameaçando alguém quando sorria. Ele também devia ser o homem mais sensual que ela já conhecera, e as lembranças daquela cama de hospital sempre a faziam tremer de excitação.

As Novas Espécies tinham recebido um retiro privado, chamado Homeland, para os sobreviventes do centro de testes. O mundo não recebia bem sua existência, e eles precisavam viver em um ambiente de alta segurança para ficarem protegidos de grupos de ódio que os viam como uma abominação.

Fanáticos religiosos os chamavam de demoníacos, não naturais e diziam que eram uma afronta a Deus, pois haviam sido criados em tubos de ensaio por cientistas. Se não usavam uma desculpa religiosa para o ódio, chamavam as Novas Espécies de animais de duas pernas que não mereciam direitos humanos, sendo nada mais do que animais treinados que imitavam pessoas. Era ridículo. Trisha se irritava quando ouvia aqueles discursos inflamados e malucos proferidos por idiotas nos telejornais. As Novas Espécies eram vítimas, não uma praga sobre a humanidade, e definitivamente não eram a semente do mal de Satanás. Também não eram animais de estimação capazes de articular palavras.

Dois meses antes, ela havia ouvido que em breve iriam abrir um centro médico privado em Homeland e imediatamente enviou seu currículo, na esperança de garantir uma das vagas para médicos que planejavam contratar. Nunca se esqueceria de como ficou surpresa quando, dois dias antes, recebeu a ligação. De todos os candidatos, ela tinha sido a escolhida.

Todos na comunidade médica estavam fascinados pelas Novas Espécies. O

número total de sobreviventes era desconhecido, mas as Indústrias Mercile, empresa líder em pesquisa de drogas, os usavam como cobaias de testes. Eles haviam introduzido DNA animal nos genes. Corria o boato de que eles os haviam criado para combater doenças de animais que passaram para seres humanos e também para criar vacinas e medicamentos para combater doenças que atingiam as pessoas, mas às quais os animais eram naturalmente imunes. Depois dizia-se que a empresa havia se ramificado para as drogas anabolizantes para deixar os seres humanos mais fortes, mais musculosos e em melhor forma apenas tomando as pílulas que eles criaram.

Ela ficava chocada por outros médicos e cientistas terem vendido suas almas apenas por um salário, mas obviamente muitos tinham feito coisas inimagináveis aos homens e às mulheres que haviam sido forçados a serem cobaias. O simples fato de que alguém havia encontrado uma maneira de combinar com sucesso DNA humano e animal para criar vida tinha deixado o mundo médico com uma pulga atrás da orelha. E as Novas Espécies eram a prova viva daquilo.

Trisha esperava poder saber informações mais detalhadas sobre eles, agora que havia conseguido o trabalho, mas até então não haviam dito muita coisa a ela. Um arquivo lhe foi entregue para que desse uma olhada. Algumas das informações a chocaram, mas ela estava pronta para qualquer desafio que lhe fosse apresentado. Infelizmente, parecia que ela havia sido contratada apenas para brincar de enfermeira dos funcionários humanos, já que nenhuma das Novas Espécies entrava na clínica.

Ela se recostou na cadeira, apoiou os pés sobre a mesa e reviu os fatos de que tinha conhecimento. As Novas Espécies escolheram nomes estranhos para si mesmos, e geralmente era algo que tinha um significado para cada um. Eles haviam decidido se chamar de Novas Espécies porque muitos deles não haviam sido alterados com as mesmas cadeias de DNA animal. Ela soube que havia três tipos: espécies caninas, felinas e primatas. Havia também algumas observações documentadas a respeito das diferenças físicas descobertas. Seus pensamentos se fixaram instantaneamente na razão de sua irritação.

Slade não se lembra de mim. Ele praticamente me molestou, prometeu fazer coisas obscenas com meu corpo e simplesmente… se esqueceu do que fez? Ela soltou o ar pela boca, surpresa por não haver fumaça saindo de seus ouvidos, de tanta raiva que queimava intensamente por dentro. Acabara de se confrontar com ele e não vira nem mesmo um lampejo de reconhecimento naqueles olhos. *Como ele poderia esquecer? Eu certamente não posso e isso não é justo. Como pode um homem: excitar uma mulher, deixá-la pegando fogo e depois se esquecer*

dela assim que ela sai de seu campo de visão? Babaca!

Ele fora extremamente rude com ela, pra piorar. Uma das funcionárias humanas em Homeland e um macho canino das Novas Espécies estavam morando juntos. Trisha sabia que eles estavam fazendo sexo, apesar de negarem, e ela queria estudar a vida sexual do casal. Slade a havia encarado, dito coisas baixas e tido a coragem de chamá-la de intrometida!

Qualquer detalhe sobre a vida sexual do casal podia ser importante. Havia muitas coisas médicas sobre as Novas Espécies que ainda eram desconhecidas. Será que sequer eram sexualmente compatíveis com os humanos? Trisha não tinha certeza da porcentagem de homens envolvidos, mas, nos poucos relatórios que ela havia lido para se preparar para os novos pacientes, estava documentado que alguns dos machos inchavam na base do pênis logo antes da ejaculação. Isso era doloroso para uma mulher? Essa era uma pergunta que ela queria fazer à mulher que vivia com um Nova Espécie, mas Slade ordenara que ela ficasse longe do casal.

Ela queria explorar a possibilidade de os humanos e as Espécies terem filhos juntos. Soube que as Indústrias Mercile haviam feito as Novas Espécies fêmeas cruzarem com seus machos por anos, esperando criar mais deles. Nunca houve nenhum resultado positivo de gravidez. Era possível que nenhuma das Novas Espécies pudesse gerar filhos devido a algo simples, que poderia ser tratado por um médico. Ela poderia conseguir descobrir algo se alguém a deixasse ajudar, mas isso não iria acontecer se ninguém permitisse que ela fizesse testes com eles.

– Doutora Norbit?

A voz puxou Trisha de seus pensamentos e a fez olhar para Paul, que entrava na clínica para trocar de turno. Era o único enfermeiro e parecia legal. Tinha quarenta e poucos anos e havia mencionado um passado militar.

– Pagaria pra saber o que você está pensando.

Trisha forçou um sorriso.

– Eles não valem tanto assim. Estou com pena de mim mesma. Queria esse trabalho para aprender sobre as Novas Espécies, mas toda vez sou bloqueada.

– É, a ONE não é de falar muito. Estou aqui há mais tempo e ainda não sei muita coisa. Temos que cuidar deles, mas não nos dizem nada sobre sua fisiologia para nos ajudar a fazer isso.

– ONE?

– Organização das Novas Espécies. É como eles se chamam aqui. Estou surpreso que você não tenha visto os uniformes que alguns deles usam. Acho

que não gostam dos nossos seguranças e criaram suas próprias equipes. Não os culpo. Você perdeu o ataque que houve aqui há pouco tempo.

– Ouvi algo a respeito no noticiário.

Paul fez uma careta.

– Foi feio. Aqueles manifestantes e cretinos dos direitos humanos derrubaram os portões da entrada e uns quinze caminhões cheios de idiotas com armas em punho entraram com tudo. Felizmente os edifícios são construídos para resistir a ataques, e a segurança conseguiu levar a maioria das pessoas a lugares seguros enquanto os portões eram violados. Aqueles cretinos entraram aqui como se alguém tivesse declarado que era temporada de caça às Novas Espécies. Já foi caçar cervos alguma vez?

– Não.

– Me lembrou disso. No final, dezessete pessoas haviam morrido. Até a ajuda chegar, foram os quarenta e poucos minutos mais longos da minha vida. É por isso que eles quiseram contratar um médico. Eu estava coberto de ferimentos naquele dia, principalmente na cabeça.

– Dezessete mortes? Eu não sabia que o número era tão alto. – A notícia horrorizou Trisha.

Ele deu de ombros.

– Alguns morreram depois, por causa dos ferimentos de bala. Os seguranças que haviam contratado eram péssimos. Os caras das Novas Espécies se juntaram para lutar quando eles apareceram aqui, para impedir que alguns daqueles imbecis tentassem forçar as portas das salas dos médicos. Eu estava sozinho, achando que eles iam entrar e me matar, já que não escolhiam muito em quem iam atirar. Se você estivesse respirando, aqueles idiotas praticavam tiro ao alvo em você. Os guardas das Novas Espécies usavam uniformes pretos do tipo da SWAT e na parte da frente dos coletes havia as letras ONE em branco.

Slade usava um uniforme parecido mais cedo, quando a segurara.

– Então os homens que usam esses uniformes são seguranças da ONE?

– Sim, e eles se chamam de guardas dos Novas Espécies. Não queira mexer com esses caras. Um deles me disse que era um protótipo experimental no centro onde ficava preso. O boato é de que alguns deles foram treinados para lutar e matar, só para mostrar o que poderiam fazer e como eram rápidos. Ouvi dizer que as Indústrias Mercile tinham um contrato com alguns países do terceiro mundo para vender suas drogas anabolizantes a quem fizesse o maior lance. As Novas Espécies negam, mas quem sabe qual é a verdade? De qualquer maneira, eles são durões. Não negam o fato de que eram torturados e espancados com

frequência para saber a quanto dano sobreviveriam e como se recuperariam. Você já viu algum desses caras de perto? Céus! Eles são enormes, e acrescente a isso o fato de que são rápidos, têm audição, visão e olfato aguçados e simplesmente arrebentam. Estive no exército e com certeza absoluta não gostaria de enfrentar alguns deles, mesmo com toda a minha unidade me dando cobertura.

Trisha olhou para o relógio. Ela não queria ouvir mais nada sobre como as Novas Espécies eram más e perigosas. Eles já a intimidavam o bastante sem aquela especulação. Ela também tinha aprendido, desde que conhecera Paul, que ele podia divagar por horas se tivesse a oportunidade.

– Meu turno acabou. Acho que vou para casa.

– O que você acha da habitação? Não é ótima? Me deram uma casa de dois quartos, estilo chalé. Minha esposa adora.

– É boa – Trisha concordou. Ela se levantou, pegando sua bolsa. – Vejo você amanhã. Ligue se precisar de mim. – Ela deu um tapinha no bolso. – Meu celular está ligado.

– Farei isso, doutora… ahn, Trisha.

Trisha saiu do centro médico e foi caminhando pela rua. Sua casa ficava a apenas uma quadra dali, na área dos funcionários humanos, onde dezenas de casas de estilo chalé haviam sido construídas. Ela havia ficado com uma azul e bonitinha. Olhou para a lua, concluindo que era uma bela noite.

– É meio tarde para você ficar andando sozinha – uma voz rouca e masculina disse asperamente atrás dela.

Trisha engasgou ao se virar, tentando não mostrar sua surpresa ao ver Slade. Ele vestia o uniforme preto e a atenção dela se fixou no lado direito do peito, onde se liam claramente as letras ONE num pequeno bordado. Seu olhar se levantou em direção aos mais incríveis olhos azuis. Eles eram de um tom escuro que ela não conseguia deixar de fitar.

Se ele era um guarda da ONE, devia ser bem durão, um sobrevivente de muito abuso, e possivelmente fora treinado para lutar para ser um dos protótipos que filmavam para mostrar as coisas horríveis que haviam feito ao seu corpo, se Paul estivesse certo. Isso significava que Slade podia ser superperigoso. Ela respirou fundo, tentando acalmar o coração, que batia forte.

– Eu não te vi nem ouvi – admitiu ela.

Ele mostrou os dentes afiados quando sorriu.

– É exatamente aonde quero chegar. Você não devia ficar andando sozinha. Pode ser perigoso.

– Aqui é um lugar altamente protegido, com guardas de segurança por todo o lugar. – Ela franziu a testa. – Acho que estou bem segura – *Exceto com você*, emendou silenciosamente. *Ele é atraente demais. Veja esses lindos olhos e essa boca. Me pergunto como seria beijá-lo… Pare com isso*, ela ordenou mentalmente a seus pensamentos. *Ele não se lembra*.

Ele encolheu os ombros largos.

– Ainda está interessada em aprender sobre o processo de procriação entre nossas duas espécies?

Aquela pergunta fez seu coração acelerar instantaneamente.

– Você falou com o senhor Fury e a senhorita Brower? Eles mudaram de ideia sobre deixar que eu os examine? – O entusiasmo que veio com a ideia de conversar com o casal que morava junto foi instantâneo e forte. Ela poderia aprender muito com eles. Estaria fazendo algo de verdade, em vez de ficar sentada à mesa esperando que pessoas com cortes de papel fossem vê-la. – Eu adoraria convencê-los a fazer alguns testes simples.

– Não. – Ele deu um passo em direção a ela. – Eles continuam sem interesse. Só queria saber se você ainda pretende estudar o processo de procriação entre as nossas espécies.

O entusiasmo dela se desfez.

– Tenho muito interesse. Há algum outro casal que eu não saiba? Gostaria de uma oportunidade de conversar com eles, se possível.

Ele deu mais um passo, parando a poucos metros de Trisha, fazendo-a perceber que ele era quase meio metro mais alto que ela. Ela imediatamente se sentiu intimidada pelo tamanho dele. A lembrança de quando ele a prendeu sob seu enorme corpo na cama de hospital passou como um raio. Ela engoliu em seco e tentou não permitir que a atração que sentia se revelasse em suas feições.

– Eu poderia ir para casa com você. – Ele piscou. – Você poderia me examinar o quanto quisesse, doutora. – A atenção dele se dirigiu para os seios dela e depois de volta para os olhos. – Ficaria mais do que feliz em me voluntariar para te mostrar pessoalmente como poderíamos fazer sexo. Topo uma hora de sexo sem compromisso.

Trisha deu um passo para trás, atordoada. Ela sabia que não deveria estar, pois ele já havia falado com ela de forma pior. Ele não se lembrava, mas ela, sim. Ficava chateada por ele lhe oferecer tão pouco, algo tão trivial, enquanto ele se tornara uma ideia fixa para ela.

– Não, obrigada.

A pele ao lado dos olhos dele enrugou com a risada que deu enquanto dava de

ombros novamente.

– Você que está perdendo. Sabe como me encontrar se mudar de ideia. Eu te levo até a porta.

– Não, obrigada.

– Eu te acompanho até em casa. – Ele continuava com aquela expressão de quem estava achando graça. – Então ande, doutora. Ou podemos ficar em pé aqui. De qualquer jeito, vou ficar com você até você chegar em casa.

Trisha se virou para longe dele e saiu caminhando rapidamente pela calçada. Podia senti-lo atrás dela, mas ele não fazia nenhum som. Para um homem grande, se movia bem silenciosamente. Ela virou a cabeça ao chegar ao jardim de entrada e ficou nervosa ao ver como ele estava próximo de invadir seu espaço pessoal.

– Chegou em segurança – sussurrou ele. – Tem certeza de que não quer que eu entre, doutora?

– Tenho – declarou Trisha, com firmeza.

Suas mãos tremiam quando ela disparou em direção à porta da frente. Será que ele tentaria forçar uma entrada em sua casa e pressioná-la com a oferta de transar com ela? Ela destrancou a porta para dizer a ele que fosse embora, mas ele havia desaparecido.

Trisha desceu da varanda, foi até a calçada e olhou em ambas as direções, mas não o viu. Ela franziu a testa. Como ele teria desaparecido tão rápido? Ele a irritava demais. Ela correu para dentro e trancou a porta firmemente.

Trisha jogou a bolsa sobre a mesa de entrada e se dirigiu ao quarto. Passou pelo quarto de hóspedes vazio e se lembrou de que precisava encomendar uma mesa e alguns porta-arquivos para criar um escritório em casa.

Ela olhou ao redor do quarto. Odiava a grande cama de dossel com postes de madeira que apontavam em direção ao teto. Ocupava espaço demais no quarto. A casa viera mobiliada, mas nada a agradava.

Ela tirou a roupa no caminho até o banheiro. *Será que Slade se lembra de mim? Ele pode estar fazendo algum tipo de jogo doentio para ver se digo alguma coisa*. Ela só não tinha certeza. Ele era bastante convincente se queria que ela acreditasse que eles nunca tinham se encontrado no passado. Ligou o chuveiro e esperou alguns minutos para a água esquentar.

Entrou embaixo do jato de água quente e deu um suspiro. Por que se sentia atraída por ele? Ela não podia negar que ele a encantava. Talvez fosse curiosidade. Não tinha certeza de seus motivos, mas, toda vez que ele a olhava, ela se lembrava da sensação de sua língua áspera e quente provocando seu

pescoço, do jeito que ele se moveu contra ela com seu corpo pesado e quase a fez gozar apenas esfregando o pênis nela. E dos sons que ele fazia. Os grunhidos eram sensuais.

– Lavagem cerebral – suspirou ela.

Jogou a cabeça para trás, lavou o cabelo, depilou as pernas e, em seguida, saiu do chuveiro. Ela ouviu um som característico. Sua calça estava zumbindo no quarto, onde ela a tinha jogado ao se despir. Trisha se enrolou em uma toalha para sair do banheiro. Abaixou-se, lutou com a calça e arrancou dela o celular preto.

– Doutora Norbit.

– Trisha, é Paul. Temos um problema. Você pode voltar?

– Estou a caminho. – Ela desligou e correu até a cama. Largou o celular ali e se virou. Deu um passo em direção ao armário, antes de bater com tudo em um corpo largo e rígido.

Trisha engasgou. Duas mãos grandes agarraram seus ombros nus enquanto sua cabeça se erguia. Ela ficou boquiaberta com a expressão bem-humorada de Slade. Seu corpo estava pressionado contra o dele, ele a segurou firmemente pelos ombros e seus lábios se curvaram em um sorriso.

– Você não estava atendendo o telefone. Precisam de você no centro médico.

– Você está dentro da minha casa – disse ela, ofegante.

– Minha chave serve em todas as casas. Sou da segurança. Você deve atender o telefone se não quer que alguém venha verificar as coisas. Seu enfermeiro ficou ligando por uns cinco minutos, até que finalmente nos chamou.

– Eu estava tomando banho!

A atenção dele se dirigiu para baixo.

– Entendi. Você fica bem de rosa, doutora. Ficaria melhor ainda se essa toalha estivesse no chão, aos seus pés. – O corpo dele estremeceu um pouco contra o dela, enquanto desviava a atenção para os ombros. – É tentador lamber todas essas gotas de água.

O coração dela batia forte de surpresa e, provavelmente, de um pouco de excitação com a ideia de ele fazer isso. O olhar no rosto dele a fez engolir em seco. De repente, ele a soltou e se afastou.

– Estarei esperando por você na sala. Mexa-se, doutora. Alguém está machucado e precisamos de você no centro médico logo.

Trisha observou aquele Nova Espécie deixar seu quarto e fechar a porta atrás dele. Ela levou longos segundos para se recompor do choque de encontrar Slade em seu quarto e de ser tocada por ele. Ele entrou por conta própria em sua casa e

quase a viu nua. Ela olhou para a pequena toalha que mal cobria a parte de cima de seus seios e que ia até o meio das coxas. Forçou as pernas a se mexerem até o armário para pegar roupas rapidamente.

Ele a esperava na porta de entrada. Água pingava do cabelo de Trisha, mas ela não se importou. Não tinha tempo para secá-lo. Saiu e se virou enquanto o homem corpulento fechava a porta, observando-a.

– A fim de uma corridinha, doutora?

Trisha assentiu enquanto descia os degraus da varanda. Virou-se em direção ao centro médico, preparando-se para correr, mas, em vez disso, engasgou-se de repente quando Slade a pegou e a colocou nos braços. Ele ainda teve a audácia de mostrar seus dentes afiados ao lhe dar um grande sorriso e piscar.

– Segure-se em mim, doutora.

Ele começou a correr pela rua. Chocada, Trisha jogou os braços em volta do pescoço dele para se segurar. Não podia acreditar que ele a carregava, como se ela não pudesse chegar à clínica sozinha.

– Me ponha no chão.

– Estamos quase lá, doutora. Fique quieta e aproveite o passeio. – Ele nem mesmo ofegava quando chegaram ao prédio. Foi parando e cuidadosamente colocou-a em pé ao lado da porta. Piscou para ela novamente antes de ir embora. – Vejo você quando terminar – disse ele por cima do ombro.

Ao entrar, Trisha ainda cambaleava do choque que ele lhe causara. Havia uma área de espera que ficava separada do resto por um longo balcão. Ela viu Paul se inclinando sobre alguém que estava deitado em uma cama na área aberta. Trisha empurrou para longe os pensamentos sobre Slade e o que acabara de acontecer. Moveu-se rapidamente.

– O que há aqui?

Paul se virou.

– Uma grave laceração. Ele vai precisar de pontos, Trisha.

Trisha permaneceu ocupada pela meia hora seguinte. Um dos secretários do diretor de Homeland havia acidentalmente cortado a palma da mão com uma faca de cozinha enquanto fazia o jantar. Trisha limpou o ferimento, deu-lhe dez pontos e o enfaixou. Deu ao secretário remédios para a dor e uma vacina antitetânica. O centro médico tinha seu próprio gabinete de medicamentos, sempre abastecido, e ela apenas pegou o que precisava. Depois, observou-o sair.

Paul terminou de se limpar.

– Você trabalha bem, Trisha. Duvido que ele fique com uma cicatriz grande.

– Obrigada.

– Vá para casa, eu faço a papelada. Está dispensada.

– Desculpe por não atender o telefone. Estava tomando banho.

Paul sorriu.

– Entendo. Você precisa pentear o cabelo, os cachos estão bagunçados e encharcados.

– Boa noite – suspirou ela, saindo.

Sentiu um grande alívio por não ver Slade por perto. Caminhou por uns dez metros, até que sentiu sua presença. Parou, virou-se e o viu andando na calçada, indo diretamente até ela. Ele sorriu quando seus olhares se encontraram.

– Pronta para que eu te escolte?

– Sei o caminho, obrigada. Tenho trinta anos, já dominei a arte de chegar em casa.

– Hoje em dia todo cuidado é pouco, doutora. Nunca se sabe que tipo de animal está vagando por aí.

Ela lançou um olhar a ele. *Como você?* Não disse isso em voz alta, mas teve vontade. Ela continuou andando. Dessa vez ele ficou ao seu lado. Ela teve que andar rápido para acompanhar as longas pernas dele.

Chegaram ao jardim de entrada dela e Trisha virou-se para observar o homem que olhava para ela. Ela destrancou a porta da frente e abriu-a o suficiente para apenas seu corpo passar. Ela se virou, encarou Slade e adentrou a segurança de sua casa.

– Nunca mais entre na minha casa. O que você teria feito se eu ainda estivesse no chuveiro?

Ele sorriu.

– Teria entrado lá para avisar que precisavam de você no centro médico e te dado uma toalha menor do que a que você estava usando. Talvez uma toalha de mão. – Seus olhos percorreram o corpo dela lentamente e seu sorriso ficou mais largo. – Ou um pano de chão.

Ela ficou tensa.

– Você gosta de me alfinetar, né?

Ele apenas deu de ombros, ainda sorrindo.

– Há algum motivo em particular ou sou apenas especial?

O sorriso dele desapareceu.

– Talvez eu também esteja interessado em ver como as nossas espécies se reproduzem.

– Bem, encontre outra pessoa para assediar.

Ele deu de ombros.

– Por mim, tudo bem. Se você não está interessada, não está. Só estava procurando uma parceira sexual, mas não vou te incomodar mais. Você devia ter aceitado, doutora. – Seus olhos se estreitaram. – Eu só queria algumas horas para responder a todas as suas perguntas. Você é tão bonita, achei que valeria a pena. Boa noite, doutora. – Ele se virou e saiu da varanda. Estava quase na calçada quando ela abriu a boca.

– Apenas algumas horas, é? E, bonita? Na última vez você ficou me chamando de linda. – Trisha deixou a raiva fluir. – Na última vez você se ofereceu para fazer sexo comigo por dias, 215. Devo me sentir ofendida?

Ele se virou. Ela reconhecia choque quando via, e estava gravado naquelas belas feições. Isso respondia à sua pergunta. Ele realmente não se lembrava dela. Ela olhou para ele.

– Acho que gostava mais de você quando você estava se recuperando no meu hospital. Era mais atraente estando meio morto do que totalmente saudável. Isso é bem triste.

Ela bateu a porta no instante em que ele deu um passo em sua direção. Trancou as fechaduras, batendo a tramela.

– Doutora? Abra a porta – ele rosnou as palavras do outro lado.

– Boa noite, senhor Slade.

Ele virou a maçaneta da porta, mas as trancas seguraram. Ela ouviu o barulho de chaves balançando. Ele iria tentar destrancar sua porta? Ela mordeu o lábio.

– Vou chamar a segurança – ameaçou ela. – Lembra deles? Fizeram um bom trabalho ao te segurar, mesmo que você tenha dito da última vez que ninguém viria me salvar.

Ele proferiu um xingamento leve.

– Você é a médica do hospital, não é?

– Ah, então você se lembra de mim. – Ela se apoiou na porta.

– Seu cabelo está diferente.

Ela tocou nos cabelos úmidos. Tinha tentado ficar ruiva no ano anterior, quando trabalhava no hospital onde eles se encontraram. Agora estava de volta à sua cor normal, um loiro-mel.

– Este é meu cabelo de verdade. Decidi não pintá-lo mais de vermelho.

– Abra a porta e fale comigo – ordenou ele com um rosnado.

– Por quê? Para você me insultar mais? Para ser mais babaca?

Trisha ficou tensa quando apenas o silêncio respondeu à sua pergunta. Será que ele tentaria entrar em sua casa de outro jeito? Por que ele se importava em saber se ela era a mesma mulher que ele abordara um ano antes? Ela continuou

atenta, mas não ouviu nada do outro lado da porta.

– Senhor Slade?

Ele não respondeu. Trisha finalmente desencostou da porta e saiu correndo pela casa para se certificar de que todas as janelas estavam trancadas. Ela relaxou, certa de que ele tinha ido embora e não pretendia incomodá-la mais. Entrou no quarto e apagou a luz. Dormiu de moletom, apenas caso ele voltasse e decidisse surpreendê-la com outra visita não anunciada.



Slade apoiou a testa na porta, fechou os olhos e ouviu a médica se afastar. O choque de saber que a mulher que ele acabara de insultar e irritar era a mesma que o assombrava todas as noites desde que ele fora libertado ainda pulsava.

A doutora Trisha Norbit mudou a cor do cabelo e o deixou crescer. Slade estava muito drogado quando acordou em um hospital humano, mas devia ter reconhecido o cheiro dela ou aqueles belos olhos azuis quando a viu de novo. A lembrança deles o fez querer bater em si mesmo por não ligar as coisas. Será que aquelas drogas o tinham afetado tanto assim?

Em sua defesa, ele nunca soube o nome da mulher que prendera sob ele na pequena cama de hospital, mas todo o resto sobre ela permanecia intacto. Seu corpo macio preso sob o dele, o gosto de sua pele na língua dele e o cheiro de sua excitação atormentando-o. Ele havia tido certeza de que ninguém iria salvá-la, que ela seria sua, e ele havia adorado a ideia de fazer que ela o quisesse o tanto quanto ele a queria. E então tudo se transformara num inferno. Os humanos haviam corrido para dentro do quarto, o drogado e a levado para longe.

Ele reprimiu um rosnado. Estragou tudo incrivelmente. Tarde da noite, antes de se entregar ao sono, ele sempre pensava nela, em sua ruiva sexy. Ele se afastou da madeira fria, abriu os olhos e olhou para a casa em que ela se escondia. Ele fantasiara muitas vezes sobre encontrá-la, colocá-la sob ele novamente e terminar o que havia começado. Havia planejado como usaria seu charme para ela, estudara táticas românticas dos humanos na esperança de conquistá-la, se por acaso esse dia chegasse.

A doutora Trisha Norbit o odiava. Ele também não podia culpá-la por isso. Na maior parte do tempo, ele fora um babaca com ela de propósito. Irritava-se por se sentir atraído por ela, apesar de ter uma mulher fantasia em sua cabeça. Era quase como se estivesse traindo a memória de sua ruiva fantasiosa toda vez que seu corpo respondia à doutora Norbit.

Sentia como se estivessem lhe pregando uma enorme peça, já que elas eram a mesma pessoa. Ele adentrou a escuridão. Acabara de perder todas as esperanças de tê-la em sua cama.

Parou e se virou para olhar mais uma vez para a casa. Sua raiva foi desaparecendo, até se tornar tristeza. *Fantasias são para os tolos. Aprenda a lição e fique bem longe dela*.

CAPÍTULO DOIS

Tensa. É como Trisha descreveria sua nova relação com o oficial da ONE. Slade patrulhava a seção humana de Homeland, área em que ela vivia e trabalhava; por isso, ela tinha de lidar com ele. Desde aquela noite eles mal se falavam. Quando o faziam, pareciam ter um acordo mútuo para não mencionar nada pessoal. Dois meses se passaram assim.

O cara era simpático, mas ela preferia que não fosse. Slade tinha um sorriso rápido, um grande senso de humor, e toda vez que ela tinha de falar com ele, ele a fazia sorrir. Ele havia garantido que nunca ficassem sozinhos desde a noite em que ela lhe dissera quem era. Ela ficava muito grata por isso.

Às vezes, quando ela ia para casa à noite, via-o de relance na rua escura. Sentia o olhar dele e sabia que a seguia para se certificar de que chegaria em segurança. *É o trabalho dele*, ela lembrava a si mesma. Lamentava o que dissera sem pensar a ele, mas tinha perdido a paciência.

Havia algo de errado com ela. Brigava mentalmente consigo mesma por estar com raiva de um cara por aqueles motivos, sabendo que isso não era certo. Se sentira ofendida por ele ter se esquecido dela. Pouco mais de um ano antes, ele queria ficar com ela por dias, a chamou de linda, e agora… Ela suspirou. Ele só a achava bonita e lhe ofereceu uma transa cafona. *Nem mesmo uma noite inteira. Ele só me quer por algumas horas*.

– Idiota – murmurou ela.

– O quê? – falou suavemente uma voz profunda atrás dela.

Trisha se sobressaltou, girou em sua cadeira e olhou estarrecida para Slade. Ela pôs a mão no peito.

– Nunca mais chegue assim de fininho. Será que fazer um pouco de barulho ao se mexer te mataria?

Ele arqueou as sobrancelhas e um sorriso curvou seus lábios carnudos.

– Mas aí eu não veria você reagir desse jeito.

Ela suspirou.

– Fico feliz que você ache divertido, pelo menos. Eu certamente não acho.

Ela olhou ao redor da sala, percebeu que não havia mais ninguém lá e ficou tensa na hora. *Oh-oh*. Se estava bem lembrada, era a primeira vez que eles ficavam sozinhos desde aquela noite em que ele a acompanhou até em casa. Eles tiveram algumas interações quando houvera problemas entre a humana Ellie Brower e seu marido Nova Espécie. Fury fora baleado durante uma conferência de imprensa que havia sido infiltrada por alguns membros de um grupo de ódio e, durante sua recuperação, uma enfermeira o drogara, numa tentativa de deixá-lo louco. Eles haviam se visto nessa época, mas foram profissionais.

– Do que você precisa?

– Que bom que não perguntou o que quero. – Ele deu um sorriso zombeteiro para ela, cruzando os braços sobre o peito largo. – Justice precisa fazer uma viagem e quer que você vá com ele. – Ele mexeu as sobrancelhas. – Ele disse para você fazer uma mala para dois dias. Não sabia que vocês estavam dormindo juntos.

Trisha olhou para ele.

– Você sabe que o senhor North e eu… que não há nada entre nós. Ele é meu chefe e seu líder. Minhas únicas relações com ele são absolutamente profissionais.

A língua dele percorreu o lábio inferior. Trisha o observava. Ela olhou ligeiramente para seus olhos azuis, que olhavam de volta para os dela.

– Eu sei, mas adoro ver você ficar vermelha quando fica brava. – De repente, ele sorriu. – Justice quer que você esteja pronta em uma hora.

– Mas…

– Uma hora. Não discuta comigo, apenas dou os recados.

– Mas aonde vamos? Estou no meu turno agora e terei que trabalhar amanhã também. O que Justice quer comigo?

Ele deu de ombros, ainda sorrindo.

– Apenas dei o recado. Vejo você em uma hora, doutora. Te pego na frente de sua casa.

Ela o observou sair da clínica. Um palavrão passou por seus lábios antes que ela pudesse evitá-lo. Ele adorava irritá-la e tinha grande talento para isso. Pegou o telefone para ligar para o doutor Ted Treadmont, o segundo médico que haviam contratado por meio período, para que ele cobrisse alguns de seus turnos.

Eles definitivamente precisavam de mais médicos. Dois médicos e enfermeiros não eram suficientes. Ela fez uma nota mental para mencionar isso novamente a Justice quando falasse com ele. Ele era o chefe das Novas Espécies, o líder nomeado por eles, e tomava a maioria das decisões em Homeland.

Ela olhou para o telefone, meio tentada a ligar para ele e dizer que não iria a lugar nenhum, mas mudou de ideia. Respeitava Justice e, seja lá qual fosse o motivo, ele precisava dela para ir a uma viagem longa. Ela não queria, mas iria.

Trisha não fazia ideia do que levar. Xingou e decidiu carregar um pouco de tudo. Pegou alguns jeans, outras calças e umas camisas bonitas, além de um pretinho básico, caso fosse necessário. Em seguida apanhou calcinhas e sutiãs. Pegou um par de sapatos de salto alto, um par de tênis sem cadarço e decidiu ficar com os tênis confortáveis que usava. Colocou na mala também alguns conjuntos de moletom para dormir.

Entrou no seu banheiro para arrumar o nécessaire. Colocou nele maquiagem e itens pessoais. Lembrou-se de seu xampu e do condicionador para caso fossem a um hotel. Odiava aquelas amostras que disponibilizavam, eram pequenas demais para seus cabelos compridos.

Uma SUV preto parou em frente à sua casa e buzinou. Trisha olhou para o relógio e viu que ele chegara quinze minutos mais cedo. Ela cerrou os dentes. Slade gostava mesmo de irritá-la. Ela pegou a bolsa, a mala e pendurou o nécessaire no ombro. O peso de toda aquela bagagem a fez lutar para passar pela porta da frente.

Ninguém veio ajudá-la. Ela olhou incisivamente para o segurança dirigindo a SUV, mas ele apenas a observava enquanto ela fechava a porta de casa e lutava com as chaves para trancá-la. Sua irritação diminuiu um pouco ao ver que o motorista não era Slade. Ela relaxou, respirou fundo e se virou. Tentou não gemer enquanto andava pela calçada. Sua mala estava pesada e o nécessaire fazia um peso doloroso em seu ombro.

A porta de trás do veículo se abriu e dali saltou Slade. Ele sorriu para ela, olhando para suas malas. Balançando a cabeça, foi até a parte de trás do veículo para abrir o porta-malas. Saiu do caminho, riu e fez um sinal para que ela colocasse as coisas dentro.

– Puxa, obrigada pela ajuda. – Lançou a ele um olhar bravo.

– Disse que ficaríamos fora por dois dias, não duas semanas, doutora. Acho que você pode colocar aí sua própria bagagem se acha que vai usar toda a porcaria que enfiou nessas malas.

Ela bufou quando levantou a mala e jogou-a na parte de trás do carro.

– Eu não sabia o que levar e acabei pegando diferentes tipos de roupa. Não estaria levando tanta coisa se alguém – ela olhou para ele enquanto jogava o nécessaire – me dissesse aonde vou e do que isso se trata.

Ele fechou o porta-malas.

– Vamos, doutora, não podemos ficar o dia todo conversando em pé aqui.

Trisha estava muito zangada. Pegou a bolsa como se estivesse estrangulando alguém. A porta de trás da SUV ainda estava aberta. Ela se mexeu antes de Slade e entrou, sabendo que ele estivera sentado ali. Lançou a ele um sorriso malvado, enquanto se aconchegava no assento que ainda estava quente do calor da bunda dele. Ela bateu a porta e se virou para perguntar a Justice o que estava acontecendo. O veículo estava vazio, a não ser pelo motorista e por Slade, que abriu a outra porta e entrou. A porta se fechou.

– Vamos pegar Justice por último? – Ela odiou o tom esperançoso em sua voz.

Slade colocou o cinto de segurança.

– Aperte o cinto, doutora. Não. Justice já foi, vamos encontrá-lo daqui a algumas horas.

Ela suspirou, prendendo o cinto.

– Para onde estamos indo? – Ela voltou a atenção para o segurança atrás do volante, na frente dela. – Sou a doutora Trisha Norbit. Qual é seu nome, motorista?

– Bart – respondeu ele alegremente, encontrando o olhar de Trisha no retrovisor. – Estamos indo para o Norte, até um resort particular.

Trisha franziu a testa, inquieta.

– Por quê?

– Ah… – Bart ligou o carro. – O senhor North marcou um monte de reuniões lá. Eles acharam que seria longe o bastante para deixar a imprensa com preguiça se quisesse tentar segui-lo até lá e acampar para ver o que ele está fazendo. Esperamos que não descubram nada até depois do fato.

Trisha ignorava Slade.

– Que tipo de reuniões? Você sabe?

– Ah, claro. – O jovem rapaz era bem falante, o que era bom para Trisha. – O senhor North quer comprar um terreno lá para as Novas Espécies. Marcou reuniões com todas as autoridades de lá e com o cara que quer vender o terreno. Ouvi dizer que ele queria você presente caso alguém tivesse perguntas sobre algum lance médico. – Ele tomou ar. – Você ouviu aqueles boatos idiotas sobre as pessoas poderem pegar parvovirose e coisas das Novas Espécies, certo? Fiquei meio preocupado, mas Tiger jurou que era besteira. Conhece o Tiger,

doutora Norbit? Não é verdade, é? Não tenho como pegar nenhuma doença animal trabalhando com as Novas Espécies, tenho? Porque isso é algo que eu realmente detestaria. Acho que deveriam nos pagar adicional de insalubridade se for verdade. Minha mãe diz que eu deveria ir a um veterinário e tomar umas vacinas, apenas para garantir, porque…

– Cale a boca – rosnou Slade.

Trisha deu um pulo com o tom de voz de Slade e Bart fechou a boca. Ela virou a cabeça e olhou para Slade. Ele deu de ombros.

– Ele fala demais. Me irrita.

Trisha tentou esconder sua repulsa.

– Juro que você não tem como pegar parvovirose das Novas Espécies, Bart. Obrigada – ela enfatizou essa palavra –, por me dizer aonde estamos indo e por quê. – Ela lançou a Slade outro olhar zangado. – Algumas pessoas não gostam de gente educada, mas eu com certeza gosto.

Slade se virou de leve em seu assento, encarou-a mais e sorriu ao cruzar os braços sobre o peito largo. Ele olhou para os seios dela sem discrição nenhuma e manteve o foco neles.

– Posso ser bem legal quando quero. Sei como puxar conversa. – Seu olhar se elevou e ele piscou para ela. – Sou bom com minhas habilidades orais quando estou motivado. – Ele olhou para o colo dela e seu sorriso se alargou. – Sou muito bom com minhas habilidades orais.

Filho da puta. Trisha rangeu os dentes, recusando-se a dizer isso em voz alta. Ele não estava falando de conversa e ela sabia disso. Por que sempre tentava irritá-la? Talvez achasse que podia constrangê-la com suas insinuações sexuais espalhafatosas, mas ela era uma médica. Respirou fundo e forçou um sorriso. Já fora assediada demais por homens bêbados em salas de emergência para cair na dele.

– Habilidades orais são sempre uma coisa maravilhosa para se ter, senhor Slade. – Seus olhos desceram até o meio das pernas dele, que estavam vestidas com uma calça preta, e se demoraram ali. Ela lentamente permitiu que seu olhar viajasse pelo corpo dele para examinar cada centímetro, até que seus olhos se encontraram e ficaram se fitando. Viu que o sorriso dele havia desaparecido, entendendo que suas ações tinham limpado do rosto dele aquele olhar de quem estava achando graça. – Acho que dá para dizer que eu mesma tenho uma fixação oral.

Ela sorriu mais para ele, lambeu os lábios, deixando a língua deslizar lentamente sobre a superfície. Ele apertou a mandíbula ao se ajeitar no assento e

ela notou o interesse.

– Uma boa conversa é muito importante, não acha? É muito estimulante e prazerosa se for feita da maneira correta. Você pode se surpreender ao ver o quanto aprendi sobre o assunto como médica. Faz muito tempo desde a última vez que tive uma conversa realmente boa, e às vezes o desejo de que alguém me estimule quase dói. – Seus olhos se estreitaram. – Mas infelizmente ainda não encontrei ninguém com quem eu realmente queira conversar. Só fico conhecendo babacas sem *finesse*.

Ele rosnou para ela. Ela riu e se virou para olhar pela janela enquanto eles deixavam Homeland. Os guardas no portão acenaram para a SUV. Trisha não se preocupou em olhar para Slade. Estava com medo de que ele ainda estivesse olhando para ela. Se virou para a janela e se ajeitou até encontrar uma posição confortável.

– Espero que vocês não se importem, mas vou tirar um cochilo. – Ela não conseguiu resistir. Virou a cabeça e encontrou o olhar de Slade. Ele ainda a observava e seus incríveis olhos azuis a fitavam sérios. Na verdade, ele parecia bravo.

– Faça um bom cochilo, doutora Norbit. Eu te acordo quando chegarmos lá – ofereceu Bart. – Se importa se eu ligar o rádio?

– De maneira alguma. – Trisha se voltou outra vez para a janela, percebendo que estava muito cansada.



– Depressa! – rugiu um homem. – Vá mais rápido. Ele está bem na nossa cola!

Trisha acordou num pulo ao bater contra a janela e gemeu com a explosão de dor em sua testa. Estava sonolenta e desorientada ao virar a cabeça para olhar em volta da SUV e entender o que estava acontecendo.

Slade se inclinou para a frente e Bart ainda dirigia o carro. Trisha estudou o entorno, vendo que eles estavam em uma área arborizada, em uma estrada de duas mãos, com densas árvores em cada lado. O sol tinha baixado no céu e logo seria noite. Ela pôs a mão na testa, onde ainda doía, depois olhou para conferir se havia sangue. Não havia.

– Pise mais forte no acelerador – rosnou Slade. – Eles vão bater em nós de novo.

Quem vai bater em nós? Trisha virou a cabeça para olhar para a parte de trás

da SUV. Ela viu um caminhão vermelho com uma grade de metal vindo rápido atrás do veículo. Sabia que estava boquiaberta quando o caminhão se aproximou, percebendo que ele iria golpeá-los. Ela arfou suavemente quando ele se chocou com a parte traseira do carro.

A SUV desviou, derrapando na estrada estreita. A cabeça de Trisha foi jogada para a frente, o banco do motorista. O cinto de segurança se apertou dolorosamente contra seu colo e ela percebeu que havia empurrado o cinto do ombro para baixo durante o sono.

– Ai, meu Deus. – Bart parecia estar chorando. – Eles estão tentando nos matar.

– Pise fundo no acelerador – rugiu Slade. – Nosso motor é melhor, eles não conseguiriam nos alcançar e bater na gente se você não ficasse com frescura e acelerasse.

– Eu não posso – Bart gritou. – Vou perder o controle, as curvas são muito fechadas.

– Na próxima vez, eu dirijo – rosnou Slade.

Trisha sentia o medo enquanto observava as margens da estrada. Havia árvores em toda parte e um lado da estrada estreita ia morro acima, enquanto o outro, ao qual ela estava mais próxima, caía em um vasto vale de árvores. Ela olhou para baixo. Eles estavam em alguma estrada numa montanha sinuosa, subindo.

– Chame ajuda – falou Trisha, confusa e apavorada por acordar naquela situação infernal.

– Não tem sinal de celular – Slade rosnou as palavras, furioso.

Ele virou a cabeça, olhando para trás, e em seguida xingou, atirando-se no assento ao lado de Trisha. Ela ficou chocada ao ver a arma que ele tirou do cós da calça. Era um revólver preto.

– Ai, merda. – Ela segurou o fôlego.

O caminhão bateu nele de novo. Trisha foi jogada contra a porta ao lado dela, mas dessa vez conseguiu não bater a cabeça. Em vez disso, sua mão se esmagou entre seu corpo e a porta que segurava. Slade foi jogado na parte de trás do banco do passageiro, antes de se apoiar nos joelhos e se inclinar em direção à traseira do carro. Ele apontou a arma.

– Tape os ouvidos, doutora.

Ela fez isso no momento em que Slade abriu fogo. O vidro estourou. O som da arma atirando era ensurdecedor. O carro derrapava loucamente ao ficar quase sobre duas rodas. Bart falou um palavrão ao ver uma faixa azul, fazendo uma

curva muito rápida.

Trisha se contorceu para ver a traseira. Ela viu vapor branco saindo de baixo do capô do caminhão vermelho, deixando óbvio que Slade atingira o motor com os tiros. Ele devia ter acertado o radiador ou outra coisa. O caminhão vermelho desacelerou e a SUV se afastou. Slade parou de atirar. Ele xingava enquanto tirava o pente vazio e colocava outro cheio, que estava em seu bolso. Fizeram uma curva e o caminhão vermelho não estava mais atrás deles.

Trisha olhou boquiaberta para Slade. Os olhos azuis dele olharam rapidamente para os dela.

– Você está bem, doutora?

Ela conseguiu fazer que sim com a cabeça.

– Quem era?

Slade deu de ombros.

– Meu palpite é que não eram amigos nossos. – Ele se jogou no banco, colocando a arma entre eles. Tirou sua atenção de cima dela para observar a janela traseira danificada. Entrava vento no veículo pelo buraco. Ele puxou o celular do bolso. Abriu-o, olhou para ele por alguns segundos e xingou com raiva.

– Ainda sem sinal. – Seu olhar encontrou o dela. – Onde está seu celular, doutora?

– Se o seu não tem sinal, o meu também não vai ter.

– Nunca se sabe, podemos ter operadoras diferentes. Cadê? Não quero ficar discutindo, prefiro tentar.

Procurou sua bolsa, mas não estava onde ela a havia deixado. Ela olhou para baixo e percebeu que havia caído no chão. Apontou onde estava e Slade se lançou em direção à bolsa. Sua mão praticamente a esmagou quando ele a puxou. Num piscar de olhos ele tinha virado a bolsa e jogando todo o conteúdo no assento entre eles com alguns chacoalhões.

Trisha teve que lutar contra a vontade de gritar com ele quando sua boca se abriu em choque. Aquelas coisas que ele jogara no banco como se fossem lixo eram dela. Ele enfiou a mão naquela bagunça que fizera, achou o celular dela e o abriu.

– Maldição – rosnou ele, jogando-o no chão.

– É o meu telefone! Não quebre.

Seu sangue subiu. Além disso, ela também estava com medo e muito, muito brava. Ela soltou o cinto para se abaixar e pegar o celular. Slade empurrou-a de volta no assento com a mão.

– Não funciona, mesmo – rosnou ele, olhando para ela.

– Jogue o seu telefone, mas não o meu. Isso é grosseiro.

– Desculpe, eu odiaria ser indelicado enquanto alguém tenta nos matar.

– Alô? – Bart gritou. – Tem outro caminhão. Vocês podem parar de brigar? Acho que temos mais um problema. Parece que eles não estavam sozinhos!

Trisha virou a cabeça e olhou com horror para a traseira do carro. Um segundo veículo vinha rápido atrás deles, dessa vez uma picape azul com uma grade de metal, quase igual à do caminhão vermelho. Ela viu um homem se levantar no fundo da caçamba da picape, com um braço segurando a barra sobre a cabine do caminhão para se manter em pé, e erguendo o outro para tentar apontar uma arma para eles. Ela abriu a boca para gritar um aviso.

Slade estendeu a mão, agarrou a camisa de Trisha e puxou-a para baixo. Seu corpo esmagou o dela, fazendo que a bolsa e seu conteúdo afundassem na barriga dela. Slade colocou a mão entre a doutora e o banco. Ele agarrou o peito dela, apertou-o, e sua mão se virou. Ele encontrou a arma e puxou-a de baixo dela sem cuidado algum. Um barulho alto soou, mas para Trisha saiu abafado, pois seus ouvidos estavam entre as coxas de Slade.

Minha cabeça está entre as coxas de Slade. Isso significava que o calombo em seu pescoço… Ela rangeu os dentes. *Como Slade pode estar excitado quando estão atirando em nós?* Ela lutou para sair do meio pernas dele, mas aquele peso maciço e volumoso a manteve deitada. De repente os músculos dele se apertaram, quase esmagando a cabeça de Trisha.

– Fique quieta – mandou ele. – São minhas bolas que você está pressionando.

– Que se dane, saia de cima de mim! – ela gritou.

Uma grande mão de repente deu um tapa forte na bunda de Trisha, enviando um choque de dor ao seu cérebro, deixando-a estarrecida.

– Meu rosto está bem aqui, doutora. Não me machuque que eu não te machuco.

Trisha apenas gritou. Ela estava com raiva, apavorada, e sua bunda doía agudamente onde ele a golpeara com aquela palma grande. Algo bateu com força na SUV e fez Slade cair em Trisha. Eles foram jogados para a frente e o corpo de Trisha deslizou com o dele. Ambos se chocaram ao mesmo tempo contra o encosto dos assentos dianteiros.

– Dirija – ordenou Slade severamente a Bart. – Mais uma batida feia dessas e… PUTA MERDA!

Puta merda? Trisha se alarmou com o tom de Slade. Um segundo depois, a SUV ricocheteou descontroladamente. Ela e Slade foram jogados para cima. Ela

ouviu um grito masculino. *Bart*. Em seguida, ela foi jogada com força de volta no banco, com o peso de Slade caindo sobre ela.

Ela ouvia um barulho horrível enquanto tudo chacoalhava, ricocheteava e balançava tão forte que se perguntou se seria partida ao meio com tudo aquilo. Um grande estrondo tomou o ar de repente, um segundo antes de o veículo se inclinar loucamente e de ela ser jogada mais uma vez. Ela gritou num absoluto terror.

Não sabia o que estava para cima ou para baixo. Não reconhecia nada além da dor, do medo e da sensação de movimento. Mãos agarraram suas coxas, ela bateu com força no corpo de Slade, e então houve algo implacável. Fez-se um barulho de vidro estourando, metal rangendo e se estraçalhando, num volume ensurdecedor. Trisha continuou gritando mas, de repente, tudo parou de se mexer.

Ela ofegava, deitada em algo rígido. Seu ombro, sua orelha e sua mão doíam. Tentou se acalmar ao abrir os olhos, mas no mesmo instante desejou não ter feito isso. Viu que estava esparramada no teto da SUV. A janela traseira, quebrada, estava à sua direita, fazendo-a entender que de alguma forma ela fora jogada na área do porta-malas. Olhou para a terra e a grama no chão, a apenas alguns centímetros de distância. Perto da traseira da SUV havia o tronco espesso de uma árvore. Ela finalmente compreendeu que o carro estava capotado.

Trisha se mexeu, o que a fez sentir dor nas pernas e nos joelhos. Ela gemeu. Colocou as mãos para baixo e tentou se empurrar para cima, apesar da dor no ombro, mas só conseguiu levantar um pouco a cabeça. Virou-se para a esquerda e viu Slade a poucos centímetros dela. Ele estava esparramado a seu lado, de costas para ela, com a cabeça apoiada em seu quadril. Ele moveu o braço e tocou o próprio rosto.

– Merda – gemeu Slade. – Doutora? – Sua voz ficava mais profunda enquanto seu corpo inteiro estremecia. – Doutora? – Seu tom de voz se aprofundou mais com a situação de alarme.

– Estou atrás de você. Você está bem? – Trisha pigarreou. Sua voz sumira ao falar.

Slade virou a cabeça para olhar para ela.

– Bem. Está muito machucada?

– Ferida, mas viva. Está vendo o Bart? Tudo o que vejo daqui é a parte de trás dos assentos e você.

Slade se mexeu um pouco e gemeu ao levantar a cabeça.

– Estou vendo. Está de cabeça para baixo, mas se mexendo. Posso ouvi-lo

respirar.

Um gemido de dor veio da parte da frente da SUV. Trisha lambeu os lábios secos, sentindo no mesmo instante o gosto de sangue. Começou a se mexer aos poucos em direção à terra, determinada a sair dos escombros.

Uma mão agarrou sua coxa.

– Não – ordenou Slade. – Eles tinham armas. Não sei até onde saímos rolando, mas eles podem estar lá em cima. Você pode virar um alvo fácil se rastejar para fora.

– Ai, Deus – chorou Bart baixinho.

– Preciso ajudá-lo. – Trisha olhou nos olhos de Slade.

As narinas dele se alargaram.

– Está bem. Passe por cima de mim para ir até ele. Há um monte de vidro quebrado embaixo de mim e não quero que você se corte. Fique no interior do veículo. Se não conseguir alcançá-lo por cima dos bancos, esqueça e espere eu examinar as coisas lá fora. Preciso saber se estamos a salvo ou se vão continuar atirando em nós.

– Quer que eu rasteje por cima de você? Mas…

– Faça isso, doutora. Não estou brincando sobre o vidro quebrado. As janelas se estilhaçaram, não eram blindadas coisa nenhuma. Este não é um dos veículos de segurança que foram feitos especialmente para nós. Isso é vidro temperado, mas alguns cacos são afiados. Rasteje sobre o meu corpo e vá até ele primeiro, e assim que fizer isso vou lá fora para ver onde estamos. Espero que tenhamos rolado morro abaixo o suficiente para estarmos fora da mira deles, mas pode ser que estejam descendo a pé para terminarem o serviço. De qualquer maneira, não quero ficar aqui por muito tempo. Eles sabem onde estamos, ou pelo menos podem nos encontrar com facilidade. Tenho certeza de que deixamos uma trilha clara de destroços para nos seguirem.

Trisha se virou de lado. Havia um espaço apertado, mas suficiente para ela se mexer sob o banco traseiro, seus olhos encontraram os de Slade. Ele sorriu para ela, mas ela não viu.

– Você sabe que quer rastejar por cima de mim, doutora. Essa é sua chance.

Trisha torceu o nariz para ele.

– Você é um cuzão.

Ele piscou.

– Não é com o meu cu que me preocupo quando você está em cima de mim. Cuidado com seus cotovelos e joelhos, docinho.

Ela abriu a boca para dizer a ele que aquele não era o momento para ele

começar com aquelas merdas, mas ela ouviu Bart soluçar. O sorriso de Slade desapareceu.

– Mexa-se, doutora. Eles podem estar descendo para nos procurar e não estou a fim de ser morto com tiros à queima-roupa.

Trisha esticou os braços cuidadosamente e pôs as mãos ao lado da cabeça de Slade. De repente ele se mexeu, esticando as mãos para ela.

– Coloque suas mãos nas minhas. Há vidro aqui, vou te levantar o máximo que conseguir. Depois deixe-as nas minhas pernas. Cuidado com os joelhos, doutora. É sério. – Ele piscou para ela. – Por mais que eu saiba que você quer ver como sou grande, prefiro que sinta com as mãos.

– Imbecil – sussurrou Trisha, sem realmente querer dizer isso.

Ela deu um sorriso corajoso para ele, sabendo que ele estava sendo idiota apenas para distraí-la. Estaria surtando com aquela situação terrível se não fosse por Slade. Eles haviam acabado de rolar parte de uma montanha abaixo, homens armados podiam estar a caminho e Slade tentava chamar atenção para si mesmo, não para o perigo.

– Obrigada – sussurrou ela baixinho, colocando suas mãos nas mãos grandes dele. Seus dedos se entrelaçaram, suas palmas se juntaram e Slade a levantou. Ele começou a passá-la sobre seu corpo. Trisha levantou a parte inferior do corpo e os joelhos. Ela tentou não prestar atenção quando seus seios roçaram na cara de Slade, nem em como conseguia sentir a respiração quente dele em sua barriga através do tecido fino de sua blusa.

– Seria uma boa pensar numa dieta depois que sairmos vivos daqui – sugeriu Slade, baixinho.

– Vá à merda.

Ele riu.

– Não agora, com você em cima de mim, doutora. Esse é o máximo que consigo te levantar. Por mais que eu goste de onde você está, mexa-se, docinho.

Ela colocou os joelhos nos ombros dele. Agarrou as coxas dele e percebeu que teria ou que empurrar o corpo em direção aos pés dele, ou que rastejar de joelhos sobre ele.

– Depressa, doutora.

Ela cuidadosamente colocou o joelho no ombro dele. De repente as mãos dele agarraram seu quadril e ele levantou suas pernas, quase como se ela estivesse fazendo flexões em cima do corpo dele. Ele a empurrou para a frente. Trisha quase foi jogada no espaço entre os bancos da frente, mas apenas sua cabeça ficou entre eles, com o painel central acima dela. Ela se apertou mais no espaço

estreito. Agora conseguia ver Bart. Slade se mexeu embaixo das pernas dela, que ainda estavam em cima dele.

– Fique aí, doutora. Vou lá fora. Se você ouvir tiros, foi bom te conhecer.

– Tenha cuidado – alertou ela.

CAPÍTULO TRÊS

O olhar de Trisha se virou para Bart, examinando-o. Ele ainda estava preso ao banco, com o cinto segurando-o. Parecia estar inconsciente, e suas mãos pendiam frouxas contra o teto. Ela viu que sua mão esquerda estava coberta de sangue e alcançou-a com cuidado, o que era difícil, pois ela estava do outro lado do corpo dele.

Falou um palavrão em voz baixa ao perceber que parecia ser uma lesão por esmagamento. A pele fora rasgada e ela imaginou que a mão atravessara o vidro quebrado quando o veículo saiu rolando. Ela passou as pontas dos dedos pelo braço dele, procurando outros ferimentos, e constatou que o pulso também estava quebrado. Ele teve um pouco de sorte, pois o osso não tinha atravessado a pele. Ele acordou em um pulo.

– Bart? – Ela engoliu em seco. Sua voz ficava falhando. – Onde mais dói, além do braço e de onde o cinto está apertando?

– Minha perna – ofegou ele. Lágrimas marejaram o castanho de seus olhos quando ele começou a chorar.

Merda. Trisha não podia ir mais para a frente, pois o corpo dele estava no caminho e o volante estava acima dela. Ela enxergaria melhor se tivesse uma lanterninha, pois o sol estava baixando e a luz diminuía.

– Consegue mexer os dois pés?

– Dói – chorou ele baixinho.

– Mexa, Bart – exclamou Trisha. – Aqueles homens podem estar vindo atrás de nós. Mexa seus pés, preciso que você colabore comigo.

Ele gemeu de dor.

– Consigo sentir e acho que se mexeram.

Trisha balançou a cabeça, olhando para onde os pés dele deveriam estar. Não

havia gotas de sangue caindo no teto em que ela se encontrava contorcida; outro bom sinal. Ela se obrigou a se manter calma e a pensar. Sua cabeça latejava, seu corpo doía e ela sentia dor. Ainda sentia gosto de sangue e não queria nem imaginar a causa. Examinaria seus próprios ferimentos depois, mas agora toda a atenção deveria se voltar para aquele jovem à sua frente.

– Bart, me ouça. Preciso saber se suas pernas estão presas ou se podemos descê-las. Preciso que você as mexa para ver se estão soltas. Está me entendendo?

– Dói – choramingou ele.

Trisha cerrou os dentes.

– Também estou com dor. Vamos lá, ouviu o que eu disse sobre os homens que nos jogaram para fora da estrada? Eles podem vir até aqui e nos matar. Preciso que você colabore comigo. Posso te ajudar mais se conseguirmos te soltar. Não posso fazer muito por você nesse momento, já que não há espaço o bastante para eu cuidar de você. Tenho que examinar seus ferimentos, mas preciso de você fora desse banco para eu fazer isso.

– Ok – sussurrou ele baixinho. – Vou tentar.

Trisha se esforçava para ouvir algum sinal de Slade, mas não ouviu nenhum tiro. *Onde ele está?* De repente ela sentiu um certo medo. Ela e Bart não eram Novas Espécies. Será que Slade os deixaria ali para salvar o próprio rabo? Ela realmente esperava que não. Talvez ele tenha ido buscar ajuda, mas não avisaria antes? Ela simplesmente não sabia, e isso realmente a incomodava.

– Consigo mexer as pernas. – A dor se fazia ouvir na voz de Bart.

– Ótimo. Sei que só uma das suas mãos está sem ferimentos, mas você precisa usar seu braço bom para tentar abrir a porta. Veja se ela abre.

– Não consigo.

Trisha se contorceu, olhando para o banco do passageiro. O porta-luvas estava aberto e as coisas haviam caído de dentro dele. Ela foi lentamente até a pequena área debaixo do banco do passageiro. A janela permanecia inteira daquele lado, mas estava rachada e trincada. Ela usou o papel que caíra do porta-luvas para se proteger e cobrir o vidro quebrado que voara pelo interior da SUV quando ela capotou. Estendeu a mão até a maçaneta. Ela se mexeu, mas a porta, não.

– Merda – suspirou ela. Olhou para cima, percebeu que a porta ainda estava trancada e estendeu a mão. Precisou se esforçar para apertar os botões para destrancá-la. Mexeu na maçaneta de novo e dessa vez ouviu um clique. Se virou para se apoiar nas costas e empurrou a porta com uma mão, enquanto a outra segurava a maçaneta. A porta se moveu alguns centímetros, até que se afundou

no chão. – Puta merda.

– Ei, doutora. – Slade se abaixou ao lado da janela do passageiro para olhar para ela no meio dos destroços. – Quer sair? Até agora não vi nenhum daqueles cretinos vindo.

– Consegue abrir a porta?

Slade levantou a cabeça para estudar a porta em vez dela.

– Não sei. Vou ter que empurrar um pouco para o lado para ver se consigo levantá-la alguns centímetros, porque a terra aqui está mole e a porta está afundada nela. – Ele fez uma pausa. – Talvez. Se prepare para alguns movimentos.

Ela compreendeu o que ele pretendia fazer quando o viu se virar e apoiar os pés atrás da porta do passageiro. Ele pressionou as costas na lateral da SUV. Ela abriu a boca para lhe dizer que ele não era forte o bastante para mover o carro um centímetro que fosse, mas então o veículo se mexeu um pouco embaixo dela. Ele o empurrou o suficiente para erguê-lo um pouco acima do chão.

– Empurre a porta – gemeu Slade. – Essa merda é pesada.

Trisha usou as duas mãos para empurrar com força a porta que estava a uns bons centímetros acima do chão. Abriu-se mais um pouco, derrapando na grama e na terra. Ela empurrou mais forte e conseguiu mais um centímetro, talvez. O chão se inclinou mais. Slade gemeu e a SUV se mexeu de novo. A porta estava afundada na terra.

Slade se agachou ao lado da abertura e colocou a cabeça entre ela e a porta.

– Me dê as mãos e eu te puxo.

Só havia uns trinta centímetros de espaço, no máximo uns quarenta. Ela xingou.

– Acho que não vou passar.

– Estava brincando quando disse que você precisava de uma dieta. Vamos tentar, docinho, acho que você consegue. Vocês, mulheres, sempre acham que são maiores do que realmente são. Aqui tem mais espaço do que você pensa. Saia de lado.

Trisha agarrou as mãos de Slade. Ele lentamente começou a puxá-la em sua direção, enquanto ela se virava de lado. Os joelhos dela estavam pendurados sobre os bancos da frente, mas quando ela os impulsionou, conseguiu mexer a parte inferior das pernas. Slade a puxou outra vez. Sua cabeça passou pelo espaço apertado enquanto ela se virava de lado, mas então seus seios e suas costas ficaram esmagados. Ela percebeu que estava presa. Seus seios estavam dificultando.

– Isso não seria um problema se você não tivesse peitos tão bacanas – Slade riu. – Uma mulher sem peitos teria deslizado facilmente por aí.

Trisha lhe lançou um olhar zangado.

– Apenas me puxe para fora! Isso não está confortável.

– Respire fundo e expire todo o ar. No três; um, dois, três.

Trisha soltou o ar até parecer que seus pulmões estavam sendo esmagados em seu peito. Slade a tirou de dentro do veículo. Ela tragou um pouco de ar enquanto Slade a arrastava para longe da SUV.

Ele soltou as mãos dela antes de esticar os braços para ela novamente enquanto ela se encontrava deitada no chão. Ele agarrou seus braços acima dos cotovelos e, lentamente, ajudou-a a se levantar. Ele a examinou criticamente antes de olhar nos olhos dela.

– Consegue ficar em pé sozinha?

Testando as pernas, Trisha assentiu.

– Estou bem.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Você não diria isso se estivesse se olhando no espelho. Fique aqui, vou ver se consigo pegar o tagarela ali.

– A mão esquerda dele está esmagada e o pulso está quebrado – Trisha advertiu. – Tente não tocar neles, nem fazê-lo se apoiar neles.

Trisha olhou para baixo, pois seu joelho latejava, e viu um rasgo na calça. Ela se inclinou, lutou contra um momento de tontura, mas passou. Tocou o tecido rasgado, manchado de sangue. Pegou na calça com os dedos e aumentou o buraco. Trisha achou que o som do tecido rasgando foi alto.

Ela olhou mais de perto para seu joelho, vendo uma vermelhidão e uma pequena laceração que seus dedos sondaram. Estava sangrando um pouco, mas não precisaria de pontos. Ela se endireitou e saiu mancando ao redor do carro, e teve certeza de que ficaria com sérios hematomas.

A SUV estava mesmo em mau estado. Ela examinou os painéis laterais amassados e o teto esmagado, pior ainda na traseira. Havia um rompimento grande próximo à porta do motorista, e o compartimento do motor fora gravemente danificado.

Ela olhava para a parte da frente enquanto Slade abria a porta do motorista. Parecia que o carro havia batido de frente em alguma coisa enquanto rolava a montanha. Trisha imaginou que tivesse sido uma árvore, ou talvez algumas, dado o tamanho do dano na frente inteira do veículo. Era um milagre estarem vivos.

Ela virou a cabeça e olhou para a montanha. De onde estava não conseguia ver a estrada, mas podia dizer de onde o veículo tinha rolado antes de os destroços desaparecerem entre as densas árvores. Cacos de vidro, partes da SUV que foram arrancadas e algumas roupas estavam espalhadas pelo caminho do acidente.

Viu sua mala quebrada perto de uma árvore. Foi esmagada e rasgada, como se alguém tivesse usado um machado contra ela. Ela estremeceu. Poderia ter sido ela ou Slade, se um dos dois tivesse sido jogado para fora do veículo.

– Não! – Bart gritou.

– Seja homem – rosnou Slade para ele. – Você não pode ficar aí pendurado o dia todo. Quando contar até três vou cortar o cinto e te puxar para fora. Sua bunda vai cair, mas estou segurando sua cabeça. Um, dois…

– Não! – Bart gritou, parecendo estar em pânico.

– Três!

Slade cortou o cinto e arrastou Bart, que uivava, para fora do veículo. Trisha mancou por alguns metros até o homem que chorava no chão, enquanto Slade o soltava e se afastava. O olhar que Slade lançou a Trisha revelava puro desgosto. Slade chacoalhou a cabeça, cerrou os dentes e se afastou com passos duros.

– Você cuida dele. Vou salvar o que der, vai escurecer em breve.

Trisha se pôs de joelhos para examinar Bart, que chorava baixinho. Um sentimento de compaixão por aquele garoto de vinte e poucos anos, mas que no momento agia como se fosse bem mais jovem, brotou dentro dela. Ela entendia como ele devia estar amedrontado. Suas mãos percorreram o corpo dele, a única coisa que ela podia fazer sem a maleta médica. Tudo o que tinha para examiná-lo eram seu toque e sua visão, para tentar fazer uma triagem.

Ela examinou os quadris, agarrou uma das coxas e foi descendo a mão até o tornozelo dele. Ele não parecia ter pés ou tornozelos quebrados. Ela não ia tirar os sapatos dele para ter certeza, pois se houvesse algum osso quebrado ali, o calçado o deixaria imóvel e controlaria o inchaço. Ela agarrou sua outra coxa, circulando-a com a mão até o alto dela e depois descendo.

– Querem um quarto? – Slade suspirou. – Se você me tocar assim, espero que me dê um anel de noivado, doutora.

– Estou vendo se há ossos quebrados. – Ela nem sequer olhou por cima do ombro para Slade. – Até agora, tudo bem.

Trisha se inclinou para trás e franziu a testa para Bart.

– Onde dói?

– Minha mão.

Ela explorou a barriga e a cabeça dele, terminando de passar as mãos pelo corpo inteiro dele.

– Como estão seu pescoço e suas costas?

– Estão bem. Minha mão dói. – Bart chorava baixinho com o braço junto ao peito.

Trisha virou a cabeça para olhar para Slade.

– Pode ser que ele tenha lesões internas, mas não vou saber sem levá-lo a um hospital. Os únicos ferimentos de que tenho certeza são na mão e no pulso. Você pode ir até minha mala e pegar algumas das minhas roupas? Preciso delas.

Slade fez uma careta que desfigurou seus lábios.

– Você quer trocar de roupa? Dá um tempo, doutora, não é possível que você seja tão vaidosa.

– Seu imbecil – exclamou Trisha, com sua raiva inflando instantaneamente. – Preciso de tiras de tecido para fazer uma atadura na mão dele. A alça da minha mala tem extensor, posso removê-lo e usá-lo como tala no braço inteiro dele, até os dedos.

Slade corou um pouco.

– Estou indo. Desculpe. – Ele se afastou.

Trisha suspirou, deixando a raiva se desvanecer. Eles estavam todos com estresse. Slade voltou em poucos minutos. Ele usou uma faca para cortar em tiras as blusas boas dela. Trisha fez uma tala para a mão quebrada de Bart. Ele desmaiou quando ela fez isso, o que era bom, porque Slade parecia realmente puto com o choro de Bart. Mas Bart não estava mais fazendo isso, agora que estava apagado.

Trisha aproveitou o momento, enfaixou a mão que sangrava e deixou-a apoiada. Ela examinou cuidadosamente, decidindo que, se eles não o levassem logo a um hospital, ele perderia a mão inteira. Ela informou isso delicadamente a Slade.

– Já vou dar um jeito nisso. – Slade franziu a testa para ela. – Assim que eu fizer nascerem asas em mim e nos tirar voando daqui. O que você quer que eu diga? Estamos ferrados.

– Você poderia ir até a estrada e acenar para alguém, em vez de ficar aí parado fazendo comentários engraçadinhos.

– E os dois caminhões lá em cima que tentaram nos jogar para fora da estrada? Ah sim, eles fizeram isso e pode ser que estejam vindo para ter certeza de que estamos mortos. Eles já se deram todo aquele trabalho para tentar nos matar. Além disso, eles têm armas.

– Você não os viu vindo até aqui, certo?

A expressão de Slade se endureceu de raiva.

– Eles podem ter ido buscar os imbecis do caminhão vermelho em que eu atirei. Pode ser que haja até mais deles vindo atrás de nós. Talvez queiram fazer uma festa. Podem estar agora mesmo vindo até aqui. Vou dar uma olhada e você fica aqui. – Ele girou sobre os calcanhares e desapareceu atrás da SUV.

Trisha afundou a bunda no chão. Sua cabeça doía e seu joelho latejava. Ela evitava mexer seu ombro dolorido. Toda vez que mexia o braço direito, tinha vontade de se encolher. Estendeu a mão esquerda para esfregar o ombro ferido. Ele não estava deslocado e ela não sentiu nada quebrado. Esperava que fosse apenas um músculo distendido ou uma contusão. Contusões em tecidos moles podem ser muito dolorosas.

Bart acordou. Trisha sorriu para ele.

– Como está se sentindo?

– Estou com dor. Não quero mais esse emprego.

Trisha fez que sim com a cabeça.

– Eu não te culpo. Por que não tenta se sentar?

– Não quero. Quando a ambulância vai chegar? Slade foi buscar ajuda?

– Ele foi se certificar de que aquelas pessoas que nos jogaram da estrada não estão vindo até aqui atrás de nós. Ele vai voltar e sairemos daqui logo. Não se preocupe, Bart. Sou médica, lembra? Você está bem.

Slade ignorava seus ferimentos. A raiva o ajudava a subir o morro, com todos os seus sentidos em alerta máximo. A gasolina atrapalhava seu olfato, fazendo com que ficasse mais difícil para ele distinguir cheiros. Um pouco dela tinha pingado da SUV destruída e vazado através dos escombros. Ele lançou o olhar para cima, à procura de qualquer sinal de movimentos estranhos.

Trisha poderia ter morrido. A raiva o tomava quando ele pensava nisso. Ela definitivamente havia sido ferida, o cheiro do sangue dela ainda permanecia em sua memória, apesar do cheiro horrível de gasolina. Uma parte dele esperava que um ou dois daqueles cretinos que os atacaram fossem atrás deles. Ele adoraria matar os filhos da puta por a terem machucado.

Uma enorme rocha interrompeu sua caminhada e ele olhou para a parte de cima de uma parede de seis metros. A SUV tinha caído lá de cima. A visão o fez perceber a sorte que tiveram de sobreviver. A frente do veículo sofrera a maior

parte dos danos, mas se tivesse batido de lado… Ele estremeceu. Trisha teria morrido.

A lembrança de tentar agarrá-la e protegê-la com seu corpo no pior momento do acidente o assombrava. Ela foi arrancada dele no final, quando a cabeça dele bateu com força contra o metal. Aquilo o deixou atordoado e seu corpo amoleceu. Ele ficou aterrorizado ao ver como ela quase foi atirada para fora do veículo quando viu que ela havia ido parar na parte de trás do carro.

O homem humano ao volante deveria ter sido mais forte, mais valente, e dirigido o veículo a um lugar seguro. Em vez disso, o medo e o pânico tomaram conta de Bart, até que ele perdeu o controle da situação e bateu o carro. Ele cerrou os dentes.

Ele devia ter insistido para deixarem-no dirigir, mas Justice queria um humano ao volante para chamar menos atenção. Os vidros escurecidos esconderiam Slade dos outros veículos na estrada. Ele jurou que aquela havia sido a última vez que ele aceitava aquela ordem. Era ele quem iria dirigir se Trisha andasse em outra SUV.

A gratidão por ele exigir ir com Trisha no carro o tomou. A ideia de ela poder ter sido atacada sem ele lá lhe dava calafrios. Ele continuava observando a área lá em cima, vendo se não havia sinais dos agressores. Os humanos seguiriam a trilha dos destroços para localizá-los. Talvez achassem que estavam mortos.

Ele relaxou. Seu povo entenderia pela demora que eles haviam tido problemas. Já teria escurecido antes de a ajuda chegar, mas ele manteria Trisha viva, não importava o quanto seu povo demorasse para achá-los.

Um som chegou até ele e uma pequena chuva de sujeira escorreu à sua esquerda. No mesmo instante ele aguçou os sentidos.

– Merda – disse uma voz masculina. – Preciso de luvas.

– Fique feliz por termos uma corda. Acha que eles morreram?

– Não quero deixar dúvidas. – Uma outra voz masculina declarou. – Precisamos encontrar os corpos para provar que matamos aquelas aberrações animais. Vamos tirar fotos com nossos celulares.

– Espero que isso aguente. Tem certeza de que nosso peso não vai romper as cordas? – O homem que falava tinha um leve sotaque. – Eles tinham que ter saído da estrada justo aqui? É um terreno muito acidentado.

Slade girou, se moveu rapidamente e se escondeu atrás de umas árvores para ouvir melhor o som que vinha de cima. Ele viu seis homens, todos com roupas diferentes. Mas o que tinham em comum eram as armas, presas às costas. Seus lábios se abriram, suas presas se exibiram, mas ele segurou o rosnado que

ameaçou estourar ao avistar seus inimigos.

Ele poderia lutar com eles, ficar à espreita para atacar, mas e se desse errado? Ele perdeu a arma durante o acidente, não tinha nem como atirar em alguns deles para que ficassem em igual número. Se falhasse em matar todos antes que eles o abatessem a tiros, Trisha ficaria indefesa contra eles. Ela ficaria à mercê daqueles humanos.

Deu um grunhido baixinho ao se virar e voltar correndo até ela. Não iria arriscar a vida dela de jeito nenhum. Para ele, Bart não parecia um homem valente o suficiente para fugir com aqueles ferimentos. Enquanto se movia rápida e silenciosamente, para evitar alertar os homens lá em cima sobre sua presença, ele tomou uma decisão sombria.

Se Bart, o segurança humano, se recusasse a fugir, ele teria que deixá-lo para trás. Trisha poderia protestar. Ela tinha um coração mole, mas Slade a salvaria, não importava o que custasse, mesmo que ele tivesse que dar uma bofetada nela e carregá-la no ombro. A determinação o fez correr mais rápido para chegar até ela.



– Precisamos sair daqui agora – rosnou Slade de repente atrás de Trisha.

Ela deu um pulo e virou a cabeça, fazendo uma careta. Seu ombro se manifestou em protesto contra o movimento repentino.

– O que foi?

– Seis homens estão vindo atrás de nós. Eles têm cordas e armas, acho que foi por isso que demoraram tanto para descer. O ponto de onde caímos da estrada é íngreme.

– Talvez seja o socorro. – Bart parecia esperançoso.

– Com espingardas nas costas? – Slade retrucou. – Dá um tempo. Eles chegarão aqui em breve. – Slade se virou. – Levantem-se. Vou pegar o que achar que pode ser útil para sobrevivermos e logo em seguida vamos embora daqui. Daqui a pouco vai escurecer e não vamos saber onde eles estão.

Trisha lutou para ficar em pé e tentou fazer com que Bart segurasse sua mão para que ele se levantasse com ajuda do braço que estava bom. Ele chacoalhou a cabeça com firmeza.

– Não, eu vou ficar aqui. Devem ser aqueles AntiNovas Espécies. Vou dizer a eles que sou humano e eles vão chamar ajuda para mim.

– Você está louco? – Trisha exclamou surpresa. – Eles tentaram nos matar, e

você acha que dizer que é humano vai importar para aquela gente?

– Eles odeiam as Novas Espécies e tenho certeza de que é por isso que nos atacaram. Talvez eles até tenham achado que eu estava com Justice North no carro. Eles o odeiam.

Slade voltou, carregando o nécessaire de Trisha. Ele foi até Trisha e a passou em volta da cabeça e debaixo do braço dela, como uma tipoia, sem consultá-la antes. Ele evitou apoiar a alça no ombro dolorido. Ela ficou surpresa por ele notar que ela preferia aquele lado mesmo. Ele parecia furioso ao olhar para Bart.

– Estamos indo. Acho que vão te matar, então mexa essa bunda e venha se quiser continuar vivo. – Slade rosnava as palavras. – Você vai morrer se ficar aqui, garoto. Não tenho tempo para segurar sua mão enquanto você tenta raciocinar. Não vou arriscar a minha vida ou a dela pensando aqui com você. Levante-se.

Bart olhou de volta para Slade.

– Sou humano e eles não vão me machucar. Vão chamar uma ambulância para mim.

– Você vai morrer, mas não tenho tempo para discutir. Você foi avisado. Eu tentei e isso é tudo o que posso fazer por você. – Slade se virou e segurou o rosto de Trisha em sua mão grande, obrigando-a a olhar para ele. Seu olhar intenso encontrou o dela. – Precisamos ir rápido e aumentar a distância entre nós e eles. Você está mancando e vou levá-la nas minhas costas. Eu te levaria na minha frente, nos braços, mas o terreno é muito acidentado e preciso que minhas mãos fiquem livres. Não discuta comigo, doutora. Eles estão chegando. Nós vamos morrer se ficarmos aqui.

Trisha teve que concordar. Ela não tinha nenhuma dúvida de que aqueles homens eram perigosos.

– Ok.

Slade virou as costas para ela e se agachou. Ele virou a cabeça para olhar para ela e abriu os braços ao lado do corpo.

– Suba.

Ela não montava nas costas de ninguém desde que era pequena, mas não hesitou em subir nas costas de Slade. Ela colocou os braços frouxamente ao redor do pescoço dele, assegurando-se de que não iria sufocá-lo, e ele segurou suas coxas contra o quadril dele ao se levantar. Trisha olhou para Bart no chão.

– Venha com a gente. Por favor.

– Eles não vão me machucar. Vou ligar para Homeland quando chegar a um hospital. Vou contar a eles o que houve e eles vão enviar ajuda a vocês.

– Última chance – rosnou Slade ao se afastar da SUV. – Siga-nos ou morra.

Ele saiu andando rapidamente por entre as densas árvores, sem esperar por uma resposta de Bart. Trisha segurou-se firme.

CAPÍTULO QUATRO

Slade ajeitou Trisha. Ela estava com os braços em volta dos ombros dele, tentando segurar o próprio peso e não escorregar pelas costas dele. Ele a havia erguido mais, passando os braços por baixo dos joelhos dela e entrelaçando uma mão na outra na altura da cintura.

– Pode me descer, consigo andar. Meu joelho não está tão ruim assim.

– Eu te aguento. Quero andar mais um quilômetro antes de o sol se pôr completamente. Vamos continuar nos movimentado enquanto houver luz, senão eles podem nos encontrar.

O céu se enchia de raios cor-de-rosa acima deles enquanto o sol se punha. O vento batia e soprava um ar fresco neles por trás. Trisha sentia frio nas costas, mas na frente estava quentinha, pressionada contra Slade. Seus braços doíam de segurar nele e ela tentava ignorar os músculos doloridos entre as coxas. Ela não estava acostumada a ficar agarrada a algo por muito tempo.

– Você deve estar ficando cansado, Slade. Vamos lá, me ponha no chão. Sou pesada. Sei que você é forte, mas isso já é demais. Você disse que já andamos por alguns quilômetros, diminua o ritmo, pelo menos. Você vai ficar esgotado.

– Cale a boca – ordenou ele. – Estou tentando me concentrar, dizendo a mim mesmo que você não está aí. Você estraga tudo toda vez que fala.

– Obrigada.

– Isso não foi um insulto, mas você também não é leve como uma pluma. Estou tentando esquecer que você está aí para convencer meu cérebro de que meus músculos não estão doendo.

Ela mordeu o lábio.

– Desculpe.

– Cale a boca – suspirou ele.

Ela procurou não falar enquanto lançava um olhar ao redor. Slade caminhava bem e, com aquelas longas pernas, andava mais rápido do que ela poderia correr. Ele só diminuía o ritmo quando eles tinham que fazer alguma subida ou quando ele precisava atravessar um tronco caído. Tiveram que fazer isso duas vezes.

BUM!

Pausa.

BUM! BUM!

– O que foi isso? – O coração de Trisha disparou.

Slade parou, inclinou a cabeça num pequeno ângulo e ficou tenso.

– Eles devem ter encontrado Bart.

– Eram barulhos de tiro, né?

– Três tiros. É. – Slade começou a andar novamente. – Acho que no fim das contas eles não se importaram se ele era um humano puro ou não.

Trisha não conseguia conter as lágrimas que brotavam em seus olhos. Aqueles homens não teriam atirado em algo se não tivessem intenção de matar. Bart tinha certeza de que eles se importariam com o fato de ele não ser uma Nova Espécie. Ele era apenas um jovem assustado que não merecia morrer.

– Não chore por ele, doutora – rosnou Slade. – Sei que é difícil, mas primeiro sobreviva, fique de luto depois. Você não pode fazer nada por ele agora.

Ela lutou contra a vontade de chorar, sabendo que Slade tinha razão. Eles dois também morreriam se aqueles homens os alcançassem. Slade andava mais rápido e Trisha se agarrava mais firme nele, enquanto a escuridão caía lentamente. Em alguns momentos, Slade desacelerava, mas continuava andando.

– Como você consegue enxergar?

Ele agora respirava com dificuldade.

– Minha visão noturna é melhor que a sua. Não estou enxergando muito bem, mas ainda não trombei em nada.

– Você precisa descansar.

Slade soltou um palavrão baixinho ao parar. Seus braços saíram debaixo dos joelhos dela. Trisha gemeu quando ele a desceu até seus pés tocarem o chão. Seus joelhos seguraram seu peso e ela se soltou dele, mas ficou um pouco instável. Estava tão escuro que ela não conseguia nem vê-lo. Ela pulou quando as mãos dele tocaram seu quadril.

– Venha por aqui, vou te guiar. Vamos deitar para descansar um pouco. Pode ser que eles ainda estejam nos procurando se tiverem lanternas, mas isso já vai dificultar bastante as coisas para eles. Também subi em rochas o máximo que pude para esconder nossos rastros, e eles não tinham cães de caça. Além disso,

estamos a favor do vento, e com isso fica mais difícil de eles nos farejarem; é por isso que o vento ficou batendo em nossas costas.

Ele a ajudou a se apoiar no chão, e ela se sentou na grama macia. Ela se mexeu e bateu em algo duro e áspero com o cotovelo.

– Eles não conseguem sentir nosso cheiro, Slade. As Novas Espécies têm essa capacidade, mas os humanos não.

– Sempre me esqueço disso. – Ele fez uma pausa. – Isso ao seu lado é uma pequena árvore, cuidado para não bater nela.

– Obrigada. Mal enxergo um palmo à minha frente. – Trisha olhou para o céu. – Não vejo nem a lua.

– É por causa das folhagens. As árvores são densas nesta área, isso é bom para nós.

– Será que não devíamos ir para o outro lado e tentar encontrar a estrada?

– Não. – Slade se moveu, tocando-a. Seus dedos encostaram nos seios dela e ele tirou a mão no mesmo instante. – Desculpe. Me dê a mala.

Trisha a entregou sem enxergar nada na direção em que ela achava que ele estava. O peso da mala diminuiu e ela a soltou, sabendo que ele a pegara. Ela ouviu o zíper abrir antes de Slade pressionar algo contra seu braço.

– É tudo o que temos, então dê apenas um gole. Espero que logo encontremos água.

Trisha tateou a garrafa, tirou a tampa e deu um gole para aliviar sua garganta seca. Ela deu mais um pequeno gole antes de colocar a tampa de volta.

– Obrigada. Aqui está.

A mão dele roçou na dela ao pegar a garrafa. Ela o ouviu tomar um pouco da água.

– Por que não devemos procurar a estrada?

– Pode ser que tenha mais gente nos procurando. Eles podem estar dirigindo pelas estradas, esperando aparecermos. É o que eu faria se estivesse caçando alguém. Perdidos, estamos mais seguros. Todos os nossos veículos têm sistemas de rastreamento, pode demorar um pouco para o meu povo localizar o sinal, já que não tinha nem sinal de celular aqui, mas eles saberão onde procurar. Justice sabia nossa rota, ele já deve ter percebido que aconteceu alguma coisa, porque deveríamos ter chegado antes de escurecer. Deve ter tentado me ligar e, como não atendi, concluído que estamos em apuros. Vamos ficar aqui. Tomara que meu povo nos encontre antes daqueles humanos.

– Acha que amanhã seu povo nos encontrará?

Slade hesitou.

– Não sei, doutora.

– Eu tenho um nome, sabe. É Trisha. Será que você morreria se o dissesse?

Silêncio.

– Eu não morreria.

Trisha respirou fundo. Teve um dia infernal, estava indisposta, seu corpo doía e a fome apertava seu estômago. Seu nível de frustração aumentou.

– Mas você não vai dizer, vai? Por que se esforça tanto para tentar me irritar? O que foi que eu te fiz?

Longos minutos de silêncio se passaram. Trisha chacoalhou a cabeça, achando que ele não ia responder. Uma mão tocou em seu braço e ela pulou, assustada. Não esperava aquilo de jeito nenhum.

– Vamos nos deitar. Devemos dormir por algumas horas enquanto podemos.

– E se eles nos encontrarem? Vamos revezar o sono para que um de nós fique vigiando?

– Não, nós estamos contra o vento, eu sentiria o cheiro deles antes de chegarem até nós. Vou me deitar ao seu lado. Pode me usar de travesseiro, doutora, você precisa do calor do meu corpo para se manter aquecida.

– Não, obrigada.

Ela o ouviu ou bufar, ou rir, mas não tinha certeza do que era.

– Está esfriando bastante e o chão é duro, doutora. Quando se cansar dos dois, pode se enrolar em mim. Boa noite.

Ele tirou a mão de Trisha e se esticou ao lado dela, seu corpo se encostava em uma parte da coxa dela. A visão dela se ajustou um pouco, até que ela conseguiu enxergar a forma dele no chão. O vento soprava mais gelado com o passar do tempo. Trisha se ajeitou, se afastando alguns centímetros de Slade. Ela se virou de lado e usou o próprio braço como travesseiro. A fome e exaustão a incomodavam. De repente, outro problema surgiu.

– Slade?

– O quê?

– Preciso ir ao banheiro.

Ele suspirou.

– Está bem. – Ele se sentou. – Me dê sua mão, vou te levar para mais longe, na direção do vento.

– Por quê?

Ele hesitou.

– Não quero sentir cheiro de urina. E realmente não quero ficar a favor do vento se você tiver que fazer outra coisa.

– Ah – corou ela. Nunca pensaria nisso.

Ele gentilmente pôs Trisha de pé e ela o seguiu. Ele caminhou por cerca de vinte metros antes de parar.

– Pode fazer aqui. Vou estar a uns quinze metros de distância. Acho que também vou fazer enquanto isso.

– Como eu sei que você não vai ficar olhando?

Ele riu.

– Sou perverso, mas isso é demais para mim, doutora. Vou voltar bem rápido, então se apresse.

Já fazia quinze anos desde a última vez que Trisha acampara. Ela desabotoou a calça e deixou-a cair. Não enxergar por causa da escuridão atrapalhava. Ela rezou para que Slade realmente não estivesse em algum lugar em que pudesse vê-la. Ela ouviu algo vagamente e sorriu. Ela o invejava por ser homem naquele momento. Ela rapidamente terminou e ajeitou a roupa. Andou alguns metros e esperou.

– Espero que você não se limpe com a mão – ele rosnou baixinho – Me diga agora se você fez isso, para eu não pegar nessa mão.

– Não fiz – suspirou Trisha. – Você é doente, alguém já te disse isso? Quem faria isso?

Ele riu.

– Não sei, mas eu queria ter certeza. – Ele apertou a mão dela e a levou até o local de descanso. – Boa noite, doutora.

– Pare de me chamar assim. É Trisha. Por que você não diz meu nome? O que eu te fiz para você não gostar de mim?

Silêncio.

A raiva se fez sentir.

– Vou continuar falando se você não me responder. Achei que você quisesse dormir um pouco.

– Você não ousaria fazer isso. Salvei sua vida hoje te carregando por quilômetros nas minhas costas.

– Eu ousaria sim. Me diga o que fiz para não merecer nem mesmo que você diga meu nome. Quero uma resposta. Você não tem ideia de como isso é irritante. Vou começar a te chamar de 215 se você não parar com isso ou pelo menos me explicar por que sente necessidade de me deixar brava.

Um rosnado rasgou o silêncio da noite. Trisha soube no mesmo instante que tinha ido longe demais. Soubera disso no segundo em que as palavras passaram por seus lábios, mas era tarde demais para retirá-las. Havia lido em algum lugar

que todos os Novas Espécies odiavam ser chamadas pelos números de registro. Ela não queria insultá-lo, só achava que aquilo o irritaria do mesmo jeito que ele fazia com ela ao chamá-la de qualquer coisa menos pelo nome.

– Desculpe, não quis te chatear. – Sua voz se suavizou. – Eu só quero saber por que você se recusa a dizer o meu nome.

A dor perfurou Slade com a lembrança do passado, seguida por raiva. Era assim que ela o via toda vez que olhava para ele? Como uma vítima? Como a criatura meio humana, meio selvagem que ele foi ao acordar no quarto de hospital, achando que ela era nova no centro de testes e tola o bastante para remover as amarras dele? Normalmente, se tivesse a oportunidade, ele teria matado a pessoa instantaneamente se fosse um homem, mas ela era uma mulher.

Ele nunca mataria uma mulher. Em vez disso, ele a agarrou. Mesmo que estivesse meio fora de si, não queria matá-la. Assim que ele prendeu o corpo dela sob o dele, o cheiro dela penetrou seu nariz, ele olhou para aqueles olhos incríveis, aqueles lábios carnudos, e seu corpo rugiu para a vida. Ele a queria mais do que qualquer mulher que já havia tocado.

Ele queria mantê-la ali o máximo de tempo possível, aproveitar cada pedacinho dela e fazê-la queimar com a paixão que ele sentia. Teria ficado dias sem comida ou água, apenas para conhecer o corpo dela. Para possuir algo tão maravilhoso e proibido. Qualquer punição teria valido a pena para dar prazer a ambos até que não pudessem mais se mover. Então, e só então, ele a libertaria de seus braços. A lembrança do tempo que passaram juntos poderia durar anos para eles quando sua mente ameaçasse se afastar da dor e da agonia que ele sofria com frequência.

É claro que não saiu como ele planejara. Ficou em choque quando mais humanos entraram correndo no quarto para segurá-lo, seus reflexos ficaram lentos com as drogas em seu sistema e ele acordou descobrindo que seu mundo havia mudado para sempre. Ele já não estava trancado em sua cela, nem acorrentado a uma parede, e os cheiros ao seu redor lhe asseguraram que nada era familiar. Eles o deixaram amarrado, mas ele entendeu por que isso havia sido necessário. Ele não os teria atacado, mas teria tentado fugir.

Quatro mulheres de uniforme encostadas à parede do quarto do hospital informaram-no de que ele tinha sido resgatado e seu povo, libertado, e lentamente explicaram que ele precisava se acalmar. Tinham lhe mostrado, em uma pequena máquina, vídeos de outros de seu povo, cenas gravadas do resgate, e juraram que nenhum dano se abateria sobre ele. Levou tempo para entender que eles estavam dizendo a verdade. O choque o deixou cambaleante. As

mulheres não iriam lhe fazer mal, não trabalhavam para a Mercile e aquela vida não existia mais.

Ele foi transferido do hospital para um motel remoto no deserto com dezenas de indivíduos de seu povo. Todas as oficiais militares mulheres haviam sido designadas para protegê-los naquele local seguro. Os humanos haviam rapidamente notado que Novas Espécies machos não atacariam mulheres humanas, e usaram isso como forma de assegurar que não se sentiam ameaçados. Funcionou. As mulheres sequer portavam armas, a não ser pelas que patrulhavam o perímetro para manter os humanos distantes.

O governo dos EUA lhes prometeu um lugar próprio, onde seu povo poderia viver a salvo da imprensa e dos humanos que os viam como uma ameaça. Eles leriam livros, veriam TV e conversariam com humanos, que responderiam a todas as suas perguntas. Os meses transcorridos no deserto, à espera de que a construção terminasse, os acalmou e garantiu que eles tinham direitos humanos, e sua nova vida começara em Homeland. Ele deixou de ser uma cobaia e se tornou um homem. A doutora, obviamente, não concordava. Para ela, ele sempre seria o 215.

Aquilo doeu. Tudo o que ele queria era que ela o visse como um parceiro sexual, um semelhante, e ele estragou tudo para sempre quando a insultou ao não reconhecê-la quando se viram novamente. Ela obviamente não tinha perdão em seu coração. A dor rapidamente se transformou em raiva. *Ela que se dane. Se algum homem merece alguma folga, sou eu*.

A lembrança de tocá-la, sentir o gosto de sua pele e o cheiro de sua excitação passou rapidamente por sua mente. Ela podia não vê-lo como homem, mas seu corpo podia ser persuadido de outra maneira. Luxúria e desejo o atingiram com força. Talvez ela só precisasse aprender, sem sua mente estragando toda a verdade. Ele se mexeu antes que pudesse desistir daquela ideia louca.



Duas mãos agarraram os ombros de Trisha de repente. Slade a colocou de costas no chão e, em um instante, estava em cima dela. Trisha lutou, mas não conseguia tirá-lo de cima. Ele a prendeu com o corpo. Ela abriu a boca, mas a mão dele a tapou.

– Vai gritar e deixar aqueles assassinos saberem onde estamos? O som pode ir para bem longe.

Ela queria gritar com ele. Balançou a cabeça contra a palma da mão dele. A

mão a soltou no mesmo instante. Trisha empurrou Slade.

– Saia de cima de mim agora – sussurrou ela.

– Quer saber por que não digo seu nome, Trisha? – Ele falava baixinho, quase sussurrando.

Ela engoliu em seco, surpresa por ele finalmente pronunciar seu nome.

– Por quê?

– Porque te irrita do jeito que você me irrita. Acho que é justo se eu te aborrecer o tanto quanto você me aborrece.

– Como eu te irrito? É você quem sempre faz algum comentário engraçadinho e constantemente faz comentários sexuais grosseiros.

– É você que eu tenho tanta vontade de foder que até dói. – Ele rosnou para ela. – Isso é mais irritante do que me ouvir falando besteiras, doutora, acredite em mim. Eu não deixo você tão dura a ponto de achar que a calça vai arrebentar. Você faz isso comigo.

Aquilo a deixou sem palavras. Ela jamais esperara aquela resposta dele. De todas as coisas que ele podia ter dito, aquela nem estaria em sua lista.

Para ela, ele devia odiar qualquer tipo de médico, com aquele passado traumático. Ela também achava que ele poderia vê-la como uma esnobe, pois as pessoas sempre a acusavam de ser muito reservada. Não era sua intenção, ela só não sabia como se relacionar com as pessoas.

– Não vai dizer nada agora, doutora?

Ela não sabia o que dizer.

Slade rosnou.

– Você é uma vaca fria. Às vezes me pergunto se você nunca se aquece. – Ele fez uma pausa. – Será que de vez em quando você esquenta um pouco?

– Não sou fria.

– Sério? Você me engana o tempo todo.

– Não é justo você dizer isso. Você não me conhece de verdade. Mal nos falamos, a não ser que seja para insultar um ao outro ou dizer algo grosseiro.

– Hummm. – Ele se mexeu. – Se aqueça para mim, doutora.

Trisha suspirou quando Slade arqueou a barriga para longe de seu corpo. A mão dele deslizou entre eles e agarrou sua camisa. Ela tentou segurá-la, mas Slade foi mais rápido. Ele puxou tudo para cima, até seu pescoço, e afastou suas mãos frenéticas. Ele enganchou o dedo na borda do bojo de seu sutiã e o puxou. O seio de Trisha ficou livre no ar frio, que atingiu sua pele.

– Bom – rosnou Slade, antes de levar a boca para baixo.

Trisha empurrava o peito largo de Slade freneticamente, até que a boca dele se

fechou em seu mamilo endurecido. Ela ofegou com a sensação chocante dos lábios quentes e molhados e da língua áspera quando Slade chupou delicadamente a ponta de seu seio. Ele rosnou, causando vibrações. Trisha congelou, cessando seus esforços. Era uma sensação erótica, algo que ela nunca havia experimentado antes, e em seguida Slade começou a chupá-la dando puxões fortes com a boca.

A barriga de Trisha tremeu e ela não conseguiu conter o gemido que saiu por entre seus lábios. A sensação do que ele fazia com ela era incrível. Ela arqueou o peito para cima, contra o rosto dele, para lhe dar melhor acesso, e ao mesmo tempo percebeu que não o empurrava mais. Em vez disso, seus dedos agarraram o tecido do uniforme da ONE para mantê-lo mais próximo.

Slade sugava mais forte e os dentes dele se esfregavam em seu mamilo sensível. Trisha gemeu mais alto. Ela encontrou o cabelo dele e enterrou os dedos, segurando a cabeça no lugar. Seu coração disparou e ela sabia que seu corpo respondia de uma forma chocante enquanto o desejo quase a queimava viva.

Slade colocou a outra mão em sua coxa quando levantou o corpo e deixou um pouco de espaço entre eles. Ele a empurrou para abrir mais suas pernas. Ela ofegava enquanto ele colocava a mão em concha entre suas pernas, debaixo dele. Ele pressionou o polegar contra o centro de suas calças e esfregou-o firmemente bem sobre seu clitóris. Ela reagiu de imediato, enquanto a sensação se rasgava através de seu corpo.

– Isso – ela gemeu.

Slade congelou, todo o seu corpo se endureceu sobre o dela. Ele tirou a mão do sexo dela no mesmo instante em que tirou a boca do seio dela. O ar frio batia no mamilo nu e molhado enquanto ele se afastava. Os olhos de Trisha se abriram e ela tentou vê-lo no escuro, mas ele era apenas uma sombra escura sobre ela.

– Você esquenta sim – murmurou ele tão baixo que ela quase não o ouviu.

– Slade? – Sua voz saiu trêmula e ofegante.

Ele proferiu um palavrão e rolou para longe de Trisha. Sua forma escura se levantou. Ela deu um impulso para cima, se retraindo com a dor repentina que atravessou seu ombro. Em choque, ela observou o esboço dele desaparecendo conforme ele se afastava dela. Ela quase se esqueceu do seio descoberto e estendeu o braço para arrumar o sutiã. Ela puxou a camisa para baixo para cobri-lo.

– Eu já volto – declarou ele num tom áspero. – Vou ver se não há ninguém perto de nós.

– Mas…

Trisha fechou a boca. Ela tremia e seu corpo doía. Aquele filho da puta. A raiva jorrava dentro dela. Ele havia propositadamente a excitado e ido embora, deixando-a sozinha para lidar com a rejeição. Era exatamente isso. Ela praticamente implorara para que ele a possuísse. Ela pode não ter dito as palavras, mas seu corpo falou por ela.

– Desgraçado – xingou ela.

Trisha se deitou. Seu corpo formigava em todos os lugares errados. Seus seios pareciam incrivelmente pesados, e o que ele havia tocado estava tão sensível que o sutiã quase o fazia doer. Ela cerrou os dentes. Trocaria de calcinha se tivesse outra, pois a que estava usando estava encharcada. Ela se virou de lado e levantou os joelhos, se enrolando como uma bola.

Aquele desgraçado!, ela gritou silenciosamente. Ele a excitara só para ver se era capaz.

Tentou encontrar uma posição confortável no chão duro e frio. Ela deveria ter mexido nas roupas que ficaram espalhadas com o capotamento da SUV para encontrar uma blusa de manga comprida, mas de dia havia feito calor. Ela estremeceu e se encolheu mais. Parecia que uma eternidade se passou e Slade não voltava.

Eventualmente, o medo se instalou. *Será que ele me abandonou aqui? Aconteceu alguma coisa com ele? Será que aqueles homens o encontraram?* Lágrimas brotaram em seus olhos, mas ela as conteve, piscando rapidamente para isso. *Com a minha sorte, ele vai voltar bem quando eu estiver chorando*.

Ele odiava lágrimas. Ela o vira reagir à dor de Bart e podia imaginar que a maioria dos Novas Espécies não tinha muita paciência com fraqueza. Eles haviam tido vidas muito duras, e durante os anos que haviam sofrido em cativeiro lhes fora incutido que fraqueza era algo ruim. Ela apostava sua vida que Slade nunca chorava.

CAPÍTULO CINCO

Slade observava o acampamento com um ar soturno. Os humanos estavam mais perto do que ele queria, mas longe o suficiente para assegurá-lo de que eles não os pegariam tão cedo. Ele manteria o passo durante a noite, mas Trisha não era uma Nova Espécie. Ela precisaria descansar, por causa de seu corpo humano mais fraco.

Ela não reclamou, mas ele notou sua fadiga. Tinha que admitir que sentiu um certo orgulho por ela ter lidado tão bem com aquela situação de estresse. Humanos não eram muito valentes, mas ela foi corajosa. Isso o fez querê-la ainda mais.

Seu pênis finalmente amoleceu o suficiente para ele se mover sem dor. Seus dentes cerraram. Ele quase a possuíra ali, na terra. Teria se tornado o animal que ela provavelmente acreditava que ele era se a tivesse fodido no chão, como se ela também fosse um animal.

O gosto do beijo doce dela e a sensação daquelas curvas macias contra seu corpo quase o levaram à insanidade. Ela merecia mais do que uma transa rápida no chão. Ele podia ser parte animal, mas ela não era. As mulheres humanas esperavam certas coisas dos homens. Uma cama macia, um ambiente romântico e talvez velas. Ele se daria muito mal se permitisse que seus instintos e desejos o levassem a fazer algo do qual se arrependeria depois.

Precisava se manter em controle até que estivessem salvos. Quando retornassem a Homeland, ele seduziria Trisha em uma cama, dentro de uma casa, num local seguro, onde o perigo não estivesse à espreita. Ele não teria pressa, a despiria lentamente e exploraria cada centímetro dela até que o desejo dela ficasse tão intenso quanto o dele. E então ele faria amor com ela. Delicadamente, faria seu melhor para fingir que podia ser mais humano do que realmente era,

pelo bem dela.

Ele farejou o ar, o cheiro de fumaça quase o fez espirrar e ele se afastou lentamente daquela área. Deixara Trisha sozinha por mais tempo do que pretendia. Ele precisava se certificar de que tinha seu desejo sob controle antes de tocá-la novamente. Caso contrário, todas as suas boas intenções seriam esquecidas.

Ele foi um babaca quando o corpo dela se enrolou no dele. Contenção não era sua melhor qualidade, mas ele tentaria por ela. Ela merecia um homem que pudesse respeitar suas necessidades humanas, ou seja, uma cama para fazer sexo e o momento apropriado para isso.

Eles teriam que ir embora antes de o sol nascer. Ele achava inaceitável que Trisha estivesse em perigo. Justice já devia ter enviado times para procurá-los. Os humanos talvez tivessem que esperar o sol raiar para montar uma missão de resgate, mas as Novas Espécies já estavam atrás deles. Ele sabia disso tão bem quanto sabia reconhecer o perfume feminino tentador que o levou direto de volta a Trisha.

Ele viu a silhueta dela encolhida no chão e precisou abafar o rosnado que saiu de sua garganta, pois se aborreceu ao ver o frio que ela estava sentindo. Ele a havia deixado sozinha por muito tempo. Será que ele podia fazer alguma coisa direito quando se tratava dela? Parecia que não. Seus passos se aceleraram com sua necessidade de aquecê-la e garantir que ela sobrevivesse à madrugada.

Acalme-se, ele ordenou a seu corpo. *Aja naturalmente para não assustá-la*.

Algo farfalhou, um barulho parecido com folhas secas se mexendo. Trisha ficou tensa, mas não se moveu. Ela ouvia apenas o vento batendo nas árvores acima dela. Seu medo cresceu quando ela viu que algo se movia em sua direção. Era grande, do tamanho de um homem, e se aproximava mais.

– Estamos bem – Slade anunciou delicadamente enquanto se acomodava ao lado dela.

Ela teve vontade de chorar por ele ter voltado, grata por ele retornar em segurança e por não tê-la abandonado. Ela engoliu um soluço e piscou com força para segurar as lágrimas que nadavam em seus olhos. Slade se deitou de costas ao lado dela, a apenas alguns centímetros de distância, e respirou fundo.

– Se enrole em mim – exigiu ele. – Está frio.

Trisha não falou nada, com medo de que sua voz entregasse que ela estava emocionada. Apenas se deitou ao lado dele, ouvindo sua respiração.

– Está bem. Fique aí. – Pelo tom de voz, ele parecia aborrecido. – Boa noite.

Minutos se passaram, até que ela ouviu a respiração dele mudar e ficar mais

lenta, e ela imaginou que ele provavelmente adormecera. Ela esperou mais alguns minutos para ter certeza e se moveu um pouco para a frente, diminuindo a distância. Suas mãos estavam entrelaçadas atrás da cabeça para formar um travesseiro. Ela pressionou o corpo contra o dele, com o rosto de frente para ele. Descansou a cabeça em seu braço musculoso.

Ele estava bem quente. Ela estremeceu, e chegou mais perto dele até que seu corpo se pressionou com firmeza contra o dele. Ela colocou a mão na barriga dele. De repente, o corpo em que ela se encostava ficou tenso. Trisha congelou, seu coração bateu forte. A respiração dele havia mudado.

– Com frio, doutora?

Ela hesitou.

– Estou congelando.

Ele suspirou.

– Entende o que quis dizer sobre como você é irritante? – Ele abaixou um de seus braços e sua mão se fechou sobre a de Trisha em sua barriga. Depois empurrou-a mais para baixo. A palma dela acabou sobre um volume. – Sente isso?

Trisha tentou puxar a mão para longe da calça, mas a dele, que a segurava, a impediu de fazer isso. Ele apertou a palma dela mais forte contra ele.

– Quer se manter aquecida, doutora?

Ela cerrou os dentes.

– Quer soltar minha mão?

– Me esfregue.

– Vá se foder.

Ele riu.

– Eu deixaria você fazer isso, docinho. Há alguns problemas sobre isso. Primeiro, você faz barulho. Não posso deixar que você grite enquanto te como, já que estamos sendo caçados. Você os faria descobrir onde estamos. O segundo problema é que, se você quer se encostar em mim e ficar quentinha enquanto dorme, vou querer dormir também, mas não vou conseguir, já que você me deixa tão duro que daria até para medir meu pulso.

– Cuzão.

– Há essa opção – riu ele. – Acho que não seria bom, doutora. Prefiro ouvir você gritar de prazer do que de dor. Mas isso quer dizer que ainda assim haveria gritaria e você entregaria nossa localização.

A ficha do que ele quis dizer caiu. A boca dela abriu.

– Você… você…

– Não é daquelas que curtem a porta dos fundos, né? Que bom que encontramos algo sobre o qual concordamos, eu também não curto. Humanos me garantiram que é mais apertado, mas sou um cara que curte boceta. Agora, ou me esfregue ou se afaste.

– Solte a minha mão.

Ele não o fez. Em vez disso, apertou-a contra ele.

– Viu? Não é ruim, né? Eu diria que não é nenhuma dureza, mas nesse caso é sim, doutora.

A fúria atingiu Trisha.

– Está bem. Quer que eu cuide do seu problema, Slade?

Ele hesitou.

– Se você me machucar, doutora… Bem, te aconselho a não fazer isso. Eu te machucaria de volta. – Sua mão soltou a dela e se afastou.

Trisha pôs a mão firmemente sobre o contorno de seu pau grosso e duro, preso dentro de suas calças. O comprimento e a circunferência eram impressionantes. Ela se moveu para se sentar e esticou as mãos, às cegas, até a frente da calça dele. O corpo dele ficou tenso.

– O que está fazendo, doutora?

– Você queria ser tocado, certo? Bem, é o que vou fazer, Slade. Preciso abrir sua calça para isso.

– Deixa comigo – murmurou ele baixinho. O tom de divertimento desaparecera de sua voz.

Trisha levantou as mãos. Slade se mexeu e ela ouviu um barulho de zíper. Ela mal conseguia distinguir sua silhueta. Ele levantou os quadris e abaixou as calças até o meio da coxa. Trisha não estava enxergando muito, mas sabia que Slade libertara seu pau da calça.

Ela fitou, tentando vê-lo. Mal podia ver alguma coisa, mas pelo jeito ele não tinha nada do que se envergonhar, isso era certo. Não havia como não saber o que era aquela silhueta ereta e orgulhosa. Ele era longo e grosso, do jeito que parecia dentro da calça. Ela hesitou, a ideia daquilo dentro dela se eles transassem a assustou um pouco. Ele era maior do que qualquer um com quem ela já estivera. O número de amantes que já tivera não era impressionante, eram poucos, mas nenhum deles se comparava a ele.

– Doutora? Devemos dormir um pouco antes de seguirmos em frente. – Sua voz saía num rosnado suave. – Vou fechar a calça. Eu não devia ter feito isso, desculpe. Estou sendo um cretino. Eu estava meio adormecido e só um pouco cansado.

As mãos de Trisha tremiam um pouco enquanto ela se movia para a frente. Uma de suas mãos se enrolou em volta do pau de Slade antes que ele pudesse cobri-lo. Ela o ouviu tomar ar. Ele estava bem duro e quente. Sua pele era macia como veludo, envolta em uma espessura dura como aço. Ela deixou que seus dedos e sua palma o explorassem. A respiração de Slade aumentou.

– Isso é tão bom – gemeu ele.

A raiva de Trisha desceu pelo ralo. Ele a excitava. Ela odiava isso, mas era verdade. Gostou de tocá-lo. Mordeu o lábio e enrolou a outra mão na base do pau de Slade. Ele mexeu as pernas, tentando abri-las mais para que ela o explorasse. Ele falou um palavrão baixinho quando viu que suas calças amontoadas em suas coxas não permitiam isso.

– Isso é bom, doutora.

– Trisha – ordenou ela baixinho. – Me chame pelo meu nome ou eu paro. – Ela agarrou o membro com mais firmeza, movendo a mão até a cabeça do pau para acariciá-la com os dedos.

– Trisha – gemeu ele. – Isso é tão bom.

– Queria ter um pouco de óleo agora.

– Eu também, doutora.

Ela tirou as mãos dele.

– Meu nome é Trisha. Use-o.

Slade se sentou.

– Quer que eu use seu nome?

– Sim, quero.

– Está bem – ele se afastou, abaixou as calças até os tornozelos e avançou na direção dela.

Trisha arfou quando ele a agarrou. Ele a puxou e colocou-a de joelhos, enquanto se colocava na mesma posição. Suas mãos soltaram os braços dela, agarrou-a pela cintura e levantou-a, virando-a para o outro lado.

– O que você está fazendo? – A excitação se mesclou com um pouco de medo, mas ela não protestou.

– Coloque as pernas entre as minhas – rosnou ele em tom áspero, abrindo suas coxas nuas para abrir espaço para ela.

Trisha virou a cabeça.

– Por quê?

– Apenas faça isso – murmurou ele. – Agora, Trisha.

O coração dela começou a bater forte. Ela tinha uma ideia do que ele faria. Ele estava de joelhos e havia deixado-a de costas para ele. Ela se mexeu e encaixou

as duas pernas entre as dele, que estavam afastadas. Seus pés se enroscaram na calça dele, que ele baixara até o tornozelo, mas ela os levantou e passou-os por cima dela. Ele tirou uma das mãos da cintura dela e deslizou a outra pela frente do corpo dela. Ela ficou tensa e sua respiração aumentou enquanto ele desabotoava as calças dela. Ele pressionou o peito contra as costas dela e abaixou a cabeça até que ela pudesse sentir a respiração dele em sua orelha.

– Eu vou te foder, Trisha – ele rosnou ao afirmar isso. – Vou afundar tanto na sua boceta que você ficará com vontade de gritar meu nome, mas não vai poder. Acha que consegue ficar em silêncio? – Ele puxou as calças dela para baixo. Em seguida, puxou também a calcinha até o meio das coxas dela, amontoando-a com as calças.

A respiração de Trisha estava trêmula. Ela queria Slade.

– Sim.

Ele fez outro som de rosnado. Uma de suas mãos deslizou para cima da camisa da mulher e empurrou o bojo do sutiã para cima. Sua mão agarrou o seio nu e o apertou suavemente.

– Se curve para mim, Trisha. Vou te foder do jeito que eu queria desde que te vi. Vou meter tão fundo nessa sua bocetinha molhada que você não vai mais saber onde eu termino e você começa. Aposto que você é tão apertada que vai agarrar meu pau e me fazer lutar para entrar em você.

Ela colocou as mãos no chão. Nunca, jamais passara pela sua cabeça que um dia transaria com um homem, de madrugada na floresta, de quatro. Mas ela também jamais pensara que iria querer tanto alguém do jeito que queria Slade. Seu corpo gritava para que ele adentrasse sua boceta e ela sabia que não se decepcionaria com a sensação de estar envolta no pau dele. Ele era tão grande que ficaria mesmo bem apertado.

A mão dele apanhou firmemente entre suas coxas, massageando seu clitóris e espalhando o calor úmido de seu desejo. Ela gemia conforme ele a explorava do clitóris até o ânus. Ele colocou um dedo lentamente em sua boceta, dando-lhe uma sensação incrível com aquele toque grosso sendo empurrado até o fundo, e Trisha arqueava as costas enquanto o prazer se espalhava por ela.

– Tão molhada, Trisha. E muito apertada também, como eu sabia que seria – ele rosnou baixinho ao retirar o dedo e passá-lo pelo contorno dos lábios vaginais dela, antes de se afastar.

– Slade? – Ela temia que ele mudasse de ideia e parasse, e seu corpo doía.

– Não posso esperar, preciso muito estar dentro de você, não vou ficar te alargando mais com meu dedo. Sinto muito, mas tenho que te foder agora ou vou

morrer. – Ele pressionou a cabeça de seu pau bem na entrada da abertura vaginal. Sua mão esquerda largou o seio dela e a agarrou pelo quadril com as duas mãos. – Silêncio, docinho. Fique bem quietinha. Vou tomar cuidado, você é tão apertada que tenho medo de te machucar e não quero isso.

Trisha mordia o lábio enquanto Slade pressionava a ponta grossa de seu pau contra a boceta. Ela quase ofegava, com tanta vontade que até doía. O pau a penetrou lentamente alguns centímetros, depois mais. Seu membro era largo, e o corpo dela se alargou para acomodá-lo. Trisha queria mais e se empurrou contra ele. Ele agarrou seus quadris, mexeu o corpo para combinar com os movimentos dela, mas não deixou que ela o fizesse ir mais fundo.

– Slade – implorou ela.

– Não se mexa – ordenou ele. Ele soltou uma das mãos do quadril dela e as colocou em volta do peito dela. Ele a puxou para cima e ela se endireitou. Eles estavam de joelhos e ela inclinou as costas firmemente contra o peito dele de novo. – Pronta, Trisha?

Ela abriu a boca para dizer que sim, mas a mão que segurava seu quadril se soltou dele e cobriu sua boca no momento em que ele meteu fundo e com força. Trisha gritou em êxtase.

A mão de Slade abafou o som. Seus quadris bombeavam rápido, com força e profundamente. Ele entrava e saía dela com uma agitação tão selvagem que a levou à loucura. O prazer estava muito grande, quase insuportável, e ela soube que ia gozar. Ela o desejara por muito tempo, sonhara sobre como a realidade seria melhor que qualquer fantasia.

A mão dele deslizou pelo corpo dela e mergulhou entre as coxas. Seus dedos encontraram o ponto mágico, esfregando o clitóris dela furiosamente enquanto metia na boceta dela mais forte por trás. Ela gritava contra a mão dele, ofegando, e seus músculos vaginais se apertaram em volta do membro grosso dele.

– Puta merda – ele rosnou baixinho. – Incrível pra caramba.

Trisha nem ligava que Slade ficasse com a mão em sua boca, contanto que não tapasse seu nariz. Na verdade, nem se importava se conseguiria respirar ou não naquele momento. Nada nunca fora tão bom. A satisfação sexual foi se tornando mais intensa conforme Slade estocava mais rápido dentro de seu corpo, com tanta força que ela quase levantava do chão. Ela gritou ao atingir o orgasmo.

O interior dela enlouqueceu, com músculos se apertando e tremendo. Ela gritou de novo quando a pressão aumentou em seu canal vaginal extremamente sensível, enviando ainda mais daquele êxtase impressionante por seu corpo. Slade mordeu seu ombro de repente e um som abafado e selvagem saiu de seus

lábios, que estavam selados na pele dela. O quadril dele espasmava violentamente contra a bunda dela, batendo, até que tudo se aquietou, menos a respiração pesada deles. Trisha sentiu um calor percorrê-la quando o sêmen quente a preencheu.

Slade abriu a boca, soltando o ombro de Trisha. Ela se sentia quase sem ossos e não ligava que ele a tivesse mordido. Não se importava com a dor naquela área. Não doía muito, apenas latejava suavemente.

Ela se concentrou mais no calor que continuava encharcando sua boceta, vindo de Slade. Ele continuara a ejacular enquanto os músculos dela se apertavam em volta de seu pau ainda duro, enterrado em seu corpo receptivo. Ela se sentiu ligada a Slade com o jeito que seus corpos pareciam conectados, e gostou da sensação. Resistiu à vontade de cair em cima dele e ficar ali por um bom tempo.

– Não se mexa, Trisha – Slade finalmente controlou a respiração. – Vai doer se tentar sair agora.

– Eu sei. – Ela respirou. – Vocês incham durante o sexo. É uma coisa das Novas Espécies.

– Todo cara incha por sexo – ele riu. – Nós inchamos na base logo antes de gozar e ficamos assim por alguns minutos depois.

Um pensamento horrível passou por Trisha.

– Vocês não têm espinhos, né? Caramba, me diga que não tem pequenos espinhos me segurando aí. Alguns animais têm isso. Sei que você é canino, mas tem certeza que não foi misturado com mais nada?

Ele riu, fazendo o peito balançar contra ela.

– Você me mata de rir. Não, não tenho espinhos. Seria muito brochante, não?

Ela relaxou.

– Um pouco.

A mão dele que segurava a boca dela roçou a barriga dela. Depois, colocou-a sob a blusa dela e começou a acariciar a área das costelas.

– Adoro estar dentro de você.

Trisha virou a cabeça contra o peito dele.

– Adoro você aí. Caramba, Slade. Apenas caramba.

Ele riu.

– Fico feliz que você tenha gostado.

– Não fui só eu.

Ele lambeu o ombro dela. Trisha se virou.

– Por que está me lambendo? – A língua dele pincelava a pele dela, criando

uma sensação estranha, mas não ruim. Apenas diferente.

– Machuquei sua pele. Desculpe. Acho que eu estava tentando me manter quieto. Te mordi para não uivar. – Ele a lambeu de novo. – É que você é tão gostosa e apertada que quase me enlouqueceu. Precisei me segurar para não gozar antes de você. Foi tão bom sentir sua boceta me apertando. Você tem um gosto delicioso também. Hmmm.

– Gosta do sabor do meu sangue?

Ele riu e lambeu o ombro dela.

– É um gosto adquirido. E, sim, seu sabor é bom.

– Pare. Não está com vontade de arrancar um pedaço de mim, está?

Ela se afastou da boca dele. Ainda havia muita coisa que ela não sabia sobre as Novas Espécies. Sabia que podiam comer carne crua, que alguns continuaram a comê-la por causa de anos do hábito de receberem na cela. *Eles gostavam de carne humana?* Ela sentiu um pouco de medo ao pensar isso.

– Parece divertido.

– Você não come gente, né?

O som da risada de Slade a agradou.

– Não vai ser seu ombro que vou querer comer, Trisha. E com certeza não doeria também. – A risada dele sumiu. – Acho que já estou relaxado o bastante para nos separarmos. Precisamos dormir um pouco. Temos que ir para longe daqueles homens. Subi em uma árvore quando fui checar o perímetro agora há pouco. Há dois espinhaços para lá. Os idiotas acenderam uma fogueira. Eu iria fazer uma visitinha que eles não sobreviveriam para se arrependerem se achasse que seria seguro te deixar sozinha.

– Você os mataria? – Ela não ficou surpresa com aquela afirmação.

– Curve-se, docinho. E relaxe seus músculos.

Ele ignorou a pergunta dela. Ela concordou e se curvou, forçando o corpo a relaxar. Slade saiu lentamente de dentro dela. Ela pôde sentir cada milímetro do pau ainda rígido dele enquanto saía de sua boceta. O corpo dela estremeceu, ainda muito sensível. Slade riu ao se afastar.

Trisha se virou depois de alisar as roupas e fechou a calça. Ouviu Slade subir o zíper. Ele se deitou de costas no chão.

– Venha aqui, doutora. Use meu peito de travesseiro e se enrole em mim. Vou te manter aquecida se colocar uma perna entre as minhas.

Ela suspirou ao engatinhar em direção a ele e se deitou. Ele era grande e quente.

– Não pode me chamar de Trisha agora?

O corpo dele tremeu sob o rosto dela quando ele riu. Um dos braços passou em volta da cintura dela.

– Não. Só vou te chamar de Trisha quando estiver dentro de você.

Ela chacoalhou a cabeça.

– Babaca.

Ele riu de novo.



Lá se vão as boas intenções. Slade abraçou Trisha mais forte. Ela o tocara, todas as regras haviam sido quebradas, e ele não podia dizer que se arrependia. Ficava envergonhado sobre como se controlava mal quando o assunto era aquela médica sexy. Só de a mão dela encostar em sua barriga, seu pau rugia. O sangue havia corrido de uma cabeça para a outra. Ele perdeu a capacidade de pensar. Havia a possuído mais como um animal do que como um homem.

Ele passou a língua sobre as presas. O gosto do sangue dela ainda estava lá e ele ignorou o pau que se endurecia de novo ao desejá-la. Virou a cabeça para esfregar o nariz no cabelo dela. O perfume dela o chamava e o deixava meio louco. Sentimentos possessivos rasgavam seu peito e o assustavam mais que qualquer coisa que já experimentara. Ele a marcou com sua mordida e gozou tanto e tão forte dentro dela que a marcou assim também. Nunca havia sentido nada assim enquanto mais e mais sêmen jorrava para fora dele e dentro dela, com um prazer tão forte que quase o fez desmoronar sob aquela força absoluta. Só o que o manteve firme foi a preocupação em não machucá-la.

Ela era uma humana esperta, uma médica, e o que ele tinha para oferecer a ela? *Sexo? Má educação? Palavras rudes com sexo animalesco?* Ele apertou os olhos. Ela merecia mais que isso. Ele jamais seria o tipo que ela teria orgulho de chamar de seu.

Droga. "Em boca fechada não entra mosca" devia ser meu lema. Mais uma vez, ele provavelmente a fez acreditar que era um babaca completo. Conseguiu isso depois que ordenou que ela o tocasse. É que ele precisava muito dela. Desejava-a ainda mais. E tê-la apenas aumentou o desejo de possuí-la de novo, de ficar possuindo-a.

A respiração dela garantiu que ela dormia. Senão, ele ficaria tentado a virá-la, despi-la e fodê-la por horas. Ele realmente desejara tê-la sob ele, queria ter acesso a cada milímetro da pele dela para lamber e sentir o gosto. Explorá-la até que conhecesse o corpo dela tão bem quanto o dele.

A ideia de abrir as pernas dela e se deliciar naquela boceta o fez babar. Ele engoliu. O perfume do desejo dela o deixava louco, mas sentir o gosto? Fazê-la gritar seu nome enquanto ele a lambia até levá-la ao orgasmo pareceu algo divino.

Seu pau começou a doer. Estava duro como uma pedra de novo e, se não tivesse acabado de derramar seu sêmen, não saberia onde ele teria ido parar. Ela o afetava de maneiras que ele parecia não ter forças para controlar.

Jurou que tentaria ser um homem melhor para ela. Antes, no entanto, ele tinha que mantê-la viva. A raiva se fez dentro dele ao pensar nos homens que ameaçavam sua mulher. *Minha? Caramba. Tenho mesmo um fraco pela médica sexy. Só queria que ela sentisse o mesmo*.

CAPÍTULO SEIS

– Ei, docinho, hora de acordar.

Ainda estava escuro quando Trisha acordou e viu que o corpo de Slade não estava mais encostado no dela. Uma mão pegou a sua e começou a colocá-la em pé. Ela gemeu baixinho e se levantou, ainda atordoada. Não sabia ao certo o quanto haviam dormido, mas não foi nem perto do suficiente.

– Ande uns três metros anquela direção e faça suas coisas. – Ele soltou a mão dela e a virou.

– Minhas coisas?

– Xixi matinal – explicou ele. – Depressa. Já usei a árvore dos homens.

– Não estou enxergando nada.

– Então que bom que estou te colocando numa direção em que você não vai bater em nada. Acorde, doutora. Falta mais ou menos uma hora para o sol nascer. Precisamos ganhar mais distância entre nós e eles. Já subi em uma árvore mais alta e vi que o fogo deles se apagou, mas ainda sinto cheiro de fumaça. Eles estão por aí. Quando o dia clarear vai ser mais fácil para eles nos acharem, por isso temos que nos mexer.

– Tá – suspirou ela. – Não tem nada para comer, né?

– Sinto muito.

Ela assentiu com a cabeça e se afastou de Slade quando ele a soltou. Andou por uns quatro metros, até que parou e abaixou as calças. Tinha que fazer xixi, mas precisou de um minuto para relaxar o suficiente para se agachar. Ela não estava totalmente acordada ainda. Daria tudo por um café gelado e até mesmo um pedaço de pão sem nada. Seu estômago roncou ao pensar em comida. Ela não comia nada desde o café da manhã do dia anterior.

Ela levantou as calças e foi de volta até Slade. Ouviu uma risadinha em algum

lugar à sua direita, antes de duas mãos a agarrarem.

– Por aqui. Está indo na direção errada. Você não funciona bem de manhã, né?

– Não, não funciono.

– Acho que você é uma daquelas mulheres que preferem ficar na cama e apertar o botão “soneca” várias vezes, até o último minuto.

– E o que isso tem de errado? Fiquei mais relaxada desde que saí do hospital para trabalhar em Homeland. Durmo bem mais e não posso reclamar.

Ele riu.

– Hoje não tem botão “soneca”.

– É, só temos que correr para salvar nossas vidas.

– É um bom resumo. – Ele respirou fundo. – Acha que pode andar um pouco?

– Me sinto melhor. Dolorida, mas melhor.

– Dolorida do acidente ou de mim?

– Não fique se achando – sorriu Trisha. – Você é bem impressionante, mas ainda consigo andar numa boa.

– Pronta pra ir, docinho?

– Claro, pirulito. – Ela deu um sorrisinho, virando a cabeça para que ele não pudesse ver.

– Pirulito? – Ele pareceu quase insultado.

– Porque quero te lamber – respondeu ela de um jeito doce.

Ele rosnou e agarrou o braço dela.

– Você só está dizendo isso porque sabe que temos que ir.

– Tem certeza?

– Vamos.

– Mostre o caminho.

Trisha não via nada. Slade a segurava firme pelo braço, avisando-a quando havia algum obstáculo no caminho. Ela tropeçou algumas vezes. Slade fez uma pausa depois de ela quase cair pela quarta vez.

– Vou te carregar até clarear. Estamos indo devagar demais.

– Desculpe. – Ela estava sendo sincera. Ele poderia caminhar bem mais rápido se ela não estivesse com ele, sabendo muito bem que ela era um perigo à sobrevivência dele.

– Não se preocupe com isso. Sei que você tem suas limitações, já que é apenas humana. – Um tom de divertimento tomou sua voz.

Trisha levantou a outra mão e mostrou o dedo para ele.

– Consegue ver isso?

– Talvez depois, doutora. Vou entender isso como uma oferta. Estou me

virando para você montar em mim, e aqui está a mala. Se eu tenho que te carregar, então você tem que carregá-la.

Ele passou a mala cuidadosamente por cima da cabeça e do braço de Trisha, deixando-a apoiada nas costas dela. Ele se moveu e ela entendeu que Slade a esperava em sua frente. Ele se agachou e ela subiu em suas costas. Elas se segurou nele pelos ombros enquanto era levantada, e começaram a caminhada.

Finalmente o dia clareou e Trisha pôde enxergar.

– Me ponha no chão.

Ele parou e soltou os joelhos de Trisha para que ela descesse e se colocasse de pé. Eles estavam em um barranco íngreme cujo topo não podia ser visto de baixo. Ela olhou para cima, para os dois lados.

– Vai ser uma subida e tanto se o fim dessa coisa for muito longe.

Olhos azul-escuros encontraram os seus.

– Esperei você conseguir enxergar, mas precisamos subir agora. Quero sair daqui. Aqui estava bom para te carregar, mas estaremos mais seguros num lugar mais alto.

Eu tinha que abrir a boca.… ela pensou, mas fez que sim com a cabeça.

– Vou atrás de você.

Ele chacoalhou a cabeça.

– Eu vou atrás de você. Quero poder te segurar se você cair.

Aquilo fazia sentido para ela. Respirou fundo. Slade apontou e Trisha assentiu com a cabeça, se virou e viu um monte de mato dos dois lados. Segurou em um galho e começou a subir. O solo ficava instável em alguns pontos, mas ela sempre encontrava algo em que se segurar no meio da vegetação. Slade estava bem atrás dela. Em um momento, seu pé escorregou e ele agarrou a sola de seu sapato, impedindo que ela escorregasse. Ela virou a cabeça.

– Obrigada.

– Continue subindo, docinho.

– Pode deixar, pirulito.

– Corta essa.

– Só depois de você.

Ela voltou sua atenção para a escalada e continuou subindo. Suas mãos doíam, mas ela tentava ignorar, sabendo que suas vidas estavam em jogo. A luz do dia ficava mais forte conforme o sol subia e o ar frio foi se transformando numa manhã quente e ensolarada, fazendo com que Trisha suasse.

Trisha sabia que seu alívio transpareceu quando chegaram ao topo, e gemeu. Parecia que estavam escalando há dias. De repente, uma mão agarrou a parte de

trás de suas calças e a puxou para baixo. Trisha arfou ao cair de joelhos. Slade se agachou ao seu lado.

– Fique abaixada – mandou ele, lançando a ela um olhar irritado. – Agora estamos no alto, está mais fácil de nos ver e seu cabelo loiro é muito visível.

– Desculpe. Esse tipo de coisa não é meu forte.

– Infelizmente é o meu. Faça uma pausa, fique abaixada e quieta. Vou dar uma olhada na área.

– Claro, faça isso. – Ela estava exausta e se esparramou no chão, sem ligar para a sujeira que se espalhava nela. Ela colocou um braço debaixo da cabeça. – Não vou me mexer.

Slade deu uma risadinha debochada.

– Mulheres.

– Homens.

– Espertinha.

– Bobinho.

– Doutora, pare com isso.

– Enquanto você faz o reconhecimento do local, será que não encontraria um café e me traria um mochaccino gelado? Talvez um muffin? Ou um donut?

Seus dentes apareceram quando ele sorriu de repente.

– Farei o meu melhor.

Trisha observou-o ir embora. Ele se mantinha abaixado. Ela estudou o céu, chegando à conclusão de que ficaria muito quente quando o sol nascesse por completo. Ela sentia que iria. Alguns minutos depois, se sentou e cuidadosamente olhou ao redor, notando espinhaços lá embaixo. Eles estavam mesmo em um ponto alto. Ela se deitou novamente, esperando que Justice North tivesse enviado a Guarda Nacional para resgatá-los. Queria um banho quente, roupas limpas e comida. Ela bocejou.

Não tinha dormido o suficiente. Era ótima em tirar pequenos cochilos, fazia isso desde a faculdade de Medicina. Ser uma estagiária num hospital podia virar uma existência sem horas de sono. Ela aprendeu a dormir sob condições extremas. Esperava apenas que aquele treinamento a ajudasse a sobreviver a tão poucas horas de sono e àquele ritmo extenuante que precisavam manter se quisessem se manter à frente dos homens que os caçavam.



– Não faça porra de barulho nenhum. – Algo golpeou fortemente a barriga de

Trisha.

Seus olhos se abriram rapidamente e, com medo, ela fitou o homem peludo de uniforme militar em pé ao seu lado. Ele empurrou a arma com mais força contra sua cintura, enterrando-a em sua barriga, e os pés dele estavam afastados, acima dela. Ela olhou entre as pernas abertas dele e não pôde deixar de notar que havia um rasgo na costura da calça que revelava parte de uma cueca vermelha.

– Onde está o homem animal?

Trisha encontrou o olhar do homem e seu coração começou a bater forte de pavor. *Ele está falando do Slade*. Obviamente, os homens que haviam tentado matá-los eram definitivamente AntiNovas Espécies. Ela respirava com dificuldade, apavorada. Ele daria um tiro em suas entranhas se puxasse o gatilho, o que seria uma morte horrível. Se ele atirasse, ela esperava que ele acertasse artérias grandes para que ela perdesse sangue rapidamente. Com a arma pressionada em sua pele naquele ângulo, ela concluiu que o buraco que o tiro faria acabaria com ela bem rápido.

– Você é surda, sua vaca? Cadê o homem animal?

– Ele me abandonou – mentiu ela. – Eu estava fazendo ele ir muito devagar.

O homem olhou maliciosamente para os seios dela.

– Animais idiotas de merda. Eu teria te comido antes, pelo menos. Levante-se devagar. Você é a médica, certo?

Ela conseguiu fazer que sim com a cabeça, apesar do choque de ele saber alguma coisa sobre ela.

– Sou a doutora Trisha Norbit.

– É uma veterinária ou médica de verdade?

– Sou uma…

– Não importa – ele a interrompeu. – Levante essa bunda. Um dos meus garotos está machucado e hoje é seu dia de sorte. Normalmente nós matamos traidores do país, mas preciso de você. Acho que não importa que tipo de médica você é, contanto que saiba consertar um osso e dar pontos.

Traidores do país? Ela olhou estarrecida para ele. O cara obviamente era um maluco fanático. Ótimo. Ela se sentou quando ele afastou a arma alguns centímetros para longe de sua camiseta e deu outro passo para trás. Trisha se levantou cuidadosamente e ergueu os braços.

– Tem alguma arma além dos seus peitos?

– Meus… – Ela gaguejou e olhou para ele. – Não.

O homem mexeu a arma, deixou-a encaixada na parte de dentro do braço, mas continuou.

– Levante sua camiseta devagar e me mostre que não está escondendo nenhuma arma no elástico da calça.

Ela o fez, levantando a camiseta até a altura das costelas e se virando lentamente para que ele visse que ela não estava armada. Ela encontrou o olhar dele ao completar a volta. Precisou de muito controle para não olhar em volta para ver se via Slade em algum lugar, mas não arriscou fazer isso. Ela torcia para que ele visse o homem com a arma e não voltasse até ela.

– Vamos. Bill? Tom? Ainda estão vigiando?

– Sim, senhor. – Um homem falou da esquerda.

– Mas é claro, Sully. – A voz falou do lado direito.

Trisha olhou em volta, mas não via ninguém além do homem na frente dela com a arma. Ele sorriu, revelando dentes amarelos e tortos.

– Alguns dos meus rapazes estão comigo. Costumamos viajar em grupos de quatro. Se o homem animal decidir te salvar, vai ser a última coisa que vai fazer. Mas ele não vai voltar para você a não ser que ele sinta uma coceira no pinto.

Trisha se conteve para não fazer uma careta de nojo. Ele era a forma mais baixa de humano, na opinião dela. Pelo som de sua voz e pelas coisas que dizia, ele realmente achava que Slade era pouca coisa. Ele nem o conhecia, aquilo certamente era seu preconceito contra todas as Novas Espécies. Ele podia ser um imbecil, mas infelizmente tinha uma arma apontada para ela.

– Mexa-se.

Um plano surgiu rapidamente na cabeça de Trisha. Ela deu um passo e mancou forte, arrastando bastante o pé e fazendo um grande teatro ao se contrair. O homem com a arma proferiu xingamentos que a fizeram se encolher.

– Está machucada? Mas que droga! – Ele rugiu as palavras.

Trisha teve que resistir para não rir do idiota. Ele estava preocupado com o barulho que ela faria, mas ele mesmo acabara de gritar. Slade teria ouvido aquilo com certeza. *Na verdade qualquer um num raio de um quilômetro deve tê-lo ouvido,* ela pensou. Ela mordeu o lábio e o observou ao parar de mancar.

– Foi quando vocês causaram o acidente com a SUV.

Ele parecia furioso.

– Tom? Venha aqui.

Tom talvez nem tivesse barba ainda, com aquela pele rosada e o corpo franzino de um pré-adolescente. Ele era quase do tamanho de Trisha, que tinha um metro e sessenta. Ele segurava um revólver e uma faca grande estava amarrada em sua roupa de camuflagem, fazendo-o parecer com um menino de doze anos fantasiado para o Halloween. As linhas tênues perto de sua boca eram

os únicos sinais que denunciavam sua idade, uns vinte e poucos anos.

– Pois não, senhor? – A voz de Tom era estranhamente profunda, talvez algo que ele fazia de propósito para parecer mais macho. Os olhos verdes se fixaram em Trisha, desceram até seus seios e foi ali que ele manteve a atenção.

Ela queria cruzar os braços para cobri-los, mas estava com medo de se mexer e levar um tiro. O idiota olhava maliciosamente para ela. Ela olhou para ele, mas ele parecia não se importar, já que provavelmente nem notara sua raiva. Ele não estava olhando para seu rosto. Isso implicaria parar de ficar babando nos seios dela.

– Pat está muito longe de nós?

– Um quilômetro, senhor. – Tom lambeu os beiços e esfregou a mão que estava livre na parte de cima da coxa. – Essa que é a amante de animais, senhor? Aposto que ela deu pra ele.

– Cale a boca – ordenou o homem no comando. – Olhe para ela. Ela é bonita. Não é uma sem noção feia que não pode arranjar caras como nós. Pegue o rádio e diga a ele que vamos devagar porque ela está mancando.

Tom finalmente desviou a atenção dos seios de Trisha e olhou para o homem mais velho.

– Pode deixar, Sully. – Tom parecia qualquer coisa, menos feliz, ao desaparecer na vegetação densa.

– Vamos.

Trisha gravou os nomes deles. Sully. Tom. Bill. Até o momento podia identificar dois deles, se vivesse o bastante para contatar as autoridades. Ela realmente queria que fossem presos. Se concentrou naquele plano silencioso enquanto mancava, arrastava o pé de propósito e fazia um show sobre uma dor que não existia. Ele poderia buscar ajuda e mandar a polícia até ela.

Durante a maior parte do tempo, eles desceram o morro. Ela tropeçou algumas vezes, mas Sully nunca levantava um dedo sequer para ajudá-la. Ele mantinha a arma na direção dela, a seguia bem de perto e não dizia uma palavra. Trisha imaginava que se Slade não conseguisse ajuda para ela, ela provavelmente não viveria muito mais depois de cuidar do homem ferido. Provavelmente atirariam nela como haviam feito com Bart assim que ela não tivesse mais utilidade para eles.

Finalmente saíram da vegetação densa e ela viu uma clareira com uma barraca armada e os restos recentes de uma pequena fogueira. Trisha sentiu cheiro de comida e seu estômago roncou. Nas cinzas do forno rústico que eles haviam feito com pedras em círculos, havia um bule de café. Trisha parou, virou a

cabeça e encontrou os olhos castanhos como lama de Sully.

– Ele está na barraca, então mexa essa bunda e vá ajudá-lo. Pat, estamos aqui e a médica está entrando. Não vá estourar os miolos dela antes de ela cuidar de você.

Trisha foi mancando em direção à barraca, mas quase gritou de dor de verdade quando um punho agarrou seus cabelos e puxou seu corpo para trás. Ela tropeçou e caiu de joelhos, forçando Sully a soltá-la. Lágrimas a cegaram por alguns segundos quando ela pôs as mãos na parte de trás da cabeça, imaginando que ele arrancara um pouco de seu cabelo. Ela olhou em choque para Sully quando conseguiu vê-lo por trás das lágrimas.

Ele tinha a arma apontada para a barraca.

– Pat? Responda agora.

Trisha voltou a atenção para a barraca, de onde ninguém respondia. O zíper da barraca estava fechado. Sully se aproximou um pouco e se inclinou. Abriu o zíper e pulou para trás, com a arma apontada para dentro enquanto se afastava mais.

– Pat? Quero que responda agora.

Silêncio.

– Bill? Tom? Respondam agora – rugiu Sully.

– Aqui, senhor! – Tom berrou. Ele saiu do meio do mato, a uns seis metros de onde Trisha e Sully estavam.

Outro homem, de quarenta e poucos anos, careca e barrigudo saiu do mato do outro lado do acampamento. Trisha imaginou que devia ser Bill. Ele balançou a cabeça para Sully. Os três homens olhavam atentamente para a barraca. Sully balançou a cabeça para Tom e apontou na direção da barraca, mantendo a arma apontada para a abertura.

Tom se moveu, enfiou a arma no coldre e desamarrou da perna a faca grande de caça. Segurou-a firme e agachou ao lado da barraca. Esticou a mão esquerda e subiu o zíper, abrindo a aba para espiar dentro.

– Ele sumiu – disse Tom, surpreso.

– Você não o chamou pelo rádio? – Sully parecia furioso.

– Não, senhor, ele não respondeu. Achei que ele estivesse dormindo ou cagando. Ele ainda consegue se virar bem mesmo com o braço todo ferrado.

Sully se virou para apontar a arma para Trisha.

– Quando foi que o animal te abandonou?

Ela engoliu em seco.

– Ele fugiu em algum momento durante a noite. Eu adormeci com ele lá, mas

quando acordei, pouco antes de o sol nascer, ele já tinha ido.

– Ele está longe daqui. – Bill tinha uma voz profunda, com um sotaque que parecia do Texas, ou do Sul. Era difícil dizer ao certo. – Assim que ele parasse de carregá-la, sairia correndo feito vento. Eles se movem rápido, Sully. A esta hora ele deve estar a uns quinze quilômetros de nós. Outro time vai pegá-lo com certeza.

– Filho da puta. – Sully abaixou a arma. – Vamos nos dividir e encontrar Pat. Acha que ele pode estar delirando? Ele teve febre hoje de manhã.

Bill concordou com a cabeça.

– Pode ser. Eu disse que um de nós deveria ter ficado com ele. Saímos no amanhecer e ele pode ter achado que demoramos demais. Um de nós fica aqui com a mulher e ela cuida dele quando o encontrarmos.

– Devíamos ter levado ele junto – murmurou Tom. – Eu disse que ele podia morrer. E se ele morrer por aí?

– Não vou jogar fora aquela recompensa de cinquenta mil dólares só porque o Pat é um idiota que não viu por onde andava – disse Sully, num tom ríspido.

Bill fez que sim com a cabeça enquanto olhava para Trisha, que continuava sentada no chão.

– Vou ficar com a mulher enquanto vocês dois se dividem e procuram o Pat. Acho que ele deve ter descido o morro, já que seria mais fácil de caminhar. Talvez ele tenha entrado em pânico e esteja procurando outro time, achando que alguém vai salvá-lo, ou pode ter pensado em ir até a estrada para fazer sinal para algum motorista.

– Merda! – Sully berrou. – Por que não esquecemos ele, matamos a vadia e vamos atrás do nosso animal? Quero aquela recompensa de cinquenta mil dólares por um daqueles animais de merda.

Trisha se manteve quieta, mas estarrecida. *Alguém está pagando uma recompensa de cinquenta mil dólares pelo Slade? Quem faria isso? Por quê?* Ela engoliu em seco. Esperava que eles esquecessem que ela existia. Odiava Sully por querer matá-la imediatamente.

– Você está se esquecendo – Bill suspirou – que Pat é filho de Thomas. Se não acharmos aquele cretino, ele nunca vai nos dar dinheiro nenhum por um daqueles imbecis. Precisamos deixar a mulher viva até que ela cuide dele. Temos que encontrar aquele cretino e pegar o animal. O animal esteve andando pelos barrancos e vai manter esse padrão. Vamos encontrá-lo nos espinhaços. Veja quanto tempo ganhamos.

– Mas a vadia estava fazendo ele ir devagar – Sully cerrou os dentes e falou

um palavrão. – Ok, vamos fazer isso. Bill e eu vamos nos separar. Você vai em direção à estrada, caso Pat tenha ido até lá. Vou atrás do animal para ver se consigo pegá-lo. Espero que ele esteja em lugares baixos e eu possa vê-lo do alto. O Tom pode ficar aqui com a vadia.

Bill chacoalhou a cabeça.

– Olhe para esse idiota. Ele não consegue parar de olhar para os peitos dela.

Trisha virou a cabeça na direção de Tom. Ele estava ali em pé, segurando a faca e babando nos seios dela de novo. Ele sorriu.

– Vou ficar feliz de ficar com ela.

– Está vendo? – Bill xingou. – Queremos ela viva, imbecil. Eu fico aqui com a mulher enquanto vocês dois se dividem para a busca. Tom, vá para a estrada.

– Está bem – concordou Sully, lançando um olhar para Tom. – Mas é melhor você encontrar esse cretino. Vou para os espinhaços ao oeste para pegar mais rápido o animal.

– Mas eu quero ficar com ela. – Tom não estava feliz, o que se notava por seu tom de voz agudo em protesto.

Sully levantou a arma.

– Você não está recusando uma ordem, está? Eu detesto chorões. Não é o seu papai que vai nos dar a grana e ninguém vai dar a mínima se você levar um tiro.

O medo apareceu nas feições de bebê de Tom. Ele chacoalhou a cabeça vigorosamente.

– Vou agora mesmo.

Trisha observou Sully e Tom colocarem pequenos mantimentos na mochila e então os dois saíram em direções diferentes. Sobrava Bill para vigiá-la. Trisha estudou o homem que a fitava. Ele deu um suspiro alto.

– Está com fome? Com sede?

– Sim, por favor – disse Trisha, baixinho.

Bill foi a passos duros até a barraca e retornou rapidamente. Ele carregava um refrigerante e um saquinho Ziplock com algum tipo de sanduíche. Parou a alguns metros dela.

– Pegue.

Ela esticou as mãos. Ele jogou o refrigerante com cuidado. Trisha pegou-o e colocou-o no chão, ao lado do joelho. Esticou as mãos de novo e ele jogou o sanduíche. Ela lhe deu um olhar de gratidão.

– Muito obrigada.

– Cale a boca – mandou ele. – Odeio ter que conhecer o que vou ter que matar mais tarde. Apenas coma e fique quieta.

Trisha odiava sanduíches de manteiga de amendoim, mas não reclamou enquanto mastigava. Estava com fome demais para ligar para o que comia. Abriu a lata de refrigerante e deu longos goles. Tentou não devorar a comida.

Ela percebeu que Bill havia se sentado no chão a uns cinco metros dela e observava silenciosamente todos os seus movimentos. Ela terminou o sanduíche e tentou guardar um pouco de refrigerante. Não queria tomar tudo, caso Bill não fosse generoso mais tarde.

CAPÍTULO SETE

– Droga – rosnou Slade baixinho, observando os homens atrás de uma folhagem, onde se escondia. Fazia bom proveito de sua audição aguçada ao ouvi-los fazendo seus planos. Eles tinham Trisha. A raiva tomou conta e ele conteve a urgência que sentia de saltar no acampamento e matar todos eles.

Não eram os mesmos que os tinham jogado para fora da estrada. Isso queria dizer que mais humanos haviam se juntado à busca por ele e pela doutora. Não saber quantos o deixava preocupado. O acampamento instalado também o alarmava. Em pouco tempo eles haviam feito uma base, o que significava que eram organizados, e o perigo crescia exponencialmente.

– Calma – ordenou ele à sua mente, num sussurro.

Eles estavam em maior número, tinham mais armas, e a que ele tinha conseguido não seria muito útil se um dos humanos usasse Trisha como refém para fazê-lo largar a arma, o que funcionaria. De jeito nenhum ele deixaria que atirassem nela sem que ele tentasse impedir, mesmo que ele tivesse que jogar a arma e ir até eles.

Ele não conseguiu voltar até ela a tempo para se certificar de que não havia ameaças. A segurança dela era primordial para ele. Ele teria que usar suas habilidades para matá-los um a um. Atacar o acampamento com todos eles em volta dela seria o último recurso. Ele morreria para tentar salvá-la – independentemente da desvantagem em que ele se encontraria – caso decidissem matá-la. Seria suicídio para os dois. Um último recurso.

Ele ouviu os homens fazendo planos para localizá-lo e para encontrar o humano ferido que estava sumido. O homem de olhos libidinosos seria o primeiro a morrer se os outros o deixassem sozinho com sua mulher. Slade sabia que o homem tentaria tocar a doutora. Isso não aconteceria. Pelo menos não

enquanto ele respirasse.

Eles não encontrariam o homem que procuravam. Um sorrisinho contorceu seus lábios quando decidiram que o homem não era confiável e poderia molestar Trisha. Aquilo mostrava que tinham alguma inteligência. Quando dois dos homens deixaram o acampamento, ele se levantou, pronto para atacar, mas então parou, observando a cena a seguir.

O homem que vigiava Trisha deu a ela comida e bebida. Ele não parecia ameaçador. Precisavam dela viva, acreditavam que precisariam de suas habilidades médicas, e talvez ela estivesse mais segura ali do que ao lado dele, enquanto ele eliminava as ameaças.

A indecisão o percorreu. Ele farejou o ar, mas não sentiu o cheiro de nenhum humano estranho na área, mas isso não queria dizer que eles não estivessem por perto, e poderiam aparecer em breve. O vento infernizava seu nariz com a poeira.

Seu olhar se fixou em Trisha. Ela comia e bebia calmamente. O cara que a vigiava não era ameaçador, nem fitava o corpo dela de maneira que indicasse intenções libidinosas. Ele parecia esperto o suficiente para saber que feri-la quando eles precisavam de suas habilidades médicas seria prejudicial. O cretino que a puxara pelo cabelo pagaria muito caro por machucá-la. Ele queria matá-lo primeiro por aquela ofensa. Quanto antes, melhor.

Até aquele momento, ela parecia estar segura, e se os outros humanos voltassem ao acampamento, o vigia sabia do valor dela. Demoraria um tempo para perceberem que não precisavam das habilidades médicas dela. Ele não poderia escondê-la em algum lugar, deixá-la localizar os homens que a haviam ameaçado e não se preocupar que ela não fosse encontrada de novo. Ele olhou para o homem que observava a doutora.

O cara parecia entediado, mas também não parecia querer se mexer. Slade se afundou de volta na terra e se manteve abaixado cuidadosamente ao começar a seguir o homem mais velho que ousou puxar o cabelo da doutora, e seu sangue borbulhou de raiva. Aquele homem pagaria por causar dor a ela. Pagaria muito caro.



O silêncio se tornou terrível. A brisa soprava e árvores sussurravam ao vento. Trisha ouvia pássaros a distância. Ela estava sentada ao sol, desejando uma sombra. Também precisava usar o banheiro. Quando sua bexiga estava para

estourar, ela virou a cabeça e olhou para Bill.

– Por favor, preciso usar o banheiro.

Ele piscou.

– Está bem. Você é branca demais para ficar sob esse sol, mesmo. É muito fácil ficar desidratada se sua pele queimar. Estava pensando em mudar você de lugar.

– Então posso me levantar?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Está vendo a árvore próxima à barraca? Vá atrás dela. Vou quebrar suas pernas se você tentar fugir de mim, e essa não é uma ameaça qualquer. Você não vai precisar delas para cuidar do Pat. Vá atrás da árvore, faça sua coisa e pode ficar desse lado da árvore, na sombra. Fui claro?

– Superclaro. Obrigada.

Trisha se pôs em pé. Seu corpo ficara dormente em lugares que se despertaram dolorosamente quando ela se lembrou de ir mancando até a árvore. Precisou se enfiar embaixo de um dos galhos mais baixos e não havia muita privacidade, mas ela não tinha escolha. Ela abriu a calça, se abaixou e rapidamente fez o que precisava, e então se levantou. Deu a volta na árvore. Bill estava em seu caminho.

Ela não havia ouvido ele andando até ali. Ela olhou para ele. Bill era um homem corpulento de cerca de um metro e oitenta. Tinha rugas fortes no rosto de anos de sol, e sua pele era de um marrom claro e desbotado. Ele franziu a testa.

– Estou cansado. Não dormi muito à noite, então escute o que vamos fazer: volte até aquela árvore. Quero que fique de costas para ela.

Trisha o fitou com medo. *O que ele vai fazer?* Ela tinha uma sensação profunda de que seria algo muito ruim.

– Vou te amarrar na árvore para eu poder descansar. É só isso. Vou dormir a alguns metros de você para ouvir qualquer barulho que você fizer. Você acabou de comer, usar o banheiro e tomar alguma coisa. Vai ficar na sombra e não está frio. Você vai ficar bem. Agora ande, antes que eu te force.

Ela não tinha escolha. Bill era um homem muito maior. Ele parecia ser o tipo de imbecil que ninguém gostaria de enfrentar numa briga de bar. Não era absurdamente alto, mas tinha aquele olhar ameaçador que dava a entender que podia cortar a garganta de alguém num segundo. Ela concordou com a cabeça e lentamente voltou até a árvore, fitando-o com medo.

– Estique os braços, afaste-os e segure os galhos.

– Não posso me sentar?

– Eu disse – ordenou ele baixinho –, estique os braços e segure os galhos. Não estou pedindo, estou mandando, e não vou repetir. Você pode ou fazer o que digo, ou eu posso te fazer mudar de ideia. Seria uma lição dolorosa. Está me entendendo?

Ela levantou os braços para agarrar os galhos acima de sua cabeça. Viu o homem colocar a mão no bolso e pegar uma bandana, que ele provavelmente usava para limpar o suor. Ele se aproximou bem dela. Usou a bandana para amarrar seu pulso, prendendo-o ao galho.

Ele fedia e precisava de desodorante. Também cheirava a bebida, misturada ao fedor nojento de tabaco de mascar. Ela segurava a respiração o máximo que podia enquanto ele enrolava algo feito com um tecido velho em seu outro pulso. Apertou-o bem. Finalmente ele se afastou e o cheiro horrível também.

Bill a fitou, balançou a cabeça e então se virou para voltar à barraca. Trisha olhou para cima, para os braços amarrados. Ele usara duas bandanas diferentes para amarrar seus pulsos a uns galhos finos. Ela os puxou, mas eles quase não se mexeram, provando que não havia como ela se soltar. Ela xingou baixinho e deu um puxão nas bandanas, tentando ver se ele havia deixado algum espaço pelo qual ela poderia passar a mão. Ele havia amarrado forte demais.

Bill saiu da barraca carregando um saco de dormir e um travesseiro. Ele lançou um olhar a ela antes de jogá-los no chão, a alguns metros de onde Trisha estava. Ela havia pensado que ele era minimamente decente por ter-lhe oferecido comida e bebida, mas isso fora antes de ele amarrá-la como um espantalho à árvore. Depois de um tempo, suas pernas ficariam bem cansadas.

Ele se esticou de costas em cima do saco de dormir, olhando para ela, e descansou a arma sobre o peito. Ela notou uma faca de caça em sua bota quando ele cruzou as pernas. Ele enfiou o travesseiro embaixo da cabeça e fechou os olhos.

Trisha se mexeu. Suas pernas doíam e parecia que seus braços iriam cair. Ela ficou na ponta dos pés para deixar os braços no mesmo nível dos ombros, o que enviou um pouco de sangue de volta para os membros, mas então seus dedos do pé começariam a doer e ela teria que colocar o pé inteiro no chão novamente. De vez em quando, rolava os olhos para cima. Tentava dormir, mas toda vez que começava a pegar no sono, suas pernas ficavam moles, o que fazia com que a dor a percorresse até seus braços, que seguravam o peso. O tempo se arrastava.

Algo no mato fez um pequeno barulho. Bill acordou instantaneamente, se colocou de barriga para baixo e levantou a arma na direção de onde o som viera.

Em choque, Trisha o fitou. Um pássaro voou de uma árvore naquela direção.

O homem de barriga para baixo suspirou e voltou à posição inicial, olhando para ela.

– Tenho sono leve. Pare de suspirar, estou ficando cheio. – Ele fechou os olhos novamente e descansou a arma novamente no peito.

Ele não pode estar dormindo de verdade. Trisha fitou o peito dele, observando-o levantar e descer lentamente. O som que o pássaro fez era tão leve que ela mal havia escutado, mas o homem aos seus pés reagiu instantaneamente, como se estivesse sendo atacado por alguma coisa. Ele até mesmo apontou a arma naquela direção. Se estivesse fingindo que estava dormindo, então ele estava a par de qualquer som que ela fazia. Sua esperança reluzente de que pudesse fugir diminuiu. Teria sido melhor se tivessem deixado Tom com ela. Um homem babando em seus seios parecia melhor do que ser amarrada de forma tão desconfortável a uma árvore.



A dor a acordou e ela gemeu. Seu corpo se pendurava e todo o peso estava em seus pulsos, fazendo-os doer. Trisha conteve as lágrimas. Colocou todo o peso nos pés e ficou na ponta deles. Aquilo aliviou toda a tensão dos pulsos e o sangue fluiu de volta para os braços enquanto ela observava o céu. Ela passou a maior parte do dia amarrada. O sol havia diminuído. Ela olhou para o homem no chão, notando que ele a olhava de volta. Ela não tinha certeza, mas achou que a atenção dele estava fixada em sua barriga.

– Você está acordado. – Ela observou delicadamente. – Posso me sentar agora? Por favor?

Ele se sentou e observou o rosto dela, franzindo até a testa, até que colocou a arma no chão, ao lado do saco de dormir, e se levantou. Se afastou dela e foi até a barraca. Trisha levantou o queixo para olhar para o céu. *Cretino*. Ele sabia que ela estava com dor e desconfortável. Além disso, precisava usar o banheiro de novo. Ela o ouviu voltar e lançou um olhar ao walkie-talkie que ele tinha em uma das mãos.

– Bill aqui – disse ele. – Base?

– Oi, Bill – respondeu um homem pelo pequeno alto-falante. – Reporte.

– Ainda não os encontramos. – Bill observava Trisha e colocou o dedo em frente à boca, num gesto para que ela ficasse em silêncio. – Estamos na seção 22. Alguém teve sorte?

– Até agora, não. – A voz estava com estática. – Vocês estão bem mais na

frente.

– Não tem outros caras nesse caminho?

– Não, só vocês. Como assim o Tom não está chamando?

– Ele está cagando. O garoto está verde. Ligamos de volta e reportamos de manhã. Câmbio e desligo. – Ele desligou o walkie-talkie.

– Eles ainda não acharam seu amiguinho animal. – Ele jogou o walkie-talkie no travesseiro. – Agora estou descansado e pronto para a ação. Queria ter certeza de que não havia mais ninguém na área, e agora somos só nós.

O estômago de Trisha se contorceu quando ela engoliu em seco. Não sentiu uma coisa boa quando ele disse aquilo, nem com o jeito que seus olhos passeavam pelo seu corpo. Seu olhar lascivo foi subindo, até que encontrou a expressão amedrontada dela.

– Você é uma mulher bonita. É uma daquelas vadias de coração mole e defensora dos direitos dos animais, não é? Você adora animais, garotinha? – Ele pôs os braços para baixo e abriu o cinto, com os olhos presos nos dela. – Eu não queria que o Tom ficasse com você porque aquele menino não sabe o que fazer com uma mulher.

– Ah, Deus – gemeu Trisha, observando-o tirar o cinto do passante, com a fivela presa nas mãos. Seus olhos voaram até os dele. – Seja lá o que esteja pensando, por favor, não faça.

– Cale a boca ou dou com esse cinto em você. Odeio gritaria. Está me entendendo? Você não vai precisar da língua para cuidar do Pat quando o Tom trouxer aquele imbecil até aqui. Ele é um idiota e tenho certeza que temos algumas horas até eles voltarem. Ele não conseguiria encontrar nem o próprio rabo sem alguém mostrando o caminho até ele. Vou cortar sua língua se você gritar.

Bill jogou o cinto no saco de dormir e se abaixou. Puxou uma grande e afiada faca de caça da bota direita. Olhou para ela e passou o dedo por um dos lados da lâmina. O lado de trás tinha a ponta serrilhada. A lâmina devia ter uns vinte e cinco centímetros. Trisha a fitou horrorizada. Ele levantou a cabeça e lhe deu um sorriso frio.

– Diga que é uma imbecil de coração mole e defensora dos direitos dos animais. Diga bem assim.

Ela tremia de terror. Abriu a boca, mas nada saiu. Puxava os pulsos com força, freneticamente, mas as bandanas a seguravam. Tentou andar para trás, mas a árvore não deixava.

– Diga “sou uma vadia adoradora de animais e um coração mole imbecil” –

ordenou ele baixinho. – Agora mesmo.

– Sou uma vadia adoradora de animais e um coração mole imbecil – Trisha sussurrou.

Um sorriso rachou os lábios dele.

– Que boa menina. – Ele se aproximou um passo e agarrou a faca de caça. Esticou os braços, pegou na cintura da calça dela e levantou a cabeça.

– Tire os sapatos.

– Preciso usar as mãos para tirá-los – mentiu ela. Sua voz tremia.

– Tire agora ou… – Ele elevou a lâmina até que a ponta tocou no peito dela, e levou-a até a área abaixo do mamilo – Acho que dá para enfiar isso uns sete centímetros antes de bater no osso.

– Ai, meu Deus – Trisha arfou, e o pânico tomava conta dela. – Tudo bem. – Ela usou um dos pés para encaixar na parte de trás do outro sapato e empurrou-o para baixo. O sapato saiu. Ela trocou os pés e, usando os dedos do outro, tirou o segundo sapato.

– Deus não está aqui, garotinha.

Bill se moveu de repente, tirando a faca do peito de Trisha e colocando-a na frente do rosto dela. Ela viu a lâmina em sua direção e um grito rasgou sua garganta. Ela jogou a cabeça para o lado. Esperava que a lâmina atingisse seu rosto, mas não. A dor esperada nunca veio. Ela o ouviu rir. Virou a cabeça e viu a faca enfiada ao lado de seu rosto, no tronco da árvore. Sua orelha roçava no metal gelado.

As mãos dele eram brutais ao se enfiarem no elástico das calças dela. Ele a abriu e empurrou-a para baixo. Enganchou os dedões na calcinha dela e desceu-a pelas pernas. Ao chegar aos tornozelos, puxou com força para tirá-la. As pernas de Trisha foram puxadas junto e ela gritou mais uma vez. A dor rasgava seus ombros e pulsos, pendurados com o peso dela.

Ele se levantou e olhou para Trisha, enquanto ela lutava para se colocar em pé de novo, para aliviar um pouco a dor nos braços. Ela estava nua da cintura para baixo e sabia que ele planejava estuprá-la. Virou a cabeça e rezou, e uma mão agarrou seu cabelo.

– Olhe para mim, vadia amante de animais – mandou ele.

Trisha chorava da dor que ele infligia nela. Ele virou a cabeça dela puxando-a pelo cabelo, até que ela não teve outra escolha a não ser olhar para ele. Ele sorriu o sorriso mais frio que ela já tinha visto.

– Quando os meninos voltarem, isso não aconteceu. Eu mesmo vou te matar se você contar a eles, e não vai ser indolor. Está me entendendo? Não vou correr

o risco de aqueles imbecis bocudos ficarem bêbados e contarem tudo para minha esposa. Só vou dizer a eles que você tentou fugir se você não fizer o que eu mandar e do jeito que eu mandar. Vou te cortar em pedaços enquanto você ainda respira. Está me ouvindo, mocinha? Faça o que eu digo ou não vai sobreviver até amanhã. Se disser a qualquer um dos caras o que estamos prestes a fazer, você vai implorar para que eu morra antes de chegar até você. – Ele piscou para ela. – Caramba, se você contar, é capaz de os outros quererem fazer o mesmo. – Ele soltou o cabelo dela, rindo. – Pensando bem, eles também não podem contar nada se fizerem. Podemos fazer nossa própria festinha com a vadia amante de animais.

– Não, por favor. Eu tenho dinheiro, posso te pagar o quanto quiser. Apenas por favor…

Ele deu um tapa forte nela. A dor percorreu Trisha, explodindo na bochecha e indo até a mandíbula. Ela gemeu. A agonia passou por seus ombros quando seus joelhos amoleceram. Ela lutou para não apagar e conseguiu. Mas tudo girava, e o gosto ferroso do sangue enchia sua boca. Ela colocou o peso de volta nos pés.

Havia mãos em seu peito. O cretino levantou sua blusa acima da cabeça. Ele a colocou atrás do pescoço dela para não cair no peito. Ele não poderia tirá-la sem cortá-la ou desamarrar Trisha. As mãos dela estavam amarradas com muita força para que ela se soltasse, mesmo quando tentava freneticamente fazer isso. A blusa se mexeu enquanto ela lutava e um pouco do tecido escorregou para a frente, passando pela parte de trás da cabeça dela, quando ela abaixou o queixo. Bill xingou e agarrou a blusa novamente, para enrolá-la atrás do pescoço e manter a camisa levantada. Mãos agarraram a frente de seu sutiã e ele o puxou com força, rasgando o tecido. Ele colocou os bojos de lado.

– Você é melhor do que minha esposa era antes de aquela vaca ter seis filhos. – Ele agarrou os pulsos dela dolorosamente. – Aposto que você é apertada pra caramba também. Você não tem estrias. Não teve filhos, posso ver pelos seus peitos.

A tontura retrocedeu. Trisha lentamente se recuperou do tapa. Cuspiu sangue nele. Ele já a estupraria de qualquer maneira.

– Vai se foder, filho da puta.

Ele a agarrou pela garganta. Trisha só podia fitá-lo com pavor enquanto a mão dele a apertava dolorosamente. Ele parecia absolutamente furioso ao se aproximar dela, até seu nariz quase tocar o dela.

– Se acha boa demais pra mim, garotinha? Acha que pode ficar me xingando? Aposto que agora está desejando ter segurado a língua. – Ele respirava fundo. –

Quer ar? É bom. Você está ficando roxa, sua vagabunda. – Ele soltou as mãos.

Trisha pegou ar e engasgou. Ela o fitava enquanto ele colocava as mãos para baixo e desabotoava a calça lentamente. Ele balançou a cabeça para ela e deixou as calças caírem, revelando uma cueca branca, que ele abaixou até o tornozelo. Agarrou o pau e começou a se masturbar lentamente. Uma onda de nojo passou por Trisha.

– Está vendo o que vai ganhar, garotinha? Vou conhecer cada buraco seu. Cada um. Acha que pode me xingar com essa boca? Tente me chamar de alguma coisa quando eu estiver enfiado na sua garganta, vagabunda.

– Prefiro morrer. Me mate! – Ela gritou. – Você é um perdedor de merda. Não é nada além de um merda e um estuprador filho da puta. – Ela esperava que ele a atacasse e a matasse. Preferia morrer do que sobreviver aos toques dele. – E *isso daí* é patético, aliás. Sou médica, já vi muitos – ela provocou. – Patético! – Ela gritou.

A cara dele ficou vermelha e ele rugiu de raiva ao investir na direção dela. Trisha ficou tensa, e só o que podia fazer era jogar as costas contra a árvore enquanto tentava chutá-lo com os dois pés. Seus ombros e pulsos doíam absurdamente, mas seus pés o acertaram. A dor atingiu suas duas pernas ao fazerem contato com o corpo dele. Ela mirara na virilha dele, mas acertou a parte de cima das coxas.

O homem, cheio de raiva, não caiu. Cambaleou mais ou menos um metro para trás, quase tropeçou por causa das calças no tornozelo, mas continuou em pé.

– Sua vadia desgraçada! – Ele gritou. – Quer ser durona? Acha que pode tentar chutar minhas bolas e não pagar por isso? Vou te machucar tanto que você vai implorar pra eu te matar, e então é o que vou fazer.

Ele foi na direção dela outra vez. Ela o viu levantar um punho e soube que não tinha como evitar. Seu último pensamento foi que ele podia bater nela tão forte que ela estaria apagada quando ele a estuprasse. *Se eu sobreviver*. Ela duvidava de que iria. Apenas não queria estar consciente quando ele a machucasse e a matasse.

CAPÍTULO OITO

O tapa nunca veio. Trisha viu a alguns centímetros dela algo grande e rápido ir de encontro ao homem que vinha em sua direção. Ela virou a cabeça e olhou abismada para Slade, que estava em cima do homem seminu. Os dois rolaram e pularam um para cada lado.

– Slade – soluçou Trisha.

– Estou meio ocupado, doutora. – Ele não olhou para ela. – Está bem? Ele te estuprou? – Ele rosnava as palavras, obviamente enraivecido.

– Estava quase. – Lágrimas caíram livremente pelo rosto de Trisha, e um soluço surgiu em sua garganta. Slade viera atrás dela.

– Animal de merda – cuspiu Bill. Puxou a cueca e as calças para cima, que estavam emboladas em seus tornozelos.

– Está me chamando de animal? – Slade rosnou. – Isso é uma coisa e tanto, vindo de um estuprador e agressor de mulher. Quer me chamar também de idiota e filho da puta produzido em laboratório, já que parece que você gosta de me xingar de coisas que caem melhor em você?

Bill puxou uma pequena faca da bota esquerda e balançou-a entre seu corpo e o de Slade.

– Então você veio atrás da garotinha, é? Ela é sua mestra ou coisa do tipo, Totó?

– Acho que você é um cretino doente se acha que ela é uma garotinha.

– Vou cortar sua cabeça fora e pendurar sobre a minha lareira – Bill provocou. – Vem, Totó. Primeiro, vou só te destroçar um pouco, se você tiver sorte, e fazer você me ver fodendo ela pra te mostrar como os humanos fazem.

Slade riu.

– Como se você soubesse como é ser humano. E isso não é transar, seu merda.

Se chama estupro. O único que precisa de uma lição é você. E, sem querer mudar de assunto, a doutora está certa. A última vez que vi uma coisa desse tamanho eu devia ter uns oito anos, quando olhei pra baixo. Você é um patético de merda. Não me impressiona que você tenha que amarrar uma mulher na árvore e forçá-la. Uma mulher que estivesse livre morreria de rir quando você colocasse essa coisinha pra fora. Parou de crescer quando você tinha oito anos? Eu com certeza não. Sou maior que isso mesmo mole e na água gelada.

– Pelo menos posso ter filhos – berrou Bill. – Você é zerado, seu animal. Rimos disso o tempo todo. Tudo o que temos que fazer é esperar até que todos vocês, animais de merda, morram e fiquem extintos.

– Você acha? – Os olhos de Slade se estreitaram. – Podemos não fazer filhos, mas sabemos como tratar uma mulher.

Ele lutava contra a raiva. O humano tocara em Trisha, a despira e a deixara nua ao ar livre. O cheiro do sangue dela pairava no ar. Ele se recusava a olhar para ela, sabendo que ficaria louco se visse qualquer ferimento feito a ela. Precisava manter a cabeça no lugar. Queria que o cretino sofresse, e iria partir ele no meio se não se acalmasse. Ele morreria muito rápido.

Bill chacoalhou a faca novamente.

– Esperamos que seu tempo de vida não seja o mesmo de um cão patético. É o que você é, não é, seu animal? Você não tem os olhos de gato que eu vi na TV, do bichinho que colocaram na frente das câmeras do jornal.

– É – rosnou Slade. – Sou canino – ele mostrou seus dentes afiados. – Vou sobreviver a você.

– Nenhum de vocês vai sobreviver por muito tempo – Bill se afastou um pouco, trocou a faca de mão e fez com os dedos um movimento para que Slade fosse até ele. – Vamos caçar cada um de vocês. Vamos fazer disso um esporte. Se vocês pudessem procriar, tudo o que teríamos que fazer era jogar uma bomba em vocês, animais de merda, antes de terem seus cãezinhos. – O olhar dele voou até Trisha por um instante, e então ele deu um sorrisinho maldoso. – Acha que ela te quer? Acha que mulheres humanas iriam querer alguém atirando uma coisa sem nada dentro delas?

– Pelo menos eu tenho o equipamento para satisfazer uma mulher – Slade rosnou para ele. – Você pode ter a capacidade de procriar, mas tudo o que você transmitiria seria sua ignorância e seu pau minúsculo.

– Vou deixar você sangrando no chão pra me ver comendo ela e te mostrar como uma mulher gosta de um homem de verdade. Vou ter uma coisa com a qual você só pode sonhar.

A raiva de Slade borbulhava, mas a ele a conteve. A vontade de fazê-lo sofrer diminuía rápido, favorecendo a de matá-lo logo. Ele mostrou os dentes de novo, querendo que o humano fosse até ele. Aquilo lhe daria a vantagem de que precisava.

– Ela já é minha. Ela sabe como é ter um homem de verdade dentro dela, e ela quis que eu a comesse – Ele deu um sorriso frio. – Não precisei amarrá-la e ela não me chamou de patético. Ela pertence a mim.

Um berro cheio de raiva partiu de Bill, e ele avançou com a faca. Slade se esquivou da investida da lâmina afiada. Esticou os braços e Bill gritou. Ouviu-se um barulho alto. A faca caiu e Bill gritou de novo, pulando para longe.

Slade havia atingido o braço de Bill que carregava a faca com tanta força que o quebrou. Slade sorriu, mostrando dentes afiados, e então diminuiu a distância. Agarrou a blusa de Bill, lançou o punho para trás e deu-lhe um soco no nariz. O humano gritava enquanto o sangue escorria pelo seu rosto e ele olhava aterrorizado para Slade.

– Isso é por bater na minha mulher – grunhiu Slade. – Você vai conhecer a dor e o sofrimento antes de eu acabar com você. Você jamais devia ter tocado nela. Você vai conhecer bem a dor por cada segundo que a infligiu nela – rosnou ele. – E depois você vai morrer.

– Não – disse Bill ofegante, com o horror visível em seus olhos e em sua face ensanguentada.

Trisha assistia a tudo chocada e horrorizada enquanto os dois se engalfinhavam. Ela foi tomada pelo medo de Slade se ferir, mas depois de alguns segundos ela percebeu que ele tinha velocidade e força contra seu oponente. Ele facilmente dominou a luta.

Slade segurou a blusa de Bill, levantou sua perna e chutou o joelho direito do filho da puta. O barulho que se fez foi alto e horrível quando a perna estalou. A visão do osso atravessando a pele e do sangue escorrendo era nauseante, e Slade jogou Bill no chão quando ele tombou para um lado e suas pernas amoleceram.

Bill chorava. Trisha estava em choque. Slade se agachou, se apoiando nos joelhos enquanto encarava Bill. Sangue escorria do nariz e da perna de Bill. A ponta do osso saía acima do joelho, através da calça. Slade continuou a observá-lo por um longo minuto.

– A dor e o terror que você está sentindo agora são o que você fez minha mulher sentir. Você ia machucá-la e estuprá-la, e ia matá-la depois de usar o corpo dela. – Slade fez uma pausa. – Posso ser um animal, mas sou mais piedoso que você. Eu poderia te deixar aqui para morrer lentamente. – Ele se levantou,

virando as costas para o homem. Andou até onde a faca estava caída, se abaixou e pegou-a pelo cabo. Parecia estar testando o peso dela.

– Bill? Vá para o inferno – rosnou Slade. – Você nunca devia ter tocado no que é meu.

Slade se virou e, em um movimento fluido, jogou a faca. Ela acertou Bill no peito. Choque e horror se fixaram nas feições horríveis do homem enquanto ele olhava para baixo e via sua própria arma enterrada profundamente em seu corpo. Ele caiu para trás e não se mexeu mais.

Trisha olhou embasbacada para o homem sem vida. Ela estava certa de que estava morto. Ele estava gemendo de dor dos ferimentos que recebera até Slade enterrar a faca nele até o talo. Foi preciso muita força e habilidade para arremessar a arma tão forte e acertá-la no alvo. Slade andou até Trisha. Ela tirou o olhar de cima do corpo morto e encontrou os olhos azul-escuros de Slade. Eles eram tudo o que ela pôde ver quando ele se aproximou mais dela.

– Não olhe assim para mim – ordenou Slade delicadamente.

Ele parou na frente dela, esticou a mão até um de seus pulsos e arrancou a bandana. Ela emitiu um som de dor quando abaixou o braço, pois machucava demais. Era como se agulhas e alfinetes penetrassem nela e em seu ombro. Slade soltou o outro braço. Assim que a libertou, Slade a pegou nos braços.

– Você está tremendo. Vamos, doutora. Você está a salvo. Estou com você e está tudo bem agora.

Slade foi até o saco de dormir e se sentou com ela em seu colo. Olhou para a boca dela e baixou o braço que segurava os joelhos dela.

Dedos gentis roçaram o lábio inferior dela. Ela se contraiu de dor. Os olhos de Slade se estreitaram.

– Droga. Ele te bateu forte e cortou seu lábio. Abra a boca para mim, doutora. Vamos nos certificar de que ele não causou nenhum dano permanente.

Trisha abriu a boca e Slade tocou seus dentes. Seus olhos pareceram escurecer quando ele tirou o dedo e roçou a ponta dele sobre a parte ferida do rosto dela, onde havia sido golpeada.

– Está tudo aí e inteiro, mas você vai ficar com um belo hematoma. – O olhar dele estudou a bochecha e o maxilar dela. – Ainda bem que ele não te acertou mais em cima, ou você ficaria com um olho roxo.

O choque dela passou e ela voltou a pensar.

– Temos que ir embora daqui. Tem mais homens com ele e eles vão voltar.

Ele chacoalhou a cabeça.

– Não, não tem.

– Tem, sim. Um deles está ferido e dois deles foram procurar por ele e por você. Se o que está desaparecido for encontrado, eles podem aparecer a qualquer momento. Precisamos ir antes que eles retornem. Eles têm armas, Slade. Eles…

– Estão todos mortos. – Slade segurou o rosto dela com as duas mãos. – Eu os matei. Tinha três deles e não consegui chegar a você antes. Ouvi eles afirmarem que iam te levar até o acampamento. Você fez bem, doutora. Fez eles irem mais devagar, me dando tempo para vir até aqui. Achei o primeiro dentro da barraca. Matei-o e levei o corpo para longe para impedir que eles o encontrassem.

– Mas…

Slade delicadamente colocou o dedo sobre os lábios dela e ela fechou a boca.

– Eu sabia que não te machucariam enquanto achassem que o cara estava ferido e precisassem da sua ajuda. Escondi o corpo, esperando que imaginassem que ele tivesse se afastado para mijar e se perdido. Segui o mais novo e o eliminei. Demorei um pouco mais para localizar o barulhento. Ele era mais esperto e difícil de desarmar. Aí voltei aqui a tempo de ouvir você gritar.

– Eles estão mesmo mortos? – O choque a percorreu ao ouvir que Slade os matara.

– Sim. Os homens que estão com eles mataram Bart e iam te matar. Teriam feito o mesmo comigo. Acredite em mim. Tentaram me matar quando os encontrei. Eu jamais teria te deixado sozinha se não achasse que você estaria a salvo. Sinto muito, juro que nunca achei que fossem te machucar. Quando fui embora, ele estava te dando de comer e beber.

Ela viu a sinceridade nos olhos dele.

– Também não esperava que ele fosse me atacar.

Slade colocou o rosto dela entre suas mãos e a estudou.

– Sinto muito mesmo, docinho. Você me perdoa?

Ela fez que sim com a cabeça, ainda chocada por ele ter matado aqueles homens para salvá-la.

Ele pegou os pulsos dela e olhou para eles, franzindo a testa.

– Você vai ficar com várias contusões. Está doendo em mais algum lugar? – Os olhos dele encontraram os dela. – Me diga. Aquele cretino te machucou mais?

– Não.

– Trisha? Me conte. Ele fez alguma coisa com você além dos pulsos e do rosto? Ele abusou sexualmente de você de qualquer maneira antes de eu chegar? Cheguei a tempo ou ele te molestou antes também?

Lágrimas a cegaram.

– Você chegou a tempo.

– Então por que as lágrimas? – Ele secou algumas delas com o dedão, olhando para elas como se fossem algo estranho.

Trisha riu, em parte por histeria, em parte pela expressão cômica dele.

– Você nunca chora, não é? – Ela fungou, a risada desapareceu. – Eu estava morrendo de medo. Estou chorando por causa do que ele planejava fazer comigo.

– Não, eu não choro.

Trisha não ficou surpresa quando ele admitiu.

– Bem, eu sim. Merda. Estou pelada. Está vendo o estado em que estou? Esqueci que estava sem roupa. – Ela pegou a blusa de trás do pescoço e puxou-a pelo corpo para cobrir o colo. Olhou em volta e encontrou o resto de suas coisas antes de olhar novamente para Slade. – É melhor eu me vestir.

– Não se mexa, você ainda está tremendo. – Ele colocou os braços em volta dela. – Apenas relaxe, doutora. Eles estão mortos e você está segura. Não tem mais ninguém num raio de vários quilômetros, me certifiquei disso.

Ela se virou e descansou em Slade, colocando os braços em volta da cintura dele, e se prendeu nele. Lutou contra a vontade de chorar quando ele passou os dois braços em volta dela. Era certo que ela teria passado por coisas infernais se não fosse por Slade. Ele a fez se sentir um pouco melhor.

– A propósito, nunca mais faça isso – suspirou Slade.

– O quê? – Trisha levantou a cabeça, olhando para a expressão tensa dele.

– Provocar um homem para ele te machucar. – Slade chacoalhou um pouco a cabeça para ela. – E se eu tivesse chegado mais tarde? Não teria chegado antes de ele te matar. Eu teria vindo recolher seu corpo dos dedos moribundos e sangrentos dele, doutora. Da próxima vez, você vai fazer tudo o que puder para se manter viva. Pode sobreviver a qualquer coisa enquanto respirar.

– Ele ia fazer coisas horríveis comigo. Preferia morrer a passar por isso.

Slade rosnou para Trisha, mostrando a ela sua raiva.

– Não. Você vai sobreviver. Custe o que custar, vai se agarrar à vida. Teria sido infernal para você, e teria te machucado muito, mas, enquanto você estiver respirando, tem uma vida pela qual lutar.

– Você não entende. Aquele filho da puta não te amarrou numa árvore e disse que ia te estuprar de jeitos que te fariam gritar.

Slade respirava mais forte agora, zangado, e olhou para Trisha. Agarrou os braços dela, virando-a para encará-la.

– Eu sofri muitas coisas horríveis, doutora. Você não tem ideia do tipo de dor

e agonia que aguentei na minha vida. Eu vi matarem meus amigos e eles eram tudo o que eu tinha. Sofri uma dor que teria deixado muitos homens loucos, mas aqui estou. Eu lutei. Aguardei, com esperanças de que um dia eu pudesse ter um dia como este. Estou livre. Toda a dor e agonia, todo aquele inferno, toda a indignidade e humilhação estão para trás. Estou aqui com você no meu colo e sou grato, doutora. Você me entende? Sobreviva de qualquer jeito que puder, mas não desista. Nunca mais provoque um homem para que ele te mate. – Ele deu um suspiro entrecortado e suas lindas feições se suavizaram. – Por favor. Não posso salvar um cadáver.

Trisha concordou com a cabeça, já sem raiva. Ele havia sofrido e ela não fazia ideia de quão profunda era aquela agonia. Ele passou anos sendo uma cobaia de testes. Viu muitas pessoas com quem certamente se importava serem torturadas até a morte. Um dia realmente infernal e horrível que ela teve não era nada comparado à vida inteira de Slade.

– Eu prometo.

A tensão no corpo dele se aliviou.

– Bom. Vamos comer a comida dele, pegar os mantimentos e sair daqui antes que alguém venha ver como estão. Tenho certeza que equipes do meu povo já chegaram na área e estão nos procurando.

– Mas há times daqueles homens por aí te procurando, Slade. Estavam falando sobre uma recompensa de cinquenta mil dólares.

Slade falou um palavrão.

– Para me capturar ou me matar?

– Não sei, mas tenho certeza que não importa, contanto que te matem. Eles só disseram que eram cinquenta mil dólares. Mencionaram um tal de Thomas, que não pagaria nada se algo acontecesse ao filho dele, que era o cara que você matou na barraca. – Ela sorriu para ele. – Acho que Thomas não vai ficar muito feliz quando descobrir que seu filho está morto.

– Foi mal. – Slade deu de ombros. – Ele definitivamente está morto e espero que nenhum deles receba a porcaria do dinheiro. Ouviu mais alguma coisa?

– Bill, o cara morto ali, usava um walkie-talkie para falar com um acampamento base. Imagino que eles tenham vários armados por aí. Há outros times te caçando, mas acho que estamos a alguns quilômetros deles. Bill deveria dar notícias a eles logo que amanhecesse.

Ele sorriu.

– Ele não vai.

– Eles sabiam que eu era médica quando me encontraram.

– Suas coisas estavam onde o carro caiu. Deve ter sido fácil entender quem você era, e eles podem se comunicar e trocar informações. Tenho certeza de que estão nos procurando, Justice teria publicado fotos nossas para ajudarem a nos encontrar.

– Ah, desculpe. Achei que isso pudesse ser importante.

– Foi um detalhe bem observado – Slade piscou para ela. – Com fome? Eu estou.

Ela concordou com a cabeça.

– Mas antes preciso fazer xixi.

– Vá procurar um lugar com mais privacidade e eu vou arranjar umas roupas limpas para você. Tem água, estou vendo as garrafas daqui. Leve uma e se lave, doutora. Vou cuidar do corpo ali e começar a escolher uns mantimentos.

– Obrigada. – Trisha de repente pegou o rosto dele nas mãos e se aproximou mais. – Você salvou minha vida, Slade. Apenas… obrigada.

Um sorriso curvou os lábios dele.

– Já que salvei sua vida, é garantido que vou ter sorte esta noite?

Trisha riu. Não pôde evitar. Era a expressão divertida no rosto dele.

– Não acredito que disse isso.

Os ombros robustos se balançaram.

– Sempre quero você, doutora.

Ela desceu do colo dele e se levantou. Slade se pôs em pé também. O corpo dela tremia do estresse e dos músculos cansados, mas ela ignorou tudo isso. Estava mais preocupada com o fato de estar nua da cintura para baixo. Sabia que Slade não tinha como deixar de vê-la enquanto se afastava dele. Ela foi pegar uma garrafa de água.

– Provocação – rosnou Slade quando ela se curvou e pegou uma garrafa de água para um banho com esponja.

Ela se endireitou e lançou a ele um olhar por cima do ombro.

– Você não devia estar procurando umas roupas limpas para mim em vez de ficar olhando eu me curvar?

– Estou fazendo as duas coisas. – Ele foi até a barraca. – Quer se abaixar para pegar mais alguma coisa antes de eu entrar? Posso jogar coisas no seu caminho para você ter que se mexer.

Ela riu, andando até os arbustos, onde teria privacidade.

– Não, obrigada, estou bem.

Ela rapidamente fez suas necessidades e depois tirou a blusa e o sutiã. Estava ali em pé, nua, quando tudo a atingiu de uma vez. Trisha lutou contra as lágrimas

ao examinar os pulsos feridos. Sua boca estava machucada e sua bochecha latejava ardentemente e doía no local do golpe. Também se sentia muito, muito suja. Bill havia tocado nela e só a ideia do que ele queria fazer com seu corpo a fazia querer vomitar.

Ela se agachou, tentando abrir a água. Não tinha força o bastante para girar a tampa e o fato de estar tremendo não ajudava. Ela fez um barulho baixinho, contendo a vontade de chorar, e abraçou o corpo ao fitar a garrafa.

– Doutora? – A voz de Slade veio de trás dela.

Ela não se moveu. Ela se aninhou, nua, e se manteve de costas para ele. Tinha vergonha de desmoronar daquele jeito e se lembrou de que ele não gostava de lágrimas. Sabia que, se o olhasse, ele veria como estava quase se deixando levar.

– Encontrei roupas para você – disse ele, sua voz ficando mais delicada conforme ele se aproximava.

Ela abraçou o peito com mais força. A vontade de soluçar de choro ficou mais forte. Os eventos das últimas vinte e quatro horas tinham sido demais, ela não estava acostumada a ter pessoas tentando matá-la ou homens a atacando.

– Trisha? – Slade se agachou atrás dela e passou os braços em volta dela. – Está tudo bem, docinho, estou aqui. Você está tremendo.

Lágrimas quentes correram pelo rosto dela. Ela ouviu Slade xingar baixinho e então ele se sentou, puxando-a para seus braços. Ela não olhou para ele. Em vez disso, passou os braços em volta do pescoço dele, se segurou firme e enterrou o rosto em seu peito.

Slade a abraçou mais forte e seus dedos mergulharam no cabelo dela. Ele a levou para mais perto de seu peito e apoiou o queixo na cabeça dela.

– Você tem sido muito corajosa – disse ele suavemente. – Tenho tentado deixar você falante e combativa, mas tem sido demais, não?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Você odeia lágrimas. Desculpe.

A mão dele parou de esfregar a cabeça dela e ele suspirou.

– Não odeio suas lágrimas. Não se desculpe, você merece chorar. Foram dois dias ruins. Desculpe ter te deixado aqui, eu teria matado ele primeiro se soubesse que ele iria te machucar, mas errei. Eu estava certo que ele te trataria bem até eu voltar, e achei que era melhor deixar você aqui com ele caso mais homens viessem. Para mim, eles já tinham você, mas não iam te machucar porque precisavam que você cuidasse de um dos membros da equipe.

– Não é sua culpa. – Trisha usou o braço para enxugar as lágrimas. – Você me salvou. Obrigada, Slade. Eu sei que você não precisava e se arriscou lutando

contra aquele homem por isso. Você o matou por mim. Matou todos eles para me salvar.

Os dedos dele esfregaram o cabelo dela novamente.

– Você é minha, doutora. Eu lutaria com qualquer um para ter você de volta, e mataria qualquer homem que encostasse em você.

O que ele disse entrou em sua mente. Trisha levantou a cabeça, fitou Slade. Os olhos azuis dele encontraram os dela, chocados.

– Sou sua? O que isso quer dizer?

Ele hesitou.

– Agora não é o momento, ok? Vamos ter essa discussão mais tarde, quando estivermos em casa. Me deixe te ajudar a se lavar. Vamos comer, pegar mantimentos e sair daqui. Espero que cheguemos em Homeland amanhã.

Trisha o estudou.

– Está bem. – Ela queria fazer centenas de perguntas a ele, mas deixou para lá. *Por enquanto. Dele?* Seu coração acelerou um pouco. Ela não se importaria de pertencer a Slade. *Nem um pouco*.

Ele tirou a mão do cabelo dela.

– Levante-se, vou te ajudar a se lavar. Depois, vamos nos mexer. Não quero ficar demorando aqui. Os homens deles conhecem o acampamento e, além disso, odeio o cheiro deles. O acampamento está carregado desse fedor.

Slade ajudou Trisha a se levantar, pois ela não estava firme. Ele molhou a blusa dela e começou pelas costas, esfregando a pele. Trisha segurou o cabelo. As mãos de Slade eram delicadas e ele a lavou até embaixo, depois ordenou que se virasse de frente para ele.

Trisha encontrou o olhar firme dele. Estava nua à sua frente e observou o olhar dele descer lentamente pelo corpo dela. Ele pressionou a boca, formando uma linha firme e soturna. Parecia furioso. Mais lágrimas ameaçaram cair e ela precisou piscar para contê-las.

– Por que está bravo?

O olhar dele encontrou o dela.

– Ninguém deveria te tocar do jeito que ele te tocou. Você está com hematomas. Estou furioso. Qualquer um que marca sua beleza me deixa puto. Não estou aborrecido com você, só estou bravo por não ter te protegido melhor.

Ela entendeu. Slade lavou seus braços e ombros, mas as mãos dele hesitaram em seus seios. E então ele os esfregou de forma rápida e eficiente. Seu corpo respondia à água e ao ar e seus mamilos endureceram. Slade rosnou e se ajoelhou na frente dela.

– Não olhe assim para mim – suspirou ele, alto. – Por favor.

– Assim como?

Os olhos dele se estreitaram e ele olhou para cima, para ela.

– Você não tem ideia do quanto te quero, doutora. Você está ferida e quase foi abusada sexualmente. Tentei te distrair antes, perguntando se eu teria alguma sorte mais tarde. Você tem um rosto expressivo. Fico feliz por saber a maior parte do tempo o que você pensa, mas no momento estou tentando não pensar no que você é. Não olhe para mim enquanto toco em você. Me sinto honrado por você confiar em mim e deixar tocar no seu corpo depois do ataque. Significa muito que você encare o medo por mim. – Ele respirou fundo. – Precisamos que você se vista para irmos embora daqui. Também te quero, mas agora não é o momento.

Trisha corou por saber como seus pensamentos eram transparentes para ele. Ela o queria mesmo. O toque dele a faria esquecer o que quase fora feito a ela. Ela desejava se enrolar nele e ficar o mais perto possível.

Slade respirou fundo, chamando a atenção dela. Lavou a parte da frente dela, as coxas e os pés, depois se levantou. Os olhos dele encontraram os dela e ela soube, naquele momento, que precisava se sentir viva – já que estivera tão perto da morte – e não iria aceitar que negassem a ela o homem que a faria se sentir assim.



Slade tentou esfriar o corpo quente. Tocar em Trisha sempre o deixava quente, doendo para possuí-la, mas agora não era hora. Ela o fitou e de repente levantou as próprias mãos, colocando-as no peito dele. O ar nos pulmões dele congelou.

– Me faça esquecer. Por favor? Eu quero você.

Ele precisou se forçar para respirar. Seu membro respondeu instantaneamente, indo de meio mole a duro como pedra em questão de segundos. A sensação dos dedos dela correndo em direção à sua cintura o fez conter um gemido. Ele cerrou os punhos ao lado do corpo para se impedir de avançar nela, apertá-la contra seu corpo e obter o que ela oferecia.

Ela está traumatizada, nunca vai me perdoar se eu tirar vantagem agora. Ele tentava ser racional. Ela havia acabado de sobreviver a uma experiência penosa, quase foi estuprada, e por mais que ele pudesse entender a necessidade dela de se distrair, as repercussões daquilo poderiam arruinar qualquer futuro que pudesse ter com ela caso ela se arrependesse depois.

– Por favor, Slade? – A voz dela chegou a um tom rouco. – Sei o que quero, e é você.

Ele abriu as mãos, pegou delicadamente na cintura dela e adorou a sensação da pele nua dela. Em vez de olhar para aquele corpo tentador, ele manteve os olhos fixos nos dela.

– Eu te quero sempre, mas não sei se agora é a coisa mais inteligente que poderíamos fazer. Você deve se acalmar primeiro.

Um sorriso que curvava os lábios dela desviou a atenção dele para sua boca. Ele queria tanto beijá-la que chegou a abaixar o rosto, mas parou a centímetros da boca dela. Ele engoliu em seco e levou os olhos de volta aos dela.

– Sou uma médica que trabalhou por anos em salas de emergência. Sei tudo sobre adrenalina e minha vida já esteve em risco antes. Já encarei membros de gangues, malucos com armas e uma velhinha com um canivete que não queria levar pontos de jeito nenhum. Nesse momento eu quero viver e quero transar com você. Sobrevivi e agora quero celebrar isso. Não consigo pensar em nada melhor do que tirar essas suas calças.

Bom o bastante pra mim, ele pensou, sabendo que deveria questionar mais aquilo tudo, mas Trisha estava nua na frente dele e oferecendo algo que ele queria desesperadamente. Sua boca se escancarou e se apossou da dela. Ela se abriu para ele, com seus lábios macios, e ele rosnou quando suas línguas se encontraram. Ela era extremamente viciante.

A sensação dela pegando em sua camisa, puxando-a de dentro das calças, e colocando as mãos em seu zíper dissipou qualquer hesitação que ele tinha. Ela precisava dele e ele lhe daria qualquer coisa que ela quisesse. Enxugaria as lágrimas dela, a abraçaria ou usaria o corpo para confortá-la. Não havia nada que pudesse dar errado entre eles.

Suas mãos deslizaram até os quadris dela, uma delas se enfiando entre as coxas à procura do clitóris para massageá-lo. De forma desvairada, Trisha abriu as calças dele, libertou seu pau e colocou as mãos em volta dele. Ele precisou firmar os joelhos para continuar em pé. Queria cair de joelhos quando ela começou a acariciá-lo com sua mão macia e tenra. As dele não foram tão delicadas ao localizar furiosamente o ponto quente que ele sabia que a faria queimar por ele.

Trisha agora gemia contra a língua dele, apertando o seu pau na mão. Ele agarrou a bunda dela e notou como suas mãos ficaram molhadas pelo desejo dela, da forma como ele manipulava aquele monte de nervos. Ele inspirou o perfume da excitação crescente dela, outro rosnado surgiu no fundo de sua

garganta, e ele a arrastou para mais perto de seu corpo.

Ele queria levantá-la, fazê-la passar as pernas em volta dele e cravar nela seu membro. A imagem daquilo o deixou ainda mais louco. Ele não ia aguentar muito, estava excitado demais, e sabia que devia levá-la ao clímax antes. Ajustou os dedos e dois deles brincaram com a fenda na entrada da boceta dela. Ela oscilou, agitou o corpo e a mão que estava no peito dele subiu e agarrou o ombro. Trisha tirou a boca para longe dele, jogou o rosto no peito dele e gemeu.

Ele enfiou dois dedos na boceta quente dela. A sensação incrivelmente macia e sedosa do canal dela abraçando bem apertado seus dedos quase desmanchou seu controle. Ele queria fodê-la rápido, forte e profundamente, e gozar tanto que ele sabia que seria de tirar o fôlego. Aquela médica sexy conseguiria fazer isso com ele.

Ela mexia os quadris, ajudando-o a escavar mais em sua boceta confortável, e ele ficou com inveja dos próprios dedos. Ele alisou o interior dela, pressionava o dedão contra o clitóris e começou a esfregá-lo com movimentos curtos e certeiros. Trisha gemendo seu nome o estimulava. A respiração ofegante dela ao dizê-lo foi a gota d'água. Ele tirou a mão, se ajoelhou na frente dela e prendeu a boca no mamilo dela.

Esse movimento fez com que ela tirasse a mão do pau dele, que latejava dolorosamente, mas ele estava excitado demais. Não queria gozar na mão dela. Queria estar dentro dela, bem fundo, quando chegasse ao paraíso. Trisha colocou as mãos no cabelo dele, enfiando as unhas em sua cabeça ao pressioná-lo mais contra seu peito. As mãos dele agarraram sua bunda e a apertaram contra o corpo dele, pedindo para ela sentar no colo dele. Ela aceitou facilmente, descendo até que ele ajeitasse as pernas abertas dela nas dele. A cabeça do pau roçou em sua boceta, agora encharcada de vontade, tão quente e pronta. Ele a puxou mais para baixo, fazendo-a recebê-lo conforme a guiava para embainhá-lo dentro dela.

Ele jogou a cabeça para trás e teve que soltar o peito dela para não morder o mamilo, e rosnava conforme os músculos vaginais dela se apertavam forte em volta de seu pênis. *Merda, vou gozar. Segure. Ela é boa demais*. Os sons que ela fazia enquanto ele a preenchia, dando a ela todo seu pau, estavam perto demais de fazê-lo perder o controle.

A bunda dele ficou tensa, ele tomou fôlego e começou a se mexer, movendo o quadril. Um braço passou em volta das costas dela para mantê-la pressionada contra seu peito enquanto ele colocava a mão entre eles, localizava o clitóris inchado dela e o dedilhava furiosamente. Os músculos dela os apertaram e então ela gritou bem alto. Ele pôde senti-la atingir o clímax; um jorro quente banhando

seu pau e palpitações contra a ponta dele. Ele enterrou o rosto no pescoço dela enquanto um êxtase absoluto fazia seu corpo estremecer. Suas bolas estavam duras e a primeira explosão de seu sêmen dentro dela quase o fez rugir. Ele a segurou firme, abraçando-a, e aproveitou o prazer esmagador que tomou conta dele.

Ela é tudo para mim. Ele foi soltando-a delicadamente quando seu corpo começou a relaxar, o resultado de um sexo tão intenso foi desaparecendo e ele a abraçou ternamente. Beijou a pele dela, acariciou o rosto dela com o nariz e sorriu. Havia segurado o suficiente para se certificar de que ela gozasse antes.

– Uau – ofegou ela.

Ele rosnou baixinho.

– Se sentindo viva, docinho?

– Muito.

Faria qualquer coisa para protegê-la, para ter outro momento como aquele; com ela em seu colo, seus corpos ligados e os braços dele em volta dela. Ela brincou com o cabelo dele, correndo os dedos por ele, e ele desejou poder levá-la até uma cama. Ele poderia passar horas explorando o corpo dela e fazendo-a gozar e gozar. Seu membro começou a endurecer, a necessidade de possuí-la foi voltando, mas ele a conteve.

Ela estava em perigo. Ele precisava tirá-la do acampamento, colocá-la em algum lugar seguro. *Vou protegê-la e matar qualquer idiota que tente tirá-la de mim*. Ele segurou o rosto dela, notou que havia um pouco de sangue onde ele a mordiscara durante o sexo e usou o dedo para limpá-lo. O ferimento era bem pequeno. A visão do sangue dela em seu dedo o fez querer sentir o gosto, mas ele resistiu.

Ele não queria quebrar aquela conexão, odiava ter que levá-la de volta para aquela situação sombria, mas o inimigo poderia encontrá-los naquela situação vulnerável. Ele levantou a cabeça e seus olhares se encontraram.

– Precisamos ir, doutora.

O sorriso doce no rosto dela sumiu e ele odiou ser a causa disso.

– Certo.

Ele se recusava a soltá-la, mantendo-a no lugar.

– Vamos fazer isso depois, por mais tempo, e vou te beijar em todos os lugares que sofreu ferimentos. Assim que voltarmos a Homeland, vou compensar isso.

– Não há nada para compensar. Obrigada.

Ele rosnou, a raiva o afetou um pouco com a distância que ele viu naqueles lindos olhos, como se ela quisesse colocar uma barreira emocional entre eles.

– Vamos conversar sobre isso depois. Agora precisamos que você se vista e vamos embora.

– Ok.

Trisha deixou seus corpos se separarem, triste por aquele momento acabar. Ele a ajudou a ficar em pé, arrumou as calças e olhou em volta. O cabelo dele estava bagunçado dos dedos dela e ela escondeu um sorriso, achando graça da aparência dele. Slade esteve em uma luta e ainda continuava quase perfeito, mas sexo quente no colo dele o deixara parecendo selvagem e desgrenhado.

– Fique aqui.

Slade encontrou um jeans e usou uma faca para cortar um pouco as pernas para ficar melhor em Trisha, mas a cintura ficou um pouco larga. Ele usou cadarços de um par de sapatos dos homens como cinto para mantê-la nos quadris. Também achou uma camiseta preta duas vezes maior, mas ela estava feliz por ser larga, já que seu sutiã fora destruído.

Slade mexeu nos mantimentos dos homens e guardou tudo o que pegou na mochila de um deles. Pegou um saco de dormir, comida e ficou com as armas. Também pegaram água e refrigerantes. Rapidamente, Slade estava pronto. Trisha o estudou.

– Não vou mais ficar brincando com eles. – Slade tinha uma expressão determinada no rosto. – Você foi ferida. Não vou mais ser a caça, doutora. Vou encontrar um lugar seguro para você se esconder, depois vou atrás do resto desses cretinos.

Trisha apenas estudava-o. Sabia que ele podia ser perigoso e tinha a capacidade de matar. Pôde ver isso de camarote quando ele a salvou de ser estuprada. Ela concordou com a cabeça.

– Tudo bem.

CAPÍTULO NOVE

O sol estava baixo no céu quando Slade olhou para Trisha. Ele havia encontrado uma abertura na terra, semelhante a uma cabana, dentro do morro. Houvera um grande pedregulho ali antes, mas o tempo e a gravidade fizeram com que ele rolasse morro abaixo e caísse em um barranco. Fora muito difícil chegar até aquela área. Era tão íngreme que Trisha quase caíra três vezes, o que só não aconteceu por causa de Slade. Ele subia atrás, com uma mão nela, e a segurava cada vez que ela oscilava.

– Você está segura aqui. – Slade se agachou na frente dela e acariciou a parte do rosto que não estava machucada. – Você vai ouvir qualquer um que venha lá de baixo, e lá em cima é instável demais para tentarem descer até aqui com cordas.

– Ok.

– Quero que você espere aqui, onde meu povo te encontrará se eu não voltar. Pode demorar alguns dias, mas alguns dos homens que eles vão mandar treinaram comigo antes de sermos libertados. Eles sabem como eu penso e vão entender que tipo de esconderijo eu arranjaria para você. Não atire quando eles chegarem, doutora. – Ele deu um sorriso para ela. – É falta de educação ferir ou matar alguém que tenta te resgatar.

Trisha não sorriu de volta, sabendo que ele tentava usar humor para aliviar o estresse, mas ela estava preocupada demais com ele.

– Volte para mim.

O sorriso dele desapareceu.

– Não posso garantir isso, doutora. Não vou fazer promessas que não talvez não possa cumprir.

– Então fique a salvo comigo aqui. Por favor? Podemos esperar juntos aqui.

Slade hesitou.

– Eu não imaginei que haveria tantos deles nos caçando, doutora. Aqueles homens que matei não são os mesmos que foram atrás de nós quando caímos da estrada. Obviamente eles têm equipes diferentes por aí nos procurando. Você mesma ouviu eles falando isso. Isso te deixa em um perigo extremo, e só há um jeito de lidar com essa situação. Preciso encontrar os caçadores e virar o jogo. – Ele pausou novamente, fitando-a atentamente.

– Mas…

– Eles não esperam isso de mim e precisam ficar em desvantagem. Pode levar algum tempo até meu povo nos alcançar e preciso nos ajudar a sobreviver. Aqueles filhos da puta vão ficar confusos quando virem que estão sob ataque. Alguns vão fugir quando os outros começarem a morrer. Dessa forma, vamos separar os medrosos dos verdadeiramente letais, que são os que precisam morrer. É o único jeito de te proteger, doutora.

– Mas aqui é um esconderijo muito bom. Espere comigo aqui, Slade, por favor! Vou implorar, se precisar. Morro de medo que te machuquem ou façam coisa pior. Você é só um homem contra vários deles, você mesmo disse.

Slade inclinou um pouco a cabeça e apertou a boca formando uma linha macabra.

– Não sou só um homem, doutora. Sou algo bem pior, quer eles saibam ou não – hesitou ele. – Isso é o que sou. Sou uma Nova Espécie e tenho algo importante para proteger, mas isso não é apenas sobre você e não quero que se sinta culpada se alguma coisa acontecer comigo. Meu povo vai chegar e não quero que caiam em nenhuma armadilha, o que é uma possibilidade. Preciso eliminar o máximo de imbecis que for possível. Por trás de minha humanidade, sou um predador. Posso tentar esconder isso, mas ainda está aqui. Também sou um sobrevivente que já precisou matar para continuar respirando. A Mercile me treinou para lutar com a intenção de exibir suas drogas e, no momento, sou grato por essa lição.

– Você não precisa combatê-los. Não está mais trancado em uma cela e podemos nos esconder. Até onde sei, nunca tiveram a intenção de te colocar em uma zona de batalha real, o que faz esse treino não valer nada. Eles só te ensinaram para mostrar do que você é capaz, mas isso é real, Slade. Não quero que você morra.

Ele respirou fundo.

– Sempre foi real. Nem todos do meu povo sobreviveram àqueles testes cruéis ou aos shows de que nos forçavam a participar para demonstrar os resultados das drogas. Sou perigoso, apesar de nunca ter desejado me tornar. Quer você aceite

ou não, é a verdade. Eles nos treinaram muito bem e nos fizeram menos do que completamente humanos. Não tinham a intenção de nos ver livres, mas estamos. Sou uma Nova Espécie. Você é médica, mas só porque não está em um hospital não quer dizer que deixa de ser o que é. Você ajudaria qualquer pessoa ferida se pudesse, independentemente de estar em seu turno ou não, certo?

Trisha detestou a lógica dele.

– Sim, mas não quero que você vá. Fique comigo. Há a chance de o seu povo espantar aqueles idiotas quando chegar. Tenho certeza de que nunca planejaram ter que procurar por nós.

– Não tente me convencer, doutora. Me esconder com você nesse lugarzinho pequeno por um dia ou mais… – ele piscou. – Eu adoraria ter que nos entreter.

– Fique comigo. – A esperança se elevava em Trisha. Ela só queria que ele ficasse a salvo, com ela.

– Seria um risco grande demais ficar com você e não fazer nada. Há muitos deles e podem se dividir para procurar em vários lugares. Se nos encontrarem, podem nos encurralar. – Ele olhou em volta da caverna e de novo para ela. – Você poderia ser atingida por uma bala se houvesse um tiroteio, não vou deixar isso acontecer. Também não temos balas o suficiente para resistirmos. Eles também podem fazer uma queimada para dificultar nossa visão com a fumaça. É melhor eu ir atrás deles do que correr o risco de ficarmos presos aqui. Vou garantir que qualquer um que se aproximar de você não respire mais.

Ela mordeu o lábio, esquecendo-se do ferimento, e se encolheu com a dor instantânea. Slade passou o dedo por sua boca, fitando-a.

– Você vai ter que ficar abaixada, sem levantar ou se andar muito por aí. Esse seu cabelo loiro pode chamar atenção e não se camufla muito bem neste morro. Lembre-se de ficar fora de vista. Vou deixar com você todas as armas do acampamento para caso eu não os pegue ou eles me eliminem. Este revólver é tudo do que preciso. Só atire se eles estiverem perto o bastante para você não errar e se você não tiver outra escolha. O barulho irá ecoar longe se você atirar e vai trazer mais deles para cá, isso seria ruim.

Trisha olhou nos olhos dele. Ela fez o que mais queria fazer. Se inclinou para a frente, pegou o rosto de Slade e viu a surpresa passar pelas feições dele segundos antes de sua boca roçar na dele. Ela experimentou a textura macia dos lábios dele, ouviu o som que ele emitiu do fundo da garganta. Em seguida, ele tomou o controle do beijo.

Ele aprofundou-o, fazendo sua língua encontrar a dela. Ela ignorava a dor do corte no lábio e até mesmo o gosto do sangue se misturando ao gosto de Slade,

apenas desejando, necessitando se perder naquele beijo. Seus braços se enrolaram em volta do pescoço dele e ele a levantou quando passou os braços em volta de sua cintura, agarrando os quadris para deixá-los juntos aos seus, pressionando o peito contra o dela. De repente, Slade rosnou e tirou a boca da dela, respirando mais forte.

– Trisha – gemeu ele –, você está dificultando tudo para mim e, se sentasse no meu colo, saberia como as coisas estão mesmo ficando duras. Preciso ir agora. Por favor, não piore tudo. Isso precisa ser feito e tenho que ir enquanto há luz para me mover mais rápido. Minha visão noturna não é tão boa quanto a que tenho durante o dia.

Ela entendeu que havia perdido a discussão e que ele estava decidido a caçar aqueles homens. Ele planejava sair e arriscar a vida para tentar salvar a dela. Lágrimas quentes ameaçavam encher seus olhos, mas ela piscou rapidamente para segurá-las.

– Ok. Apenas volte para mim, Slade.

Um sorriso contorceu os lábios dele de repente.

– O que vai me dar quando eu voltar, doutora?

– O que você quiser.

Ele arqueou a sobrancelha e seu sorriso aumentou.

– Qualquer coisa?

– Qualquer coisa – repetiu ela, de modo firme. – Apenas não morra.

Slade assentiu.

– Fique abaixada, fique em silêncio e com as armas preparadas. Só use-as se for necessário e segure-os o máximo possível. Vou ouvir se você tiver que atirar em alguém e voltarei. Nada de provocar idiotas para te matarem. Apenas lembre-se de sobreviver, para que eu tenha algo para salvar. Você me prometeu isso, docinho, vou cobrar.

– Vou me lembrar, e prometo. Jure para mim que não vai se arriscar muito. Sobreviva, Slade.

Slade fez que sim com a cabeça novamente, estudou-a com atenção, como se estivesse tentando memorizar o rosto dela, e então se afastou, soltando-a totalmente. Se forçou a tirar os olhos dela, rapidamente pegou alguns itens e enfiou-os no bolso. Deu a ela uma rápida olhada e então começou a descer do esconderijo. Ele sumiu em segundos. Trisha teve que segurar a vontade de implorar para que ele ficasse, certa de que ele não mudaria de ideia, não importava o que dissesse.

Ela desenrolou o saco de dormir na terra dura e impiedosa para se manter

ocupada. O chão estava repleto de pedrinhas e montes duros de terra. Mesmo com o saco de dormir, ela sentiu o solo desconfortável abaixo do material grosso quando se sentou para pegar os itens que tinha.

Slade havia arranjado dois binóculos e deixado um na mochila. Ela o achou e o pegou. Com ele, não demorou para localizar Slade. Ele se movia incrivelmente rápido sem ela.

Ela virou o binóculo, vasculhando a área, mas não viu mais ninguém. Podia enxergar a longas distâncias com a ajuda daquelas lentes poderosas. Tornou a olhar novamente para Slade e viu quando ele chegou ao fundo do barranco à esquerda. Ele se virou, examinou a área onde ela se escondia e então começou a correr. Trisha manteve o foco nele.

A escuridão caía rápido demais para o gosto de Trisha. Ela perdeu Slade de vista por entre as árvores, mas às vezes o via entre a densa folhagem. Ele se movia rápido, não dava sinais de que diminuía a velocidade e parecia estar indo em uma direção única. Ela se perguntou se ele teria sentido o cheiro de alguém com seu nariz incrível.

Ela se apressou de volta para o buraco escuro e precisou tatear o lugar para achar a mochila e abri-la. Ela tinha visto Slade levar toda a carne seca, mas deixar para ela as barras de cereais que haviam encontrado. Ela comeu duas e tomou um refrigerante antes de engatinhar novamente até a abertura. Olhou para a escuridão abaixo dela e segurou o fôlego. Lá longe ela viu uma minúscula chama que vinha da mesma direção à qual Slade se dirigia.

Trisha viu o que devia ser um acampamento. Chamas apareciam entre árvores grossas e, mesmo com o binóculo, eram distantes. Tinha a crescente sensação de que era para lá que Slade ia.

Trisha se sentou e arrastou o saco de dormir para a beirada, onde se sentiu confortável, grata por pelo menos ter um lugar para tentar ter uma visão de Slade. Ele estava lá fora e ela estava preocupada.

Se Slade tivesse sentido o cheiro da fumaça e planejasse atacar, seria ali que isso aconteceria. Aquilo tudo parecia durar uma eternidade, mas nenhum som de luta ao longe chegou aos ouvidos dela. Procurou ficar mais confortável deitada de barriga para baixo e apoiou os cotovelos no saco de dormir, enquanto continuava de olho nas chamas.

Mais tempo se passou e ela se esticou mais no chão. Um bocejo passou por seus lábios, lembrando-a de sua exaustão. Ela foi levada pelo sono, até que o barulho de um único tiro a despertou rapidamente.

Trisha se enroscou no saco de dormir quando levantou, enquanto apontava o

binóculo freneticamente na direção da fogueira do acampamento. Passou alguns segundos procurando-a pela escuridão, até que avistou a luz bruxuleante.

Sua atenção se manteve fixa nela, até que se apagou, desaparecendo na escuridão. Não houve mais nenhum barulho de tiro. Aquilo lhe deu esperanças de que ele havia sobrevivido se tivesse atacado o acampamento.

Ela lutou contra a vontade de chorar ao pensar em Slade sozinho. Ele podia estar morto se algum deles tivesse conseguido acertar-lhe um tiro por sorte. Ela arrastou o saco de dormir para longe da beirada e se encolheu em cima dele. Precisava dormir e não tinha chances de avistar Slade até que o sol nascesse.



Slade se mantinha abaixado, observando com ódio os quatro homens no acampamento. Ele podia ouvir o que diziam, o que fez seu sangue ferver. O cheiro do veado que haviam caçado e assado desaparecia com as chamas da fogueira que eles deixavam apagar lentamente.

– Acha que o animal vai implorar pela vida dele quando o encontrarmos? – Perguntou o de jaqueta jeans ao de camisa preta.

– Espero que sim – riu ele. – Trouxe minha câmera para filmar tudo. Precisamos mostrar a todos os camaradas decentes que eles não são homens.

O de jaqueta jeans bufou.

– Animais bípedes de merda. Temos não só que proteger nosso país deles mas nossas mulheres também. Primeiro eles vão querer votar, depois vão querer se casar. Se as mulheres deles forem parecidas com os machos, eles vão atrás de nossas irmãs e filhas. É doentio. Acho que há um motivo para eles esconderem como as mulheres deles são. Provavelmente, as misturaram com mulas e elas têm cara de burro.

Um dos homens riu.

– Feias como uma bunda. Esqueça os coiotes.

– Eles nunca deveriam ter sido libertados. A gente não sai por aí libertando macacos em que testam maquiagem. De jeito nenhum. – O homem de camiseta preta se encostou no tronco, colocando as botas mais perto do fogo. – Eles são perigosos e provavelmente mais desmiolados que pão de quem faz dieta.

O homem loiro que até então estava em silêncio franziu a testa.

– Quem faz dieta realmente come pão sem miolo? Não faria isso, deve ser ruim – pausou ele. – Usam mesmo macaquinhos bonitinhos para testar aquelas merdas que as mulheres passam na cara? Macacos são legais, queria ter um de

estimação quando era pequeno.

– Sei lá. – O cara de camisa preta deu de ombros. – É o que dizem por aí. O que quero dizer é que eles devem ser muito pirados. Não se soltam animais enjaulados para ficarem correndo por aí. É perigoso e é por isso que precisam ser eliminados. Com certeza não são fofinhos e eu não gostaria de ter um de estimação. Ele provavelmente tentaria trepar com a minha mulher.

O loiro riu.

– Já vi sua mulher, duvido que fariam isso.

O cara de camisa preta jogou a latinha que segurava no amigo, acertando-o no braço.

– Vai se foder, Mark.

– Parem com isso. – O cara que estava sentado mais longe da fogueira suspirou. – Ainda não encontramos nosso alvo e cada hora que passa significa que ele pode estar vazando da área. As estradas estão cercadas pelas nossas equipes. Eles estão presos na área, mas a mulher que está com ele é algum tipo de médica. Isso significa que ela é esperta e deve estar pensando por ele. Devem ter achado um buraco para se esconderem, é o que eu faria. Precisamos vasculhar bastante amanhã assim que amanhecer, encontrá-los e matá-los. Não vim até aqui para ficarmos nos zoando e ofendendo. Quero a recompensa.

– Não vou pendurar aquela cabeça na minha parede. – O loiro estremeceu. – Eles são bizarros e muito feios. Claro que seria legal para poder contar aos outros. Eu poderia até cobrar ingressos para exibi-la.

Slade tinha ouvido o bastante. Não ia deixar aqueles homens saírem do acampamento. Estavam muito perto de Trisha e procuravam lugares que servissem de abrigo. Moveu-se silenciosamente ao redor do acampamento e esperou os homens se prepararem para dormir. O loiro se levantou, se espreguiçou e foi até um lugar mais escuro para urinar.

O homem não ouviu Slade se aproximar por trás até que ele colocasse as mãos nele. O homem, menor que ele, apenas arfou quando uma palma passou por cima de sua boca, ele caiu no chão e a faca que levava presa à coxa foi puxada e pressionada contra seu pescoço.

– Quieto – ordenou Slade.

O loiro ofegava, mas não tentou gritar.

– Há mais de vocês por perto?

O cara hesitou antes de assentir lentamente com a cabeça.

– Mais que os outros três no seu acampamento?

O loiro concordou com a cabeça de novo. A notícia enraiveceu Slade. Ele

precisava encontrar os outros acampamentos, tirar as ameaças de perto de Trisha e pegar os celulares deles. Algum devia funcionar. Ele poderia ligar para Homeland para ajudá-los a localizar Trisha mais rápido. Ela precisava ser levada rapidamente para longe daquela bagunça.

– Vou te amarrar e ir atrás dos seus amigos. Se você não lutar, não vou te matar. Vou te deixar seguro até meu povo chegar. Está me entendendo?

O loiro fez que sim com a cabeça. Slade queria aqueles humanos mortos, mas não estava em Homeland. Não sabia até onde estava infringindo a lei. Autodefesa era uma coisa, mas o homem que ele pegara não apresentava ameaças no momento. Ele os odiava, mas não era um assassino de sangue frio, apesar das péssimas opiniões que eles tinham sobre as Novas Espécies.

Ele afrouxou a mão e o loiro de repente se agitou. O cara tentou se contorcer para se livrar de Slade e virou a cabeça. Tomou ar para alertar os outros, mas Slade foi mais rápido. Estalou o pescoço do homem. O som do osso quebrando o encheu de agonia enquanto ele deixava o corpo desmoronar no chão. Ele se virou para o acampamento, mas de repente percebeu um movimento. Outro humano foi até ele. O cara parecia não enxergá-lo na escuridão até o último segundo.

O choque do humano era aparente ao pegar agitadamente a arma presa em seu peito por um coldre. Slade sacou a lâmina e avançou para acertar o braço e a garganta do homem. O humano caiu sem lutar muito. Ele colocou o corpo no chão, fitando os olhos do inimigo.

– Vamos matar você e aquela vadia que é sua dona. – O homem sussurrou antes de morrer.

Slade soltou-o, com sua raiva aumentando com o odor do sangue e da morte. Seus instintos o atacaram com força. *Proteja Trisha*. Aqueles homens não tinham compaixão, não mereciam ter o que não possuíam. Estavam caçando uma mulher indefesa e um homem Nova Espécie numa competição esportiva mortal por dinheiro. Ele rosnou baixinho, liberando seu lado humano e abraçando os instintos de predador que eram parte dele e que surgiram tão naturalmente.

Mate-os, certifique-se de que não representam uma ameaça para minha mulher e não mostre piedade. Lembranças dos anos que passara trancado correram por sua mente. Esses homens eram tão maus quando os que mantinham as Novas Espécies como prisioneiros. Viam seu povo como meros animais raivosos. Um rosnado suave saiu de sua garganta quando ele arrancou a faca do corpo morto e se levantou. A única forma de impedir que chegassem à doutora era matando cada um deles. Ele podia fazer isso. Faria qualquer coisa por Trisha.

Seu olhar pairava pelo acampamento enquanto ele avançava furtivamente em direção a ele. Os humanos morreriam, mas Trisha, não. Ele se certificaria disso, não importava quantos tivesse que matar.



Havia luz no lado de fora quando Trisha acordou. Ela se aproximou um pouco da entrada, de bruços, pegando o binóculo para vasculhar a área. Teve o cuidado de se mexer lentamente e tentou usar um padrão de linhas para não pular nenhuma área. Não viu nada, nem ninguém. Depois de uma hora, finalmente desistiu e tentou descansar mais um pouco no saco de dormir. Tomou metade de um refrigerante, guardou o resto e comeu mais uma barra de cereais.

Tinha medo de que Slade não voltasse para ela, sabendo que ele podia ter sido morto. Ela se deitou e fechou os olhos, com as imagens dele perseguindo seus pensamentos. Não tinha certeza de que tipo de relacionamento teriam se sobrevivessem. Será que sequer tinham um? Ele a chamara de sua. *Isso tem que significar alguma coisa*, ela decidiu. Aquilo lhe dava esperanças de que um futuro os aguardava se conseguissem evitar a morte.

Um som a acordou de seu sono leve um pouco depois. Trisha ficou prestando atenção, até que ouviu o barulho outra vez. Ela se sentou, seu coração batendo forte, percebendo que o som era similar a… Ela não tinha certeza, mas era familiar por algum motivo. O barulho se fez ouvir de novo. *Merda*. Pareciam pedras ou algo de peso similar caindo. Ela se mexeu e agarrou o revólver, já que era a menor arma ali, mais fácil de segurar que os dois rifles que Slade deixara com ela.

Ela se arrastou até a entrada para espiar para baixo e pulou para trás ao ver alguém se mexendo abaixo dela. Ela se afastou, ainda de barriga no chão, e pegou também um dos rifles. Lutou contra o medo e se aproximou um pouco da entrada.

Ela continuava de barriga para baixo ao se aproximar da beirada, colocando o rifle ao seu lado para alcançá-lo facilmente. Manteve-se o mais abaixada possível para espiar pela beirada de novo, até que os viu. Dois homens estavam a uns sete metros abaixo dela, escalando o morro onde ela se escondia. Ela se abaixou mais.

Os dois usavam roupas de camuflagem e iam diretamente ao esconderijo dela. Ela esperava que eles não a tivessem visto, mas achou que não, já que não falaram nada. Eles chegariam logo à entrada se ela não fizesse alguma coisa.

Tentou imaginar como a encontraram e se eram Novas Espécies. Normalmente, eles usavam uniformes pretos, mas será que os usavam fora de Homeland também? Ela não sabia.

Ela podia ficar sentada ali esperando que eles a descobrissem ou mantê-los abaixo dela. Ela não sabia o que fazer. Desejava desesperadamente que Slade não a tivesse deixado sozinha, porque ele saberia o que fazer naquela situação. Pelo menos ele sentiria o cheiro deles para saber se eram do seu povo ou inimigos.

A indecisão a afligia. Ela proferiu um palavrão em voz baixa e então decidiu que tinha de mantê-los distantes. Se chegassem à entrada, não tinha certeza se conseguiria atirar neles antes que atirassem nela, já que estavam em maior número. Slade dissera a ela para mantê-los longe com a arma, e ele escutaria. Ela se perguntou como aqueles homens teriam conseguido passar por ele, mas não importava, já que haviam conseguido. Ela se moveu de novo rapidamente e pegou a última arma. Queria todas as três à disposição.

Ela se arrastou e espiou pela beirada de novo, mas não conseguiu ver a cara deles. Agarrou o revólver e esperou, até que um deles olhou para cima. Ele parecia ter vinte e poucos anos. Trisha se inclinou mais para mirar direito nele. Surpreso, ele arregalou os olhos ao avistá-la.

– Parem aí mesmo – gritou ela. – Não se mexam ou eu atiro. Quem são vocês?

O homem ao lado dele levantou o queixo até que ela viu o rosto dele também. Ele era um pouco mais velho que o companheiro, uns trinta e poucos, com barba e um olhar frio. Trisha olhava um e outro. Eles subiram em uma área íngreme abaixo dela, ela se lembrou vivamente de como havia sido difícil, e os dois tiveram que se segurar firme para não cair. Seria uma queda dolorosa se eles caíssem, senão mortal. Eles subiram uns bons quinze ou vinte metros da inclinação.

– Somos Novas Espécies – declarou o mais novo, de forma equilibrada. – Viemos te resgatar, doutora Norbit.

Ela mordeu o lábio, estudando as feições deles. Ele parecia cem por cento humano, e o outro homem, também. A maioria das Novas Espécies tinha anomalias faciais que as distinguiam, como Slade, com seu nariz largo e maçãs do rosto salientes. Justice North tinha essas anomalias, além de olhos de gato. Todo homem Nova Espécie que ela já vira tinha cabelo comprido até pelo menos o ombro, mas esses homens tinham cortes curtos.

– Não acredito em você. – O medo a tomou, sabendo que eles tentavam enganá-la.

– É verdade. Justice North nos mandou aqui – sorriu ele, mas parecia falso.

Merda. Como ela ia ter certeza? Odiaria atirar nos homens errados, mas de repente ela teve uma ideia.

– Está sentindo cheiro de quê?

Ele piscou.

– Você está num lugar alto demais para fazermos isso – respondeu ele depois de alguns segundos. – Somos espécies primatas.

Esses eram raros, ela só conhecera um, mas ela sabia o que ele era porque ele tinha anomalias faciais consistentes com as de um macaco; nariz achatado e órbitas redondas. Ela desconfiava cada vez mais de que mentiam para ela. Mas será que ela iria mesmo atirar nele, cem por cento certa de que mentiam? *Ainda não*. Ela odiaria estar errada, já que só havia visto apenas uma espécie primata.

Eu tenho um diploma de médica, ela se lembrou. *Devo ser inteligente*. Ela pensou por um segundo e então sorriu.

– Qual é a senha de hoje? As Novas Espécies sabem sobre o sistema de senhas e quero que vocês me digam qual é – inventou ela.

Ele empalideceu um pouco.

– É “laço”.

Ele é bom. Ela tinha que admitir. Ele não perdia um segundo para encontrar respostas para ela. Ela sorriu.

– Resposta errada.

– Foi modificado depois que vocês saíram da estrada – o outro declarou rapidamente. – O de hoje é “laço”. Justice mudou a senha porque estava com medo de que pudesse ser comprometido caso seu homem fosse forçado a falar.

Talvez eles realmente usem senhas. Esse pensamento a fez hesitar. Ela inventara aquilo, mas fazia sentido ele terem senhas ou códigos. Estavam aprendendo com os humanos desde que foram libertados. Ela decidiu que não era uma prova suficiente, já que era uma possibilidade. Ela precisava antes ter mais certeza de que estavam falando merda ou a verdade. Seria horrível se atirasse em um homem Nova Espécie de verdade. Podia ser que Slade nunca a perdoasse e ela jamais se recuperaria da culpa. Ela havia jurado salvar a vida deles, não tirá-la, quando aceitou o emprego em Homeland.

– Se vocês são quem dizem ser, então sabem o nome do homem que Justice mandou para me escoltar aonde ele queria que eu fosse. Me diga o nome do Nova Espécie, não do humano.

O segundo homem falou.

– O nome dele é Slade.

Ela vacilou por um momento, mas então se lembrou de que Slade disse que Justice provavelmente publicaria os nomes deles para deixar todos sabendo que estavam desaparecidos, numa tentativa de que mais pessoas ajudassem a localizá-los. O nome de Slade devia estar em toda a imprensa, junto com o dela. Ela desistiu daquele tipo de pergunta.

O dedo de Trisha se firmou no gatilho.

– Então qual era a senha de ontem? – Ela queria saber até onde eles iriam.

Os homens se olharam, nervosos. O mais novo olhou para cima.

– Ontem era meu dia de folga. Não sei, mas o de hoje é "laço". Estamos subindo para te pegar, doutora Norbit. Há uma equipe a um quilômetro daqui, vamos te levar de volta para Homeland. Você foi resgatada.

Se houvesse um sistema de códigos, o cara saberia, já que ele supostamente era um membro do time de resgate que estava procurando um Nova Espécie que estava sem fazer contato com seu povo. Já que ele não sabia, ela entendeu que seu blefe tinha funcionado.

– Não há senha, seu cretino.

Ela viu os dois se olharem novamente, claramente alarmados. Um deles mexeu a mãos e pegou alguma coisa na cintura.

– Estou pegando minha identidade – avisou ele em voz alta. – Usamos, sim, senhas em Homeland, todos os seguranças usam.

– Então vocês são seguranças das Novas Espécies? E são Novas Espécies? Guarda de segurança é seu cargo, então?

Os dois concordaram com a cabeça. Ela não acreditava na facilidade com que aqueles homens mentiam. Paul lhe contara que as Novas Espécies nunca se chamavam de guardas de segurança, preferiam o título de oficiais. Odiavam o outro termo. Ela o observava enquanto ele removia algo de trás dele. Ela se perguntou se ele sacaria a carteira e tentaria enganá-la mostrando uma carteira de motorista. Em vez disso, ele sacou uma arma.

Trisha entrou em pânico ao vê-la, apontou a arma na direção dele e atirou. Duas balas ensurdeceram seus ouvidos desprotegidos antes de ele atirar de volta. A bala dele voou para cima e acertou a terra acima dela, fazendo-a cair em suas costas. A terceira bala que ela atirou o acertou.

Ele gritou ao perder o equilíbrio, caiu de costas e rolou morro abaixo. Ela virou a arma para o segundo homem, que lutava para puxar algo do cós da calça, com uma mão só, ao mesmo tempo que tentava não se soltar da pedra em que se segurava. Ela viu um metal preto quando avistou a mão dele. *Arma!*

Trisha atirou nele e acertou-o com apenas uma bala, melhorando a mira. Viu

uma parte do rosto dele, que ficava vermelho de sangue, e ele gritou. Soltou de onde se segurava e caiu com tudo. Ouviu um som horrível de algo se quebrando quando ele bateu lá no fundo.

Trisha se aproximou um pouco da beirada para olhar para baixo, para os homens que se encontravam no fundo. Um deles caiu de lado e estava imóvel, com um líquido vermelho-claro se espalhando no chão perto dele. O outro, o primeiro a cair, estava de costas no chão. Ele mexeu um braço e ela o ouviu gemer mesmo estando lá em cima. Sangue cobria o rosto dele e o ombro.

Ela o observava deitado ali, mexendo a perna, e então ele pegou algo no bolso. Quando ele puxou um walkie-talkie, ela percebeu que ele daria a localização dela a alguém. Mais daqueles filhos da puta iriam até lá, isso se já não tinham ouvido os tiros. Ela precisava impedi-lo, sabendo que não poderia segurar mais deles se fossem até lá.

Ela se arrastou mais, até que seu corpo ficou parcialmente pendurado na beirada. O medo de ver como o chão parecia longe a pegou. Ela poderia despencar para a morte se escorregasse de seu poleiro frouxo e não teria como parar a queda. Ela mirou e puxou o gatilho, vendo-o se contorcer quando a bala o atingiu no peito. O rádio na mão dele caiu no chão. Ele a fitava com os olhos arregalados, mas ela soube que estava morto quando viu que não piscava e não se mexia depois de vários minutos.

Trisha lutou contra a vontade de vomitar ao analisar os dois homens e determinar que eles certamente estavam mortos e que ela os matara. Ela empurrou a parte superior do corpo de volta para a pequena caverna, ainda segurando a arma dolorosamente na mão. Ela a fitou e jogou-a no chão, e suas lágrimas a cegaram. A noção do que ela acabara de fazer a atingiu forte.

O choque que ela experimentou a deixou se sentindo extremamente fria por dentro. Quando se tornara médica, jurara salvar vidas, mas tinha acabado de tirar duas. *Foi autodefesa!* Sua mente gritava. *Autodefesa. Eu não tive escolha. Nenhuma*.

Ela se forçou a respirar pela boca, de forma que a acalmasse, e se lembrou de Bill. O que ele ameaçou fazer com ela e como bateu forte nela não eram coisas que ela esqueceria algum dia. Aqueles homens eram do grupo de Bill e teriam feito coisas ruins a ela também.

Ela se lembrou de como aqueles homens a mantiveram viva apenas para que ela cuidasse do amigo machucado dele. Não tinha dúvidas de que a teriam matado da mesma forma que haviam matado Bart. Ela se forçou a respirar profundamente, com calma, e finalmente retomou o controle de suas emoções

trêmulas. Queria chorar, mas se lembrou das palavras que Slade disse a ela quando ouviram os tiros depois de deixarem Bart no local do acidente.

– Primeiro sobreviva, depois lamente – sussurrou ela.

Trisha queria tanto que Slade estivesse com ela que começou a sentir uma dor que, infelizmente, não iria passar. Ela estaria segura com ele. Ela sabia que ele a abraçaria e diria algo para ela se sentir melhor, distraí-la da agonia que sofria. Esperava que ele estivesse a caminho dela, e não mais daqueles homens.

Ela olhou para o revólver que derrubara no chão e controlou as emoções. Slade mandaria que ela sobrevivesse e ela havia prometido que faria qualquer coisa, sofreria qualquer coisa para ficar viva até que ele fosse resgatá-la. Ele não gostaria que ela ficasse com pena de si mesma. Ele esperaria que ela usasse a cabeça.

CAPÍTULO DEZ

– Acalme-se e pense – murmurou Trisha. – Ótimo. Vou ser uma daquelas pessoas que ficam falando sozinhas o tempo todo quando isso acabar.

Ela se arrastou até a mochila para recarregar a arma. Havia uma caixa cheia de balas que Slade recolhera do acampamento. Arrastou-se novamente até a entrada e pegou o binóculo para estudar a área em padrão de linhas, à procura de algum movimento. Ela se mantinha abaixada. Os dos rifles estavam ao seu lado e o revólver estava a centímetros de sua mão, com a caixa de balas, se precisasse delas.

Um movimento chamou sua atenção à direita. Ela não sabia a distância, mas não era muito longe. Avistou três homens e depois um quarto, enquanto marchavam entre as árvores grossas. Vestiam roupas de camuflagem, similares àquelas dos homens que tinha matado e, para piorar, iam na direção dela.

Três deles tinham armas grandes nas mãos ou repousadas no ombro. Um deles tinha coldres na cintura e no peito para guardar revólveres. *Merda*. Estavam fortemente armados. Aquilo assustou muito Trisha. Eles não ficariam felizes quando encontrassem seus amigos mortos.

Ela vasculhou a área, procurando Slade, mas não o avistou. Dez minutos depois, viu mais movimento. Ela fitou duas figuras que avançavam e sua esperança se elevou. Porém, nenhum deles era Slade. Um dos homens tinha cabelo avermelhado, enquanto o do outro era preto retinto, estavam de roupas pretas e se moviam rapidamente.

Slade disse a ela que seu povo viria e ela rezou para que fossem Novas Espécies. Tinham que ser os homens de Slade, ou então ela estaria na merda, e estava ciente disso. Trisha virou o binóculo de volta para onde os quatro homens estavam.

Eles haviam feito um bom progresso, já pareciam bem mais perto que antes. Ela apontou o binóculo de volta para os dois homens que se moviam rapidamente com seus aparatos pretos. Parecia que eles estavam indo em direção aos quatro caçadores. Ela mordeu o lábio ao tentar estimar se os dois possíveis Novas Espécies os alcançariam antes que os homens chegassem aonde ela se escondia. As chances eram boas.

Os quatro que iam a sua direção definitivamente conseguiriam encontrá-la. Os dois corpos estatelados no chão abaixo eram uma boa indicação de onde ela estava se escondendo. Ela xingou baixinho e rezou para que os Novas Espécies os alcançassem antes.

Trisha se abaixou mais, pressionando-se ainda mais contra o solo, e ficou movendo o binóculo para observar o progresso dos grupos que se aproximavam. Ela rezava para que os Novas Espécies (se é que eram Novas Espécies) estivessem cientes do time dos quatro caçadores e para que sentissem o cheiro daqueles homens, o que aconteceria a não ser que estivessem a favor do vento.

Ela desejou muito não ter pensado nisso. Se aqueles dois homens eram Novas Espécies tentando salvar ela e Slade, a última coisa que queria era vê-los serem surpreendidos pelo time de caçadores. Eles não pareciam tão bem armados quanto os oponentes.

A tensão dentro de Trisha aumentava tanto que suas mãos começaram a doer de apertar o binóculo enquanto ela os via se aproximarem. A velocidade deles não chegava nem perto da velocidade dos dois que ela gradualmente se certificava de que eram Novas Espécies. Agora podia ver seus cabelos, que iam até os ombros, e parecia certo que usavam uniformes, apesar de ainda estarem muito longe para enxergar a marca da ONE se ela estivesse bordada no peito deles.

Os quatro caçadores estavam quase chegando aos homens mortos abaixo de Trisha e ela sabia que os perderia de vista logo. Não queria se aproximar mais e olhar para baixo. Eles poderiam olhar para cima e avistá-la facilmente. Também não queria dar a eles um alvo para atirarem, nem entregar sua localização exata.

Os dois Novas Espécies diminuíram o ritmo, não corriam mais. Eles perseguiam lentamente os caçadores, obviamente cientes de sua presença pela maneira cautelosa como se comportavam. Uma onda de alívio tomou Trisha conforme ela observava a dupla fazer sinais com as mãos antes de se separarem. Um deles foi de fininho atrás dos caçadores, enquanto o outro se moveu para atacá-los pela lateral.

Vozes começaram a chegar até Trisha, até que ela soube que eles estavam

assustadoramente perto. Continuou a usar o binóculo, esperando que estivesse abaixada o bastante no chão da caverna para que fosse um alvo menor e mais difícil de enxergar, com o queixo no saco de dormir. Os quatro caçadores estavam quase fora do campo de suas lentes.

– Sei que aqueles tiros vieram dessa direção – afirmou um homem com sotaque.

– Buck e Joe Billy disseram que iam subir para um ponto mais alto para dar uma olhada. – A voz mais grave tinha o mesmo sotaque sulista. – Acha que mataram aquele animal de duas pernas?

– Não sei – respondeu uma outra voz sem sotaque. – Mas eles não estavam atendendo o rádio. Olhem com atenção, gente. Aqueles animais têm mentes como as nossas e com certeza não é fácil atirar neles do jeito que é num alce. Animais selvagens não respondem, nem carregam armas como nós.

– Porra, James – gargalhou outro homem sem sotaque. – Alce? Por favor. Vamos compará-los a algo ao menos similar. Talvez eles sejam mais parecidos com macacos. Eles pensam e andam em duas patas, não é? Até onde sabemos, Joe Billy e Buck estão zoando com a gente. Lembra do ano passado, quando eles nos emboscaram só para zoar e ver qual de nós iria mijar nas calças? Aposto vinte contos que eles vão pular em nós a qualquer momento.

– Pode crer – um homem sem sotaque disse e gargalhou.

Trisha moveu o binóculo para onde avistara os dois Novas Espécies pela última vez, mas não achou nenhum dos dois. Continuou a procurá-los, até que finalmente viu um, mas ficou chocada ao ver onde ele estava.

Ele saltou de um galho bem no alto de uma árvore para outro numa que estava ao lado. O Nova Espécie de cabelos pretos impressionou-a com seu senso de equilíbrio e graça. Ele parou praticamente em cima dos quatro caçadores, que nem perceberam que ele os observava lá do alto.

O coração de Trisha acelerava enquanto mantinha o binóculo grudado no Nova Espécie de cabelos negros enquanto ele pulava de novo para pousar nos galhos de cima de uma árvore bem à frente dos caçadores. Ele agarrou o tronco e pareceu estudar os homens abaixo dele. Sacou um revólver do coldre preso ao peito. Cada fibra do corpo dela lhe dizia que ele iria atacar.

O sujeito de cabelos pretos de repente caiu para um galho mais baixo. Foi a coisa mais graciosa que Trisha já havia visto. Ele obviamente fez aquilo de forma muito silenciosa, porque os homens abaixo dele nem olharam para cima. Ele desceu para outro galho mais baixo, andando nele como se fosse uma corda de equilíbrio, e se movia com os homens. De repente, ele saltou da árvore e

pousou com força em dois dos caçadores abaixo dele.

Trisha prendeu o fôlego, mas manteve o binóculo apontado para os três homens caídos. Viu um movimento quando os outros dois caçadores se viraram para ver o que havia acontecido atrás deles. Viu um vulto preto e o Nova Espécie ruivo parecia ter saído do nada enquanto se apressava por trás em direção aos dois homens.

Ele saltou, dando uma investida como se fosse um jogador de futebol americano. Ela quase ouvia com clareza os grunhidos de dor. Em questão de segundos, os quatro caçadores estavam no chão, imóveis, e os dois Novas Espécies se encontravam em pé ao lado deles em silêncio.

Trisha conseguiu uma visão muito boa dos dois e se certificou de que definitivamente eram os homens de Slade. Eles tinham as anomalias faciais que a maioria das Novas Espécies tinha. O de cabelo preto tinha um nariz menor que a maioria e suas feições o denunciavam. De repente, ela teve a impressão de que ele era parte primata. O ruivo tinha olhos de gato similares aos de Justice North, indicando que devia ser felino.

Os dois tiraram algo dos bolsos inferiores das calças, algo que se parecia com cordões de plástico, e amarraram as mãos dos homens derrotados atrás das costas deles. Quando terminaram de algemar todos os quatro prisioneiros, puxaram os tornozelos deles e os amarraram com mais cordões para que ficassem completamente sem movimentos. A espécie de cabelos negros fez um sinal de positivo para o companheiro ruivo.

Um deles riu e Trisha se moveu. Seu corpo estava meio molenga por estar na mesma posição há muito tempo, mas conseguiu se levantar cuidadosamente. Inclinou-se um pouco para fora, fitando os dois homens que estavam a uns quinze metros da área de onde os dois mortos se encontravam.

– Olá – chamou ela.

Eles não pularam, nem pareceram surpresos quando viraram a cabeça para olhar para ela. A ficha dela começou a cair. *Eles já sabiam onde eu estava?* Decidiu que provavelmente sim. Um deles, o ruivo, acenou com a cabeça para ela.

– Vamos até aí assim que nos livrarmos dos corpos. Você que os matou? – Ele apontou a cabeça na direção dos dois homens que estavam bem abaixo dela. – Dois, certo? Sinto dois cheiros diferentes.

Chocada, Trisha apenas olhava estarrecida para ele. Não havia como eles terem visto os dois corpos de onde estavam. Teriam que ter passado por mais algumas árvores e por uma enorme pedra. Ela finalmente fez que sim com a

cabeça.

O outro tirou os cabelos pretos da cara e olhou para Trisha.

– Onde está Slade? Sentimos o cheiro dele, mas está se dissipando, como se ele tivesse saído daqui há horas. Por que ele te deixou, doutora Norbit?

– Ele disse que tinha muitos deles – pausou ela. – Ele queria diminuí-los em número. Parecia estar certo de que, se começasse a caçá-los, alguns ficariam com medo e iriam embora, mas ele já devia ter voltado. Disse que, se eu atirasse, ele ouviria e voltaria correndo.

O ruivo balançou a cabeça.

– É um bom plano. Isso explica por que encontramos dois acampamentos vazios. Com cheiro de sangue, mas sem homens.

Dois acampamentos? Ela se perguntou se eles haviam achado o em que ela estivera ou o que Slade atacara na noite anterior. Na verdade, não queria muito saber. Só estava preocupada com Slade. Ele prometera vir se ela precisasse de ajuda e ele tinha que ter ouvido aqueles tiros, mas ainda não tinha chegado. Em vez disso, dois de seus homens tiveram que ir resgatá-la. *Ele está ferido? Morto? Talvez ainda esteja a caminho*.

– Há algum jeito de vocês saberem se Slade está por perto? – Trisha silenciosamente esperava que houvesse.

O ruivo levantou a cabeça e farejou. Ele chacoalhou a cabeça.

– Não sinto o cheiro dele e, se ele vier, vai ser de longe. Vamos te tirar daí quando terminarmos aqui. Sente-se e fique parada. Você está segura agora, doutora Norbit. Nosso povo vai enviar um helicóptero aqui para te levar a algum lugar seguro e vamos encontrar Slade se ele não voltar após um certo tempo. Eu sairia para farejá-lo, mas prefiro esperar até você estar segura no helicóptero. Você era nossa maior preocupação. Slade pode se cuidar sozinho.

Trisha ficou sem palavras ao ouvir que era a maior preocupação das Novas Espécies. Ela trabalhava para eles, claro, mas Slade era um deles. Ficava feliz, porém, em saber que os homens lá embaixo tinham tanta confiança na capacidade de Slade de se cuidar sozinho. Ele devia ser muito bom em sobreviver. Slade contou a ela que havia treinado com a maioria daqueles homens, e eles deviam conhecê-lo muito bem.

O Nova Espécie de cabelos pretos se curvou e pegou algo do bolso inferior. As calças deles pareciam ter vários daqueles. Trisha se agachou, mas ficou observando o que ele estava fazendo. Parecia que ele falava em uma espécie de celular do tipo “tijolão”. Ela via os lábios dele se mexerem, mas não ouvia as palavras. Rapidamente entendeu que ele falava em um telefone via satélite. Já

tinha visto alguns desses uma vez ou outra. Ele desligou e colocou o telefone de volta no bolso.

Trisha se afastou da beirada, sem querer vê-los removerem os corpos lá embaixo. Ficou imaginando o que fariam com eles, mas não perguntou. Sentou-se no saco de dormir e passou os braços em volta da cintura.

– Onde você está, Slade?

O silêncio apertava seu coração por não saber se ele estava bem ou se nunca voltaria para ela. Eles tinham que discutir algumas coisas se os dois saíssem vivos dessa. O que aconteceu entre eles significava alguma coisa ou foram apenas momentos causados pelo trauma? Ela proferiu um palavrão. E se ele só tivesse dormido com ela e a tratado daquele jeito por causa da situação em que se encontravam? Ela empurrou esses pensamentos para longe. Eram dolorosos demais.



Slade farejou o ar, sentiu o cheiro de sua espécie e foi tomado por uma raiva absoluta. Eles o impediriam de matar todos os humanos que quisessem fazer o mal. Os sons distantes de tiros haviam vindo da direção de Trisha. Seu coração disparava quando ele pulou sobre uma tora caída, usou-a para pegar impulso e saltou em um pequeno barranco. Ele pousou com força, se agachou e então se levantou.

– Calma – um homem chamou. – Pare de correr.

Slade rosnou, olhou para cima e avistou um rosto familiar em um poleiro em um galho a uns seis metros do chão.

– Ela está em perigo.

– Não, não está. Smiley e Flame estão com ela. Eles avistaram o local dela e estão interceptando os homens que estão por perto. Ela está sendo bem cuidada. – O cara pulou, aterrissou em uma pilha de folhas mortas e se endireitou. – Nesse momento nenhum humano pode te ver.

– Preciso ir até ela, Ascension.

– Ela está segura. Estamos com ela, meu amigo. – O olhar do outro homem passeou pelo corpo de Slade antes de encontrar os olhos dele. – Você está encharcado de sangue, vai horrorizá-la se ela te vir assim. É uma visão bem horrível até para mim. Quantos você matou?

– Muitos. – O corpo de Slade começou a relaxar. Trisha estaria segura se Flame e Smiley estavam por perto, os dois eram muito bons. – Ela está a salvo?

Tem certeza?

– Você encontrou um local seguro para ela. Nenhum humano vai chegar até ela antes dos nossos homens. Ela está a salvo. Calma. Posso me aproximar? Você está ferido e feroz nesse momento. Está com aquela expressão de enjaulado que conhecemos bem.

Slade se agachou, respirou forte e tentou tomar fôlego.

– Não vou atacar.

– Fico feliz em ouvir isso. Não tinha certeza de até onde você tinha ido ou se tinha perdido completamente a cabeça. – Ascension se aproximou mais, lentamente, e se agachou a poucos centímetros na frente dele.

– Estou bem. – Slade fitou dentro dos olhos do outro homem.

– Ótimo. Sabíamos que você sobreviveria, mas não tínhamos certeza sobre seu estado mental se você tivesse que matar. Achamos algumas das áreas de morte. Por que simplesmente não ficou com a médica?

– Eles estavam nos cercando, havia muitos deles, e um grupo a encontrou na primeira vez em que a deixei sozinha. Ela não tem habilidades de sobrevivência e deixou que se aproximassem dela. Tive que mudar o jogo para garantir que ninguém mais fizesse mal a ela.

Ascension o observava silenciosamente, franzindo a testa.

– Sinto o cheiro dela em você. É difícil distingui-lo no meio do odor de sangue e morte, mas está aí.

Um rosnado suave saiu na garganta de Slade.

– E daí?

Ascension esticou os braços e agarrou os ombros dele.

– Ela é humana, delicada, e é uma médica. Eles fazem juramentos para salvar vidas. Não quero ver você machucado.

– Preciso ir até ela. – Slade tentou se endireitar, mas a pegada firme do outro homem nele só se apertou mais.

– Me ouça.

– O quê?

– Você está feroz agora. Sua mente está mais calma do que temíamos, mas você é a morte encarnada neste momento. Você não tem um espelho, não pode ver como suas feições e seus olhos estão com aquela aparência selvagem que costumamos ter quando isso acontece. Ela não pode te ver assim, você só a deixaria aterrorizada. Recebi ordens de te achar e te levar de volta para Homeland. Deixe-me te levar até lá.

Slade rosnou.

– Não. Ainda não terminei, há mais deles.

– As ordens são para que…

– Eles a atacaram, um deles bateu nela e tentou estuprá-la. Ela podia ter morrido quando eles empurraram a SUV para fora da estrada. Declararam guerra a nós e quero terminá-la. Qualquer um que escape pode atacar de novo daqui a um tempo.

A mão relaxou e o soltou.

– Não posso te levar se não te encontrei. Entendo, mas você deve ficar longe dela até retomar a capacidade de reprimir a raiva. Pelo menos se lave antes de se juntar novamente a nós. Há um riacho a oeste. Sinto o cheiro dela em você e eles também vão sentir. Podem temer que você a forçou a se submeter sexualmente, na sua condição atual. Eu não acredito nisso, te conheço bem demais e já te vi observando-a enquanto trabalhamos. Você deve ter esfregado o cheiro dela propositadamente em você para mantê-lo.

Slade se lembrou de ter mordido Trisha e passado o sangue dela atrás de seu pescoço. Não era sua intenção ter feito isso, mas ele sabia que não tinha evitado, também. Ter o perfume dela o mantinha são quando ele matava para protegê-la.

– Termine o que começou se acredita que vão continuar sendo uma ameaça para sua mulher. Nunca te vi e essa conversa nunca aconteceu. Apenas jure que vai esperar vinte e quatro horas antes de chegar perto dela depois que estiver pronto para ser encontrado. Há três dúzias de nós pelo bosque. Estamos fazendo uma busca pelos humanos. Trouxemos cinco primatas, então observe as árvores. Sabia que você não esperaria isso e esperei lá do alto para te encontrar.

– Inteligente.

Ascension deu um sorrisinho.

– Eu te conheço, meu amigo. Estamos juntos há muito tempo desde que fomos libertados. – Toda a emoção sumiu de suas feições. – E não se esqueça de encontrar aquele riacho. Eu faria isso agora e depois continuaria a caçada. Apenas lave-se depois de encontrá-los, para que não esteja coberto de sangue quando vier.

– Não vou me esquecer. Jura que ela está segura?

– Tem minha palavra.

Aquilo era bom o bastante para Slade.

– Quero matar todos por colocarem a vida dela em risco.

– Isso me deixa com medo. Encontre a humanidade que há dentro de você. Vou dizer que procurei nesta área, sem resultados. – Ele se levantou. – Vá e, de agora em diante, observe as árvores. Não sou o único a ter a ideia de me

esconder lá em cima para te procurar.

Slade se levantou e saiu pelo denso bosque, mantendo a atenção nos ares e nos arredores. Os primatas ficavam no alto das árvores quando era possível, seus cheiros eram mais difíceis de sentir, e ele não queria ser encontrado até diminuir o número de humanos que haviam tentando fazer mal à sua Trisha.

Ele foi tomado pelo arrependimento ao repassar as palavras de Ascension na cabeça. Trisha era humana, emocionalmente delicada, e, como médica, poderia odiá-lo por todas as vidas que ele tirara. Depois ele pensaria nisso; no momento, tinha que cuidar de ameaças.

CAPÍTULO ONZE

– Estou subindo, doutora Norbit – gritou um dos homens cerca de uma hora depois.

Trisha se levantou e foi até a beirada. A primeira coisa que notou foi que os dois corpos não estavam mais lá e ela não via nem mesmo sangue no chão. Parecia que alguém tinha jogado areia sobre as áreas manchadas para ocultar completamente as mortes.

Trisha observou o Nova Espécie de cabelos pretos escalar com facilidade até ela, sem problema nenhum para caminhar pelo terreno íngreme. Ela quase sentiu inveja de sua agilidade e velocidade quando se aproximou dela. Slade tivera de impulsioná-la e empurrá-la para colocá-la no topo. Ele subiu tão facilmente que parecia estar passeando em uma superfície plana.

Ele devia ter mais de um metro e oitenta de altura e seus ombros eram largos. De perto, Trisha teve certeza de que o homem era parte primata. Era muito bonitinho, com feições mais delicadas que as de um humano. Os Novas Espécies costumavam ser lindos, mas com um jeito de cara valentão, de uma forma atraente. Mas, quando ele estava de pé na frente dela, ela viu que ele tinha a estrutura musculosa e grande dos Novas Espécies. Suas feições tinham algo de adorável, com lindos olhos redondos e cor de amêndoa e traços animados; fofo como um primata.

– Sou o Smiley. Olá, doutora Norbit. – Ele cantarolou baixinho ao se agachar na entrada, se balançando na planta dos pés. Era muito alto para ficar dentro do buraco. Ele sorriu para ela. – O helicóptero deve chegar aqui logo. Estiveram bem ocupados hoje, transportando todos os humanos que pegamos. Tentamos não matar nenhum deles, mas… – Ele deu de ombros. – Alguns eram simplesmente idiotas demais para viverem. Como você está?

– Estou bem. Alguma notícia do Slade?

Ele chacoalhou a cabeça.

– Sinto muito, mas não. Ele é um dos nossos melhores, não precisa se preocupar. Ele sabe cuidar de si mesmo em qualquer situação extrema. – Ele olhava Trisha de cima a baixo, mas não havia nada de sexual na forma como ele a estudava extensivamente.

– Quem bateu em você?

– Fui capturada ontem de manhã, mas Slade me resgatou. Infelizmente, antes de ele chegar, isso me aconteceu. – Ela apontou para sua bochecha que ainda latejava e seu lábio inchado e com um corte. A imagem de Slade beijando-a correu por sua mente, mas ela colocou aquela lembrança de lado. – Estou bem. Além do que você vê em meu rosto, o pior são alguns cortes, hematomas e músculos distendidos.

– Slade deixou você ser pega? – Ele parecia achar muita graça quando riu. – Estou chocado.

– Ele não deixou. Se separou de mim para achar um lugar para me manter, como este buraco em que estou. – Trisha franziu a testa. – Slade salvou minha pele dos maiores jeitos que você pode imaginar. Por favor, não ria disso, ele matou gente para me salvar.

O sorriso dele sumiu instantaneamente.

– Peço desculpas, não há nada de engraçado nisso. Deixe-me te ajudar a descer e vamos esperar pelo helicóptero. Você vai voar até um hospital para ser examinada e depois vai ser levada de volta para casa. Justice estava bastante determinado a te proteger e arranjar tratamento médico antes de retornarmos a Homeland. Ele está te esperando lá para conversar.

Trisha olhou em volta da pequena área, mas não viu nada que deveria levar com ela. Sua atenção se pôs sobre as armas.

– Não deveríamos levar isso? Seria péssimo se crianças subissem aqui um dia e as encontrassem. Estão todas carregadas.

– Vamos cuidar disso. – Ele se virou, quase roçando a cabeça na sujeira do teto. – Vou te ajudar a descer. Precisa que eu te carregue nas costas? Sou um ótimo escalador e prometo que não vou te deixar cair.

– Acho que consigo ir sozinha se você apenas me ajudar a descer. Slade precisou me segurar algumas vezes. Acho que não sou tão coordenada quanto vocês.

Ele fez que sim com a cabeça, sorrindo. Trisha podia imaginar por que ele se chamava Smiley. Parecia sorrir facilmente e com frequência.

– É um dom que temos.

Trisha andou lentamente até ele e estudou o chão abaixo ao chegar à beirada. Não era muito fã de altura e, se caísse, a queda seria longa. Smiley se moveu, saiu do buraco primeiro e olhou para ela.

– Apenas vire-se e comece a descer. Estarei bem aqui, abaixo de você. Vou te segurar se cair. – Ele piscou. – Sou forte, prometo que não vou te derrubar.

Ela estava com medo, mas se virou e tentou não olhar para baixo. Descer era pior do que subir. Ela escorregou duas vezes, mas as mãos de Smiley sempre a seguravam e mantinham-na no lugar, até que eles finalmente chegaram ao fundo. Trisha sentiu uma imensa vontade de beijar o solo, mas resistiu para que seus salvadores não achassem que havia enlouquecido.

O ruivo olhou para Trisha e balançou a cabeça. Ela viu que suas narinas se alargavam e se afinavam. Ele chegou mais perto dela, farejou de novo e parecia ter uma expressão sombria no rosto.

– Sou o Flame. O que houve com você?

Trisha olhou de volta para ele, sem ter certeza do que ele queria dizer exatamente. Ele tinha mais de um metro e noventa de altura, uns trinta centímetros mais que ela, e obviamente era um Nova Espécie, com ombros largos e corpo musculoso. Parecia poder quebrar a cara de alguém facilmente. Dava mais medo de olhar para ele, com aquelas maçãs do rosto salientes e dentes afiados que seus lábios mal escondiam.

– Fui capturada e apanhei. Também estava na SUV que rolou pela lateral da montanha, e batemos em algumas árvores pelo caminho. Foram dias turbulentos para meu corpo.

Flame farejou outra vez.

– Há cheiro do Slade em você, mas também sinto o de dois homens humanos. Você está cheirando a sangue, medo e sexo. – Ele pareceu ainda mais perigoso. – Foi estuprada pelos humanos?

A boca dela se abriu, mas então Trisha fechou-a.

– Slade me salvou.

Ela estava um pouco apavorada. Sabia que o olfato deles era incrível, mas era completamente horripilante que conseguissem perceber tanta coisa apenas farejando-a. Saber que eles tinham sentidos elevados daquela maneira deixou-a muito desconfortável.

– Vou atrás dos dois humanos e matá-los. – Flame piscou. – Prometo isso para você. Vão morrer pelo que fizeram.

O coração de Trisha bateu forte.

– Eles estão mortos. Slade cuidou disso.

Flame agitou a cabeça rapidamente e se virou.

– Que bom. Vou ficar de babá dos quatro patetas que capturamos, Smiley. Não deixe que ela saia da sua vista.

– Não deixarei. – Smiley se virou para Trisha e examinou o rosto dela. – Por que não se senta? O helicóptero vai chegar logo.

Ela se sentou. Já estava coberta em uma camada de terra e não ligava se ficasse ainda mais suja.

– Onde ele vai pousar?

Ele hesitou.

– Não vai pousar, vai apenas pairar. Vamos te colocar num gancho e vão te puxar. As árvores nessa área são densas demais para pousar e não queremos correr riscos com você. Já sofreu traumas demais para isso. Vai ser moleza.

– Ótimo. – O terror tomou conta de Trisha. – Mencionei que tenho medo de altura?

Smiley deu um sorrisinho.

– É um bom jeito de encarar seu medo.

Que maravilha. Não muito depois, ela ouviu um helicóptero ao longe, cujo som foi aumentando conforme se aproximava. Smiley estava em silêncio ao vigiá-la, algo que fez durante todo o tempo em que ela esteve sentada ali. Finalmente, ele virou a cabeça e olhou para o céu.

– Eles chegaram. Vai fazer um barulhão. Vão jogar um arreio e vou te enganchar nele. Você vai subir e alguém lá dentro vai te puxar e prender um cinto de segurança em você. Vão te levar até o hospital e dois dos nossos homens estarão com você até que chegue em casa. Agora já sabe o que esperar.

– Obrigada por tudo. Pode, por favor, dizer ao Flame que agradeço a ele também?

Ele assentiu com a cabeça.

– De nada, de nós dois. Estamos felizes por você estar viva.

– Pode dizer a Slade para entrar em contato comigo assim que for encontrado? Estou preocupada com ele e não vou relaxar até saber que ele está a salvo.

– Farei isso. – O olhar de Smiley retornou ao céu quando ele se virou de costas para Trisha. – Lá vamos nós. Tape seus ouvidos, essas coisas fazem muito barulho. Me dão dor de cabeça, mas não dá para evitar certas coisas.

Trisha se levantou quando o helicóptero pairou sobre o topo das árvores a certa distância para não bater em nada. O vento levantava destroços no solo, fazendo-os girar em volta dela, forçando-a a cobrir os olhos. Ela compreendeu

totalmente quando Smiley disse um palavrão bem sujo e em voz bem alta. Ela não estava nem um pouco ansiosa pelos próximos minutos.

Alguém tocou em seu braço. Smiley agarrou-a e levou-a até um arreio pendurado ali perto. Ele gentilmente empurrou-a naquela direção e indicou para que ela pusesse os pés na abertura do objeto. Ele puxou as pernas dela e dois cintos foram colocados por cima dos ombros, e outro foi passado em volta da cintura. Smiley piscou antes de dar um passo para trás. Trisha agarrou o arreio com uma pegada quase mortal quando Smiley fez um gesto com a mão para o helicóptero. O arreio se apertava enquanto tirava os pés de Trisha do chão.

Ela fechou os olhos com força e tentou não entrar em pânico quando o vento a balançou no ar. Não os abriu mais até que alguém pegou-a pela cintura. Ela olhou para baixo e viu que Smiley cobria o rosto com o próprio braço, sem olhar para cima. Terra e poeira giravam furiosamente perto do chão por causa das enormes hélices do helicóptero. A pessoa que segurava sua cintura arrastou-a para dentro, até que ela não pôde ver mais nada lá embaixo.

Os dois homens na parte traseira do helicóptero eram Novas Espécies. Eram caninos e ela já tinha visto os dois em Homeland. Brass tinha uma cara emburrada, e ela não conseguia se lembrar do nome do outro. Eles lutaram para tirá-la do arreio, bateram a porta do helicóptero ao fechá-la e afivelaram Trisha em um dos assentos do banco. Brass estendeu a ela um par de protetores de ouvido por causa do barulho e apontou para o que estava usando para mostrar a ela como colocá-lo.

O som alto do helicóptero sumiu. Ela balançou a cabeça para Brass com gratidão, pensando que aquele nome não combinava com ele. Ele tinha cabelos castanhos, ombros largos que o deixavam enorme, cerca de um metro e noventa de altura e olhos bem escuros. O outro homem era um moreno de olhos escuros. Comparando seu corpo ao de Brass, era quase um gêmeo dele. Brass se sentou ao lado dela e o outro homem se sentou à frente deles.

Não demorou muito até o helicóptero aterrissar no heliponto de um hospital. Uma equipe médica correu até ele com uma maca e no mesmo instante ela teve um flashback da noite em que Slade havia sido transportado para sua vida. No entanto, o estado dela agora era muito melhor que o dele naquela noite.

Ela deixou os médicos prenderem-na à maca sem discutir, pois estava mais do que familiarizada com as normas dos hospitais. Sabia que os piores pacientes eram os médicos, pois já havia tratado alguns, e tentou se esquecer de que também era uma, quando a equipe entrou correndo com ela em uma sala de exames. Brass e o outro homem os seguiram, mantendo-se bem próximos.

O médico responsável tinha uns trinta e tantos anos, era atraente e parecia passar muito tempo em campos de golfe, devido ao seu bronzeado. Ele sorriu para Trisha.

– Sou o doutor Evan Tauras. Qual é o seu nome?

– Sou a doutora Trisha Norbit. – Ela viu que ele se encolheu e deu um sorrisinho. – Juro que vou ser legal. Estive num acidente numa SUV há alguns dias, sem cinto. É uma longa história. Sei que deveria estar usando e eu ia fazer isso no último minuto antes do acidente. Rolei por dentro do carro, mas não fui jogada para fora. Ontem fui fisicamente atacada por um imbecil que bateu na minha cara algumas vezes. Não estou com dor nas costas, nem no pescoço. Não tenho sinais de ferimentos internos – ela fez uma pausa. – Não tenho nenhuma alergia médica nem nenhum histórico médico excepcional, a não ser pelo fato de ter tirado as amígdalas quando eu tinha dez anos. Não estou tomando nenhum remédio, não fumo, não bebo nem uso drogas. Agora vou calar a boca e deixar você fazer o seu trabalho.

O médico balançou a cabeça.

– Obrigado. Na verdade você está facilitando as coisas. Exibiu algum sintoma de concussão?

– Um pouco. Se tenho alguma, é leve. Fiquei tonta depois do acidente e também depois, quando me acertaram duas vezes na cara. Mas minha vista não está embaçada, nem sinto náuseas.

– Pegaram o cara que fez isso no seu rosto? – O médico examinava a cabeça de Trisha.

– Pode-se dizer que sim. Ele está morto.

O médico estudou-a por um segundo, e então balançou a cabeça.

– Você é a mulher que está nos jornais. Fico feliz que tenha sido encontrada.

Ele se mexeu e abriu a boca para Trisha. Ela abriu a dela, imitando-o, sabendo o que ele queria que ela fizesse. Ele examinou a boca dela para ver se havia ferimentos, depois o rosto, passando a mão na parte machucada. Trisha se encolheu, mas se manteve firme. O médico se moveu mais para baixo ao examinar Trisha visualmente com uma enfermeira. Ela ficou grata por não terem tirado sua roupa, pois Brass e o outro homem do lado de dentro da sala observavam cada movimento, porque estavam lá como guardas dela.

O médico olhou embasbacado para os dois algumas vezes, parecendo levemente incomodado e alarmado. Trisha entendia os motivos e quis assegurá-lo de que as coisas estavam em ordem.

– Minha vida foi colocada em risco e eles precisam estar aqui. Desculpe se o

fato de ter uma plateia aqui te incomoda.

O doutor Evan Tauras balançou a cabeça.

– Sem problemas. É que eles são muito grandes – ele baixou o tom de voz, sussurrando – Nunca os vi pessoalmente, mas nos jornais eles parecem menores. São bem fortões.

Trisha sussurrou de volta.

– É, eu sei. Eles também têm uma audição excepcional. Sussurre um “oi” para eles.

O médico virou a cabeça para olhar para os dois homens. Brass piscou para ele e flexionou os músculos. O outro Nova Espécie parecia emburrado, mas acenou. Trisha teve que conter uma gargalhada ao ver o rosto do médico corando levemente antes de voltar a atenção para a enfermeira e recitar às pressas uma lista de exames a serem feitos. Ele queria raios-x. Ela não achava que eram necessários, mas não protestou. Era a sala de exames dele, era paciente dele e não queria encher o saco.



Duas horas depois ela foi liberada, com um anti-inflamatório para o joelho, alguns analgésicos para o rosto e alguns antibióticos por causa das feridas abertas. Pensou em pedir uma pílula do dia seguinte, mas não se preocupou com o que ocorrera entre ela e Slade. Tinha certeza de que não podia engravidar sem ajuda médica, apesar de eles não terem usado proteção. Afinal, no momento, não havia nenhuma loja de conveniência por perto para comprarem camisinhas, e já que Trisha não era sexualmente ativa, não estava tomando nada.

Brass e Harley – era esse o nome do outro oficial da ONE – escoltaram-na até a farmácia para buscar os remédios prescritos. O helicóptero os pegou cinco minutos depois.

Ninguém havia ouvido nada sobre Slade, nem o encontrado. Trisha apagou quando o analgésico a dominou. Uma hora depois, eles pousaram em Homeland e, quando Brass a pegou nos braços para carregá-la para fora do helicóptero, ela acordou.

– Você está a salvo. Apenas relaxe.

Ela não pediu para ser colocada no chão. Ele parecia não fazer esforços para carregá-la, assim como Slade. Eles eram muito fortes.

– Obrigada.

Justice North esperava em um jipe ali perto. Lançou um olhar para Trisha e se

encolheu. Brass se recusou a soltá-la até que ela estivesse no banco de passageiro do jipe de Justice, que estava aberto. Ele e Harley entraram atrás e Justice levou-a para casa.

– Nem sei como começar a me desculpar por tudo o que se sucedeu, Trisha. Foi nada mais que um ataque contra Novas Espécies e você foi envolvida por associação.

– Não é culpa sua. Vocês não são os idiotas que nos jogaram para fora da estrada ou que decidiram que seria legal tentar nos caçar como se fôssemos cervos. Obrigada pelo helicóptero e por Brass e Harley terem tomado conta de mim tão bem. Já sabem alguma coisa sobre o Slade?

Justice negou com a cabeça.

– Nossas equipes ainda estão lá e pegaram mais oito daqueles filhos da… daqueles homens que estavam lá atrás de vocês. Vamos entregá-los às autoridades assim que os encontrarmos. Ficamos entusiasmados por conseguirmos uma autorização para mandar nossas próprias equipes até lá.

Brass bufou.

– Ficaram felizes em permitir que fôssemos até lá no lugar deles.

Justice concordou.

– É verdade. Estávamos mais equipados para a busca em uma grande área de bosque do que eles, e com uma força efetiva bem menor.

– Eles não queriam aqueles malucos fanáticos mandando bala na bunda deles – Harley interveio. – Nos deram jurisdição para ir lá arrumar a bagunça. Não vamos levar nenhum crédito por isso, ao contrário deles, mas a força policial local não ficou em perigo.

Justice olhou para Trisha e franziu profundamente a testa ao farejar. Não disse nenhuma palavra, mas Trisha notou quando ele fez de novo. De repente, ele pareceu muito zangado, ao mesmo tempo que estacionava o jipe na entrada da casa dela. Ela viu um guarda de segurança de Homeland em pé na varanda dela, mas não era um Nova Espécie.

– Sente-se bem ali – ordenou Justice a ela. – Eu o mandei para cá antes de nós porque sabia que suas chaves teriam se perdido depois do acidente. Recuperamos sua bolsa e as chaves. Trouxemos de volta o que deu para ser salvo. Suas roupas que não estavam rasgadas ou danificadas de outra forma foram lavadas. O que não deu para salvar vai ser reposto com nosso dinheiro. – Justice deu a volta no jipe e levantou Trisha, que ficou surpresa, e levou-a até a porta de entrada. – Me deram detalhes sobre seus ferimentos. O médico disse para você ficar em repouso por pelo menos dois dias.

O guarda de segurança balançou a cabeça para Trisha enquanto abria a porta de entrada. Justice entrou na casa e gentilmente colocou Trisha no sofá. Ele hesitou e se virou para estudar Brass e Harley. O guarda de segurança também havia entrado na casa.

– Por favor, podem nos dar alguns minutos? Gostaria de falar a sós com Trisha. Ela já passou por muita coisa e não precisa ter o trauma de me contar o que houve com uma plateia de homens ouvindo.

Os três homens saíram silenciosamente e a porta se fechou firmemente atrás deles. Justice foi até o sofá de dois lugares e se sentou. Ele parecia tenso. Seus olhos felinos encontraram os de Trisha.

– Sinto cheiro de medo, sangue e sexo em você. No relatório que o médico me passou, não havia menção sobre você ter sido sexualmente atacada. Algum daqueles fanáticos abusou de você? Soube que os ferimentos no seu rosto são resultado do que fizeram aqueles filhos da… – ele pigarreou. – Fanáticos.

– Pode chamá-los de filhos da puta. Eu chamo. – Ela olhou nos olhos de Justice, sem desviar. – Não fui estuprada, mas quase. Não quero dar detalhes mais específicos, mas Slade chegou lá a tempo. Ele parou o cara antes que ele pudesse realmente me machucar – ela fez uma pausa. – Ele precisou matá-lo.

– Fez sexo com alguém antes de sair daqui? Não estava ciente de que você estava saindo com alguém.

Trisha franziu a testa.

– Minha vida sexual não é da sua conta, senhor North.

– Não quis ofender, abordei isso do jeito errado. Desculpe não falar de um jeito melhor, mas estou tentando entender se você está mentindo sobre o estupro. Você trabalha e não sai de Homeland. Sei de tudo o que rola dentro desses muros. Você transou com alguém, porque estou sentindo cheiros vindo de você. Claro, sinto o cheiro de Slade e de dois homens humanos. Agora você também está com o de Brass e o meu, mas são leves, porque nós dois te carregamos. Sei que Smiley tocou em você para ajudá-la a descer o morro.

– Como vocês conseguem distinguir tão bem entre humanos e Novas Espécies?

Ele observou-a com atenção.

– Os Novas Espécies… É difícil explicar. Simplesmente sabemos a diferença. O cheiro de um macho é familiar. Só quero saber a verdade, se você sofreu abuso sexual ou não.

– Não sofri. O cheiro familiar que você deve estar sentindo é provavelmente o do motorista da SUV, Bart. Não sei seu sobrenome. Ele se feriu no capotamento

e eu o toquei bastante para ver se havia ferimentos. Ele está morto, não está? Slade e eu ouvimos três tiros depois que Bart se recusou a sair de onde caímos. Achou que aqueles homens não o machucariam porque ele era humano. Tentamos dizer que eles o matariam, mas ele se recusou a nos dar ouvidos. Não tivemos escolha, tivemos que deixá-lo para trás.

– Ele está morto. – Justice concordou com a cabeça. – Levou um tiro na virilha, na barriga e na cabeça, depois de ter sido amarrado e torturado. Achamos que tentaram tirar informações dele sobre seu paradeiro e o de Slade. O corpo dele foi localizado perto da SUV destruída. O médico-legista declarou que ele foi morto pouco depois do acidente.

CAPÍTULO DOZE

Trisha suspeitava que Bart morreria, teve certeza disso quando ouviram os tiros, mas ouvir as palavras que descreviam o que fora feito a ele destruíram-na por dentro. O rosto dele passou rápido pela memória dela, lembrando-a de como ele tivera medo e de como era apenas um garoto, cuja mãe se preocupava a ponto de querer que ele fosse a um veterinário para tomar vacinas contra doenças animais.

– Jesus – Trisha suspirou. – A virilha?

Justice hesitou.

– O que eles fizeram foi selvagem e cruel. Uma coisa é matar um homem a sangue frio, mas outra é castrá-lo antes da morte.

O estômago dela se revirou um pouco.

– Castrar?

– Eles usaram uma escopeta calibre 12 à queima-roupa. O médico-legista nos disse que eles devem tê-la colocado na virilha antes de puxarem o gatilho. Aqueles cretinos que são os animais, mas o problema é conosco. Nunca seríamos desumanos daquele jeito.

Trisha se levantou, com as pernas oscilando.

– Preciso de um banho. Sei que você tem perguntas, mas estou cansada, com fome e suja. – Ela mordeu o lábio e se encolheu, esquecendo de como ele estava dolorido. Ela encontrou o olhar de Justice quando ele se levantou. – Provavelmente vou chorar muito também. Não fui estuprada, eu juro. Slade impediu o cara que ia me atacar a tempo. Sou grata por você se importar com meu bem-estar, mas minha vida sexual é pessoal. Tenho um favor para pedir, porém.

– O que quiser.

– Quando souber de algo sobre Slade, diga para alguém me ligar, por favor. Não importa o horário. Ele salvou minha vida várias vezes lá. Acho que não vou descansar direito até saber o que houve com ele.

– Vou mandar Brass ficar aqui. Vou ordenar que tragam comida para você, estará te esperando quando sair do banho. Prometo que, assim que souber de algo, ligo para Brass e digo para ele te passar a informação. Amanhã, conversamos sobre o que aconteceu.

– Brass vai ficar aqui?

Justice fez que sim com a cabeça.

– Sim. É apenas uma precaução. Parece que houve algumas mortes entre aqueles filhos da puta, alguns associados deles estão bem putos por eles terem morrido em vez de matado. Você terá proteção dia e noite até sentirmos que não há mais ameaças. Você está familiarizada com Brass e tudo foi bem traumático para você. Ele fará o primeiro turno. Quero ele dentro da sua casa. Ele pode ficar sentado no sofá, se for aceitável. Estará aqui para receber as entregas de comida e te passar qualquer informação que eu receber.

– Mas estamos em Homeland e aqui é seguro. Aqueles imbecis não podem passar pelos portões para chegarem até minha casa. Tenho certeza de que…

– Alguém falou para eles sobre sua movimentação. – Justice interrompeu-a. – Sabiam da rota que havíamos planejado para o seu carro, o que nos diz que receberam informações daqui de dentro. Apenas as nossas equipes de seguranças humanos sabiam aonde estávamos indo, a que horas e como chegaríamos lá. Haverá oficiais da ONE com você dia e noite para te proteger até que eu tenha garantia da sua segurança, o que não acontecerá até que o responsável por tudo isso seja encontrado. – Ele respirou fundo. – Preciso ir, mas sua comida chegará logo. Coma e descanse.

Ela ficou chocada com o fato de haver alguém em Homeland que havia traído as Novas Espécies, mas acreditou em Justice e na expressão sombria dele.

– Não precisa me mandar comida. Posso preparar um sanduíche.

– Não. Você precisa de uma boa refeição quente e caseira. Vou pedir agora mesmo que mandem alguns pratos para você. Te vejo de manhã. Me ligue quando estiver de pé.

– Obrigada. Por favor, não se esqueça de me contatar sobre Slade.

– Prometo que não vou esquecer. Assim que eu souber, avisarei. – Ele deixou a porta de entrada escancarada e Trisha ouviu-o falar baixinho com os homens lá fora.

Trisha entrou lentamente em seu quarto e pegou moletons grandes e

confortáveis e uma camiseta larga. Entrou no banheiro. Olhou-se no espelho e teve vontade de explodir em lágrimas. Estava parecendo com algo que um gato ficou arrastando por aí até jogar fora e ir achar outra coisa para destruir.

Havia hematomas da orelha até a parte inferior do maxilar, se estendendo por vários centímetros em seu rosto. Seu lábio inferior estava bastante inchado de um lado, onde a pele fora aberta. Estava vermelho e saliente. Seu cabelo estava emaranhado e não havia esperanças de desfazer os nós. Além de tudo isso, uma fina camada de terra a cobria.

As roupas que usava estavam igualmente ruins. Ela se despiu e se encolheu mais devido aos dolorosos hematomas nos pulsos, nos pontos que haviam sido amarrados à árvore. Havia mais hematomas nas costas, no quadril e no ombro por causa do capotamento da SUV. Em seguida, viu mais um hematoma grande na coxa, causado pelo acidente. Ela sabia que sua aparência estava terrível.

Trisha foi para baixo da ducha e apenas ficou lá em pé por um bom tempo, depois lavou a pele machucada com muito cuidado. Doía, apesar dos analgésicos. As lágrimas começaram a rolar intensamente, até que ela se sentou no chão do chuveiro e cobriu o rosto com as mãos. Sabia que sua vida havia mudado para sempre. Dois homens estavam mortos e fora ela que tirara a vida deles. Como ela poderia voltar a ser a pessoa que fora um dia? Não via como era possível.

Uma batidinha leve na porta finalmente fez Trisha parar de chorar.

– Vou sair em um minuto.

– Precisa de ajuda? – Ela reconheceu a voz de Brass. – Sou confiável, doutora Norbit. – Ele fez uma pausa. – Estou entrando.

Merda. Ela tentou se levantar, mas seu corpo se recusava a responder. Havia as portas do chuveiro para escondê-la, mas eram de vidro fosco. Ela pôde ver a figura de Brass dentro do banheiro quando ele se moveu em direção à ela.

– Doutora Norbit?

– Eu me sentei e agora estou meio presa – ela admitiu. Odiava estar fraca daquele jeito e com tanta dor. – Eventualmente, vou me levantar, quando estiver me sentindo melhor. Pode só me jogar uma toalha? – Ela fechou as torneiras perto dela para encerrar o banho. – Por favor?

Uma grande toalha de banho caiu sobre as portas do chuveiro. Trisha pegou-a e usou-a para cobrir-se o máximo que conseguia. Dois segundos depois, Brass a surpreendeu quando abriu a porta do chuveiro.

– Não vou te olhar como se fosse uma mulher. Deixe-me te ajudar, doutora Norbit. Eu nunca te machucaria de forma alguma. – Ele se curvou, esticando os

braços para ela. Suas mãos agarraram as costelas dela com cuidado e colocaram-na em pé gentilmente. – Vamos te colocar na cama. A comida chegou e também vou trazer mais analgésicos para você.

Ela se sentia levemente humilhada por saber que precisava daquela ajuda. Não lutou enquanto aquele homem grande a guiava para sair do chuveiro. O braço dele a mantinha em pé, e ela precisava disso. Segurou a toalha na frente do corpo, mas não havia como cobrir sua parte de trás, totalmente nua. Trisha sabia que seu rosto devia estar vermelho como chamas. Brass de repente pegou a toalha e puxou-a.

Trisha ficou boquiaberta. Seu foco flutuou até o homem que segurava sua toalha. Ele mantinha os olhos fixos nos dela. Ele soltou o braço dela e então abriu a toalha para enrolá-la de forma segura em volta do corpo dela antes de esticar os braços a ela de novo. Ele a pegou no colo, segurou-a como se fosse uma concha e delicadamente colocou-a no balcão. Brass se virou, pegou outra toalha e, sem dizer uma palavra, foi se ocupar com os cabelos dela, que pingavam.

– Obrigada.

Brass balançou a cabeça.

– Você foi muito forte. Para alguém tão pequena, você tem todo o meu respeito, doutora Norbit. Foi bem valente, mas agora é hora de deixar que alguém cuide de você.

– Por favor, me chame de Trisha.

Ele sorriu rapidamente.

– Vou te pegar de novo, agora que seu cabelo não vai encharcar a cama, e te colocar lá. Vejo que tem pijamas, mas sofri o bastante com ferimentos em experiências passadas e posso te avisar que é melhor não vestir nada enquanto se recupera. Vamos lá.

Ele jogou a toalha do cabelo dela dentro da pia, levantou-a e colocou-a nos braços. Brass gentilmente carregou-a para fora do banheiro e para a cama, cujas cobertas alguém já havia tirado. Brass colocou-a no colchão e tirou os braços dela. Ele esticou a mão e fechou os olhos.

– Vou levar a toalha molhada para pendurá-la no banheiro enquanto você se cobre.

Trisha entregou a toalha e puxou as cobertas até o peito. Ela viu Brass retornar ao banheiro, onde ficou por alguns minutos, limpando o cômodo. Depois, ele saiu, apagou a luz atrás dele e acenou com a cabeça para ela antes de desaparecer do quarto. Ele voltou imediatamente, empurrando um carrinho de comida de três

andares com vários pratos cobertos. Trisha ficou embasbacada ao ver aquilo.

– Não pode ser tudo para mim.

Ele deu de ombros.

– Justice não sabia o que você queria comer, então mandou prepararem seis pratos. O Conselho tem seu próprio chef. Justice fez uma ligação pedindo para a comida ser preparada quando soube que você estaria para chegar. Há sobremesas também. De novo, Justice não sabia o que você comeria, então pediu para mandarem um pouco de tudo.

Brass removeu uma grande bandeja. Colocou-a no colo de Trisha e sorriu.

– Vou abrir os pratos para te mostrar o que você tem que escolher.

– Vai me ajudar a comer tudo isso, certo?

Brass deu uma risadinha.

– Estava mesmo com esperanças de que você perguntasse isso. Estou faminto.

O estômago de Trisha roncou alto. Seu rosto corou e ficou quente quando Brass riu de novo. Ele obviamente ouviu aquilo. Ele começou a remover as tampas enquanto listava as comidas que haviam sido preparadas. Não tocou nas sobremesas.

– Vou querer o filé e a alcatra. Tudo bem?

Ele sorriu.

– Tudo bem. Fico feliz por você não querer as costelas, fiquei com água na boca só de vê-las. Está com fome, né?

– Morrendo de fome.

Brass arrumou os dois pratos na bandeja. Saiu do quarto e voltou uns minutos depois com alguns refrigerantes. Trisha pegou o de sabor de cereja. Ela mantinha três tipos na geladeira. Brass hesitou.

– Vou comer na sala. Me chame se precisar de algo. – Ele levantou o prato com a costela de porco.

– Pode sentar ali. – Ela apontou para a cadeira próxima à cama. A cabeceira estava vazia daquele lado para que ele pudesse usá-la de mesa para comer. – Eu ia ligar a TV. Sinto muito por não ter uma na sala. Planejei comprar algumas coisas para a casa, mas ainda não consegui fazer isso. Você poderia ficar aqui para ver TV e até te dou o controle remoto se você prometer que não vai colocar em nada sobre História ou esportes.

Ele riu.

– Você escolhe o canal. – Brass se sentou e colocou o prato na mesa. Abriu um dos refrigerantes. – Obrigado. O que planeja mudar? É uma bela casa.

– Detesto esta cama e quero transformar o quarto extra em um escritório. –

Ela fez um gesto na direção do canto em que havia uma escrivaninha. – Não quero meu escritório no meu quarto. Preciso relaxar aqui e, toda vez que olho para ela, só consigo pensar em trabalho.

Brass direcionou o olhar a ela.

– O que há de errado com a cama? Gosto de camas de quatro postes, e essa parece sólida.

– É grande demais. Me sinto como se tivesse cinco anos de idade toda vez que subo nela, e sim, preciso subir. – Ela olhou para o chão. – Está vendo esse banquinho? – Ela deu de ombros.

Brass lançou um olhar para baixo e começou a dar risadinhas. Tentou parar, mas parecia achar graça demais para esconder.

– Em defesa à cama, você é pequena. É alguns centímetros mais baixa que a média para uma mulher.

– É, eu sei. – Ela cortou o filé e deu uma mordida. Ela suspirou. – Tão bom.

Brass se engasgou com o refrigerante. Trisha virou a cabeça e encontrou-o olhando para ela. Ele deu um soco no próprio peito.

– Está tudo bem?

– Tudo – ele assentiu com a cabeça. – Devo entender pelo barulho que você fez que você está gostando e que o chef do Conselho vale o dinheiro que pagam a ele?

– Ele vale cada centavo. – Ela cortou a alcatra e deu uma mordida. Suspirou de novo enquanto sorria. – Perfeita. Deliciosa. Quase derrete na minha boca.

Brass olhou para ela.

– Quer experimentar? Me trouxeram porções grandes.

– Não, obrigado. É toda sua. Adoro costelas. Mas talvez eu trace aquele prato de rosbife depois de comer isso, se você não quiser. Temos a tendência de comer muito.

– Fique à vontade. Nunca vou conseguir comer tudo isso.

Eles comeram. Trisha encontrou um filme de ação que os dois concordaram em assistir. Brass conseguiu comer três pratos e ainda teve espaço para a sobremesa. Ele deu dois analgésicos a ela. Em algum momento durante o filme, ela mergulhou no sono.



– Trisha?

Ela acordou se sentindo confusa. Olhou para cima e viu o rosto de Brass

pairando a uns trinta centímetros sobre o dela, no quarto com a luz baixa, mas não completamente escuro. Ela piscou na direção dele, deixando que a memória retornasse. Ele estava dentro da casa dela para vigiá-la. Ele sorriu para ela.

– Aqueles remédios agiram forte em você. Estou tentando te acordar há alguns minutos. Acabei de ter notícias de Slade.

Aquelas palavras empurraram para longe todo aquele sono arrastado e ela tentou se sentar. Brass de repente empurrou-a para baixo. As mãos dele pegaram em seus ombros delicadamente e ele deu um sorrisinho.

– Cuidado com as cobertas, Trisha. Quase ficou com os seios de fora. – As mãos dele a soltaram.

Merda. Ela havia se esquecido de que não estava usando roupas. Pegou as cobertas para deixá-las no lugar.

– Desculpe. Está tudo bem com ele?

– Ele está bem. Estão trazendo-o agora mesmo para Homeland. Ele encontrou uma de nossas equipes há uns vinte minutos. Levou um tiro, mas é apenas um ferimento superficial. Estão levando-o a um hospital para ser examinado, mas ele deve voltar para Homeland em algumas horas.

Lágrimas encheram seus olhos, mas ela piscou para contê-las ao ouvir a notícia de que Slade estava a salvo e vivo, com apenas um ferimento superficial. Ele havia levado um tiro. Tudo isso foi registrado. Ela viu em primeira mão como os Novas Espécies podiam ser fortes e como se curavam rápido. Não estava muito preocupada sobre o ferimento ser um risco à vida dele, já que esperavam que ele estivesse em Homeland em breve.

– Obrigada.

– Volte a dormir. Detestei ter que te acordar, mas Justice disse que você queria saber assim que ele soubesse. Tenho certeza que Slade virá aqui assim que voltar para dar uma olhada em você pessoalmente. Apenas descanse. Você precisa disso.

– Obrigada – ela sorriu para ele. – Pode dizer ao Justice que agradeço por tudo?

– Claro – Brass se afastou para retornar à sala.

Trisha estudou o quarto. Brass havia fechado as cortinas da cama, mas uma luz fraca aparecia entre elas. Ela olhou para o relógio, surpresa ao ver que eram cinco para as seis da manhã. Rolou para o lado e as drogas a atraíram de volta para o sono.

Slade está a salvo.



Slade não queria se sentar na cadeira, não queria nem mesmo estar na reunião. Precisava ir até Trisha. Não iria se sentir realmente calmo até que pudesse olhar nos olhos dela, inalar seu perfume e segurá-la nos braços. Ele planejava fazer muito mais que isso assim que a tocasse, mas se recusava a deixar que aqueles pensamentos fluíssem, já que cada um daqueles machos agrupados no escritório de Justice sentiria o cheiro de sua excitação.

– Estou muito grato por você estar a salvo. – Justice estava sentado no canto de sua mesa, com os olhos passeando pelos quinze oficiais confinados na sala, sentados ou em pé, e deu um suspiro alto. – Temos respostas. Os filhos da puta responsáveis por esse ataque que foram presos falaram com a polícia. Acabei de terminar uma conferência por telefone com o detetive responsável pelo caso.

– Eles nos odeiam – afirmou Tiger. – É por isso que fizeram isso. É por isso que fomos atacados no passado, e pelo mesmo motivo farão de novo.

Fury rosnou de onde estava, próximo à porta fechada, encostado na parede.

– Toda vez que achamos que a ameaça diminui, algo acontece.

– Acalmem-se – exigiu Justice, olhando nos olhos de cada um por vez. – É porque contratamos a médica e a informação vazou.

A espinha de Slade gelou com o choque.

– Por que se importariam especificamente com ela?

– Ela fez uma residência de dois anos em ginecologia. – Justice correu os dedos pelos cabelos soltos. – Alguém publicou o currículo dela nos jornais. Aqueles cretinos colocaram na cabeça que é o motivo por termos a contratado. – Ele focou em Fury. – Acreditam que ela está aqui para ajudar a entender por que não podemos ter filhos. Emiti uma declaração, dizendo que o fator decisivo para a escolha dela em vez dos outros candidatos foram seus anos trabalhando como médica de emergência. Acho que eles não acreditam que essa seja a verdade. Estão certos de que estamos tentando encontrar um jeito para você engravidar sua companheira, Fury.

Ele deu um rosnado.

– Ellie e eu não somos cobaias de testes. Não tomamos medidas nenhumas para isso. Queremos um bebê, mas nós dois concordamos que não vale a pena a dolorosa agonia de permitir que médicos destruam nossas vidas com suas coletas de sangue e agulhas e sondas.

– Sei disso. – Justice se mexeu na mesa. – Se a Mercile não conseguiu descobrir o que havia de errado, tenho certeza de que não há como corrigir o

problema. Havia especialistas em fertilização quase torturando nossas fêmeas até a morte. Apenas temos esse defeito. Não teria contratado a doutora Norbit para esse propósito mesmo que houvesse alguém disposto a servir de voluntário para passar por esses exames. Teria contratado alguém que lidaria unicamente com esse ramo da medicina.

– Ofereceram um prêmio pela minha cabeça – falou Slade.

– Foi assim que conseguiram que a maioria daqueles filhos da puta concordasse em ir atrás dela. – O olhar de Justice encontrou o de Slade. – Você foi o incentivo para matá-la e eles ofereceram dinheiro também para quem levasse seu corpo ao homem que os lidera. Eles sabem que é só uma questão de tempo até morrermos de velhice e, enquanto formos estéreis, estão confortáveis com a ideia de que não iremos durar. – A raiva aprofundou sua voz. – A noção de estarmos com mulheres humanas os deixa realmente putos também.

– Odeio humanos – Flame resmungou as palavras. – Homens. – Ele lançou um olhar de desculpas na direção de Fury. – As mulheres são doces. Sua Ellie é uma humana maravilhosa. Não quero mal nenhum para ela, mas aqueles machos me deixam com raiva.

– Não são todos eles – corrigiu Fury. – Só os que nos odeiam.

– A questão é que – continuou Justice –, a ideia de que temos outra mulher humana em Homeland, uma médica, incitou a raiva deles. Considerei contratar alguém para ficar no lugar da doutora Norbit, mas acredito que ela agrega valor a nós. É uma boa médica, que pode lidar com tudo, como vimos. – Ele encontrou o olhar de Fury. – Ela salvou sua vida. Não tem malícia alguma em relação a nós. Confio nela e vale o incômodo a mais de sermos um alvo maior por causa de sua experiência. – Ele se levantou da mesa. – Ainda bem que ela nunca ficou com um de nossos homens. Isso realmente seria o fim da picada para aqueles lunáticos.

Slade ficou tenso e sua boca se abriu. Antes que pudesse falar, Brass se adiantou.

– Pode ser que ela fique com um de nós. É uma mulher muito atraente.

– Qualquer homem que se importasse com ela evitaria isso – avisou Flame.

– É bem verdade – concordou Justice.

Flame falou de novo.

– Estamos tentando abrir outra casa para nosso povo. Vamos precisar que ela viaje com frequência para nos ajudar a montar o centro médico lá e, toda vez que ela sair dos portões, terá um alvo nas costas. Caramba, não podemos nem mesmo confiar nos humanos que trabalham aqui em Homeland. Alguém entregou o

esquema de viagem dela e a rota precisa. Brass e Wager estão vigiando ela dia e noite. Não tem como os grupos de ódio não fazerem dela um alvo primordial. Ela correria tanto risco quanto Justice se estivesse com um de nossos homens. Isso só os faria quererem atacá-la ainda mais do que já querem. Ela nos mantém vivos quando precisamos de um médico, e ainda por cima ela estaria dormindo com um de nós. Imaginariam que a cura de nossos problemas de fertilidade se tornaria prioridade dela, já que presumem que a maioria das mulheres quer ter filhos.

Um medo frio como gelo tomou o coração de Slade. Justice recebia ameaças de morte diariamente. Ele precisava que um esquema inteiro de segurança o acompanhasse a todos os lugares. Ser o líder de seu povo o colocava em uma posição mortal. Ele podia se misturar livremente a alguns poucos humanos confiáveis, e mesmo assim era arriscado.

Trisha era a médica de Homeland que cuidava de qualquer humano que precisasse de sua ajuda. O traidor podia apenas cortar a própria mão e ir direto a ela. Morreria antes que qualquer um pudesse chegar até ela, mesmo com guardas. Os homens que faziam parte daqueles grupos de ódio eram insanos. Ele não tinha dúvidas de que um deles faria uma missão suicida para eliminar o inimigo, que seria a sua Trisha. E eles morreriam se tocassem nela.

– Verdade. – Justice balançou a cabeça. – É bom que nenhum de nossos homens esteja interessado nela. Eu teria que demiti-la e contratar outro médico. Ela precisaria de guardas como Ellie precisa. Ellie só tem permissão para trabalhar com nossas mulheres, já que não representam nenhuma ameaça para ela.

Os olhos de Slade se fecharam e a dor em seu peito se tornou mais aguda, uma agonia parecida com a de uma punhalada. Trisha adorava o emprego dela, ser médica é o que ela era, assim como ele era um Nova Espécie. Aquilo não podia mudar e tentar fazer isso seria burrice.

Ela o odiaria se ele a fizesse escolhê-lo no lugar da vida que ela levava. Com o tempo, ficaria ressentida. Ele não tinha nem certeza se ela se importava com ele o suficiente para se sentir tentada a ficar com ele se ele oferecesse uma escolha.

– Teremos que apertar a segurança. A doutora Norbit terá proteção vinte e quatro horas por dia até que a ameaça diminua. Precisamos encontrar quem nos traiu. Com o tempo, aqueles filhos da puta vão entender que nada nos ajudará a ter filhos, vão parar de ficar com medo de que a gente se reproduza e arruíne os sonhos que eles têm de nos ver eventualmente extintos.

Justice continuou falando, mas Slade parou de ouvir. Estar com Trisha podia fazer com que ela fosse morta. Aquilo a colocaria num perigo muito grande. Ele colocou as emoções em rédeas curtas, com medo de que alguém sentisse o cheiro de sua forte dor, e sabia que lamentaria mais tarde, em particular. Ele não podia colocá-la em tanto perigo, nem arruinar sua vida. Ela significava demais para ele.

CAPÍTULO TREZE

O suor borbulhava na testa de Trisha e ela se perguntou se estaria enjoada. Nervosa, ela estava sentada na área de recepção do escritório de Justice North e lutava contra a enorme vontade de vomitar. Olhou para o relógio. Chegara um pouco cedo e foi informada de que ele estava ao telefone.

Ela que convocara a reunião, mas não tivera outra escolha, sabendo que devia ser a responsável pela situação terrível. Não era só com as próprias questões que tinha de lidar. Seria um problema e tanto e ela precisava fazer a coisa certa. Isso significava debatê-lo com Justice. Isso envolvia as Novas Espécies e ele tinha o direito de saber. Ela só não esperava que fosse ficar mal do estômago por isso.

A mulher alta atrás da mesa da secretaria observava Trisha atentamente, parecendo levemente preocupada.

– Quer um café ou uma água, doutora Norbit? Você está bem pálida.

– Estou bem. – Trisha forçou um sorriso. – São os nervos.

A mulher assentiu e virou-se para a tela do computador.

– Deve demorar só mais alguns minutos. Justice está em uma ligação de longa distância com a recém-adquirida Reserva de Novas Espécies. Vão abri-la em breve e as coisas andam bem agitadas por aqui. Não era para lá que você estava indo quando seu veículo foi atacado? Já estão todos bem agora?

– Estou totalmente recuperada, obrigada por perguntar. E, sim, estávamos indo para lá quando fomos atacados.

Trisha nunca chegou a ver o lugar. Só sabia o que havia ouvido nos noticiários. Brass contara a ela um pouco sobre o projeto. A seiscentos e quarenta quilômetros ao norte, na área florestal do norte da Califórnia, Justice comprou centenas de acres de terra; um velho resort que fora fechado anos antes e estava abandonado. O dono o vendera a um preço barato para evitar ter que

pagar impostos sobre a propriedade. Justice planejava transformá-lo em um lar para algumas Novas Espécies que não queriam “conviver com outros”.

Um sorriso curvou seus lábios ao se lembrar de Brass dizendo exatamente aquelas palavras a ela. Ele explicara que algumas Novas Espécies se pareciam menos humanas que outras que ela havia visto em Homeland. Não queriam se integrar aos humanos, só queriam viver em paz em um lugar seguro. No momento, residiam em um local não especificado, longe do contato com humanos, mas, com os grupos de ódio, todos temiam pela segurança deles, caso um dia alguém descobrisse onde haviam sido colocados pelo governo.

Justice comprou o velho resort para aproximá-los de seu povo e para ser capaz de protegê-los melhor. Haviam decidido renomear o lugar para Reserva das Novas Espécies. Ela tinha certeza de que era um título apropriado, já que aquilo era qualquer coisa menos um local de férias. Seria gerenciada da mesma forma que Homeland, totalmente sob controle e leis de Novas Espécies. Também haveria segurança de alto nível para proteger Novas Espécies que escolhessem viver lá.

Brass se tornou um bom amigo de Trisha enquanto ficava na casa dela pelas duas primeiras semanas após aquela experiência penosa. Ele a fez rir muito e se tornou importante para ela. Ela se preocupava um pouco sobre ele poder se sentir atraído por ela, mas ele jamais havia feito algo além do limite. Quando os alertas de ameaça a ela diminuíram, ela até passou a sentir falta das companhias constantes que a vigiavam.

Brass ainda ia ver como ela estava e costumava chegar à casa com alguns filmes de ação e ela preparava a pipoca. Às vezes, ele levava alguns amigos juntos. Trisha conheceu alguns Novas Espécies assim. Eles a tratavam como se ela fosse uma irmãzinha, uma deles, e ficava agradecida por isso. Evitava que ela sentisse pena de si mesma.

Slade jamais ligou ou foi vê-la. Na verdade, ele havia sumido do mapa, até onde Trisha sabia. Algumas semanas antes, um dos homens mencionara que Tiger e Slade estavam trabalhando na Reserva. Ele nem mesmo morava mais em Homeland.

A mensagem silenciosa de ações falando mais alto que palavras havia sido clara para Trisha. O sexo entre eles não foi nada mais que transas casuais para Slade. A realidade a machucava profundamente, mas ela estava se recuperando e determinada e fingir que nunca havia acontecido. Isso até aquela manhã. Ela ficou com medo de sentir enjoo novamente.

– Doutora Norbit? – Trisha levantou a cabeça e olhou para a secretária. – Pode

entrar agora.

– Obrigada.

Trisha se pôs de pé, apesar de seus joelhos ficarem fracos. Ela sentia urgência em fugir. Poderia ir embora, se demitir e mudar para outro estado apenas para evitar a bagunça toda. Sentiu-se tentada a ouvir aquela voz apavorada em sua cabeça. Até mesmo hesitou quando seu olhar cintilou em direção à porta que levava para fora da área de recepção. Em vez disso, porém, ela engoliu em seco e forçou as pernas a andarem em direção ao escritório de Justice. *Sou uma médica e sei o que precisa ser feito, independentemente das consequências pessoais que vou encarar*.

Justice vestia os jeans de sempre, uma regata esportiva e estava descalço. Ela sempre achava divertido ver que o líder de uma raça inteira podia ser tão casual, a não ser que ele fosse ficar em frente às câmeras da mídia. Aí ele usava ternos pretos, amarrava o cabelo para trás e até calçava sapatos.

Ao entrar no escritório, ele foi até ela com passos largos e um sorriso curvando seus lábios generosos. Ela sempre notava como ele era bonito com aquele corpo em forma, suas lindas feições e aqueles olhos sensuais de gato. O fato de ele ser muito gentil também acrescentava um encanto. Ela forçou um sorriso.

– Bem-vinda, Trisha. Está quente hoje, não?

Ela concordou com a cabeça. Estava vestida formalmente, com uma saia longa azul-marinho e uma camisa de botões social, com a intenção de passar uma imagem profissional para ver se acalmava os nervos. Ela até mesmo tomara tempo para fazer um belo coque no cabelo. Aquilo a distraíra da reunião que estava por vir, que ela havia pedido a Justice assim que ele tivesse tempo de vê-la. Ela especificara a urgência de falar com ele. Ele reservara um tempo para ela.

– Então, o que é tão importante? Debra, minha secretária, me informou que você precisava falar comigo imediatamente. É algum outro pedido por mais enfermeiros? Os dois adicionais que contratamos não são suficientes? Quer pedir mais equipamento médico? – Ele acenou para ela se sentar em uma cadeira enquanto andava em volta da mesa. – Sente-se.

Trisha se jogou em uma poltrona. Justice mantinha o sorriso no lugar ao se sentar. Ele se inclinou para a frente para apoiar os cotovelos na mesa, com o queixo nas mãos. Ele parecia estar achando graça.

– Você parece séria. Não fique. Já te disse antes que estou muito disposto a te arranjar qualquer coisa de que precise para o centro médico.

– Não é sobre isso. – Ela precisou acalmar o coração que batia acelerado. – É

sobre um assunto pessoal.

O sorriso se esvaeceu lentamente enquanto o olhar dele se estreitava.

– Por favor, não me diga que está se demitindo. Precisamos de você. – Ele levantou a cabeça, removeu os cotovelos da mesa para se apoiar no encosto da cadeira e de repente pareceu tenso. – Eu ficaria mais do que feliz em discutir sobre dinheiro com você, se é uma questão de salário. Queremos muito que você continue trabalhando conosco, você é uma excelente médica e meu povo passou a confiar em você. Você não tem ideia de como valorizamos isso e você.

Ela fez que não com a cabeça.

– Não é sobre dinheiro e não quero ser demitida ou me demitir, apesar de que talvez você não queira que eu trabalhe para vocês depois desta reunião. – Ela respirou fundo, estudando Justice. – Me desculpe. No momento, estou morrendo de medo.

– De mim? – Ele pareceu surpreso.

– Da situação. Nem sei por onde começar. Algo aconteceu, e é bem sério. Se alguém entende como isso é grave, esse alguém sou eu.

– Tudo bem. – Justice respirou fundo. – Me diga o que há de errado.

– Tive acesso a um monte de arquivos médicos que contêm alguns dos dados recuperados de pesquisas das Indústrias Mercile. Eles tentaram que homens e mulheres Novas Espécies procriassem. Sei que você está bem ciente disso.

O rosto dele endureceu.

– Sim. Eu servi pessoalmente a muitos dos estudos de procriação deles. – A voz dele descera a um tom de rosnado.

– Do que li nos arquivos que recebi, todos os testes que fizeram foram entre duas Novas Espécies e sempre falharam. Nunca tentaram fazer com que um Nova Espécie procriasse com humanos puros.

– Não. Éramos considerados muito perigosos e eles tinham medo de que matássemos qualquer um da equipe que tentasse nos seduzir para fazer sexo com eles. Você não pode nos culpar.

– Não culpo – hesitou ela.

– Eles abusaram gravemente de nós.

– Eu sei disso. Eu… aconteceu – ela afirmou, de forma muito delicada.

– Não entendo. Achou um arquivo que diz que fizeram esses estudos com alguns do meu povo? Alguns deles concordaram em fazer sexo com humanos enquanto éramos prisioneiros?

Ela lutava contra a vontade de romper em lágrimas.

– Não. Me desculpe. Não estou sendo muito clara. Uma humana completa

concebeu um bebê com um Nova Espécie.

Pronto. Eu disse. Ela observou o choque transformar o rosto de Justice. A boca dele se abriu, depois se fechou. Ele finalmente encontrou a voz.

– Isso… – Ele parecia atordoado. – Tem certeza?

– Tenho. Eu mesma fiz os testes hoje de manhã e realizei um ultrassom. O feto tem um batimento cardíaco forte e bem desenvolvido, e parece perfeito. Não vou mentir. Essa gravidez não é normal. Os batimentos cardíacos são como os de um feto muito mais avançado e as medidas são fora do comum. Parece que a taxa de crescimento e o desenvolvimento fetal são muito maiores que os de uma gravidez típica. É alarmante, Justice. O bebê está crescendo mais rápido do que deveria e os sintomas de gravidez são prematuros para o período da gestação. – Seus dedos se enterravam na poltrona em que ela estava sentada. – Pela primeira vez, de acordo com o que sei, um Nova Espécie foi capaz de conceber um bebê. Sei que você acreditava que todos os seus homens fossem estéreis, mas pelo menos um deles não é.

Justice se levantou de repente. Se virou para a janela e ficou de costas para Trisha. Permanecia em silêncio. Trisha o observava com medo, não tinha ideia de como ele reagiria. Ela tinha uma TV, assistia a entrevistas com grupos de ódio e sabia que viriam problemas enormes para Novas Espécies quando se espalhasse a informação de que não só eles podiam ter filhos (pelo menos um deles não era estéril) como a mãe não era uma Nova Espécie.

Um monte de idiotas acreditava que um cruzamento daquele tipo seria uma grave ofensa. Eles o compariam a um cruzamento entre um animal e um humano. Seus preconceitos enojavam Trisha, mas ela não tinha como mudar as cabeças pequenas deles. Justice finalmente se virou, com um sorriso enorme.

– Isso é maravilhoso! – Ele se jogou na cadeira. – E é certeza de que definitivamente foi um cruzamento entre um humano e um Nova Espécie?

– Cem por cento de certeza.

Ele gargalhou.

– Nunca achei que eu fosse capaz de ter filhos. Nenhum de nós achava. – Ele se levantou novamente e quase saltou por cima da mesa para abraçar Trisha, que ofegava. Ele a arrancou da cadeira, pegou-a nos braços e abraçou-a. – Essa é a melhor notícia que já tivemos, Trisha. Você é uma gênia! Você conseguiu!

Trisha gentilmente empurrou Justice, até que ele a soltou. Ela olhou para o rosto sorridente dele, com uma sensação horrível. Ele obviamente pensava que ela, enquanto médica, fizera algo que resultara numa gravidez. Ela sabia que precisava esclarecer as coisas imediatamente.

– Não foi algo que fiz de propósito. Não houve intervenção médica. Apenas aconteceu. É uma gravidez completamente não planejada e natural.

– Melhor ainda! Ganhei meu dia. Caramba, ganhei o ano. – Depois o sorriso dele se esvaeceu conforme ele foi ficando tenso. – Precisamos manter isso sob os panos. Teremos que proteger o casal. Pode haver uma tempestade de ameaças a nós se a imprensa descobrir e noticiar. Quem sabe?

– Por enquanto só você e eu.

– O casal não sabe?

Ela percebeu que ele não estava entendendo o que ela tentava contar. Ela abriu a boca. Justice recuou.

– Sobre isso…

Justice interrompeu-a.

– A imprensa não vai falar de outra coisa se descobrir. Precisamos manter isso em sigilo. Você terá que cuidar da mulher grávida. Ninguém, *ninguém* mesmo, pode ficar sabendo disso até que o bebê nasça. Vamos manter o par isolado para protegê-lo e qualquer anotação que você tenha feito disso tem de ser destruída. Consegue imaginar o que aqueles grupos terroristas vão fazer e como será perigoso quando souberem que podemos procriar com humanos? É uma das coisas que usaram contra nós para arrastar mais idiotas para lutarem pela causa deles. Acham que é algo repugnante que um de nós toque em alguém totalmente humano, e isso vai deixar putos o que anseiam pelo nosso fim e para que nossa geração seja extinta.

– Justice…

– Eu e você vamos trabalhar para protegê-los a qualquer custo, Trisha. Precisamos manter isso em segredo absoluto. Vou chamar um helicóptero para que os levem para fora daqui a uma hora. A Reserva ainda não está operando totalmente, mas é muito protegida e é o lugar mais seguro para escondê-los. Você terá que ir para lá também. – Ele olhou fixamente para ela. – Sei que sua vida é aqui, mas você tem que ser protegida. – Ele sorriu. – Isso é mais importante. Eu…

– Cale a boca! – Trisha berrou finalmente.

Justice franziu a testa para ela.

– O quê…

– Quieto – mandou ela, abaixando a voz. – Estou tentando te contar uma coisa e você fica interrompendo.

Ele balançou a cabeça.

– Vá em frente. Estou ouvindo.

Ela hesitou, olhando fixamente para aqueles olhos lindos e exóticos.

– Eu sou a mãe. Sou eu, Justice. Sou a mulher que está carregando um Nova Espécie bebê. Não há anotações, já que eu fiz todos os testes enquanto estava sozinha na clínica. Percebi que minha menstruação não veio, mas coloquei a culpa no estresse quando vi que estava atrasada. Depois, comecei a sentir enjoos matinais e fiz um teste quando saí da cama hoje de manhã. Deu positivo. Logo depois disso, fui ao centro médico e fiz um ultrassom em mim mesma. – Ela piscou para conter as lágrimas. – Definitivamente há um bebê crescendo dentro de mim, e em uma velocidade acelerada. Talvez a única explicação para essa anormalidade seja porque o bebê é metade Nova Espécie e a gravidez será mais curta, devido ao DNA alterado do pai. – Suas mãos se apoiaram na barriga. – Eu sou a mãe. – Ela repetiu.

Justice olhou estarrecido para ela, completamente chocado. Ela caiu de volta na poltrona enquanto lutava contra mais lágrimas. Foi difícil, mas ela conseguiu não romper em soluços. Levantou os olhos e percebeu que Justice olhava mudo e embasbacado para ela. Os segundos pareciam durar uma eternidade antes de ele encontrar a voz.

– Tem certeza de que o pai é um Nova espécie? Sei que você estava saindo com alguém e eu achava que era um humano.

– A última vez que fiz sexo foi há uns dois anos. Fiz sexo uma vez desde então e foi com um de seus homens. Não há dúvida alguma de que ele é o pai.

Justice se sentou na beirada da mesa.

– Tudo bem. São boas notícias, Trisha. Você parece tão triste, mas não fique. Não tem ideia do que isso significa para o meu povo. – Ele deu a ela um sorriso triste. – Afinal de contas, podemos ter filhos. Se um de nós é capaz, talvez os outros também possam. Sei que você provavelmente está assustada, mas vai dar certo de algum jeito. Vamos conseguir. Você pode cuidar dos seus próprios tratamentos médicos até que possamos encontrar alguém de confiança para assumi-los? Você obviamente não pode fazer o parto do seu próprio filho.

Ela piscou para segurar mais lágrimas.

– Ainda estou em choque, mas quero o bebê. Estou mais é assustada. Nunca achei que fosse ser mãe, e sei que meu bebê está em perigo por causa do que isso significa. Será o primeiro bebê conhecido por ser de espécies cruzadas entre nossas raças. Tenho medo de que tipo de vida ele ou ela irá encarar. Fiz o ultrassom e tudo parece em ordem, mas é muito difícil afirmar isso nessa fase. Estou preocupada com o tamanho do bebê, porque é muito maior do que deveria ser. Preciso fazer uma tonelada de exames. Pode haver algo de errado com a

gravidez. Simplesmente não sabemos o que esperar, pois isso nunca aconteceu antes. Estou apavorada.

– Vamos passar por tudo juntos, seja lá o que for. Você nunca vai estar sozinha, Trisha. Já te considerávamos uma de nós antes, mas agora você é realmente uma Nova Espécie. Sua criança é uma de nós e, como mãe dela, você é oficialmente parte da ONE. Sendo assim, concedo a você todos os direitos. Você terá nosso apoio total, cuidaremos muito bem de você e estará protegida o tempo todo. – Ele se pôs em pé e contornou a mesa, pegando o telefone. – Encontre Brass agora mesmo e mande-o ao meu escritório.

Trisha relaxou. Isso poderia ter saído muito mal. Ela esperara o pior, que ele pudesse se aborrecer com a notícia. O bebê colocava o povo dele em risco. Justice ficando animado e feliz com o bebê dela era muito melhor do que qualquer coisa que ela imaginara.

– Vamos mandar você com Brass até a Reserva. Ele te protegerá com a própria vida e terá muita ajuda, Trisha. Sei o quanto você confia nele para mantê-la segura. Vou dizer a todos que quero um médico lá e que você se voluntariou para ir. Ninguém vai suspeitar. Foi o que planejei fazer antes do seu ataque. Queria que você estivesse a postos quando o centro médico fosse construído. Vou pedir para alguns de meus homens fazer suas malas com todas as suas coisas e levá-las. Não quero que levante um dedo sequer. – Ele deu uma risadinha. – Você será muito mimada, então se acostume.

Justice se afundou de volta no assento enquanto Trisha o observava fazer uma discagem rápida. Disse às pessoas ter decidido que precisavam de um médico na Reserva e que Trisha fora gentil o bastante ao concordar em ir. Ele arranjou um voo para ela em menos de uma hora e depois ligou para dizer a ele que uma equipe estava a caminho. Alguém finalmente bateu na porta e Justice desligou.

– Entre – chamou ele.

Brass entrou no escritório e fechou a porta atrás dele. Ele obviamente estava em serviço, pois usava o uniforme. Ele sorriu ao ver Trisha e piscou antes de prender a atenção em Justice.

– Me disseram que você precisava de mim.

Justice deu um sorrisinho.

– Vou te mandar com Trisha até a Reserva. Estarão esperando por vocês. Vou deixar que escolha seus dois amigos mais próximos para irem junto para te ajudarem a protegê-la. – Justice se levantou e riu. – Não é uma ótima notícia? Parabéns, Brass! – Justice de repente deu passos largos à frente e abraçou o homem surpreso – Você vai ser pai!

Trisha se sentiu uma idiota, mas não era nada comparado à expressão no rosto de Brass. Os olhos dele se arregalaram e seu queixo caiu.

– Ahn, Justice?

Justice soltou Brass e olhou sorrindo para Trisha.

– Sim?

Ela chacoalhou a cabeça.

– Não é ele.

– O que está havendo? – As feições de Brass pareciam confusas.

Justice ignorou-o e continuou olhando para Trisha enquanto seu sorriso desaparecia.

– Mas ele fica na sua casa à noite. Eu te disse que sei da movimentação de todo mundo em Homeland. Vocês estão namorando.

– Somos apenas amigos que assistem a filmes juntos. Ele não é o pai do meu bebê. Nunca dormi com Brass.

– Bebê? – Brass tomou fôlego. Sua atenção voou para Trisha. – Você está grávida?

Ela concordou com a cabeça.

– Sinto muito por isso. Achei que Justice tivesse te chamado para ser meu guarda-costas, porque ele sabe que ficamos amigos. Nunca imaginei que ele pudesse achar que você é o pai do meu bebê.

– Você está grávida? – Brass rosnou de forma selvagem de repente. Ele recuou e cruzou os braços sobre o peito, enquanto seu foco se prendia no chão.

Trisha notou a reação sombria dele, o que a deixou sem palavras.

– Isso é perigoso para ela e todos nós – Justice advertiu delicadamente. – Você é o guarda-costas pessoal dela. Ninguém vai saber sobre essa gravidez. Está claro, Brass? Isso será um problema para você?

Brass encontrou o olhar de Justice.

– Eu a protegeria com a minha vida. Ninguém vai saber disso por mim. Quais são minhas ordens?

– Um helicóptero sairá com ela daqui a uma hora. Escolha dois homens a quem você confiaria a vida dela e diga a eles que são parte da equipe. Será uma missão longa. Não faça uma mala pequena. Vou usar a desculpa de que estou dando a ela a tarefa de cuidar do centro médico na Reserva por ora.

– Entendido. – Brass não olhou nem de relance para Trisha ao sair do escritório. A porta se fechou suavemente atrás dele.

Confusa, Trisha franziu a testa.

Justice estudou-a.

– Não sabia que ele gostava de você? Você pode ter achado que ele era seu amigo, mas acho que ele estava te cortejando lentamente.

– Eu não sabia. – Aquilo chocou-a. – Achei que ele pudesse gostar de mim, mas ele nunca me chamou para sair, então deixei essa ideia de lado.

– Às vezes, é difícil nos entender. Notei em nossa espécie que ou eles vão direto ao que querem, com a agressividade de um pit bull, ou tentam facilitar as coisas para algo que queiram, até que possam dar o bote quando menos se esperaria. – Justice suspirou. – Então quem é o pai?

Trisha levantou o queixo, desafiando-o.

– Não vou falar.

As pálpebras de Justice se apertaram.

– O quê?

– Foi apenas sexo. Não significou nada. Este é o meu bebê.

Justice parecia levemente zangado ao cruzar os braços sobre o peitoral largo.

– Quem é o pai do bebê, Trisha? Você tem que confiar em mim. Sendo sexo casual ou não, um Nova Espécie gostaria de saber se estivesse prestes a se tornar pai.

Ela mordeu o lábio.

– Acho que não.

Os braços dele se apertaram contra o peito.

– Você admitiu que transou uma vez em dois anos. Senti cheiro de sexo em você uma vez. – Ele estudava o rosto dela com atenção. – Havia meu cheiro em você, e sei que não sou o pai. Havia o cheiro do Brass em você, mas obviamente vocês não fizeram sexo. – Ele tomou fôlego. – Também havia o cheiro do Slade em você. Era o mais forte, mas achei que fosse porque vocês ficaram sozinhos por dias e… É claro. Slade é o pai.

Ela deixou a cabeça cair.

– Por favor, não conte a ele.

– Desculpe, Trisha, mas preciso. Ele gostaria de saber. Tem o direito de proteger e cuidar de você, já que você está carregando o filho dele.

Ela permitiu que as lágrimas caíssem quando olhou para cima.

– Ele nunca me contatou, nunca me ligou, não tentou me ver nenhuma vez nas semanas em que ficou aqui depois de retornar. Por favor, não conte a ele. Não posso vê-lo.

Justice xingou baixinho.

– Você achou que fosse mais que sexo casual e as ações dele te machucaram.

Por que mentir? Ela concordou com a cabeça.

– Sim. Por favor, Justice. Não posso te impedir se você está decidido a contar para ele, mas mantenha-o longe de mim se contar. Por favor?

– Não entendo.

– Ele não quis mais ficar comigo depois que fomos resgatados, e eu certamente não quero que ele tente ficar comigo agora por causa dessa gravidez. Ele fez a escolha dele.

Ele estudou-a por um bom tempo.

– Entendo, mas tenho que contar a ele, Trisha. Vou falar a ele sobre seus sentimentos e dizer que ele estragou tudo.

Ela enxugou as lágrimas.

– É, é uma boa forma de dizer isso. – Ela se levantou. – Obrigada por aceitar isso tão bem.

– Obrigado a você por… – Justice se moveu e abraçou uma Trisha surpreendida. – Por estar grávida e nos dar esperanças de termos filhos. Tenho certeza de que tudo vai dar certo e que esse bebê vai nascer saudável. Somos uma turma animada e dura de matar. Esse bebê será metade Nova Espécie.

Ela chorou quando Justice a abraçou. Ela o abraçou de volta, admitindo que precisara de alguém o dia todo para confortá-la, desde que havia entendido que estava grávida. O choque foi grande mesmo. Justice acariciou suas costas e apertou-a mais nos braços, consolando-a.

– Sinto muito pela dor que está sentindo. Slade devia saber como você é especial e nunca devia ter deixado você ir embora, Trisha. Eu não deixaria se você fosse minha. Essa deveria ser uma ocasião feliz, mas ele te machucou.

Ela fungou e se afastou de Justice. Ele a soltou enquanto ela enxugava as lágrimas novamente.

– Obrigada. Foi a coisa mais legal que você podia ter me dito. – Ela olhou para ele. – Há mais uma coisa que quero pedir a você.

– Qualquer coisa.

– Peço que conte a Ellie e ao Fury que estou grávida. Eles ainda não conceberam, mas provavelmente conseguiriam. Sei que querem um bebê. Pode ser apenas um problema simples de baixa contagem de esperma, ou talvez Ellie só precise de uma ajudinha para produzir óvulos. Alguns remédios para fertilidade podem ajudá-la a engravidar. Posso encomendar testes que tenho certeza que eles concordariam em fazer assim que souberem. Eles saberão que têm esperanças de conceber. São o outro casal de humano e Nova Espécie, e são os dois únicos que precisam dessa informação. Os dois são confiáveis.

Justice assentiu com a cabeça.

– Está bem, farei isso. Não se preocupe. Vou tomar conta disso e pedir que o doutor Ted Treadmont faça os exames. Sei que não é a área dele, mas ele é capaz de fazer uns exames simples, certo?

– Ele é confiável. Sim, Ted pode cuidar disso.

– Ótimo. – Justice entregou a Trisha alguns lenços que tirou da gaveta. – Aqui. Assoe o nariz. Pode usar meu banheiro para se lavar. Não queremos que ninguém desconfie e, com você chorando, daríamos pistas de que há algo errado.

– Desculpe.

– Você está emotiva. Ouvi dizer que é normal na gravidez.

– Sim, é. Meu Deus, odeio imaginar a neurótica que vou estar em cinco ou seis meses. – Ela chacoalhou a cabeça. – Já me sinto mal pelo meu esquema de segurança. – Andou até a porta do banheiro e então parou, se virando. – Me sinto tão mal por Brass. Acha que continuará sendo meu amigo?

– Ele vai. Ficou desapontado, mas não vi muito aborrecimento em seus olhos. Ele vai superar.

Ela esperava que sim. Entrou no banheiro e fechou a porta.



Justice ouviu a água correndo. Humanos completos não tinham sentidos aguçados. Ele sempre precisava se lembrar desse fato, achando que a audição deles era como a sua. Ele se sentou à mesa. Experimentava alegria e tristeza com o fato de que podiam procriar. Ele queria ter um filho um dia, mas o medo de como os humanos reagiriam se descobrissem dava um nó em seu estômago. Ele discou para a sede na Reserva e pediu para falar com Slade.

– Oi, Justice. Conseguiu me pegar no escritório. Acabei de fazer uma reunião com um dos construtores. A cerca de segurança está pronta. Estará funcionando totalmente no mês que vem, com os sensores de movimento e a vigilância eletrônica. Eles ficaram chiando e resmungando sobre as datas finais do clube, mas está tudo no prazo. Em dois meses, eles devem terminá-lo. Não há mais nada para reportar.

– Tenho uma novidade para você, na verdade.

– Tudo bem.

– Estou enviando a doutora Trisha Norbit para a Reserva.

Silêncio.

Justice mostrou os dentes, exibindo sua raiva. Obviamente Slade não estava animado com a notícia. O som que ouviu a seguir confirmou suas suspeitas.

Finalmente ele ouviu um suspiro.

– Tudo bem. Ela vai ficar aqui por algum motivo? – Slade não parecia feliz.

– Sim. A linha está segura?

– Claro. Há algum motivo para precisar estar? Aconteceu alguma coisa? Ela virou um alvo de novo? Achei que tudo tivesse se acalmado por ora. Me sinto na obrigação de te dizer que acho que ela estaria muito mais segura aí, se você a está mandando para cá por causa de mais ameaças. Há espaço aberto pra caramba para alguém violar a Reserva, mais do que em Homeland.

– Aqui há gente demais que vai vê-la. Acho que é melhor se ela for enviada para aí. É remoto e mais fácil de proteger do público. Ela está a caminho, então arrume tudo. Quero que ela seja colocada em um local remoto, porém confortável, e que seja imensamente seguro. Estou mandando três oficiais pessoais com ela para protegerem-na o tempo todo.

– O perigo é tão grande assim? – A voz de Slade ficou tensa e seu tom se transformou num rosnado. – Ela está bem? Alguém atentou contra a vida dela?

Justice de repente sorriu com o fato de que Slade obviamente se importava. Ele mordeu o lábio.

– Ela está em um perigo extremo. – Ele conseguiu manter o tom de voz calmo. – Ela está bem, mas passando um pouco mal. Estou mandando-a para aí para a proteção dela, e para que ela tenha um descanso bem merecido.

– Vou cuidar disso. Ninguém vai fazer mal a ela aqui – Slade rosnou as palavras.

– Tenho certeza de que ela vai ficar bem. Preciso ir. Vou pedir ao piloto que me comunique por rádio o horário exato do pouso.

– Cuidaremos disso.

A raiva jorrava ardentemente dentro de Slade, até que o suor começou a escorrer por sua pele. O escritório onde se encontrava tinha ar-condicionado, mas não era capaz de impedir a reação à sua raiva. Ele fizera o ato honroso de deixar Homeland para evitar a tentação de ir atrás de Trisha. Por várias vezes sacrificou a própria sanidade para garantir que ela não ficasse em perigo.

Ela tinha de ser enviada à Reserva devido a uma ameaça. O fato de Justice ter sido tão vago sobre o que motivara a mudança realmente o deixou de mau humor. Será que alguém teria mesmo tentado fazer mal a ela? Será que haviam sido ameaças por telefone? Talvez uma violação em Homeland? O humano que

o traíra não foi pego. Teria ele ou ela ido atrás de Trisha?

Ele rosnou e chamou a atenção de algumas pessoas dentro do escritório. Na curiosidade, Tiger levantou uma sobrancelha.

– O que houve? O pessoal no hotel quebrou outra tubulação de água?

– Não. – Ele olhou de relance para um humano que trabalhava com umas plantas de construção e fez ao amigo um sinal com a mão ao se levantar. – Temos que ver como estão indo.

Tiger se levantou.

– Vou com você.

Eles andaram por uns vinte metros ao saírem do escritório temporário, até que Tiger parou, olhando fixamente para o amigo.

– O que há de errado?

– Era Justice. Ele está mandando a doutora Norbit até aqui. Ela está em perigo, e ele quer que ela fique escondida.

– Merda. Será que ele não vê como isso vai ser duro?

– Ele não parecia se importar. Não pude discutir com ele, sabendo que tudo o que eu dissesse poderia ser ouvido pelos outros.

– Verdade.

– Vou vê-la de novo.

Os olhos de gato de Tiger se arregalaram.

– Você ainda não a esqueceu?

– Não. Penso nela o tempo todo.

– Você precisa se manter firme. Já conversamos sobre isso.

– Ela está correndo perigo e já me afastei dela. Obviamente isso não funcionou.

– Ela vai estar em perigo mesmo assim. Ela trabalha para nós, e alguns vão odiá-la só por essa ofensa. Se ela estiver com um de nós, com você, e se isso vazar, qualquer nível de ameaça contra ela vai piorar. Você fez a coisa certa.

– Fiz mesmo? – O corpo de Slade ficou tenso. – Por que a coisa certa parece tão errada?

– Já sofremos o bastante. É melhor não tê-la do que arriscar que ela morra por ser sua mulher.

Uma dor cortante passou por seu peito.

– Eu morreria por dentro se isso acontecesse. Não poderia viver com isso.

– E é por isso que você fez a escolha certa. – Tiger mudou a postura. – O trabalho é a cura. E temos o bastante disso aqui.

– Certo. Trabalho.

– Eu cuido dela. Não precisa falar com ela quando ela chegar.

– Não. – Ele sabia que seria idiota de sua parte, mas precisava vê-la. – Justice não deu detalhes sobre o porquê de ela estar em perigo, mas disse que ela estava meio mal. Vou dormir melhor à noite se eu mesmo puder vê-la. Não vou descansar até ter certeza de que ela está bem fisicamente.

– Masoquista.

– Cale a boca.

– Só estou dizendo que será doloroso vê-la e não poder tocá-la. Você vai querer.

– Sou forte, posso lidar com isso – Tiger lançou a ele um olhar desacreditado. – Às vezes me pergunto por que somos amigos.

– Já te falei. Você é um masoquista – gargalhou Tiger.



Trisha saiu do banheiro de Justice. Retocara a maquiagem e sabia que poderia fingir que estava tudo bem. Ela fez uma pausa ao ver a expressão pensativa no rosto de Justice enquanto ele olhava para ela.

– Decidi não contar ao Slade sobre o bebê. É você quem deve compartilhar a notícia com ele. Vou te dar algum tempo.

O alívio correu por dentro de Trisha.

– Obrigada.

– Não me agradeça ainda. Se você não contar a ele nos próximos… – ele deu de ombros. – Eu terei que contar. Ele está no comando da Reserva e precisa saber como é importante te proteger. Para isso, ele precisa estar ciente dos perigos. Pela forma como ele reagiu ao achar que você está correndo riscos, acho que ele deve se importar com você mais do que imagina. Isso que me fez querer ver se vocês dois podem dar conta disso sozinhos antes de eu intervir.

Ela olhou para Justice de forma sombria.

– Se ele ligasse, como você diz, teria vindo me ver. Teria pelo menos ligado para se certificar de que estava bem emocionalmente depois do que aconteceu conosco. Pelo que ouvi, ele quase implorou pelo emprego na Reserva para ficar longe de Homeland, o que provavelmente pode ser traduzido para “ficar longe mim”.

– Ele não implorou pelo trabalho. Eu queria que Fury fosse, mas Ellie não podia deixar nossas mulheres. Ela leva o trabalho no alojamento feminino muito a sério e, sendo a companheira de Fury, está sob ameaça constante. O segundo

homem no comando é Slade. Pedi e ele aceitou. Eu precisava de alguém de confiança para cuidar de tudo. Tenho coisa demais por aqui para ficar indo para lá e para cá. Estava ficando com enjoo dos dois ou três voos de helicóptero que tinha de fazer diariamente.

– Entendo.

– Espero que sim. Agora, Brass deve chegar aqui a qualquer momento para te pegar. Tenho uma reunião na sala de conferências com o Conselho em alguns minutos. – Ele se levantou e suspirou. – Às vezes eles me deixam maluco.

– Boa sorte com isso. Vou esperar por ele no saguão.

– Fique aqui e relaxe. A poltrona é confortável.

– Obrigada.

Ele deu um sorrisinho ao olhar para a barriga dela.

– Estou muito animado com isso.

– Eu também, quando não estou morrendo de medo.

Justice apertou o braço dela, reconfortando-a, e saiu do escritório. Ele fechou a porta firmemente atrás dele.

Quinze minutos depois, Brass entrou. Trisha se levantou e estudou-o. Ele parecia calmo agora, recomposto e numa boa.

– Sinto muito por Justice ter entendido errado e achado que você era o pai do meu bebê.

Ele a estudou antes de mover sua atenção até a barriga dela.

– Está mesmo carregando um bebê Nova Espécie?

– Sim.

– Que boa notícia.

Trisha notou que ele não parecia feliz.

– Tudo bem com a nossa amizade, Brass?

– Sim. Eu… estou pensando que queria ter te conhecido antes de você se envolver com outro homem. Espero que isso não te ofenda. É só que eu estava mais a fim de você do que devia. Agora você pertence a outro, mas vou me adaptar. Estamos bem, Trisha.

– Não pertenço a ninguém, Brass. O pai e eu não estamos juntos. – Ela emendou antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, sem querer encorajá-lo, mas precisando deixar claro que ela também não estava aberta às jogadas dele. – Tenho sentimentos por ele, mas ele mostra obviamente que não é recíproco. Vai levar um tempo, mas tenho certeza de que vou superar.

Ele piscou.

– Você pertence a alguém. Não contou a ele sobre o bebê?

– Não. Justice me deu um tempo para contatá-lo e dar a notícia.

Ele balançou a cabeça.

– Entendi. Senão o homem estaria com você. Você pertence sim a alguém e ele vai te fazer saber disso assim que descobrir que você carrega o filho dele. Vamos, o helicóptero está pronto. Escolhi Harley e Moon para virem junto.

O estômago de Trisha se embrulhou de terror. Ela realmente não queria que Slade descobrisse. Não era dessa forma que ela o queria de volta em sua vida. Preferia nunca vê-lo de novo a tê-lo em seu encalço apenas porque haviam criado uma vida juntos. Ela merecia um cara que se importasse com ela, não um que quisesse ficar com ela por causa de um senso de honra ou dever qualquer. Novas Espécies pareciam ter muito dessa característica. Ela decidiu não mencionar isso para Brass, temia que pudessem discutir.

Trisha conhecia Moon. Ele era um dos homens que apareciam com Harley e Brass em sua casa para assistir a filmes. O homem alto não falava muito mas, quando decidia quebrar o silêncio, tinha um senso de humor perverso do qual ela gostava.

– Obrigada.

Brass estendeu o braço e Trisha passou os dedos em volta de seu antebraço. Ele deu um sorriso genuíno para ela e acompanhou-a para fora do escritório.

CAPÍTULO QUATORZE

Trisha sabia que não conseguiria chegar à Reserva sem se sentir profundamente envergonhada. Brass massageava suas costas gentilmente enquanto ela estava sentada em seu colo. Lutou contra a enorme vontade de vomitar no chão inteiro. Ela olhou de forma triste para Moon e Harley.

Os dois deram a ela um olhar de compaixão, sabiam de sua gravidez e juraram guardar segredo. Eles iriam protegê-la, viver com ela e tinham que saber a verdade. Ela olhou para o chão e usou a mão para fazer um gesto para eles. Os dois homens rapidamente levantaram os pés. Moon deu um sorrisinho.

– Enjoos não são engraçados! – Ela gritou. Não tinha certeza de que ele a tinha ouvido com o barulho alto do helicóptero e com os fones que ele usava para se manter em contato com os pilotos, mas Moon piscou em resposta, fazendo-a acreditar que sim, ele a ouvira.

– Estamos quase lá – Brass disse ao ouvido dela. – Aguente, Trisha.

Com uma cara triste, ela fez que sim com a cabeça. Seu estômago se revirava um pouco, mas ela não queria vomitar. Sentiria-se humilhada se os três homens a vissem colocando o café da manhã para fora, sem contar que os pilotos teriam que limpar tudo depois que pousassem. Ela fechou os olhos, mas isso fez a sensação de náusea piorar. Sentiu que o helicóptero descia. *Graças a Deus. Está quase acabando*. O helicóptero pousou e o piloto começou a desligar os motores.

Moon se mexeu primeiro ao abrir a porta e pular para fora. Harley saiu em seguida. Eles se separaram e cada um ficou de um lado da porta. Trisha tentou se levantar sozinha, mas seus joelhos tremiam tanto que ela perdeu o equilíbrio no instante em que apoiou o peso neles.

Brass pegou-a nos braços e segurou-a como se ninasse um bebê, apertando-a contra o peito, ao carregá-la para fora do helicóptero. Harley e Moon seguraram

Brass, que tinha Trisha nos braços, e os colocaram no chão. Aquilo impediria que Brass a empurrasse se tivesse que pular.

Trisha descansou a cabeça na curva do largo ombro de Brass. Ela abraçava-o pelo pescoço enquanto o mundo girava um pouco. Odiava enjoos. Brass ajeitou Trisha nos braços, apertando-a mais contra o peito, para deixá-la mais confortável.

– Segure em mim – sussurrou ele. – Vamos te arrumar e vou colocar um pano frio na sua testa. Vai se sentir muito melhor.

– Obrigada – murmurou ela para Brass. – Você é o melhor.

Ele riu.

– Eu sei. É um fardo difícil de carregar, mas estou disposto a isso.

Ela sorriu, muito grata por tê-lo como amigo. Ele sempre sabia como fazê-la rir. Ela ouviu Harley falando, mas não ousou levantar a cabeça do ombro de Brass para ver com quem ele conversava, ainda lutando contra a enorme vontade de vomitar.

– Ela está com náuseas. Vai ficar bem assim que a colocarmos em uma cama e darmos um tempo para se recuperar.

– É isso mesmo? – A voz masculina parecia furiosa e era aquela que Trisha conhecia bem demais. Ela ficou tensa e levantou a cabeça, sem ligar para as consequências.

Slade se encontrava a um metro e meio dela. Ele tinha os olhos atentos no rosto dela, depois os levou até Brass, e então de volta para ela. Trisha sabia que aqueles segundos seriam os últimos da vida dela se olhares matassem, e a reação dele a deixou confusa.

Por que ele está tão bravo? Será que me odeia? Ele obviamente tinha um problema por ela estar perto dele. Seus olhares se encontraram e se fixaram.

Trisha notou que o cabelo de Slade crescera um pouco desde a última vez que haviam se visto. Ele usava o uniforme preto de sempre da ONE, mas sem o colete. Em vez da sigla ONE estampada no peito, seu nome havia sido impresso naquele espaço. Ele estava em forma e muito bonito. Trisha teria pensado até que ele estava sexy, se não fosse pela raiva assassina que viu em sua expressão. Seu coração deu um nó por estar tão perto dele novamente.

– Trisha? – Brass cochichou no ouvido dela – É ele, não é?

Ela virou a cabeça e encontrou os olhos dele. Brass fitou-a por um segundo e ficou tenso.

– Merda. – Ele balançou a cabeça. – Vamos te instalar em algum lugar.

Brass se virou com Trisha e caminhou em direção a um jipe. Slade entrou no

caminho deles, ainda com os olhos cravados em Trisha.

– Bom te ver, doutora.

– Olá – ela soltou.

Ele tirou o foco de cima dela por alguns segundos e sua atenção se moveu de Brass para Harley, depois para Moon, e então novamente para ela. Ele finalmente olhou para Brass, fixando os olhos nos dele.

– Em que nível de ameaça ela está? Justice não foi claro e precisei tomar cuidado com o que dizia porque havia um humano perto de mim durante a conversa. Desde então, ele está em reuniões, sem poder atender às minhas ligações.

– Quatro. – Brass franziu o cenho para Slade. – Ela é nossa prioridade máxima, e sua também. Ninguém que não seja Nova Espécie pode ter acesso a ela. Absolutamente nenhum humano.

A informação fez Slade empalidecer um pouco.

– Nenhum humano? Estamos no meio de trabalhos enormes de construção e há humanos se arrastando pela Reserva. Há centenas deles aqui vinte e quatro horas por dia para terminar todos os projetos o mais rápido possível. Estamos fazendo em meses o que deveria levar um ano para ficar pronto. Foram precisos quase quatrocentos humanos por três semanas inteiras só para construir os muros de segurança em volta da propriedade. Há dois turnos trabalhando dia e noite, sete dias por semana. Ainda estamos instalando a fiação elétrica por motivos de segurança e há um hotel sendo reformado numa velocidade absurda. Precisamos que as casas fiquem prontas para que as pessoas não fiquem em barracas, e um clube ainda está sendo construído. Temos outro projeto em andamento para os escritórios, para que não fiquemos permanentemente presos a um trailer. Em qualquer segundo, em qualquer dia, há bem mais que quatrocentos humanos aqui. Por acaso Justice quer que eu feche tudo, para que voltemos ao trabalho quando a ameaça acabar? Ele tem feito muita pressão em mim para terminar tudo.

– Não – afirmou Harley. – Ele só quer colocá-la em algum lugar seguro, onde humanos não têm permissão para ir. Moon e eu estivemos repassando a estrutura do lugar e achamos que devemos escondê-la dentro do centro da Zona Selvagem. Humano nenhum ousaria ir até lá e são proibidos naquela área. Sei que alguns do nosso povo já foram relocados e isso é até melhor, pois nenhum humano total passaria por eles.

– Não seria seguro para ela. Ela é totalmente humana. – A raiva de Slade parecia se intensificar. – Claro, nenhum humano seria idiota o bastante para se

aventurar lá e sobreviver, mas seria como dar uma isca aos habitantes da Zona. Acho que eles atacariam se você a levasse para o território deles. São muito instáveis. Assim que os relocamos, começaram a marcar território e estão bem vigilantes para garantir que humano nenhum viole a área.

– Vamos protegê-la – prometeu Brass com a voz firme. – Eles não vão atacá-la.

– Eles são loucos – rosnou Slade. – Alguns deles nunca vão se acalmar, e odeiam humanos a um ponto além do que você pode imaginar. Eles ficam com raiva só de sentir o cheiro de um. – Ele apontou para Trisha. – Ela nos viu, mas não nossas falhas. Não acham que eles a assustariam pra caramba?

– Que falhas? – Trisha olhou de relance para os homens.

Slade cravou os olhos nela.

– Nós nos parecemos mais humanos, mas nem todos do nosso povo tiveram essa sorte. Alguns parecem mais animais que humanos. Há algumas dúzias que sobreviveram. Alguns do nosso povo foram torturados até ficarem loucos ou guardaram um ódio dos humanos a ponto de quererem matar um só de vê-lo. Esses são os que realocamos para lá. Você não estaria segura na Zona Selvagem. É onde colocamos os mais antissociais.

Brass se curvou e colocou Trisha em pé quando ela indicou que queria descer. Ele a segurou pela cintura até que ela firmasse as pernas trêmulas. Ele se afastou quando teve certeza de que ela não cairia. Ela olhou para Brass.

– O que você acha?

– Acho que a Zona Selvagem é melhor. Eles não vão te machucar. Depois que fomos libertados, usaram mulheres para ajudar a cuidar de todas as Novas Espécies, desde que não as atacássemos. Tenho certeza que isso também vale para os selvagens. Estaremos com você e eles devem ficar distantes. Não podemos ir mais longe que isso, Trisha. Seria inteligente te colocar no centro do território, já que eles o reivindicaram. São protetores ferozes de seus domínios. Ajudariam a manter todo mundo longe.

– Droga – rosnou Slade. – Eu gerencio esse lugar, não você. Não vou deixar que ela vá até lá, pois eu sei do que estou falando e você não. Sou eu quem passa tempo com eles. Sei que ela não estaria segura. Vamos colocá-la no hotel, o último andar está pronto. Vamos fechar todos os acessos e mantê-la lá.

– Não. – Brass cruzou os braços no peito. – Justice me encarregou da segurança dela. Posso e estou passando por cima de você. Sem ofensas, mas quero que ela fique onde nenhum humano pode chegar, Slade. E se um daqueles terroristas filhos da puta decidir se passar por um pedreiro e pôr fogo no hotel?

Nada pode acontecer a ela. A Zona Selvagem é a resposta. Há alguma casa lá? Sei que também há alguns trailers por aqui e podemos pegar um. Seria uma moradia apertada, mas funcionaria. Temos que deixá-la longe de todos que não sejam Novas Espécies.

Slade estava furioso. Seus lábios se abriram e seus dentes afiados se exibiram quando um rosnado profundo rumorou de dentro dele.

– Está bem. Pode ficar com a minha casa. Só tem três quartos, mas tenho certeza que podem se virar. Fica longe de todos os outros prédios.

– Vamos levá-la para a Zona Selvagem. A decisão foi tomada. – Brass cravou o olhar em Slade.

Slade xingou e rosnou novamente. Seus olhos se fixaram nos de Trisha.

– Diga a ele que não. Me ouça. Aqueles homens lá não são estáveis e você é uma mulher completamente humana. Além disso, você é médica. Só de te verem vão querer te matar por esses dois motivos. Você vai morrer se concordar que eles te levem até lá. Os selvagens foram cuidados por mulheres ao serem libertados, mas depois foram levados a lugares remotos, sem elas. Passaram meses sozinhos e não sei se resistiriam a atacar uma mulher. Também não estou disposto a arriscar.

O medo subiu pela espinha de Trisha enquanto ela olhava para Slade.

– Confie em mim, Trisha. Eu nunca te desapontaria – Brass jurou baixinho. – Sei o que estou fazendo. A Zona Selvagem é o lugar mais seguro para você ficar. Eles não vão te machucar e eu nunca deixaria nada te fazer mal.

– Trisha? – Slade chacoalhou a cabeça para ela, observando-a atentamente. – Confie em mim. Diga a eles para te colocarem na minha casa, e eu vou mudar para o hotel.

Ela conseguiu não se encolher. Poderia ficar na casa dele, mas ele iria para outro lugar.

– Brass? – Ela virou a cabeça e tirou os olhos de cima de Slade. – Sei que você vai me proteger. O que você achar melhor está bem para mim. Você manda.

Brass sorriu.

– Vamos para a Zona Selvagem.

Slade rosnou de forma selvagem e xingou.

– Trisha? Venha aqui agora. Vamos ter uma conversa a sós.

Ela ficou tensa ao encará-lo lentamente.

– Como? Você soube por várias semanas como entrar em contato comigo, se quisesse conversar. Devia ter tentado me falar antes se tinha qualquer coisa que eu precisasse ouvir. – Ela começou a caminhar em direção ao jipe.

Ouviu alguém rosnar e se virou a tempo de ver Brass se mover rapidamente enquanto Slade tentava correr até ela. Brass se colocou entre eles e rosnou de volta para Slade, que parou. Os dois homens estavam tensos ao olharem um para o outro. Parecia que iam brigar.

– Brass? Não estou me sentindo nada bem – Trisha avisou rapidamente, não querendo vê-los começarem uma briga. – Podemos ir? Obrigada pela preocupação, senhor Slade, mas confio totalmente em Brass, Moon e Harley para me protegerem.

– Então é assim – rosnou Slade. – Tudo bem. Tem uma cabana vazia naquela direção. Podem ficar com ela. Vou mandar alguém com mantimentos imediatamente. Só tem um quarto, mas parece que vocês quatro não vão se importar em dividir a cama. – Ele girou nos calcanhares e saiu apressadamente em direção a um dos prédios.

Trisha observou-o ir embora e lutou contra as lágrimas.

– Por acaso ele acabou de fazer uma insinuação para me chamar de vadia?

Moon riu e mexeu as sobrancelhas.

– Eu queria que você fosse uma mesmo. Estaria disposto até a dividir com eles se isso significasse ter você pelada numa cama comigo.

Ela riu, sabendo que era uma piada. Moon sempre conseguia fazê-la se sentir melhor.

– Vai ficar querendo. Vocês ficam no chão se só tiver uma cama.

Brass relaxou e sorriu para Trisha.

– Sem problemas. Você definitivamente fica com a cama. Vocês, humanos fracotes, jamais sobreviveriam a dormir no chão duro. Nós não nos importamos em dormir em superfícies duras.

Harley deu uma risadinha.

– Fale por você. Eu adoro camas, então acho que vou ficar com o turno da noite e dormir nela quando Trisha *não estiver* nela.

– Sou bom de aconchego. – Moon mexeu as sobrancelhas para Trisha novamente, fazendo-a rir. – Se ficar com frio, me avise e vou te esquentar. Vou até me comportar se você não me fizer dormir no chão.

– Vou pedir para trazerem colchões – Brass gemeu de brincadeira. – Quando foi que vocês ficaram tão moles?

– Quando nos deram escolhas. – Harley atirou de volta. – Vamos sair daqui antes que Slade volte e rosne para você de novo. Lidar com esses humanos realmente encurtou seu pavio. Não sei o que enfiaram na bunda dele, mas espero que saia logo.

– A gravidade com certeza seria uma amiga para Slade – Moon riu baixinho.

Trisha riu. Ela adorava aqueles caras. Tinha muita certeza de que estaria chorando depois de seu confronto com Slade se não fosse por eles. Brass ajudou-a a subir no jipe, enquanto Moon e Harley subiam atrás. Brass sentou no banco do motorista. Ele olhou para o outro jipe, onde havia um homem Nova Espécie esperando com as malas deles.

– Sabe de qual cabana Slade falou?

Ele concordou com a cabeça.

– Mostre o caminho – ordenou Brass. – Vamos te seguir.

Harley esticou a Trisha o cinto de segurança. Ela o colocou em silêncio e lançou um sorriso para ele. Ele fez que sim com a cabeça para ela.

– Sempre afivele.

– Sim, senhor.

Trisha fitava a linda paisagem pela qual passavam: grama exuberante, lindas árvores e morros altos. Avistou um veado acima de algumas árvores. Era um lugar tão lindo que ela conseguiu afastar os pensamentos sobre Slade da mente. Era difícil, mas não queria romper em lágrimas.



Slade andava a passos largos na floresta, no outro lado dos prédios, se escondendo de todos, e sabia que não havia lidado bem com o fato de ter visto Trisha. A visão dela nos braços de outro homem quase o deixara com uma fúria ciumenta.

Brass a carregava nos braços, falava como se tivesse o direito de falar com ela, e ela permitia isso. Um rosnado rasgou seus lábios. Ele sacrificara sua sanidade para se manter longe dela, contra seus instintos de manter-se por perto, e ela o desafiou quando tudo o que ele queria era protegê-la.

Ele se endireitou, fechou os punhos e parou com os passos largos. O pensamento de ela não o querer mais fez uma dor atravessar seu peito. Ele devia ter dito a ela por que a evitara, mas acreditava que ela o convenceria a ignorar a segurança dela se sentisse por ele um décimo do que ele sentia por ela. Aquilo teria enfraquecido sua determinação, fitando os olhos dela, e se ela o tocasse, ele perderia aquela batalha.

Um barulho leve chamou sua atenção e ele virou a cabeça para olhar para o Nova Espécie que o procurava.

– O que foi?

– O arquiteto quer dar uma palavra com você. Há algo errado com as plantas para uma das modificações que você pediu no hotel.

A raiva queimou dentro dele. O trabalho tomava todas as suas horas. Ele mal dormia, mas aquilo mantinha Trisha fora de seus pensamentos durante a maior parte do tempo. Ele precisava se manter ocupado mais do que nunca agora. Senão, pularia em um jipe, dirigiria até a cabana e… *arrancaria as roupas dela e a foderia até ela saber que ainda é minha*.

Ele empurrou os pensamentos para longe, sabia que não podia permitir que seus desejos mandassem em suas ações. Ela estava pálida e mal. Ele se preocupava com isso. Ela precisava descansar, claro, mas depois… *droga! Pare de pensar em despi-la e fazê-la ver que sou o homem certo para ela. Agora não é o momento*.

– Slade? Está tudo bem? – O sujeito inclinou a cabeça, olhando para ele com preocupação.

– Estou bem – mentiu ele. – Vamos. Quanto mais rápido lidarmos com esses problemas, mais rápido terminaremos todo o trabalho.

Ele lidaria com a doutora mais tarde, depois de tirar um tempo para pensar e avaliar a situação. O fato de ela estar na Reserva mudava as coisas totalmente. Ela estava em perigo mesmo assim, estivesse ele com ela ou não. Precisava se acalmar antes de decidir o que fazer. Não seria inteligente falar com ela até colocar a coleira no ciúme.



A cabana com telhado inclinado provavelmente fora construída em algum momento nos anos 1970, se Trisha tivesse que adivinhar, com base no interior. Ela fez uma careta ao ver o papel de parede na pequena cozinha e o velho carpete felpudo no chão da sala.

– Só falta o globo de discoteca.

– Não entendi – Harley olhou para ela.

– Bem-vindos aos anos 1970, cavalheiros. Estão vendo os aparelhos verde-abacate e o papel de parede laranja? Outra pista é o painel de madeira e o carpete felpudo que saiu de moda no final dos anos 1970. Mas parece ser solidamente construída e adorei aquela lareira.

– Não tem um quarto. Tem aquilo. – Brass apontou para a escadaria.

– É um quarto no sótão. – Trisha subiu a escada e viu que o cômodo era na verdade bem grande. – Tem bastante espaço e, uau, tem um toalete aqui. É uma

boa surpresa.

– A cama é pequena demais para nós quatro, a não ser que façamos um montinho – afirmou Moon, repentinamente.

Trisha começou a rir. Ela se virou e sorriu para ele, vendo que todos os três homens a haviam seguido escada acima.

– Fico por cima se fizerem isso. Não vou ficar esmagada.

– Podíamos dormir como se fôssemos sardinha em lata – sugeriu Harley. – Quando um de nós quiser se virar, podemos gritar "rolem" e sermos iguais àqueles atletas de nado sincronizado que se mexem ao mesmo tempo.

– Não daria certo – riu Moon. – A pessoa que estivesse na ponta do lado para o qual iríamos virar acabaria caindo no chão.

– Mais espaço para os três que sobrarem. – Brass piscou para Trisha. – Acho que devíamos colocar Moon e Harley nas pontas, só para ficarmos seguros.

O sorriso de Moon se esvaeceu e ele levantou a cabeça. Se virou, farejou e quase saltou pela escada.

– Há alguém por perto – advertiu ele com um rosnado.

Brass agarrou Trisha e enfiou-a na cama.

– Sente-se. – Ele correu até a janela.

Harley desceu a escada correndo atrás de Moon. Trisha ouviu a porta da frente se abrir. Virou-se para Brass, tentando conter seu alarme. Ele soltara a arma que mantinha presa à coxa. Abriu a cortina e ela o ouviu falar baixinho um palavrão.

– O que é? – sussurrou Trisha.

– Um dos residentes locais está lá fora. Merda. O que ele está fazendo aqui? Alguém devia ter me avisado que o transferiram para cá. Ele deve ter sentido seu cheiro e veio investigar. Moon está falando com ele e Harley está mantendo o andar de baixo seguro.

Curiosa, Trisha desceu da cama e foi para trás de Brass. Ela sabia que ele estava ciente de sua presença ali. Ele esticou os braços para trás e colocou a mão no quadril dela para mantê-la atrás dele. Ela hesitou e espiou em volta. Ainda era dia e era fácil avistar o homem do lado de fora (ao menos ele era mais humano que animal). A visão do cabelo e das feições dele a chocou profundamente.

– Ele…

– Shhh – ordenou Brass baixinho. – Ele provavelmente vai te ouvir. Eles têm uma audição melhor que a maioria de nós.

O grande macho havia sido obviamente alterado com genes felinos e tinha uma juba de um loiro avermelhado. Seus olhos eram como os de um gato, visíveis mesmo de longe. Tinha um corpo enorme e musculoso. Mal usava

roupas, apenas jeans curtos e mais nada.

Seus braços e seu peito eram massivos, como se ele tivesse passado a vida inteira malhando. Suas feições eram mais animais que humanas, com um nariz estranho e maçãs do rosto grandes.

Moon parou a quase cinco metros do homem, que permanecia quase imóvel na beirada da madeira. De repente, ele levantou a cabeça e seu estranho olhar pareceu localizar Trisha imediatamente. Parecia que ele a tinha sentido de alguma forma.

Um rugido irrompeu da boca do homem assustador quando ele a abriu. Era um barulho alto e chocante para Trisha, cem por cento não humano. O corpo inteiro dele ficou tenso e ele se apressou à casa. Moon pulou em seu caminho e abriu os braços para impedir que o homem passasse. Moon falou rapidamente com o cara; ela ouvia a voz dele, mas não conseguia entender o que dizia. As ações de Moon não desaceleraram em nada o homem.

Ela observava com horror quando o cara enorme atacou Moon, apenas esticando a mão, pegando-o pelo pescoço e jogando-o para o lado com muita facilidade, como se ele fosse uma boneca de pano. O filho da puta se movia mais rápido, direto para a casa, e rapidamente para fora de sua vista.

Um rosnado selvagem veio de baixo e outro rugido irrompeu. Ouviu-se um estalo alto, como se uma madeira tivesse sido partida ao meio, seguido de um estampido de uma colisão. Brass girou, segurou Trisha pela cintura e colocou-a depressa no canto. Ele colocou o corpo na frente do dela, prendendo-a atrás dele, e encarou a escada enquanto seu braço se levantava para apontar a arma. Trisha foi tomada pelo terror ao ouvir o cara subindo a escada com passos que se pareciam com marteladas.

– Pare, Valiant – advertiu Brass em voz bem alta. – Moon, Harley, fiquem aí embaixo. Eu o conheço.

– Você trouxe uma humana para cá? – grunhiu o cara assustador – Uma humana? Justice nos prometeu que nenhum deles viria para cá, nunca. Ela está no meu território. No meu. Só porque é você, vou te dar um minuto para tirá-la daqui antes que eu a mate, Brass.

– Acalme-se – Brass falava mais baixo agora, talvez tentando amaciar o macho fora de controle. – Ela está grávida de um de nós. É uma de nós agora.

– Está mentindo. Não podemos procriar.

Trisha chegou um pouco à esquerda para espiar o homem apavorante que estava no topo da escada. Ele devia ter dois metros de altura e seus cabelos eram de uma cor incrível, um vermelho claro com raios loiros que corriam por ele.

Iam até abaixo de seus ombros largos. Ela não pôde deixar de notar como eles eram bonitos e exóticos.

Uma pele bronzeada e músculos grossos cobriam seu corpo quase nu. Ele devia ser o maior Nova Espécie que ela já vira. Seus dentes afiados apareceram quando ele curvou os lábios para trás e rosnou para ela. Seus olhos dourados de gato se estreitaram e ele rosnou mais profundamente. Trisha teria ido ao chão se fosse do tipo que desmaiasse, gelando com aquelas ações e aparência ferozes. Notou que os dedos dele estavam tensos, como se fossem garras, e suas unhas eram afiadas como as dos animais.

– Ela está carregando um bebê Nova Espécie. – a voz de Brass tomou um tom mais firme. – Isso a faz uma de nós. Justice a mandou para cá porque ela não está mais segura perto dos humanos. Ninguém sabe sobre a gravidez dela. Vai nos causar muito problema se o mundo descobrir, porque eles temem que procriemos com eles. Ela foi trazida para cá para ser protegida por nós.

– Mentira – rosnou ele.

– É verdade – Brass rosnou de volta. – Não me chame de mentiroso.

Valiant rosnou do fundo do peito.

– Saia. Vou farejá-la.

Brass não se mexeu.

– Pode cheirá-la se jurar para mim que não vai machucá-la. Ela está carregando um bebê Nova Espécie. Só está grávida há um mês.

Valiant rosnou novamente.

– Está bem, não vou fazer mal à mulher. Saia para eu poder cheirá-la.

Brass virou a cabeça. Trisha olhou para suas feições intensas. Não queria que Brass se mexesse e com certeza não queria Valiant perto dela. Ele a deixava apavorada. O olhar de Brass se suavizou.

– Ele só quer te cheirar. Eu o conheço. Fomos criados no mesmo centro de testes e passamos um tempo juntos assim que fomos libertados, antes de mandarem ele e os outros como ele para longe de todos os humanos. Ele me deu a palavra dele e vai mantê-la.

Trisha teve que conter o pânico. Confiava em Brass e ele não deixaria que ninguém a machucasse.

– Tudo bem.

Brass se afastou alguns metros de Trisha, deixando aberto o caminho até ela. Ela se encostou na parede, fitando o homem assustadoramente grande que a fitava de volta. Seus dentes, que pareciam perigosamente afiados, se exibiram e ele ainda parecia enraivecido. O coração de Trisha martelava enquanto ele se

aproximava mais, do jeito que um predador faria. Ele *era* um.

– Não a assuste, Valiant – disse Brass rispidamente. – Está tudo bem, Trisha.

Ela concordou com a cabeça, mas não tirou o foco do macho que avançava lentamente em direção a ela. Conforme ele se aproximava, ela via como seus olhos eram bonitos, mas definitivamente não pareciam humanos de jeito algum. Eram olhos de gato, comparáveis talvez aos de um leão, porque ele certamente não se parecia com nenhum gato doméstico que ela já vira, isso era certo. Seus cílios eram de uma cor avermelhada que combinava com o cabelo, anormalmente longos e exuberantes. Ele se aproximou mais um passo. Ela se enrijeceu, mas levantou o queixo. Estava certa de que Brass lutaria para protegê-la se ele achasse que Valiant representasse uma ameaça a ela.

De repente, Valiant se agachou e se apoiou nas mãos e nos pés. Era estranho o modo como ia para a frente, com seu olhar intenso cravado nela. Ele se aproximou tanto que ela pôde sentir seu hálito quente por cima da blusa, na barriga. Trisha levantou as mãos muito lentamente e colocou-as na parede, perto da cabeça, para evitar tocá-lo por acidente. Tinha medo de que isso pudesse tirá-lo ainda mais do sério. Ele inalou quando se aproximou mais e passou o nariz na barriga dela, abrindo caminho entre a ponta da camisa e a calça dela para chegar até a pele. Ela fez um barulho baixinho de quem ofegava, pois não esperava que ele fizesse aquilo.

– Calma – murmurou Brass. – Você está assustando ela. Não ouse colocar o nariz mais para baixo.

O olhar chocado de Trisha voou até Brass. Ele balançou os ombros.

– Alguns de nós… Bem, não importa. Você já esteve perto de animais o bastante para saber que algumas raças enfiam o nariz na área da virilha para se familiarizar com pessoas.

Valiant recuou de repente e se pôs em pé. Mantinha o foco na barriga dela ao franzir a testa. Ele não parecia nada feliz.

– Ela tem um cheiro diferente.

– Como? – Brass parecia muito calmo.

– Não totalmente humana, mas não totalmente como nós. Só dá para notar se encostar na pele dela.

Brass hesitou antes de olhar para Trisha.

– Se importa se eu…?

Trisha deu de ombros.

– Contanto que você não cheire mais abaixo.

Ele deu um sorrisinho.

– Você não sabe brincar, Trisha.

Seu sorriso sumiu quando ele parou na frente de Trisha e se curvou até pressionar o rosto no pescoço dela. Seu nariz tocava a pele dela e ele inalou lentamente, depois o fez de novo. Levantou a cabeça, franziu o cenho e se ajoelhou. Pegou na camisa dela e levantou-a, deixando à mostra alguns centímetros da barriga dela. Colocou o nariz nela e inalou três vezes, até que afastou e levantou. Ele encarou Valiant.

– Você está certo. Não dá para notar, a não ser que esteja perto da pele na parte inferior da barriga dela. É fraco mesmo.

– Ela está mesmo carregando um bebê de um de nós? – Valiant parecia calmo agora. Sua voz era profunda, meio rouca, como se tivesse passado cem anos fumando ou estragando a garganta de algum outro jeito, mas não estava mais rosnando.

– Está.

Valiant concordou com a cabeça.

– Não acredito que cruzaria com uma humana. O que estava pensando? São tão frágeis que estou surpreso por ela não ter se quebrado. Você podia pelo menos ter encontrado uma de tamanho normal e mais robusta. Você deve se limitar muito. Qual é a graça de cruzar se tem que tomar cuidado para não fazer mal a ela?

Brass corou um pouco.

– O bebê não é meu. Nunca cruzei com ela. Sou amigo dela e sou um dos três homens que Justice pediu para a protegerem.

Valiant virou a cabeça na direção de Trisha e rosnou.

– Existe algum centro de experimentos de procriação? Ela se voluntariou para algum médico colocar nosso esperma dentro dela?

– Não. – Brass se moveu, se colocando novamente entre Trisha e Valiant. – Eles cruzaram naturalmente, por vontade própria. Foi uma surpresa para todos nós ela ter engravidado. Não achamos que fosse possível.

Valiant suspirou.

– Pode sair. Não vou machucá-la.

Brass se afastou de Trisha, que encontrou o olhar de Valiant. Ele a fitava, mas não parecia mais bravo. Parecia levemente confuso. Ele suspirou de novo.

– Pode ficar, humana. Só você. Não traga nenhum de seus amigos ou familiares humanos. Eu os comeria no jantar. – Seu olhar retornou a Brass. – Vou espalhar isso pela Zona, para garantir que ninguém mais venha incomodá-la.

– Poderia nos ajudar a protegê-la? Por favor, fique de olho em qualquer

humano de tocaia por aí e certifique-se de que não cheguem perto dela.

Valiant sorriu, mostrando os dentes afiados outra vez.

– Seria um erro fatal da parte deles se fossem estúpidos a ponto de virem nessa direção.

Brass relaxou visivelmente depois que Valiant desceu a escada. Ele sorriu para Trisha, mas parecia um pouco forçado. Moon e Harley correram para cima segundos depois. Harley estava sangrando e segurava um trapo úmido na testa. As roupas de Moon estavam rasgadas.

– Ninguém me avisou que Valiant estava aqui. Ele é o mais implacável e mortal de nossa espécie. Eu teria ido vê-lo antes de te trazer aqui se soubesse. Poderíamos dar conta de qualquer um, mas ele… – Brass deu de ombros. – Um filho da puta perigoso.

Trisha se mexeu, agora que o terror tinha passado. Andou até Harley.

– Abaixe-se e deixe-me dar uma olhada nisso. – Ela olhou para Moon. – Você está ferido?

– Vou sobreviver. Agora, porém, sei como uma bola de futebol americano se sente quando é jogada, e isso acaba com o esporte para mim. – Ele se virou e desceu a escada.

Harley se inclinou um pouco e removeu o pano úmido. Trisha examinou o ferimento e disse um palavrão baixinho.

– Você não vai precisar de pontos, mas preciso limpar e enfaixar isso.

– Porra. – Ele corou. – Quer dizer, droga.

Trisha riu.

– Pode xingar. Eu teria dito coisa pior se alguém tivesse feito isso comigo. Com o que ele te bateu?

– Com a porta. – O olhar de Harley se fixou em Brass. – Talvez você queira fazer uma ligação e pedir uma nova agora. Valiant arrancou-a da dobradiça e a jogou em mim. Tentei me esquivar, mas a quina pegou na minha testa. A mesinha de centro também não escapou. O lado bom é que não temos mais que cortar madeira se Trisha quiser acender a lareira hoje à noite. Podemos apenas usar os cinquenta pedaços de mesinha de centro que estão no chão.

Brass suspirou.

– Vou pedir também um kit de primeiros socorros para a Trisha enfaixar seu dodói, Harley. Se importa, Trisha? Ainda não temos um médico na Reserva.

– Apenas me arranje o que preciso. Quer que eu te dê uma lista de suprimentos?

– Não. – Brass não parecia feliz. – Tenho certeza de que o que temos nos

nossos kits de primeiros socorros é tudo do que você pode precisar. Acho que vou descer para avaliar o estrago e, depois, vou ligar para o escritório e informar do que precisamos.

– Obrigada – Trisha sorriu para Brass. – Por tudo.

– Ei – Harley gemeu. – Levei uma portada na cabeça. Cadê meu “obrigada”?

Trisha riu e esticou o braço para tocar no braço de Harley e apertou-o de leve.

– Obrigada.

– Ela tocou em mim.

Harley mostrou a língua para Brass, provocando-o, e fez Trisha rir.

– Você não tem nada para fazer? – Eles podiam ser meio infantis, mas ela gostava do fato de serem brincalhões.

– Já vou – Brass desceu a escada, murmurando até o fim dela.

Trisha fez Harley se sentar na cama.

– O que ele disse?

Harley sorriu.

– Algo sobre ter que dar o braço a torcer quando ligar e Slade descobrir que já houve um problema aqui, sendo que acabamos de chegar.

Trisha entrou no toalete e pegou uma toalha de rosto. Voltou ao quarto para aplicar uma nova compressa de água fria na testa sangrando de Harley, segurando-a ali. Brass não era o único que estava morrendo de medo de como Slade reagiria ao descobrir que já havia ocorrido um incidente na cabana.

CAPÍTULO QUINZE

– Valiant?

Slade estava tão bravo que via tudo em vermelho. Estava em pé em frente ao portão da casa que haviam dado a Valiant. Slade ouviu uma porta batendo e segundos depois Valiant, que estava quase totalmente nu, caminhou casualmente até os degraus da sacada para se aproximar do portão.

– Slade. Por que está aí fora? Podia ter ligado se precisava de alguma coisa.

– O que você estava fazendo? – Slade abriu o portão e entrou. Estava pronto para uma briga, caso Valiant ficasse puto por Slade entrar em seu jardim sem permissão. – Me disseram que você não machucou a mulher, mas juro por Deus que, se você tivesse feito isso, eu te mataria. Você passou dos limites indo atrás dela – rosnou ele.

Valiant cruzou os braços no peito.

– Senti o cheiro de um humano. A cabana não era muito longe e eu estava puto. Justice disse que nenhum humano poderia vir aqui.

– Bem, você passou por dois de nosso povo para chegar até ela, então sabia muito bem que ela deveria estar aqui. A cabana não está em seu território pessoal. Você não tinha autoridade para atacar nosso próprio povo.

Valiant deu de ombros, sem dizer nada.

– Vou te matar se chegar perto dela de novo – ameaçou Slade com um rosnado. – Estamos entendidos? Sei que você é amigo do Tiger mas, caramba, não vou permitir que machuque aquela mulher. Fique longe dela e não se aproxime nunca mais. Está me entendendo? Não vai tocar em um fio de cabelo dela.

– Não vou chegar perto dela, já discuti isso com Brass. Ela é uma de nós, até onde sei.

Slade olhou para Valiant, levemente confuso com a observação dele.

– Ela não é uma de nós, mas é uma boa amiga das Novas Espécies. Ela trabalha para nós, Justice e eu confiamos nela.

– Ela é uma de nós agora, não é? Eu mesmo a farejei. Ela foi muito corajosa e nem gritou quando cheirei sua barriga.

– Você o quê? – explodiu Slade. – Se aproximou tanto assim dela? Você a tocou? – Ele avançou.

Valiant rosnou e se agachou.

– Pare ou vamos brigar.

Slade deteve a raiva que se aproximava, mas quase tremia de fúria.

– Você tocou nela?

– Mantive minha palavra a Brass e não a machuquei. Quis cheirá-la quando ele me deu a notícia, porque não acreditei nele. Os dois concordaram em deixar que eu chegasse perto dela. Não foi um ataque.

– Ele deixou você tocar nela?

Slade arrebentaria Brass em sua próxima parada, que seria a cabana. Valiant era instável e qualquer um com cérebro não deveria deixá-lo chegar nem perto de Trisha. Se ele estivesse lá, teria matado o grande Nova Espécie só por ele ter tentado.

– Não acreditei que ela estivesse grávida. Agora sei que está.

O choque percorreu Slade.

– O quê?

Valiant foi se levantando lentamente.

– Grávida. Não te contaram? A mulher está carregando uma criança. É por isso que Brass a trouxe aqui, para ela ficar a salvo dos humanos.

A fúria de Slade foi filtrada pela dor que cortou seu peito. *Trisha está grávida?* Parecia que seus joelhos iam desmoronar. Seu coração acelerou e a raiva começou a voltar. *Ela está grávida!* Ele foi tomado por um nevoeiro de emoções, a maioria delas assassinas, ao pensar que algum cara tocara no que era dele. A ideia de qualquer um fazendo isso quase o levou ao limite da insanidade.

– Justice ordenou que ela fosse trazida para cá para protegê-la do povo dela. Justice acha que, se os humanos descobrirem que ela carrega uma raça mista, podem tentar fazer mal a ela. Tenho que concordar com ele. Humanos ficam instáveis e hostis por motivos idiotas. Há algo no cheiro da pele dela que a torna diferente. Deve ser o bebê dentro dela, mudando sua química.

– O pai é um Nova Espécie? Tem certeza? – Slade metralhou as palavras, com sua amargura e fúria crescendo a uma velocidade assustadora.

– Sinta você mesmo o cheiro dela. É diferente. Cheira a humano e a um de nós muito levemente, mas o bastante para eu ter certeza. Já farejei mulheres grávidas, quando os militares mandavam várias delas nos levarem comida e suprimentos aonde nos mantinham. Sabiam que não faríamos mal a elas se entrassem no território que nos deram. Nada é mais indefeso que uma fêmea grávida. Conheço bem o cheiro de uma, mas aquela cheira diferente. Não consegui detectar a diferença até pressionar o nariz contra a pele dela. Deve ser porque ela está bem no começo da gravidez. Quando os meses se passarem, provavelmente vai ficar mais fácil notá-lo de longe.

Slade foi a passos duros até o jipe. Sua fúria não tinha limites. Alguém devia ter lhe contado que Trisha havia sido enviada à Reserva porque carregava um bebê Nova Espécie. O motor do jipe rugiu ao ser ligado e Slade pisou no acelerador. Os pneus cantaram em protesto, mas ele não ligou para o barulho. Agora as coisas faziam muito mais sentido. Ele estava louco de raiva.



– Alguém vem vindo rápido – berrou Moon, avisando. – É um dos nossos jipes.

Brass jogou as cartas na mesa e deu um sorrisinho para Trisha.

– Já era hora de mandarem aqueles suprimentos. – Ele olhou para o relógio. – Na verdade, chegaram meia hora antes do que estimaram pelo telefone.

– Estou morrendo de fome. Espero que tenham trazido comida boa.

– Tenho certeza que sim. – Harley piscou para ela. – Uma mamãe grávida deve comer um monte de porcaria. Se trouxeram doces, eu vi primeiro! Adoro aquelas coisas.

– Eu que estou grávida – gargalhou Trisha. – Isso significa que eu vi tudo primeiro.

– Malvada. – Harley mostrou a língua, jogou as cartas e se levantou. – É melhor eu ajudar a trazer as coisas para dentro. O quanto antes fizermos isso, mais rápido poderemos comer as delícias que mandaram.

– É Slade – Moon gritou segundos depois. – Ele está vindo bem rápido.

– Merda – Brass suspirou do corredor. – Ele está muito bravo. Posso ver seus dentes daqui.

– Por quê? – A confusão tomou Trisha. – Não é nossa culpa que Valiant atacou.

À porta, Brass se virou.

– É melhor você subir, Trisha. Acho que as coisas podem ficar feias.

Trisha franziu a testa e levantou do sofá, fazendo o contrário e indo até a porta. Tirou Brass do caminho e saiu na varanda para observar o jipe que Slade quase derrapara perto da cabana. Ele deixou marcas de pneu ao puxar o freio de mão do veículo para pará-lo. Trisha não precisava de sentidos aguçados para sentir o cheiro de borracha queimada enquanto Slade desligava o motor do jipe e saltava do banco do motorista. Ele foi primeiro até Moon e rosnou para ele.

– Saia.

Moon não se mexeu.

– Algum problema?

Slade investiu. Pegou Moon pelo colete e empurrou-o com força para longe e avançou. O medo cresceu instantaneamente em Trisha depois de perceber que Slade parecia mais do que puto. Ela até mesmo recuara e batera na parede da cabana próxima da porta. Brass de repente se apressou, descendo os degraus da varanda, e ficou cara a cara com Slade.

– Deixou Valiant tocar nela? – berrou Slade. – Ele é instável e poderia tê-la matado. – Slade golpeou o rosto de Brass com o punho.

Brass caiu de bunda. Rosnou e tentou se levantar, mas Slade se virou, chutando o peito de Brass, que caiu de costas na grama. Slade rosnava, mostrando os dentes, quando Harley se aproximou dele.

– Fique fora disso a não ser que queira que eu te quebre também. Isso é entre nós.

Harley, parou, levantou as mãos e recuou.

– Ok.

– Pare – exigiu Trisha. Tentou descer a escada para chegar até Brass, preocupada por ele ter se machucado gravemente, mas Harley pegou o braço dela para impedi-la de sair da varanda.

– Fique fora disso. – Harley ordenou delicadamente. Seus braços se prenderam gentilmente na cintura de Trisha. – Você pode se ferir. Às vezes nossos homens lutam para desabafar. Isso é sobre dominância e não podemos interferir.

Trisha estava chocada. Aquilo não era razoável e com certeza não era algo ao qual ela queria assistir. Eles precisavam parar. Alguém podia se machucar. Porém, Harley se recusava a soltá-la enquanto ela lutava.

Brass se levantou. Rosnou e lançou o corpo em Slade. Apavorada, Trisha observava os homens se atacarem. Nunca tinha visto dois Novas Espécies lutando. Parecia ser uma combinação de uma briga de cachorro e uma partida de

vale-tudo. Em minutos, ficou claro que Slade era o melhor lutador. Ele socou Brass no rosto e deu um chute que o deixou esparramado de barriga no chão. Brass gemeu, mas não se levantou. Slade ofegava, obviamente ainda enfurecido.

– Achou que pudesse protegê-la? – rosnou Slade. – Não consegue nem se proteger de mim.

Brass levantou a cabeça, parecendo meio atordoado, e sangue escorria de sua boca. Virou para olhar para Slade.

– Alguém tinha que tentar protegê-la.

– Bem, você não consegue. – Slade marchou em direção à cabana.

Moon estava em volta dos homens que brigavam, até que se colocou no primeiro degrau da varanda, bloqueando o caminho de Slade até Trisha. Harley soltou Trisha de repente e pulou os degraus para se colocar ao lado de Moon. Os dois homens pareciam tensos.

– Saiam – rosnou Slade, parando a alguns metros dos homens.

– Por quê? Está tão aborrecido que não está sendo razoável – Harley manteve um tom de voz calmo. – Você machucou Brass por estar zangado com Valiant. Não sabíamos que ele estava aqui, ou Brass teria ido falar com ele antes de ele sentir o cheiro de uma humana. Você é um dos nossos melhores lutadores e sabia que podia dar conta de Brass sozinho. Poderia nos encarar um por um também. Sabemos disso. Mas terá que passar por nós dois ao mesmo tempo se quer aborrecer Trisha. Sua briga não é com ela.

O olhar azul-escuro de Slade se fixou no de Trisha. Ele ofegava forte e parecia tão enfurecido que a assustava. Ela nunca achou que fosse ter medo de Slade, especialmente depois de terem ficado sozinhos na floresta, mas estava errada. Estava morrendo de medo dele.

– Sabia que você se sentia atraída por Justice mais do que admitia. Eu não teria te evitado se soubesse que você estava tão a fim de um Nova Espécie na sua cama. Achei que estivesse te protegendo – rosnou Slade. – Estar com um de nós te coloca em perigo. Você passou por muita coisa e eu não queria que você ficasse comigo por gratidão por salvar sua vida. Sabia que só o tempo nos daria uma chance. – Ele chacoalhou a cabeça. – Eu poderia te matar. Eu disse que você era minha. Minha! – grunhiu ele. – Pode ficar aqui e ter seu merdinha, mas é melhor que eu nunca mais te veja. Não tem permissão para sair da cabana enquanto Justice esconde você e sua criança querida sob meu nariz.

Slade girou e saiu a passos largos. Trisha firmou os joelhos para não cair na varanda. Slade achava que ela estava grávida de Justice? Sua boca se abriu.

– Slade?

Ele a ignorou completamente, como se ela não tivesse falado, enquanto pulava dentro do jipe.

– Slade? – sua voz aumentou.

Ele virou a cabeça e uma raiva absoluta se mostrou em suas feições.

– Você está morta para mim, doutora. Nunca mais diga meu nome.

Me arrependo de já ter falado com você e queria nunca ter te tocado.

O jipe rugiu ao ser ligado e ele engatou a ré.

– Slade? Você precisa me ouvir – berrou Trisha. – O bebê não é de Justice!

Ele pisou no freio e virou a cabeça de volta, curvando os lábios.

– Brass? Você devia ter escolhido alguém mais forte, doutora. Ele acabou de levar um cacete e nem suei para isso. Mas aposto que ele diz seu nome, não é?

Trisha conseguiu dar um passo e agarrar o corrimão da varanda para se manter em pé. Agora ela estava brava.

– O bebê também não é dele. É seu, seu filho da puta idiota! – Ela berrou a informação para ele. – Você pode ter sido capaz de bater no Brass, mas pelo menos ele está aqui para mim. Nunca me abandonou quando mais precisei dele, e ele não mente para mim com promessas de que vai voltar e em vez disso foge como um grande covarde, como você fez. E o merdinha a que você se refere é um grande jeito de chamar seu próprio bebê. Eu te odeio.

Ela viu a expressão dele mudar enquanto as emoções cruzavam o rosto dele numa rápida velocidade. Raiva, choque, e, finalmente, ele empalideceu antes de sua expressão voltar à raiva. Desligou o jipe e desceu. Suas feições se tornaram ilegíveis quando ele foi a passos largos a Trisha. Brass conseguiu se colocar em pé novamente e cambaleou até o caminho de Slade.

– Não.

Slade rosnou para ele.

– Saia.

– Não faça isso – Brass pediu delicadamente. – Quer chateá-la a ponto de fazê-la perder o bebê? Ela já passou por muito.

O olhar de Slade foi até Trisha.

– O bebê é mesmo meu?

Ela conteve as lágrimas.

– Você quer dizer “merdinha”, não? Vá para o inferno, Slade. Sim, o bebê é seu no sentido biológico. De todas as outras formas é meu e só meu. Mas não se preocupe. Nas últimas semanas eu aprendi direitinho o que esperar de você, então fique longe de mim do jeito que tem estado. Esperei uma semana para você me ligar ou ir me ver. Quando não foi, fiquei esperançosa por até mais uma

semana. Depois, você aceitou esse trabalho e nem teve a decência de me dizer que estava indo. Você simplesmente foi embora. Eu te odeio por isso, odeio mesmo, e nunca vou te perdoar. Você mentiu para mim e me esqueceu. Bem, eu também posso fazer isso. Me deixe em paz e pare de bater nos meus amigos, porque eles realmente se importam comigo. – Ela tomou um fôlego entrecortado, lutando contra a enorme vontade de chorar. – Eles não me fazem chorar. Não me abandonam e não partem meu coração.

Ela se virou e fugiu para dentro da casa, correndo até a escada. Mal chegou ao banheiro e vomitou. Quando acabou, lavou o rosto, escovou os dentes e finalmente se encorajou a abrir a porta. Tinha medo de que Slade a confrontasse de novo, mas era Moon que estava sentado na beira da cama.



Slade estava em pé no jardim, em choque absoluto. Um bebê. Não era possível. Não podiam engravidar mulheres. Eles tinham certeza disso. A Mercile tentara várias vezes. Teriam dado um jeito se fosse possível. Mas Trisha não mentiria para ele. Ele sabia que não o enganaria intencionalmente sobre algo tão importante.

– Está feliz agora? – Brass cuspiu a grama que tinha entre os dentes, limpando a terra. – Você a magoou.

Slade olhou para o outro homem.

– Eu não sabia.

– Você não estava por perto para saber. Não esteve em lugar nenhum desde a recuperação dela. Foi quando vocês cruzaram, não?

Trisha está carregando meu bebê. Ele tentou deixar a ficha cair em seu cérebro ainda cheio de choque.

– Você a tinha e a deixou. Já ouvi sobre atitudes idiotas, mas essa é uma das piores. Você pode ganhar de mim numa luta, mas nunca venceria uma batalha de inteligência comigo. Eu acabaria com você – Brass disse, antes de andar a passos duros até a lateral da casa e a mangueira.

Slade ficou ali paralisado, olhando para a casa. Queria ir atrás dela, queria conversar com ela, até imploraria para que ela perdoasse suas palavras duras, mas ele nem sabia por onde começar. Chamara o filho dele de merdinha.

Por que sempre faço tanta merda com ela? Que droga! Seu queixo caiu até o peito e ele foi tomado pela dor. Ele era seu pior inimigo. Toda vez que abria a boca, parecia empurrar para longe a mulher que amava, dizendo algo que a

chateava ou machucava.

Ele se virou, cambaleando até o jipe, sabendo que precisava se acalmar e pensar. Tinha que dar um jeito de consertar as coisas. Pulou no assento do motorista, mas suas mãos hesitaram. Ele não queria deixá-la. Não podia. Deixou as mãos caírem, mas então as esticou até a chave novamente. Raiva e dor o tomavam. Parecia que ele não conseguia fazer nada certo quando se tratava de Trisha. Talvez ele não a merecesse, mas a queria tanto que se sentia amargurado com a ideia de perdê-la para sempre.

Ele ligou o motor e saiu lentamente com o veículo, mas voltaria. Tomaria um banho, trocaria de roupa e se acalmaria. Pensaria melhor e encontraria um jeito de arrumar a bagunça que seu temperamento e ciúme haviam criado.

Um bebê. Trisha vai ter o meu bebê. Uma sensação quente se espalhou pelo seu peito.



– Ele foi embora. – Moon a estudava. – Você está bem?

– Perdi totalmente a cabeça.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Eu vi e ouvi.

– Como está Brass?

– Harley está lá fora, ajudando-o a se lavar com a mangueira, mas ele vai ficar bem. O que mais sofreu ao apanhar foi seu orgulho, mas Slade é mesmo um de nossos melhores lutadores. Eu disse a Brass que não há por que se envergonhar de levar uns cascudos do melhor de todos. Só deve haver uma sensação de vergonha quando você perde para alguém mais fraco.

– Sinto muito por isso ter acontecido. – Trisha enxugou as lágrimas. Moon se levantou e se aproximou lentamente de Trisha.

– Não é sua culpa. Slade mereceu suas palavras duras. Ele transou com você e depois desapareceu. É ele quem deve ter vergonha, não você. Você é uma dádiva, Trisha. Qualquer homem se sentiria sortudo se você se importasse com ele e o deixasse te tocar do jeito que ele tocou, mas ele jogou isso fora. Foi idiota ao fazer isso. Deite e descanse. Os suprimentos chegaram há alguns minutos e em breve vamos trazer sua janta. Pense em seu bebê e não se preocupe com Slade ou qualquer outra coisa. Nós vamos cuidar de você. Tenho certeza de que assim que Slade esfriar a cabeça vai voltar para conversar com você com calma. Ele não queria, mas seu cérebro voltou a funcionar. Acho que ele foi babaca

daquele jeito porque estava com um ciúme louco, achando que você tivesse deixado outro te tocar. Ele não teria sido tão cretino se não se importasse com você, e ele deve se importar muito, já que foi tão imbecil.

Trisha não protestou quando Moon a cobriu depois que ela se deitou, e ele deu um beijo em sua testa. Trisha sorriu para ele.

– Obrigada. A propósito, estou impressionada.

– Com o quê?

– Acho que nunca te vi falar tanto de uma vez só.

Moon sorriu antes de voltar para o andar de baixo. Trisha tentou relaxar. Não era fácil. Ainda estava magoada pelo que acontecera.

Bem, agora Slade sabe sobre nosso bebê. Ela cumpriu o que Justice pedira e foi um desastre. Conteve as lágrimas. Jamais sonhou que daria a notícia de uma paternidade berrando com um homem cujo bebê ela carregava, e ainda por cima xingando-o. *Mas que… merda!*

Será que Moon estava certo? Slade havia sido um cretino extremo. Se ele não se importasse, não teria reagido tão violentamente à notícia da gravidez dela. Doeu muito quando ele imaginou que ela dormira com Justice. Talvez ele achasse que ela dormisse com homens por aí frequentemente. Se esse era o caso, ele não a conhecia.

Aquela coisa toda de “minha” permanecia presa em sua cabeça. Ele disse que ela era dele quando atacou Bill no acampamento em que ela quase fora estuprada. Depois, quando estavam lá fora, ele gritou com ela, dizendo que ela sabia que era dele; mas, se ele achava isso, por que a abandonou? Ele disse algo sobre protegê-la, e ela só ficava mais confusa quando tentava encontrar sentido nas palavras dele. Ele queria dar tempo a ela? Ele disse que só o tempo poderia dar a eles uma chance, ou algo parecido. *Tempo para quê? Para eu me sentir usada e idiota por achar que algo significativo aconteceu entre nós?*

Ela ouviu a madeira da escada estalar um pouco depois e enxugou as lágrimas. Harley entrou carregando um copo de leite e comida. Um cabo de colher saía da tigela.

– Trouxe leite para o bebê e sopa para seu estômago aborrecido. Moon me disse que você passou mal a ponto de pôr para fora a última refeição. Vou te trazer biscoitos com gotas de chocolate se você segurar tudo isso na barriga. Eles mandaram um saco enorme deles. Disse para os caras guardarem pelo menos um para você.

Trisha sorriu ao se sentar.

– Só um?

– Talvez dois. Você está comendo por dois agora – Harley sorriu para ela. – Cuidado com isso, está quente. Não quero que se queime.

Trisha olhou para ele com gratidão.

– Obrigada por ser meu amigo.

– Amigo? Achei que pudéssemos fugir para Las Vegas e nos casarmos com alguém vestido de Elvis. – Seu olhar brilhava ao provocá-la. – Já providenciei tudo. Poderíamos comprar um cachorro, um trailer velho e achar um lixão para morarmos perto. Ouvi dizer que é um ótimo lugar para arranjar mobília. – Ele arregaçou as mangas dos braços e expôs seus bíceps grossos. – Arrumei um espaço aqui para tatuar seu nome e achei que você pudesse tatuar o meu na sua bunda. Assim eu poderia mesmo dizer que essa bunda é minha.

Trisha gargalhou. Moon subiu e sentou-se à beira da cama, segurando um prato de torradas com manteiga. Colocou-o na cama, ao lado de Trisha, para que ela pudesse alcançá-lo facilmente.

– Não é na bunda dela que você vai colocar seu nome, Harley. Peça para ela tatuar no braço. Assim, quando ela esquecer, vai estar bem ali. Todos sabemos como você não é nada memorável. Ela teria que ser uma contorcionista para ver seu nome na bunda dela.

– Se ela é uma contorcionista – Brass gritou ao subir os degraus da escada –, então teria que casar é comigo. E não se casa com um Elvis. É mau agouro, pelo que sei. Todos sabem que um casamento que começa com um cara morto termina morro abaixo. E por falar em morro, ela tem classe, não se esqueça. Não vai comprar um trailer enferrujado. Compre um trailer de cinco rodas e viva nele. Assim você pode desengatá-lo e não precisa remover o pátio toda vez que precisar ir a algum lugar.

Trisha quase se encolheu ao ver o rosto de Brass. Suas maçãs do rosto e seu maxilar estavam com hematomas, havia cortes em todos os lados e um inchaço perto do olho. Ele não desviou seu olhar do olhar preocupado dela e piscou.

– Ainda estou incrivelmente bonito.

Ela riu.

– Sim, está.

Moon farejou algo de repente. Seu olhar se virou para Brass e Harley. Eles também farejaram. Três pares de olhos se viraram para a janela, até que voltaram para onde estavam.

Trisha ficou tensa.

– Sentiram cheiro do quê?

– Nada com que se preocupar – murmurou Moon. – Apenas um sinal de

tempestade lá fora.

– Ah. Espero que não tenha goteira no teto. – Trisha olhou para cima, para as telhas inclinadas, e de volta para os homens. – Se bem que a cabana parece bem sólida, mesmo que por dentro seja velha.

– Tenho certeza que não tem goteira, Trisha. – Brass fez um gesto na direção da comida dela. – Coma.

Trisha comia enquanto os homens a provocavam. Ela ria, ouvindo-os falar ainda mais absurdos sobre cenas de casamentos. Ela os viu olhar pela janela algumas vezes. Escureceu lá fora. As janelas continuavam abertas, mas ela não via raios, nem ouvia a chuva.

Trisha terminou toda a sopa, comeu as duas torradas e tomou o leite. Moon pegou os pratos.

– Vou te trazer biscoitos e mais um pouco de leite, mas antes vou correr um pouco. Gosto de uma boa corrida à noite. Pode esperar pelo lanchinho?

– Sim. Obrigada.

Ele sorriu para ela e desapareceu na escada.

– Já sei – Harley deu uma risadinha –, você poderia se casar comigo e iríamos morar com seus pais. Ouvi dizer que humanos que moram com os sogros sempre têm um casamento bem-sucedido.

Brass deu um tapa na testa.

– Onde você ouve essas merdas nada a ver? Esse é um jeito certeiro de acabar com um casamento.

Trisha riu.

– Você correria para as montanhas ou faria coisa pior se conhecesse meus pais, e provavelmente compraria uma arma para atirar neles. Não quero me casar com um cara que vai passar a vida na prisão.

– É – Brass concordou com a cabeça, sério. – Aí ela teria que se divorciar de você por traí-la dentro da penitenciária do estado.

– Traí-la? – Harley pareceu confuso por um segundo e fez uma careta. – Isso está… errado! Gosto de mulheres.

– Depende de quem você pergunta. Uma vez, ouvi que alguns homens encontram o amor verdadeiro atrás das grades. – Brass deu uma piscadinha para Harley. – Você tem uma bela bunda. Tenho certeza de que não sou o único homem que vai achar isso.

– Nunca mais vou me abaixar na sua frente. – Harley mostrou o dedo para Brass. – E isso não é uma oferta. Tenho padrões muito mais elevados.

– Chega – Trisha gargalhava. – Estão fazendo minha barriga doer. Por que não

dão um tempo para ela e pegam nosso jogo de cartas? Eu estava mandando ver.

– Estava nada. – Harley se levantou. – Vou pegar as cartas. – Ele andou até a escada. – Estávamos deixando você ganhar.

– Ele é um mau perdedor – sussurrou Brass.

– Eu ouvi isso!

CAPÍTULO DEZESSEIS

Slade se virou quando Moon aproximou-se furtivamente dele. O vento soprava forte. Slade enganchou os dedões dentro dos bolsos do jeans. Antes de retornar, havia ido para casa e trocado de roupa.

Moon respirou fundo.

– Está gostando de ficar aqui fora, ouvindo a gente animar ela?

Slade não disse nada.

– Você realmente a magoou ao fazer acusações grosseiras. Ela nos trata como se fôssemos irmãos, e posso jurar que não há nada entre ela e Justice. Estou no esquema de segurança dela há semanas e ela só fica com a gente quando não está trabalhando. Sabia que ela estava triste, mas não sabia o motivo até hoje. – Ele fez uma pausa. – Você não devia tê-la deixado assim. Por que faria isso? Ela é incrível.

Minutos se passaram.

– Eu tinha medo que ela corresse perigo estando comigo. Na época, fez sentido, mas não serviu para nada. Temi pela segurança dela, acima de meu desejo de estar com ela. Coloquei-a em muito mais perigo, agora que ela está carregando meu filho. Ela será um alvo dos grupos de ódio e eu, sem saber, deixei-a em mais perigo ainda não estando lá quando ela precisava de mim. – A voz de Slade ficou mais delicada. – Também quis dar um tempo para ela ter certeza do que sentia por mim, mas eu também precisava muito disso. Ela sabe que estou aqui fora?

– Não. Dissemos a ela que sentimos o cheiro de uma tempestade chegando. É difícil querer muito alguma coisa quando aprendemos que qualquer coisa que valorizamos é tomada de nós.

Slade concordou silenciosamente.

– Ela acha que você a usou para sexo e que não liga para ela. Ela está carregando seu filho e está magoada. Entende que ela é um milagre?

Slade virou a cabeça para olhar para o outro homem.

– Claro que sei, caramba.

– Mas você a deixou sozinha. – Moon chacoalhou a cabeça, enojado. – Eu não deixaria que nada ficasse no meu caminho para ficar com ela, nem mesmo meu próprio medo, se eu tivesse a sorte de encontrar uma mulher semelhante a ela, que se importasse comigo. Sei tudo sobre perda, com nosso passado em comum. Sei como é apavorante sentir qualquer coisa, porque abre a possibilidade de sentir dor. – Ele tomou fôlego. – Eu arriscaria qualquer coisa por uma mulher que eu amasse.

– Ela foi atacada por estar associada a nós. Acreditei que estar comigo só aumentaria o perigo. Não era só meu medo de me prender demais a ela.

– Ela sabia dos riscos ao aceitar o emprego. Ela é esperta, Slade. Homeland foi atacada antes de ela chegar, e pode acontecer de novo. Ela vê as notícias, vê os manifestantes destilando o ódio a nós para qualquer um que os ouça quando fazem ameaças, e mesmo assim ela veio até nós. Deixou você tocá-la mesmo sabendo o que Ellie e Fury encararam e ainda encaram. Ela estava presente quando Fury levou os tiros no lugar da companheira. Você pode ter achado que estava sendo honroso, mas estava errado. Ela já está em perigo e o grau não importa. O que realmente importa é que ela tenha um homem forte ao seu lado para protegê-la se alguém tentar atacá-la. Você falhou nisso.

A dor correu por Slade ao ouvir aquelas palavras realistas.

– Ela não vai me perdoar.

Moon olhou para a casa.

– Você precisa fazê-la entender o quanto se importa e que entendeu o quanto ela é importante para você.

Slade olhou de relance para a cabana.

– Alguma ideia de como fazer isso?

– Na verdade, sim. Vou entrar e falar com os caras. Tenho certeza que vão fazer o que eu disse. Eles se importam com Trisha e querem que ela fique feliz. Acho que você pode fazê-la entender, se a ama o tanto que acho que ama. Pode não pegar muito bem com Brass, no entanto, porque ele é muito próximo dela. Pare de rosnar. Não há nada entre eles.

– O que você tem em mente?

– Vou falar com eles e vamos acampar aqui fora hoje à noite depois que ela for dormir. Você vai entrar lá e conseguir sua mulher de volta quando ela estiver

sozinha.



Trisha virou-se na cama e encostou em um corpo morno. Suas mãos tocaram uma pele quente e nua. Ela arfou ao abrir os olhos, mas estava escuro demais para enxergar. Adormecera em algum momento e os homens haviam descido. Ela recuou rapidamente.

– O chão estava duro demais para você? É melhor que esteja vestido da cintura para baixo – avisou ela ao sujeito em sua cama. Ela desejou ter a visão e o olfato aguçados deles para determinar com qual dos três ela falava.

– Hmmm – a voz murmurou baixinho. O corpo se mexeu para mais perto e um braço passou por cima de sua cintura.

– Ei – protestou Trisha, empurrando-o pelo peito. – Role para o outro lado. Não ligo de dividir a cama, mas não sou um travesseiro para você se enrolar.

Ele não abriu espaço entre eles.

– Estou tentando dormir um pouco, docinho. Vai ser impossível com você me empurrando.

Trisha se surpreendeu e tentou se sentar, se atrapalhando com a mão para acender o abajur na cabeceira. O braço saiu de cima de sua cintura e ela se virou para longe. Seus dedos roçaram na base do abajur, que quase caiu na pressa. Sem ver nada, ela procurou o interruptor e apertou-o. A luz a cegou por alguns segundos.

Ela se virou e olhou estarrecida para Slade, que estava com o peito nu. Um corpo bronzeado e musculoso se exibia até a cintura, onde o lençol se juntava e cobria o resto dele. Ela não tinha certeza se ele estava vestindo calças e não quis saber. O fato de ele estar em sua cama deixou-a chocada.

– O que está fazendo? – Ela não podia acreditar que ele estava esparramado em sua cama. – Como chegou aqui?

– Passei pela porta de entrada, que ajudei a consertar depois que você adormeceu. – Slade estava deitado de lado. Apoiou a cabeça na mão de seu braço curvado e sorriu para ela. – Apague a luz. Estamos no meio da madrugada e quero te abraçar.

Trisha olhava embasbacada para ele.

– Você me deixa sozinha e desamparada e agora quer me abraçar? Ousa subir na minha cama? Você existe mesmo?

– Sim.

– Ficou louco? Eu não. Cai fora!

– Venha aqui, docinho.

Trisha tentou escalar para fora da cama, mas Slade agarrou-a delicadamente, encostando as costas dela no colchão. Prendeu-a sob seu corpo grande e quente, com cuidado para não machucá-la. Duas coisas ficaram instantaneamente claras para Trisha: a primeira, que Slade estava totalmente nu; a segunda, que ele estava excitado, pois ela sentia o volume grosso e quente da ereção dele na parte de dentro de sua coxa. Onde sua camisola subira, os corpos deles se tocavam. Ela tomou fôlego, mais do que surpresa por ele ousar aquela artimanha.

– Senti saudades. – O lindo olhar dele estudou o dela e sua voz saiu rouca.

Quero odiá-lo por falar com essa voz tão sexy e estar tão atraente. Lembre-se: ele me abandonou. Isso não foi nada excitante ou sexy. Foi frio e maldoso.

– Você sabia onde me encontrar. – Trisha abriu as mãos no peito dele, empurrando-o com toda sua força, mas ele nem se mexia enquanto ela o olhava. Ela cerrou os dentes. – Vou gritar por socorro se não sair de cima de mim.

– Espero que sua voz saia bem alto, porque eu os mandei para longe. Queria que ficássemos sozinhos. Dessa vez, não quero ter que cobrir sua boca com a minha mão.

A lembrança da vez que ele fizera isso para mantê-la em silêncio enquanto a comia foi imediata. O corpo dela respondeu no mesmo instante. Sentiu um puxão na barriga e ficou com ódio, querendo odiá-lo. Ela olhou nos olhos dele.

– Você me deixou e agora me quer de volta? É o que está dizendo? Por quanto tempo? Vou acordar de manhã e então o quê? Não vou te ver de novo por várias semanas? Talvez meses? Não. Saia de cima de mim, Slade.

Ele se mexeu para se certificar de que não esmagaria a barriga dela e segurou seu rosto com as mãos.

– Eu estava com medo. Você me assusta pra caramba, essa é a verdade.

– Com medo? – Ela respirou fundo, tentando se acalmar, e lutou contra a enorme vontade de socá-lo. Estava quase fazendo isso. – Então estava com medo? De quê? É bem mais alto e mais pesado que eu. Foi ter medo do quê?

– Estar comigo te deixa num perigo maior. Esse foi o principal motivo de eu ter ficado longe de você. Você quase morreu na floresta, podia ter morrido quando a SUV capotou, e eu não queria ser a causa de você ser um alvo para mais filhos da puta.

Ela apenas olhava fixamente para ele, tentando absorver as palavras. Não importava, no entanto, porque ele a havia magoado. Ela não deixaria que ele fizesse isso de novo.

– Foi mais do que isso, no entanto. Tive muito tempo para pensar. Nunca ousei me apegar a algo ou alguém. Vi muitas mortes e muita dor. Nunca possuí nada, nunca pude contar que haveria alguém ali para mim nos momentos ou dias seguintes. Se aqueles cretinos que me aprisionavam percebiam que eu me importava com outra pessoa no centro de testes, usavam isso contra mim. Caramba, usaram isso contra todos nós para tentar nos controlar. Sei que você não entende muito bem o que uma vida inteira disso faz com alguém, mas posso te dizer que me estragou bastante. Sou destrambelhado. Estava com medo do que eu queria de você e de que talvez você não sentisse essas emoções tão fortes. Quis te dar tempo, mas era eu quem precisava. Achei que, se me afastasse, pararia de pensar em você e que você estaria mais segura sem mim. Disse a mim mesmo que você estaria melhor se eu não fizesse parte da sua vida. Não foi o que aconteceu.

A honestidade dele a surpreendeu e um pouco da raiva dela passou. Ela não sabia o que responder, mas seu coração derreteu um pouco com o olhar sincero que ele lhe deu, com uma óbvia dor se fazendo ouvir em sua voz, e ela tinha que admitir que ele tinha um passado bem conturbado. Ele admitiu isso prontamente, sabia dos próprios defeitos, e isso amenizou a determinação dela de se manter zangada.

– Você prometeu que viria, mas não veio. Você me magoou, Slade. Nem mesmo falou comigo. Como espera que eu não fique brava e chateada?

– Eu planejei ir te ver assim que retornasse a Homeland, mas precisei ir a uma reunião primeiro. Justice exigiu. Eu os ouvi dizendo como e por que você se tornara um alvo dos humanos. Comecei a pensar em como eu me sentiria se você fosse morta por estarmos juntos. Perdi a cabeça, doutora.

– Pare de me chamar assim. Meu nome é Trisha. Use-o.

Os dedos dele roçaram no rosto dela.

– E eu te disse que só te chamaria de Trisha quando estivesse dentro de você. – Ele abaixou o rosto. – E quero desesperadamente estar dentro de você. Sentir você e seu gosto. Tem tanta coisa que nunca tivemos a oportunidade de fazer. Quero que você diga meu nome gemendo e quero te ouvir gritar de prazer. Preciso te mostrar o quanto você significa para mim e o quanto senti sua falta. Me deixe fazer isso, por favor.

– Por favor, Slade. – Ela fixou os olhos nos dele. – Não faça isso comigo. Você me magoou quando prometeu que voltaria, mas não voltou. Tive que matar dois homens e tive fé de que você viria me ajudar, mas você não fez isso. Dois outros homens tiveram que me salvar, e ainda assim tive esperanças de que você

apareceria. Eu precisava de você. Passei mal de preocupação até me contarem que você tinha sido encontrado com vida. Esperei você vir até mim quando me disseram que estava de volta em Homeland, mas você me esqueceu.

– Voltei sim quando você atirou naqueles filhos da puta. Ouvi os tiros, mas percebi que Flame e Smiley tinham chegado até você antes de mim. Eu queria te salvar, mas você não precisava de mim. – Ele fez uma pausa. – Também não queria que você me visse naquele estado. Eu tinha matado vários homens. Estava com medo que me visse com o sangue, que isso te fizesse repensar sobre estar com alguém capaz de tanta violência e que não acreditasse que eu jamais faria alguma coisa para te causar dor. Não sou totalmente humano e… – Ele pausou, com uma expressão dolorosa enrugando seu lindo rosto. – Foi melhor você não ter me visto daquele jeito. Apenas acredite em mim. Quero ser o homem que você deseja, não o que teme.

A determinação dela se amenizou ainda mais. *Ele está inseguro sobre o que é e como eu o vejo. Ele não é tão insensível, afinal de contas*. Ela respirou fundo.

– Slade, sei o que você é. Sei que não é totalmente humano, mas aceitei isso. Me senti acabada por ter matado aqueles homens e tudo o que eu queria depois daquilo era você. Eu precisava de você. Você só se afastou de mim como se eu não fosse nada. Não sei como pôde fazer isso, se você se importa comigo.

– Você estava a salvo. Isso era o que mais importava para mim. Eu tinha certeza que a assustaria no estado em que eu estava naquele momento, e decidi voltar para a floresta para achar o resto dos cretinos e me certificar que não seriam mais uma ameaça para você. Na hora, achei que fosse a escolha certa. Cometi um erro.

– Você me deu sua palavra e mentiu para mim.

– Eu sinto muito. Parecia a decisão certa no momento. Além disso, estava muito fora de controle para esconder meu sentimento de posse por você. Qualquer um lá teria entendido que tínhamos uma ligação.

– Então você não queria que ninguém soubesse o que aconteceu entre a gente? – Um choque de raiva e dor a percorreu. – Bem, adivinha? Agora algumas pessoas sabem. Aposto que isso te deixa muito humilhado. Sei que um Nova Espécie dormir com um humano não é algo “PC”, certo?

– O que é “PC”?

– Politicamente correto. Alguns de vocês juraram nunca tocar em humanos. Isso… Ah, caramba, sai de cima de mim. Também odeio te contar isso, mas seus homens sentiram meu cheiro e souberam que eu tinha feito sexo. Primeiro acharam que eu tinha sido estuprada. Não contei nada a eles, apenas que não foi

isso. Deixei seu nome de fora mesmo ao saber da gravidez, mas Justice se lembrou do meu cheiro naquela noite em que me levaram de volta a Homeland. Primeiro, ele achou que Brass fosse o pai mas, quando eu disse que ele nunca havia me tocado de forma sexual, Justice soube que era você. Seu cheiro era o único mais forte em mim.

– Não diga palavras que eu nunca disse ou nem mesmo pensei. Não tenho vergonha de você, doutora. Não ligo para o que é "PC". Eu estava tentando proteger sua natureza humana. Sei que mulheres humanas são muito discretas sobre sua vida sexual, e estar comigo te coloca em grande perigo. Ellie e Fury são prova disso. Eu também estava tentando te proteger do que Ellie e Fury passaram quando ficaram juntos. Todo mundo enchia eles por causa da vida sexual e, caramba, toda vez que Fury tocava nela parecia que alguém o acusava de machucá-la. Eu não queria que aqueles homens achassem que era isso que tinha acontecido entre nós, e eu não tinha certeza se havia humanos envolvidos no nosso resgate que poderiam nos ver juntos.

– Confiei em você uma vez e agora sei que não posso. Eu…

Slade levou sua boca até a dela e seus lábios roçaram uns nos outros. Ele falou contra eles.

– Sou ruim com palavras, docinho, mas acredite nisso. – Ele então forçou a boca dela a se abrir sob a dele.

Trisha tentou não sentir, mas era um beijo de Slade. Ela o queria e o amava apesar de toda a dor que ele lhe causara. Ela sempre soube que não seria fácil lidar com a atração que sentia por ele, com ele sendo um Nova Espécie e ela, não. Eram de mundos diferentes, mas quando ele a tocava, aquelas diferenças pareciam derreter, até que só eles sobravam. As mãos dela se esticaram no peito dele, curtindo a sensação quente de sua pele enquanto ela começava a beijá-lo de volta. Sua boca se abriu mais, admitindo que o ímpeto guloso dele a seduzisse. Um gemido escapou do fundo da garganta dela.

As mãos de Slade a acariciaram e o corpo dele se virou, movendo o dela junto, até que, deitados de lado, ficaram de frente um para o outro. Suas bocas não se abandonaram, e a língua dele seduzia ainda mais a paixão dela. As mãos dele agarraram a camisola e rasgaram o tecido. Ele segurou os seios dela com as mãos. Dedos fortes amassavam a carne macia dela.

Trisha interrompeu o beijo, ofegante.

– Slade?

– Não me diga para parar, por favor. Preciso de você. Não faz ideia do quanto te quero, Trisha. Senti tanto a sua falta que até doía. Estou morrendo de desejo

por você.

Ele abaixou a cabeça, sua língua passou pelo seio dela e todos os pensamentos deixaram a mente de Trisha quando a boca dele se fechou sobre o mamilo. Ele sugava forte, fazendo a barriga dela se apertar e queimar ainda mais de desejo, e depois a mordiscava de leve. O corpo inteiro dela respondia aos beliscões de prazer, que corriam diretamente ao cérebro. Ela gemeu mais alto, passando as mãos pelo peito e pelos ombros dele, e enterrou as unhas na pele. Sua mente avisava para empurrá-lo para longe, mas em vez disso ela o trazia para mais perto.

Slade tirou a boca do seio dela. Trisha protestou choramingando. Seu corpo doía de tanto querê-lo. Seus olhos se abriram e descobriram Slade observando seu rosto atentamente. A paixão em seu olhar quente a excitou ainda mais. Ele parecia meio selvagem, lindo de um jeito vigoroso, e as presas saindo de seus lábios abertos faziam coisas maravilhosas a ela.

– Você é tão linda. – Ele se ajoelhou na cama, soltando-a, mas agarrando-a de novo como se não pudesse deixar de tocá-la. – Não quero machucar nosso bebê. – Ele sorriu. – A propósito, estou feliz por termos criado um.

Trisha deixou que ele a colocasse de joelhos. Slade virou o corpo dela facilmente nos braços, levantando-a até que ela ficasse de costas para ele, pressionada contra seu peito. Ele se livrou da camisola destruída, jogando-a em um canto. Suas mãos deslizaram até os seios e ele mordiscou-a no pescoço. Seus lábios, sua língua e seus dentes seduziam e provocavam aquela pele sensível.

Trisha gemeu quando os dentes dele a morderam. Ele não feria a pele, nem a machucava, mas o beliscão de sua mordida dava uma sensação incrivelmente erótica. A língua dele pincelava a pele presa entre os dentes, até que ele foi a diferentes pontos no pescoço, provocando-a de leve com mordiscadas delicadas. As mãos dele deslizaram mais para baixo e pararam na curva do quadril.

O tecido na pele dela foi puxado quando os dedos dele se engancharam na lateral da calcinha. Slade rasgou-a e tirou-a do corpo dela com facilidade, e jogou-a para fora da cama. Suas mãos viajaram mais para baixo e foram até o interior das coxas delas, e ele as agarrou delicadamente.

– Abra mais para mim, docinho. Quero tocar sua boceta. Sinto o cheiro do seu calor e quero senti-lo. A lembrança dele me torturou e me manteve acordado em todas as noites que não estive com você. – Ele rosnava as palavras.

Ela afastou mais os joelhos. Tomou fôlego e segurou a respiração quando as mãos de Slade deslizaram lentamente mais para cima de suas coxas, querendo que ele fosse direto para a parte boa. Desejou-o por muito tempo para ele ficar

enrolando. Queria que ele a tocasse, precisava disso, doía de vontade que ele fizesse amor com ela. Começou a respirar forte e se perguntou se morreria se ele não a tocasse logo. Os dedos dele encontraram seus lábios vaginais. Eles estavam escorregadios de desejo, e ele os separou com dois dedos, esfregou a abertura e dirigiu-se ao clitóris inchado.

Trisha gemeu alto e pressionou a cabeça contra o ombro dele.

– Isso.

– Sim – ele rosnou atrás dela, dando a garantia de que não pretendia parar. – Nunca mais vou te deixar, Trisha. Nunca. Você é minha.

Os dedos dele se abriram e pinçaram o ponto sensível, esfregando-o e puxando-o delicadamente. Trisha gemeu mais alto, empurrou a bunda contra as coxas dele e sentiu aquele pau pesado e duro pressionado contra suas costas. Seus mamilos endureceram tanto que começaram a doer.

– Por favor? Preciso de você – sussurrou ela. – Continue com isso, mas também quero você dentro de mim.

– Pode deixar – rosnou ele, com a voz profunda e animalesca.

A necessidade que se fez clara na voz dele apenas a fez querê-lo ainda mais. Esse era o Slade que a excitava, o homem que ela desejava e de quem sentiu falta. Ele se afastou um pouco, juntou os joelhos entre as pernas abertas dela e rosnou novamente.

– Vou te foder, Trisha. Mas não quero te machucar. Vou sentar e quero que você monte em mim para controlar o quão fundo entro em você.

Slade lentamente se abaixou, se sentou nos calcanhares e puxou-a lentamente até que ela se sentou de pernas abertas sobre ele, encarando-o. Uma das mãos guiava os quadris dela, enquanto a outra continuava a alisar o clitóris, até que ele agarrou a base do pau.

Trisha olhou para baixo e a visão dele pegando na base daquela grossa ereção deixou-a mais molhada e com mais vontade de tê-lo enterrado em sua boceta. Ela segurou na parte de cima da coxa dele para manter o equilíbrio, inclinou o quadril e abaixou, enquanto ele direcionava a cabeça do pau na entrada dela. Trisha desceu no colo dele e Slade adentrou-a lentamente.

Ela gritou de prazer quando ele penetrou sua boceta, com seus corpos se aconchegando conforme ela descia mais e com a leve ardência de ser aberta por algo tão rígido. Trisha colocou o rosto no pescoço de Slade e pressionou as costas contra o peito dele. Ela gemia, sentindo aquele pau grosso e duro deslizando mais fundo em sua boceta molhada e receptiva, enquanto seu corpo sentava totalmente no colo dele até sua bunda repousar naquelas coxas. Ela

estremecia.

– Slade!

– Calma, querida. Bem devagar, mesmo que me mate. – Ele soltara o pau para que ela se sentasse totalmente, e usou a mesma mão para passar pela coxa dela, voltando a brincar com o clitóris. Ela choramingava, morrendo de vontade de gozar.

– Tão quente, tão apertada – rosnou ele. – Tão minha. – Seus lábios roçavam no ombro de Trisha enquanto ele rosnava contra a pele dela. Seus dedos continuavam a provocar o clitóris dela e ela começou a balançar o quadril lentamente para cima.

– Slade – gemeu ela.

– Estou aqui Trisha – disse ele, com a voz estridente. Sua mão livre correu pela barriga dela e apalpou o seio para acariciar o mamilo sensível. – Rápido ou devagar? Me diga o que quer.

– Mais rápido – ela gemeu.

Slade penetrou em Trisha com mais força, dedilhou mais rápido o monte de nervos entre as coxas dela para manter o ritmo com o do quadril, que se mexia. Trisha gemeu mais alto. A sensação dele dentro dela enquanto ele acariciava seu clitóris foi se tornando incrivelmente intensa. Ela agarrou as coxas dele para se segurar em algo enquanto ele entrava e saía dela mais rápido e mais profundamente.

Trisha quase gritou quando atingiu o clímax e seus músculos vaginais se apertaram com força em volta da espessura dura do pau. Ondas de prazer a golpeavam conforme ele inchava dentro dela. As metidas dele diminuíram para movimentos profundos e violentos, e seu corpo inteiro ficou tenso. Sua mão soltou o seio dela, seu braço enganchou-a pela cintura para prendê-la contra o colo e seu corpo deu espasmos violentos sob o dela ao gozar.

– Trisha – rosnou ele.

Eles se aquietaram, e foi quando Trisha notou a sensação quente do sêmen dele se espalhando dentro dela enquanto ele continuava gozando, enchendo-a com o líquido quente que liberava. Pareceu durar um minuto inteiro e eles continuavam grudados um ao outro. O corpo dela tremeu quando Slade moveu as mãos por ele, apertando-a na cintura, escorando-a mais firmemente em seu colo. Ele deu um beijo no ombro dela. Os dois ofegavam.

– Senti sua falta. – Ele respirava contra a pele dela. – Nunca mais vou te deixar. Nunca mais, Trisha. Prefiro morrer a ficar longe de você. Juro que vou te proteger com a minha vida e não vou estragar tudo de novo. Aprendi o quanto

você significa para mim.

Ela soltou as coxas dele e segurou nos braços que estavam em sua cintura. Uma parte dela tinha medo de acreditar nele, mas ela realmente queria. Ela o amava. *Às vezes é preciso arriscar. Você nunca vai saber se não der pelo menos mais uma chance a ele*. Ela mordeu o lábio antes de soltar um profundo suspiro.

– Essa é a última chance que te dou. Estou falando sério. Não vou dar outra se me magoar de novo. Se der mais um perdido, chega. Vai ser o fim para mim.

Ele deu uma risadinha.

– Não vou fazer isso. Apenas vou ficar bem onde estou agora. Entre o sexo e o inchaço depois dele, vou ficar grudado em você o tempo todo. Eu poderia ficar abraçado assim em você para sempre.

– Em algum momento vou ter que comer.

Ele riu.

– Não vou deixar você morrer de fome.

– Bom saber.

– Você vai precisar da sua força.

Slade ficou abraçado em Trisha até que o corpo dela começou a envergar e ele percebeu que ela estava caindo no sono. O inchaço na base do pênis havia desaparecido. Ele ajeitou as mãos nela e com cuidado a levantou do colo e colocou-a de lado. Os olhos azuis dela encontraram os dele e ela sorriu delicadamente.

Ele quase engasgou com as emoções, ficando impossibilitado de falar. Ela era tão linda para ele, e tão frágil. Carregava seu filho no útero. Esse fato ainda o deixava surpreso e com um sentimento de submissão. Ela dera a ele o presente máximo. Dera a ele o corpo e um futuro com ela. Seus lábios se curvaram em um sorriso e ele pigarreou.

– Vou apagar a luz. Você precisa de bastante descanso, doutora.

– Trisha. – Ela fez um beiço de irritação.

– Desculpe, Trisha – sorriu ele. – É difícil deixar hábitos antigos e, em minha defesa, não estou mais dentro de você.

– Vai usar meu nome enquanto estiver na minha cama, a não ser que queira dormir no chão.

– É justo. – Um sentimento de diversão e de alegria se misturava dentro dele. Ela o aceitara de volta, o perdoara, e ele não tinha certeza de que merecia. Ele

tinha bagunçado tudo. Apesar das boas intenções, se arrependia das escolhas que fizera. – Vou apagar a luz e vamos dormir.

Ela iria dizer algo a ele mas, quando seus lábios se abriram, o que saiu foi um bocejo. Ele desligou a luz e esticou os braços em direção à sua mulher. Puxou o corpo exuberante dela contra o seu, passou os braços em volta da cintura dela e ficou de conchinha. Não dava para chegar ainda mais perto. Ele não queria nenhum centímetro de espaço entre eles, e ela permitiu que eles se aconchegassem de lado.

– Senti muita saudade – confessou ele, baixinho com a boca no ombro dela, onde ele apoiava o queixo, inalando o perfume dela. – Pensei em você sempre.

– Também senti saudade e não conseguia te tirar da cabeça. Odiei quando me abandonou.

Ele se encolheu ao ouvir o tom de voz doloroso dela.

– Me desculpe, docinho. Não vai acontecer de novo. Juro pela minha vida. Fiz uma decisão estúpida, mas não vai acontecer outra vez. Fiquei mais esperto.

Ela ficou em silêncio nos braços dele por um longo momento.

– Você está bem sobre o bebê?

A incerteza na voz dela o atormentou. Ele fizera isso a ela, a fizera questionar o laço que tinham.

– Estou emocionado.

– Eu também, mas estou com medo.

– Eu vou te proteger. – Um momento de raiva passou rapidamente por ele ao pensar nela em perigo. – Ninguém vai te machucar. Vão morrer se tentarem.

A mão pequena dela pegou no braço que a segurava pela cintura, tracejando a pele dele.

– Não é disso que tenho medo. E se algo der errado com o bebê? Sei que o quero desde que o vi pelo ultrassom, Slade. Há tanta coisa que pode acontecer. Sou médica, sei que…

– Vai ficar tudo bem – ele a interrompeu. – É nosso bebê, um milagre, e a vida já foi bem cruel comigo. Me recuso a perder você ou nosso filho. O destino nos deu uma trégua.

O silêncio dela o preocupou, mas então ela suspirou.

– Pensamentos felizes?

Ele acariciou o pescoço dela com o nariz.

– Sim, pensamentos felizes, Trisha. Estamos juntos e é isso que importa.

Ele percebeu quando ela adormeceu. A respiração dela mudou e os dedos se aquietaram. Ele puxou-a mais para perto do corpo, com cuidado para não

esmagá-la, mas queria se enrolar nela ainda mais. A mulher em seus braços era a sua vida… e morte. Ele faria qualquer coisa para estar com ela e mataria qualquer um que tentasse se colocar entre eles.

CAPÍTULO DEZESSETE

– Não – rosnou Slade. Seus olhos exibiam sua raiva. – Vou ficar e protegê-la. Você vai fazer meu trabalho no canteiro de obras.

Brass rosnou de volta.

– Não vou lidar com todos aqueles humanos.

Trisha chacoalhou a cabeça para os dois homens, que estavam a ponto de brigar de novo. Ela suspirou.

– Meninos? Podem, por favor, não brigar na sala? Já perdemos uma mesinha de centro e quero preservar o sofá porque ele é confortável.

– Desista – riu Harley. – Eles vão brigar.

Moon tinha os braços cruzados sobre o peito, parecendo entediado. Ele balançou a cabeça para Trisha.

– Quer pipoca? – Harley foi até a cozinha. – Adoro comer assistindo a uma boa briga.

– Vou querer um pouco – grunhiu Moon.

– Parem – suspirou Trisha. – Não vai ter quebra-quebra nenhum nesta sala. Pelo menos façam isso no jardim, se estão tão determinados a se pegarem. Slade? Está me ouvindo? Brass? Vamos lá, gente. Sem brigar na cabana.

O olhar de Slade se moveu até Trisha.

– Não vou te deixar. Diga a ele para ir tomar conta dos projetos de Justice. Ele consegue mandar um monte de humanos construírem as coisas a tempo o tanto quanto eu. Eles respondem bem quando rosnamos e mostramos os dentes. Motiva-os a trabalharem mais rápido para saírem de perto da gente.

Brass xingou.

– Não faço ideia dos projetos que precisam ser tocados. Tudo o que eu disse foi que você pode sair para fazer seu trabalho de dia e ficar com ela à noite.

– Ela é minha – rosnou Slade. – Está me dizendo quando posso ficar com ela? Nem tente. Você não palpita nada sobre a minha mulher.

– Estou dizendo que posso cuidar dela enquanto você está no trabalho. Você tem um emprego, lembra? Ela não precisa que nós quatro fiquemos aqui a vigiando. Ela está segura na Zona Selvagem, Valiant prometeu que iria falar com os outros e que ela seria protegida por todos eles. Me assegurou de que nenhum humano se aproximaria.

Slade não parecia convencido.

– Precisa que eu mostre quem pode protegê-la melhor? Quer que eu te use para esfregar o chão de novo?

– Chega! – Trisha berrou, finalmente perdendo a paciência. Sabia que não eram exatamente homens normais, mas sua natureza dominante começava a irritá-la. Ela olhou para Slade. – Você, pare de bater no peito e de ameaçar meus amigos. – Depois a atenção dela se fixou em Brass. – E você, pare de atiçá-lo. – Ela suspirou, abaixando a voz ao olhar com atenção para Slade. – Você tem sim um emprego e estou bem aqui. Não vejo por que você não pode ir trabalhar e vir ficar comigo no fim do dia.

– Está bem – rosnou Slade. – Fique com seu amigo no meu lugar. – Ele andou a passos duros até a porta.

– Slade? Pare de pensar assim – gemeu Trisha. – Não é isso. Por favor, apenas…

Slade girou ao chegar à porta.

– Te vejo à noite.

Ele saiu e bateu a porta. Trisha foi até o sofá e se jogou nele, xingando baixinho. Ela sentia três pares de olhos em cima dela e olhou de volta para eles.

– Por que o que ele disse soou como uma ameaça?

Moon deu um sorrisinho para Trisha.

– Porque foi.

– É – concordou Harley. – Você vai se ver com ele hoje à noite. – Ele tirou a pipoca do micro-ondas. – Mas duvido que eles nos deixe assistir ao que quer que seja que ele está planejando fazer com você para ficarem quites. Mas gosto de ver pornografia. Aposto que seria um belo show. Que pena.

– Pornografia? – Trisha cuspiu, lançando um olhar a Harley. – Não tem graça.

– Ele não vai te machucar, mas… – Moon piscou para ela. – Aposto que ele vai pensar em algo bom para fazer com você. Vai querer te convencer a escolhê-lo da próxima vez, se a questão é a sua escolha.

Ela franziu a testa.

– O que isso quer dizer?

Brass riu.

– Somos agressivos e competitivos. É da nossa natureza. Ele provavelmente vai fazer algo que acalme o orgulho dele.

– O orgulho dele? Eu não estava escolhendo você no lugar dele. O que você acha que ele está planejando? Vamos, gente. Pelo amor de Deus, eu sou médica. Parem com essas charadas. O que acham que ele vai fazer comigo?

– O que eu acho? – Moon sorriu. – Ele vai te excitar até que você implore para que te coma. Vai querer te mostrar a quem seu corpo pertence e por que ele é o seu macho. E então vai consertar o orgulho dele onde você danificou.

– Ele é um canino – riu Harley. – Sei o que eu faria com uma mulher se eu quisesse mostrar a ela que estou no comando. Eu montaria nela e…

– Harley! – Brass rosnou, dando um olhar ameaçador para ele. – Cale a boca.

– O quê? Eu só ia dizer que iria montar nela até que ela não conseguisse mais nem andar. – Ele piscou para Trisha. – Nós, cachorros, temos mais tesão que o diabo, e podemos ficar horas nessa.

Brass rosnou e tinha uma expressão de nojo ao olhar para Trisha.

– Nunca pergunte a um cachorro sua opinião sobre sexo. Grande erro.

Trisha riu.

– Estou com fome. Mais alguém quer café da manhã? – Ela levantou uma sobrancelha para Harley e sua pipoca. – É nojento comer isso a essa hora da manhã.

– Não é café da manhã, pô. Eu estava no turno da noite, vou dormir depois de comer isso. Esse é meu lanchinho da noite.

Slade olhava fixamente para a mesa, certo de que Trisha só podia estar tentando deixá-lo louco. Ele odiava ficar em lugares cercados de muros, e o escritório temporário nada mais era que uma grande caixa retangular com rodas. O lugar inteiro cheirava a humanos e, por mais que ele estivesse se adaptando a isso, não queria ficar perto de nenhum, pois não confiava neles totalmente. Virou a cabeça para observar os quatro que trabalhavam nas outras mesas. Dois estavam ao telefone, um dava goles no café e o outro coçava a cabeça enquanto olhava para as plantas abertas em sua frente.

– Algum problema, Richard?

O humano tirou os dedos do cabelo.

– Não, só estou tentando pensar em como vamos terminar o clube a tempo. Já disse várias vezes ao senhor North que ninguém consegue construir uma coisa desse tamanho em poucos meses. Temos toda a estrutura pronta, mas ainda há muito a fazer.

– Do que vamos precisar? – Slade suspirou. Ele já sabia a resposta: mais dinheiro para contratar mais gente para trabalhar dia e noite.

– Acho que vamos conseguir, mas reze para que o tempo continue bom. Uma tempestade e estamos ferrados. Vai nos atrasar.

– Então qual é o problema?

O humano hesitou.

– Estamos tendo alguns problemas de grande azar.

– Do tipo…? – Slade levantou uma sobrancelha.

Richard mordeu o lábio.

– Alguém anda ferrando com o lugar.

Slade ficou tenso, alarmado.

– Que tipo de problema? O que está havendo? Por que só estou ouvindo isso agora?

– No começo, achei que o que estava dando errado era só acidental. As equipes estão trabalhando sete dias por semana, doze horas por dia. Achei que talvez um ou dois estivessem fazendo coisas erradas por estarem cansados, mas continua acontecendo. Estou começando a achar que não é tão inocente. Hoje de manhã, um dos caras se machucou porque uma das escadas estava com problema. Ele está bem, mas tivemos sorte de ela ter quebrado assim que ele pôs o pé nela. Ele podia ter morrido se tivesse subido mais ou se estivesse no terceiro andar. Inspecionei a escada e concluí que alguém a danificou de propósito.

– Você devia ter me informado antes. – Slade pegou o telefone. – Vou mandar alguns oficiais lá para ficarem de olho. Isso deve dissuadir a pessoa de fazer mais estragos.

– Obrigado.

Slade assentiu com a cabeça. Tinha medo de que algo ruim acontecesse. Havia grupos lá fora que sentiriam o maior prazer em causar problemas. Ter centenas de humanos na Reserva era uma oportunidade de alguns darem um jeito de se esgueirarem para dentro da propriedade e causar danos.

– Vou pedir mais segurança em todos os canteiros de obras. Não quero que ninguém se machuque ou morra. – Seus dedos mal tocaram os dígitos do telefone quando a porta foi escancarada. Tiger entrou correndo.

– Slade? Temos um problema.

Slade estudou Tiger. Eles haviam se tornado bons amigos depois de serem libertados do cativeiro. Viveram juntos e dividiram um quarto com outros homens em um hotel remoto nos meses que se passaram até Homeland ser aberta.

– O que foi?

– Há homens humanos faltando.

– Quantos? – Slade agarrou o rádio, soltou o telefone e se levantou rapidamente.

– Faltam exatamente quatorze homens e tem dois caminhões desaparecidos. Contamos de hora em hora, como você havia mandado, e desde a última vez esses desapareceram. Falei com o pessoal nos dois portões e eles não saíram. Ainda estão aqui, em algum lugar.

– Filho da puta – rosnou Slade. – Atenção – ele ordenou ao rádio, correndo até a porta –, há quatorze homens humanos faltando. Encontre-os rapidamente.

Slade se apressou até um dos jipes, com Tiger atrás dele.

– Aonde acha que teriam ido?

– Não sei. – Tiger pulou o banco do passageiro. – Mas vamos encontrá-los.

– Slade? – falou a voz no rádio.

– Ele está comigo. – Tiger usou o próprio rádio para responder. – O que foi?

– Dois caminhões passaram por um dos guardas há cerca de vinte minutos, em direção à Zona Selvagem. Ele não questionou, porque havia uma equipe agendada para trabalhar no sistema elétrico dos muros de segurança naquela direção. Checamos de novo e eles ainda não foram enviados para lá. Seja lá quem fosse avistado, não deveria estar na área sem uma escolta dos nossos oficiais, mas os guardas humanos não sabiam.

– Merda – rosnou Slade. – Trisha está lá.

Tiger grunhiu.

– Por quê? Não é seguro lá. Você enlouqueceu? Achei que tivéssemos decidido deixá-la no último andar do hotel e limitar o acesso.

– Os planos mudaram.

– Tem algum motivo para isso? Os humanos não têm nada o que fazer lá. Os machos marcaram o território e não a recepcionariam bem, mesmo sendo mulher.

Slade hesitou.

– Poderia se dizer isso.

– O que ela está fazendo lá? Humano nenhum tem permissão para ir até a Zona Selvagem. Como você os convenceu a deixarem ela lá? Eles passaram a

defender muito o território e teriam sentido o cheiro dela muito rápido.

– Trisha está carregando meu filho. Está na cabana seis.

– Filho? – Tiger segurou o fôlego.

Slade fez que sim com a cabeça, pisou no acelerador e virou o volante com força.

– Ela está grávida de mim. Justice a mandou para cá para deixá-la longe dos humanos durante a gravidez. Apenas poucos de nós sabem da condição dela.

– Filho da puta. – Tiger parecia surpreso. – Então você vai ser papai. Merda. Você a engravidou. O que ela fez para isso acontecer?

– Foi natural.

– Merda – rosnou Tiger de novo. – Podemos engravidá-las? Alguém deveria ter nos contado isso. Acho melhor eu cancelar meu encontro com a mulher da cidade que inspeciona a construção. Tenho certeza de que não quero ser papai também. Minha vida já é dura o bastante sozinho, imagine com uma companheira e um filho? – Ele chacoalhou a cabeça. – Não estou interessado.

Slade lançou um olhar surpreso para ele.

– Não sabia que você tinha atração por humanas. Achei que você as achasse muito frágeis.

– É, bem acho algumas delas bem bonitas. – Ele deu de ombros. – O que um cara como eu faria? Achei que valesse a pena tentar. Elas são muito frágeis, mas deve ser legal deixar uma fazer do jeito dela uma ou duas vezes comigo.

– É melhor que os humanos desaparecidos não estejam perto de Trisha. Eu quero sim ela e o nosso filho. Onde estão aqueles cretinos e o que estão fazendo?

– Não sei. – Tiger soltou a alça do coldre para pegar a arma com mais facilidade. – Mas vamos encontrá-los. – Ele se levantou, segurando na moldura do para-brisa. – Você dirige e eu farejo. Vamos achá-los mais rápido juntos.

– Vou ver a Trisha antes. Há homens o suficiente procurando aqueles imbecis. Só quero garantir que ela esteja segura.

– Totalmente compreensível. Vou manter meu nariz a postos mesmo assim. Pelo menos posso comunicar nossas equipes pelo rádio se sentir o cheiro deles.



– Trisha! – gritou Brass.

Trisha pulou, quase escorregando no chão molhado da banheira. Agarrou nas torneiras e fechou-as. A porta do banheiro bateu com força na parede quando alguém a escancarou. Trisha, surpresa e nua, ficou sem fôlego quando Brass

arrastou de repente a cortina do chuveiro. Puxou-a de lá pelo braço.

– Tem vários humanos vindo nessa direção. – Ele a soltou e enfiou roupas no braço dela. – Vista-se agora. Seja rápida.

Brass deixou-a de lado e subiu na borda da banheira para espiar pela pequena janela. Trisha tentou ignorar o fato de que estava pingando e nua naquele pequeno cômodo com ele. Atrapalhou-se para pegar a camiseta e enfiou-a por cima da cabeça. O tecido se enroscou em sua pele encharcada. O medo a motivou a não reclamar sobre a invasão de privacidade. Ele nem parecia notar que ela estava nua… A não ser pelo fato de mandá-la se vestir.

– O que está acontecendo? – Ela puxou para cima o short de algodão. – Por que humanos viriam para a Zona Selvagem? Tem certeza de que tem gente vindo? Eles não são proibidos disso?

– Vejo dois caminhões vindo, com vários humanos dentro. – Ele pulou e agarrou o braço de Trisha.

Trisha puxou a camiseta para baixo enquanto Brass a empurrava até a sala. Moon e Harley haviam começado a fazer barricadas na porta da frente com o sofá e pareciam muito zangados. Brass olhou em volta e arrastou Trisha em direção à lareira. Ele se abaixou, agarrou a grade de metal que a cobria e tirou-a do caminho.

– Entre aqui.

Ela olhou estarrecida para a lareira suja.

– Por quê? Está muito suja.

– A lareira parece ser sólida, com pedras e argamassa. Enfia a bunda aí agora. As balas não devem atravessá-la e é o melhor lugar que consigo imaginar para te colocar. Fugiríamos com você, mas acho que é tarde demais. Eles nos veriam e usariam os caminhões para nos perseguir. Proteger você e seu bebê é nossa prioridade. Entre aí agora e se enrole.

Trisha fez uma careta, mas se apoiou nas mãos e nos joelhos. Não era um lugar confortável, mas ela apoiou o traseiro nas cinzas, com os joelhos dobrados contra o peito. Descansou a testa nos joelhos e passou os braços em volta das pernas dobradas. Não conseguia levantar a cabeça totalmente sem batê-la na tubulação. O interior da lareira não era alto o suficiente. Ela observava com medo crescente os rapazes se preparando para o pior.

A cômoda de cedro foi empurrada contra a porta, junto com o sofá. Para garantir, Moon empurrou um pesado criado-mudo contra ela também. Harley correu até a mesa da cozinha e virou-a de cabeça para baixo no chão. As pernas saíram com uma pequena ajuda de sua bota e suas mãos fortes. Ele levantou a

madeira pesada e espessa e correu até as janelas perto da porta. Colocou-a na frente do vidro de modo que apenas pedacinhos de luz ficaram aparecendo por cima. Empurrou a poltrona na frente para deixá-la no lugar.

Brass correu para a cozinha para arrancar a geladeira do buraco onde ficava e empurrou contra a porta dos fundos, bloqueando totalmente a entrada. Em seguida, pegou o fogão.

– Tubulação de gás! – Trisha berrou.

Brass congelou e olhou para ela.

– Obrigado. Eu não teria me lembrado. – Ele se curvou atrás do grande utensílio por alguns momentos para cuidar do potencial problema e então arrancou o fogão desligado da parede. Empurrou-o contra a geladeira.

– O andar de cima deve ser seguro – gritou Moon. – Não há nada em volta que seja alto o bastante para eles subirem, e não podem saltar como os felinos e primatas.

– Estou sem sinal – Harley xingou ao pegar o celular.

– Parece que há algumas sombras de sinal pela cabana – informou Brass. – Tive que andar um pouco por ela para encontrar sinal. Tente a base da escada, parece mais forte ali. – Algo quebrou dentro da cozinha.

Trisha observava enquanto Brass quebrava o balcão no meio, usando sua enorme força para arrancar uma parte dele, que ele usou para bater contra a janela da cozinha. Ele se virou, estudou a cozinha por um momento e voltou correndo para a sala.

– Pegue sua mala – Brass ordenou a Moon. – Use o andar de cima para eliminar máximo possível deles. Você tem autorização para matar. Estou no comando e estou permitindo.

Moon concordou com a cabeça soturnamente e virou a cabeça para olhar para Trisha.

– Levo ela para cima comigo?

– Não. Ela está mais segura ali, mais protegida de balas perdidas. Você vai atrair tiros quando abrir fogo contra os terroristas. – Brass olhou para Trisha e não desviou o olhar do dela. – Não se mexa de jeito nenhum, não importa o que aconteça. Está me entendendo? Se um de nós for atingido, não se mexa um milímetro, sendo médica ou não. Pense no seu bebê.

Trisha foi tomada pelo medo quando os caminhões se aproximaram o bastante para seus ouvidos captarem o som. Moon arrastou uma mala de um armário perto da porta de entrada e abriu-o. Não havia colocado roupas naquela mala grande e longa. Em vez disso, tirou dela dois rifles e agarrou a alça da mala,

levando-a com ele para o andar de cima.

Harley foi até a mala dele e Trisha o viu tirar de dentro dela armas e munições. Ele olhou para Brass.

– Quer ficar na frente ou atrás?

– Vou ficar atrás. Os humanos parecem achar sempre que podem nos assustar. Acho que o ataque por trás vai ser muito pior e sou bom atirador.

– Sei – bufou Harley. – Veremos. Aposto que consigo eliminar mais terroristas que você.

– Tenho certeza que eles estão apenas perdidos – falou Trisha, esperando que fosse o caso. – Por favor, não atirem em ninguém a não ser que realmente precisem.

Brass encontrou o olhar dela.

– Tem dois caminhões de humanos ultrapassando a Zona Selvagem, e Slade nunca teria enviado eles para cá com você aqui. Eles teriam uma escolta de Novas Espécies e Slade teria nos avisado para manter você fora de vista se eles tivessem permissão. Eles estão aqui para fazer algum mal. Mantenha sua bunda onde está. – Ele agarrou um criado-mudo e jogou o abajur no chão, onde o vidro se espatifou. Empurrou o móvel para perto dela para fechar o buraco e mantê-la presa ali.

– Se você sair daí, vou bater na sua bunda com um cinto de couro – Brass rosnou para ela. – Está me entendendo? Vai ficar sem conseguir sentar por uma semana.

Chocada, Trisha o fitou. Brass de repente sorriu e piscou.

– Sei o bastante sobre crianças humanas para saber que essa ameaça é eficiente. – O sorriso dele se esvaeceu. – E estou falando sério. – Ele girou e saiu andando, indo até a janela da parte de trás da cabana.

Trisha ouviu o barulho de freios e motores desligando, sabendo assim que os caminhões haviam parado do lado de fora. Ela ouviu vozes masculinas. *Tem que ser algum engano. Os caras estão só perdendo a cabeça e exagerando. Têm que estar. Ninguém sabe que estou na cabana e ninguém vem me ferir ou ferir meu bebê. É tudo apenas um grande mal-entend…*

– Algum animal de merda está aí dentro? – Uma voz masculina gritou do lado de fora. – Saia e vamos acabar com sua vida de merda.

Gargalhadas foram ouvidas e Trisha ficou tensa. *Ok, não é um mal-entendido. Eles estão aqui para fazer mal*. Os homens lá fora não estavam procurando exatamente por ela, mas estavam atrás de qualquer Nova Espécie. Ela fixou o foco em Harley na janela da frente e sabia que ele podia vê-los melhor. Ele

parecia calmo para ela. Ela se sentia qualquer coisa, menos assim. Seu pavor aumentava conforme os segundos passavam, rezando para que eles simplesmente fossem embora. Não queria que Brass ou os outros se machucassem para protegê-la.

– Vamos entrar e arranjar um pouco de pele de animal. – Outro imbecil riu.

– Vamos matar vocês aí mesmo se chegarem mais perto. Estamos fortemente armados – Harley avisou, alto o bastante para eles ouvirem sua ameaça.

Vozes masculinas riram do lado de fora.

– Ouviu isso? Um dos animais acha que vamos deixar um cachorro ou um gato correr atrás de nós. Se espalhem e atirem no filho da puta. Vamos mostrar quem são os mestres.

Tiros irromperam, um barulho alto e horrível. O olhar de Trisha voou até o sótão quando percebeu que Moon abrira fogo. Trisha observou com horror Harley levantar a arma, apontá-la para a abertura estreita na parte de cima da janela, que a mesa da cozinha não cobrira, e atirar. Ela levantou as mãos para tapar os ouvidos. Ouviu múltiplos tiros e homens gritando do lado de fora, apesar de tentar bloquear o som.



– Porra – rugiu Slade.

– Sabemos onde eles estão – Tiger cuspiu, pegando o rádio. – Precisamos de ajuda na Zona Selvagem, na cabana seis. Há tiros sendo disparados. Nosso povo está sob ataque.

Slade rosnou para Tiger.

– Sente-se. – Foi todo o aviso que ele deu antes de girar o volante com força e tirar o jipe da estrada. Ele precisou virar a direção violentamente de novo alguns segundos depois para evitar bater em uma árvore.

Tiger xingou e segurou em qualquer coisa que podia. Slade saíra do asfalto e dirigia a uma velocidade perigosa pela floresta. O jipe balançava forte e a direção se tornava quase mortal, se esquivando de obstáculos e quase batendo em árvores. Tiger segurou a respiração algumas vezes, achando que o jipe não passaria entre os troncos grossos. Um dos retrovisores foi perdido ao bater em uma árvore, explodindo com o impacto, e Tiger ouviu a tinta na porta ralando.

– Não chegue dirigindo com tudo quando chegarmos lá. Vamos nos esgueirar por trás e eliminá-los. Não vão nos ouvir com todos aqueles tiros.

– Foda-se, o que quero é tirá-los de perto dela. – Slade rosnava as palavras,

com raiva demais para se importar com o que aconteceria com eles, contanto que atirassem nele e não em Trisha. – Quero que venham atrás de mim.

– Eles são humanos – grunhiu Tiger. – Não lutam assim. Não vamos tirá-los de lá, pelo menos não todos. Me ouça. Sei que está com raiva, mas faça o que digo. Você não está sendo racional.

Slade concordou com a cabeça, sabia que o amigo dizia a verdade, mas parecia não conseguir parar de pensar no medo de que Trisha fosse ferida ou morta. Ele sabia ter deixado o racional de lado ao ouvir o primeiro tiro, quando saiu da estrada.

– Está bem.



Trisha viu Harley se encolher, se lançar para trás e agarrar o braço ensanguentado quando uma bala o atingiu. No entanto, ele não parou de atirar. Apenas pôs a mão no ferimento por alguns segundos, até passar a ignorá-lo.

Ela queria ajudá-lo, mas sabia que tentar alcançá-lo seria suicídio. Balas atingiam a cabana repetidamente e buracos se abriam pela parede em volta da porta numa rajada repentina, mas Harley se jogou no chão no último segundo. Ele se arrastou, xingou e foi até outro local. Levantou-se e começou a atirar de novo. Mais balas atravessaram as paredes quando os homens lá foram reagiram. Um quadro emoldurado na parede perto do sofá foi estilhaçado por uma bala, fazendo chover vidro.

Trisha virou a cabeça para olhar para Brass, que estava encostado em uma coluna grossa enquanto atirava. Ele obviamente acertou em cheio que alguns dos homens tentariam se esgueirar pela parte de trás. Trisha ouviu um barulho e olhou fixamente para a cozinha enquanto o tampo do balcão que Brass usara para calçar a janela caiu e quebrou. Bateu na pia e deslizou até o chão. Trisha viu um movimento enquanto o longo cano de uma arma entrava por onde alguém obviamente havia aberto a janela.

– Janela da cozinha – berrou Trisha.

Brass mergulhou no chão e deslizou por alguns metros de barriga, até que pôde ver a cozinha. Ele se virou de lado, com a arma na mão e mirou. Atirou na cabeça do intruso quando esse, grudado no cano de uma arma, entrou pela janela.

O corpo espasmou antes de cair, com metade dele sobre a pia. Brass se virou e piscou para Trisha antes de jogar fora um pente vazio da arma e enfiar um novo

nela. Se colocou em pé para chegar a seu posto novamente. Espiou pela janela que vigiava.

– Me diga se vir mais alguém, Trisha – ordenou Brass. – Não desvie o olhar. Você é nossos olhos.

Trisha concordou silenciosamente com a cabeça, mas se lembrou de que ele não estava olhando para ela.

– Estou olhando. – Sua voz saiu trêmula, mas ela sabia que ele a ouvira quando não repetiu a ordem.

Apavorada, ela fitou o corpo caído na janela. Sangue corria por baixo da pia, formando uma poça no chão. Ela se forçou a desviar o olhar daquele vermelho e da visão grotesca do que havia sobrado da cabeça dele, com pedaços faltando. Ela moveu a atenção para a abertura da janela. Se alguém a usasse para entrar na cozinha, conseguiria atirar em Brass e Harley. Eles tinham que manter o foco exclusivamente no lado de fora.

De repente os tiros cessaram e Trisha segurou a respiração. Estava com medo de tirar os olhos da janela e não tirou. A vida dos homens com quem ela se importava dependia de que sua vista se mantivesse firme.

– Estão se reorganizando – rosnou Brass. – Como está, Harley?

– Dois tiros, mas só de raspão, no braço e na parte inferior da perna. Consigo ficar em pé.

– Moon?

– Ainda aqui, e bem. Peguei seis e acertei mais dois. Estão atrás dos caminhões ou se esgueirando pela floresta para dar uma circulada. Agora estão em grupo, provavelmente pensando num plano para avançarem. Não vejo direito de trás, o telhado da varanda bloqueia minha vista.

Brass diminuiu a voz para um sussurro.

– Munição?

– Estou bem. – Moon anunciou de cima.

Harley hesitou.

– Tenho pouca.

– Moon? Cubra a parte da frente. – Brass mantinha a voz baixa para não ser ouvido pelos homens do lado de fora.

– Pode deixar.

– Harley, troque de posição comigo depois de recarregar. Fique de olho nos fundos enquanto conserto o problema na cozinha.

Trisha viu Harley mancar até as malas no chão. Ele enfiou pentes de bala nos bolsos da calça. Olhou com preocupação para o rastro de sangue que ele deixava

ao andar. Ela queria cuidar dele. Brass estava hesitante na cozinha, passou os olhos em volta e se agachou. Foi até o homem morto, pegou-o pela gola e arrastou-o totalmente para dentro da cabana. Até mesmo tomou um momento para checar o pulso dele. Empurrou o corpo no lugar do fogão para deixá-lo fora do caminho.

Ele se manteve abaixado ao pegar o tampo quebrado do balcão, usou-o como escudo na frente do corpo quando se levantou e bateu a peça pesada contra a janela. Ele se virou, examinando a cozinha. Brass se mexeu, um barulho alto se ouviu, e ela o viu se virar, segurar os armários de louça e arrancá-los da parede. Havia três deles presos juntos, mas ele derrubou todos na pia como se não pesassem nada. Ele o estudou antes de girar e encontrar o olhar dela.

– Como está? – Brass foi até ela.

– Estou bem. Posso ver o Harley? Ele está perdendo muito sangue.

– Fique aí. – Ele olhou para o chão manchado de sangue, levantou os olhos até onde Harley estava, encostado na janela de trás, e franziu a testa. – Harley? Vá até Trisha. – O olhar de Brass retornou a ela. – Pode cuidar dele se ficar com a bunda aí mesmo. Não saia daí.

Brass foi em direção à janela. Harley mancou até Trisha. Ela empurrou o criado-mudo de sua frente e focou na área que sangrava. Ele foi atingido logo abaixo do joelho, na parte da frente da perna. Os dedos dela tremiam ao enganchá-los no tecido da calça, onde a bala fizera um buraco, alargando-o para ver a pele ensanguentada. A bala o pegara de raspão, mas era um corte profundo.

Harley tinha uma faca amarrada à coxa. Ela olhou para ela primeiro antes de encontrar o olhar dele. Ele a observava em silêncio.

– Me dê a faca, por favor.

Ele não hesitou em passá-la, entregando-a com o cabo virado para ela. Trisha olhou para o próprio corpo, percebendo que não tinha muita roupa. Pegou a ponta da camiseta e começou a cortá-la. Tirou uns dez centímetros dela, fazendo uma longa tira, e devolveu a faca a Harley, com o cabo virado para ele. Ele a pegou de volta no mesmo instante.

– Eu teria atirado no Moon se soubesse que você cortaria sua própria roupa caso um de nós levasse um tiro.

– Eu ouvi isso – disse Moon, lá de cima.

Trisha ria ao passar a tira de tecido em volta da perna dele e amarrá-la firme.

– Isso deve segurar o sangramento, mas vai precisar de pontos.

– Já está melhor.

– Me deixe ver seu braço.

Harley se agachou e virou seu corpo grande para deixar o ombro na direção dela. Ela rapidamente rasgou o tecido fino da blusa dele para examinar o ferimento. Estava cheio de sangue. Ela hesitou.

– Preciso colocar a mão para ver a profundidade, e vai doer.

Ele concordou com a cabeça, sem olhar para ela.

– Temos uma boa tolerância à dor. Vá em frente.

Por mais que Trisha odiasse fazer aquilo, colocou o dedo no ferimento que sangrava bastante e no mesmo instante sentiu algo ali. *Merda*.

– Estou sentindo uma bala. Achei que você tinha dito que foi de raspão.

– Eu minto às vezes.

Trisha usou a ponta do dedo para arrancar a bala depois de perceber que não tinha ido fundo, pensando que foi uma sorte o projétil ter atingido primeiro a parede da cabana antes de acertar Harley. Aquilo diminuíra a velocidade da bala de modo significativo para impedir que ela explodisse completamente no corpo dele. Ela temia que uma artéria grande tivesse sido atingida pela quantidade de sangue que escorria pelo braço. Precisava estancar o sangramento e sabia que ele não deitaria para que ela fizesse pressão até que alguma ajuda chegasse.

Poderia tentar cauterizá-lo, mas desconsiderou a ideia. Pediu a faca dele de novo e cortou mais um pedaço da blusa, até que sobrou tecido apenas logo abaixo de seus seios. Ela cerrou os dentes, odiando por ter que machucá-lo.

– Vou tapar o ferimento e depois vou tirar o tecido. A pressão vai fazer o sangramento parar ou diminuir bastante a velocidade dele, mas vai doer.

– Faça isso, mas depressa, Trisha. Preciso me levantar. Vão abrir fogo de novo a qualquer momento. Não vão simplesmente sair andando, por mais que a gente queira.

Trisha enrolou um pequeno pedaço da blusa e colocou-o no buraco. Era uma medida extrema, mas não tinha outra escolha. Ela o estudou, viu uma diminuição no sangramento e amarrou uma tira firmemente em volta do braço dele para segurá-lo, antes de desamarrar. Longos segundos se passavam enquanto ela observava a bandagem, mas o sangramento pareceu ter cessado.

– Tente manter esse braço o mais imóvel possível. Não é exatamente um curativo, está mais para um tampão temporário de emergência.

Ele balançou a cabeça, se levantou e empurrou o criado-mudo de volta na frente dela para protegê-la de balas perdidas.

– Obrigado.

Harley retomou a posição perto da porta da frente, enquanto Brass se mantinha próximo à parede de trás. De repente, Brass e Harley riram.

– Qual é a graça? – Trisha olhou para eles, se perguntando se o estresse da situação finalmente baixara neles.

Brass parecia aliviado ao olhar para ela.

– Temos companhia. Os vizinhos estão a caminho para recepcionar nossos convidados. Estou sentindo o cheiro deles.

– Pelo menos quatro – Harley inalou. – E Valiant é um deles.

– Pobres imbecis – Moon se meteu lá de cima. – Isso vai ser interessante.

Trisha só queria que aquilo tudo acabasse. Queria poder ver o que acontecia lá fora, mas de repente balas atravessaram a cabana novamente.

– Ataque total pela frente – berrou Moon. – Estão indo até um dos caminhões.

– Trisha! – Harley berrou, correndo até ela. – Saia daí!

Trisha empurrou o móvel e jogou-o para o lado. Balas atravessavam a parede perto de Brass enquanto ele xingava alto. Harley pegou o braço de Trisha de repente enquanto ela lutava para ficar em pé e jogou-a em direção à escada. Ele manteve o corpo entre o dela e a frente da casa. Balas entravam na sala pela frente, se enterrando em paredes, e mais vidro se espatifou.

– Vá lá para cima – rosnou Harley.

Ele soltou Trisha no pé da escada. Ela correu e chegou ao topo, até que percebeu que Harley não a seguia. Ela se virou e o viu deitado no chão, no começo da escada. Brass correu até o homem caído, pegou-o com as duas mãos, levantou-o e colocou-o no ombro para subir correndo a escada.

– Trisha, suba na cama – rosnou Brass para ela, jogando a estrutura frouxa de Harley no móvel primeiro. – Vá para trás dele e fique abaixada.

Trisha ouviu o som distinto de um motor segundos antes de uma explosão de barulho estalar pela casa, tão alto que seus ouvidos doeram. Ela se jogou na cama do lado de Harley. O local tremia como se houvesse um terremoto; um solavanco forte. Ela gritou, apavorada, conforme a madeira rangia e estalava. Mais vidro se espatifou e se esmagou em algum lugar abaixo deles, no andar de baixo. O som do motor era muito alto, como se estivesse ao lado de Trisha.

– Quebraram a parede da frente – rugiu Moon.

– Quebraram o caramba – Brass rosnou de volta. – Agora o caminhão está metade estacionado na sala.

Trisha viu Brass tomar posição no topo da escada, onde se jogou de barriga no chão. Começou a atirar em algo e os tiros eram tão ensurdecedores que Trisha tapou os ouvidos. No entanto, não podia desviar o olhar do amigo, preocupada com ele.

– Mantenha a cabeça abaixada, Trisha – Moon berrou para ela.

O motor desligou e alguém gritou de baixo enquanto Brass continuava atirando. Ele jogou um pente, colocou outro e continuou atirando depois de uma pausa de apenas alguns segundos. Moon atirou com sua arma pela janela.

O coração de Trisha batia forte. Aqueles homens haviam entrado com um caminhão pela frente da casa. Balas rasgavam o chão perto da cama, de onde Trisha via buracos aparecerem na madeira e em seguida no telhado. Destroços choviam neles. Trisha se virou para Harley, que estava imóvel, e agarrou-o, se segurando nele, até que percebeu que sua mão sentiu algo quente e molhado em Harley.

Sangue. Ele está sangrando. Ela abriu os olhos e, num choque terrível, fitou Harley esparramado de costas. Ela levantou a mão que estava no peito, sobre a área do coração dele, e estava coberta de sangue. Fez-se um inferno em volta dela enquanto aqueles homens gritavam, armas atiravam e a casa continuava sendo destroçada por balas. Trisha odiava se sentir indefesa ao olhar para o sangue em sua mão, sabendo que não ajudaria em nada sentando-se, pois as balas a atingiriam também.

Um rugido alto se fez ouvir sobre os gritos, os tiros e o local sendo arrebentada por balas. Trisha ouvira aquele rugido de estourar os tímpanos antes. Parecia que Valiant adentrara a cabana.

CAPÍTULO DEZOITO

Trisha sentiu lágrimas quentes rolarem por seu rosto quando os tiros cessaram. Ela ouviu outro rugido, seguido por algo similar ao uivo de um lobo. Ela levantou a cabeça e viu Brass se levantar do chão. Moon pairava perto da janela, sorrindo.

– Você devia ver isso. Há uns dez dos nossos lá fora e pegaram os cretinos. Um filho da puta está tentando fugir do Valiant. Ops. Ele achou que pudesse fugir do Valiant. Agora ele está voando como… ai. Estava imitando um pássaro, mas agora é parte de uma árvore. Bem, era até o corpo cair no chão. Agora está morto – Moon riu. – Isso deve ter doído. Parece que a última coisa que passou pela cabeça dele foi um latido.

Trisha lutou para se ajoelhar e olhar para Harley, percebendo que ele não se mexia nem um pouco e, na mesma hora, colocou a mão no pescoço dele. Um soluço rasgou sua garganta quando ela não encontrou pulso. Ela agarrou a blusa dele freneticamente para abri-la e examinar o buraco do lado esquerdo do peito.

– Ah não. – Brass perdeu o fôlego.

Trisha se mexeu. Era difícil fazer aquilo no colchão macio, mas se pôs ao lado de Harley e inclinou a cabeça dele para abrir as vias aéreas. Trisha se colocou sobre ele, pegando o nariz com uma mão, segurou a cabeça e cobriu a boca dele para começar a fazer respiração boca a boca. Ela soprou ar, moveu os olhos para ver se o peito dele subia e se sentou. Soltou-o e pressionou as mãos juntas no peito dele e acima do ferimento. Contava de cabeça ao fazer compressões.

– Trisha? – Era a voz de Slade e ele estava perto.

– Traga ajuda. – Ela tomou ar e soprou na boca de Harley. Forçou o ar nos pulmões dele outra vez. Fez mais compressões. – Voo de emergência. Centro médico mais próximo. Depressa.

– Trisha? – Slade estava muito perto, quase atrás dela. – Ele se foi.

Trisha forçou mais ar nos pulmões de Harley.

– Não! – Ela se recusou a desistir. Ele usara o próprio corpo para protegê-la até que ela chegasse à escada. Levara tiros protegendo-a e o bebê. Ela não desistiria dele de jeito nenhum. Já salvara pacientes com ferimentos piores.

Continuou, até que parou, verificou o pulso e quase desmaiou de alívio.

– Senti um batimento. – Ela fitou o rosto dele para se certificar de que ele continuava respirando. O alívio correu por ela quando ele respirou sozinho uma vez, depois outra. Seu pulso era fraco, mas existia.

Trisha estudou o peito dele e descobriu que o ferimento havia danificado o pulmão.

– Alguém me arranje algo de plástico, agora. Uma sacolinha, qualquer coisa. Depressa, o pulmão dele vai parar.

Alguém entregou a ela uma sacola de lixo nova e dobrada, e ela começou a trabalhar enquanto Harley respirava sozinho. Ela fez pressão no ferimento que sangrava no peito dele. Só tinha que ter cuidado para não colocar muito peso, para não fazer o pulmão parar. Uma eternidade pareceu se passar enquanto Trisha se ajoelhava sobre ele, até que finalmente ouviu um helicóptero.

Braços passaram em volta da cintura de Trisha.

– A ajuda chegou. Eles não podem te ver, doutora. Ninguém pode. Deixe-o ir. Moon vai segurar isso para você. – Slade abraçou-a, falando baixinho em seu ouvido. – Vamos, docinho. Você fez tudo o que podia. Não é nosso povo que está no helicóptero, é o seu, e se ficar aqui vão fazer muitas perguntas.

– Tire ela pela janela – Brass ordenou baixinho.

Trisha virou a cabeça e olhou para Slade.

– Sou a médica das Novas Espécies e ele precisa de mim.

Slade abraçou-a mais forte.

– Pense no bebê, Trisha. Eles podem fazer por ele o mesmo que você. – Ele a levou para longe da cama e se apressou até uma janela.

Brass chutou o que restava da janela. Balas haviam quebrado a maior parte dela, mas haviam sobrado pedaços afiados. Brass saiu pela janela antes e subiu no telhado da varanda, desaparecendo na beirada. Slade pegou Trisha, colocou-a nos braços e se curvou. Mal passavam pela abertura, mas saíram no telhado. Slade foi até a beirada e espiou lá embaixo.

– Harley precisa de mim. Me solte, Slade. – Ela se agitava, tentando olhar para a cama, e viu o amigo deitado e imóvel com Moon sobre ele. – Por favor! Sou médica!

Slade parecia ignorá-la ao falar com outra pessoa.

– Consegue pegá-la?

– Consigo – rosnou Valiant. – Pode jogá-la.

Me jogar? Os olhos de Trisha se arregalaram ao fitar Slade, saindo de sua necessidade frenética de monitorar o estado de Harley. A expressão sombria de Slade não a confortou.

– Fique do jeito que está, docinho. – Ele levantou-a, foi até a beira do telhado e soltou-a.

Trisha sentiu a horrível sensação da queda e grunhiu quando dois braços fortes a pegaram pelas costas e pelas juntas dos joelhos. Slade a jogara de cerca de dois metros de onde Valiant a esperava com os braços esticados. Ela olhou em choque para o rosto do feroz Nova Espécie. Ele girou e saiu como um raio pela floresta com ela grudada em seu enorme peitoral. O pânico a atingiu fortemente quando ele saiu correndo com ela. Chegaram a uma parte mais densa da floresta, longe da cabana, mas ele continuou indo.

– Estamos bem longe – afirmou Brass, correndo com eles.

– Me leve de volta – exigiu Trisha. – Preciso ajudar Harley. Posso fazer coisas que um médico não pode durante o voo. – Ela ainda ouvia o barulho do helicóptero. Provavelmente seria difícil estabilizá-lo e ela não sabia ao certo onde o centro de emergência mais próximo ficava. – Preciso monitorá-lo e…

– Cale a boca – rosnou Valiant.

O medo de Trisha se sobrepôs ao ultraje de ter sido afastada de seu paciente. Ela selou os lábios enquanto o sujeito continuava correndo com ela em seus enormes braços, levando-a para mais longe da cabana.

Valiant finalmente parou e olhou para Trisha, franzindo a testa.

– Você tem que comer. – Ele olhou para os lados, espiando a área.

Trisha se emocionou ao ver Slade correndo pela floresta atrás deles. Ele sorriu.

– Fuga limpa. – Ele se aproximou de Valiant e abriu os braços. – Eu fico com ela. Obrigado.

Trisha encontrou o olhar dele.

– Harley precisa…

– Os humanos estão com ele e você não vai voltar. – O olhar escuro de Slade se estreitou. – Pode brigar comigo, mas não vai mudar nada. Você o salvou e agora está nas mãos deles garantir que ele sobreviva. Nossas prioridades são você e o bebê. Harley sabia que seria perigoso quando concordou com o trabalho e aceitou os riscos.

Lágrimas escorreram pelo rosto dela. Ela queria protestar mas, ao ouvir o som do helicóptero sumindo, entendeu que eles já haviam o pegado e ido embora com ele. Não podia fazer mais nada por ele. Só podia esperar que a equipe de voo fosse das melhores e que o pulmão dele não parasse de funcionar. O coração dele podia parar de novo. Centenas de outras coisas que poderiam dar errado começaram a passar pela cabeça dela, até que ela as afastou. Não podia fazer mais nada, e ficar se preocupando com todos os "e se…" não adiantaria nada. Ela era uma profissional e sabia que tinha que deixar isso pra lá até receber notícias do hospital.

Valiant transferiu-a aos braços de Slade.

– Aqueles homens destruíram o interior da minha casa – Valiant rugiu de raiva. – Eu estava caçando e senti o cheiro dele. Quando cheguei à minha casa, já tinham ido embora, mas os segui.

– Sinto muito. – Slade o observava. – Obrigado pela ajuda.

– Ela é uma de nós.

Slade fez que sim com a cabeça.

– Minha, mais especificamente.

Valiant arqueou uma sobrancelha.

– Agora faz sentido você ter ameaçado me matar por tocar nela. Você devia alimentá-la melhor. Ela é muito magrinha. Devia pelo menos cruzar com alguém maior, se vai montar numa humana. Consigo sentir todos os ossos dela.

– Não sou magrinha – Trisha protestou baixinho, usando uma mão para enxugar as lágrimas. Ela fungou e sua raiva passou. Podia ter sido o estresse e o trauma, mas ela se sentiu insultada. – Antes de eu engravidar, tinha que perder uns quatro quilos. Eu como bastante. Você faz parecer que não me cuido. Sou saudável a ponto de ter sobrepeso para perder.

Slade pigarreou.

– Onde? Sou a favor dos seus seios e adoro sua bunda do jeitinho que ela é.

– Sabe que vou ficar muito, muito maior em alguns meses, né?

Slade concordou com a cabeça.

– Mal posso esperar para te ver gorda.

– Não vou ficar gorda – ela cuspiu. – Grávida não é gorda.

– Para onde devemos levá-la? – Brass se aproximou.

– Pode levá-la à minha casa – Valiant suspirou. – Só por um dia. – Ele lançou um olhar de advertência para Slade. – Só um.

– Obrigado. Sua casa é a mais próxima e preciso escondê-la até que escureça. Quero levá-la para minha casa sem ninguém ver. Agora que isso aconteceu, vai

ser uma bagunça lá fora. Em algumas horas, as coisas vão se acalmar. – Slade ajeitou-a nos braços. – Quero escondê-la rápido.

Valiant assentiu com a cabeça.

– Melhor ainda. Vamos.

– Pode me descer – Trisha informou Slade.

Ele negou.

– Você está descalça. Apenas coloque os braços em volta do meu pescoço e relaxe. – Ele sorriu de repente. – A não ser que você queira que eu te coloque nas costas de novo.

Ela abraçou o pescoço dele, se lembrando da época depois do acidente da SUV e de como os músculos de sua coxa doeram por dias depois de se pendurar nele. Valiant mostrava o caminho, com Slade e Brass indo atrás.

– Onde está Moon? – Trisha virou a cabeça, procurando-o, mas não o viu. – Ele está bem? Não levou um tiro também, né?

– Ele não está ferido. Ficou com Harley – Brass respondeu. – Vai vigiá-lo enquanto ele estiver no hospital humano.

– Alguém vai nos informar sobre o estado de Harley? – Trisha olhou para Slade. – Por favor? Vou ficar preocupar até saber se ele sobreviveu ou não.

Ele concordou.

– Vou garantir que você saiba assim que eu tiver notícias das condições dele.

– Obrigada. – Ela sabia que ele manteria a palavra.



Valiant vivia em uma casa grande de dois andares. Trisha fitou-a, surpresa. Tinha um estilo vitoriano, ainda em ótimo estado. Alguém reformara o lugar com capricho, a não ser que tivesse sido construída para ser uma imitação de uma casa mais velha. De qualquer jeito, parecia autêntica e era impressionante.

– Compramos esse terreno junto com o resort – explicou Slade. – Uma velhinha vivia aqui, mas o filho dela havia morrido. Estava sozinha e não muito bem. Agora está em um asilo, com uma equipe inteira cuidando dela. Conseguimos comprar várias propriedades na área em volta do resort. Pagamos quase o dobro do valor do mercado para deixá-los felizes.

Valiant subiu os degraus altos da varanda. As portas duplas haviam sido quebradas e Trisha se contraiu ao ver isso. Uma das portas de vidro fora esmagada e ela sabia que seria impossível consertá-la. Brass usou o pé para varrer os cacos para o lado enquanto Valiant os conduzia para dentro da casa.

Trisha olhou para a bela estrutura de madeira no corredor e para o balaústre feito à mão que levava ao segundo andar. As dúvidas que ela tinha quanto à idade da casa desapareceram. A bela estrutura de madeira brilhava com amor e orgulho, uma obra de artesanato que não existia mais, a não ser para os muito ricos. Valiant os guiou até uma grande sala. Trisha olhava apavorada.

– Destruíram a maior parte da casa – rosnou Valiant. Foi até o sofá virado e endireitou-o. – Coloque-a aí. Devemos deixá-la mais confortável.

– Eu sinto muito – Slade disse a ele com sinceridade. – Vamos te ajudar a substituir o que foi destruído. – Ele colocou Trisha delicadamente no sofá e se afastou.

Trisha observava silenciosamente os homens ajeitarem a mobília. Estava feliz por ninguém ter riscado a mobília antiga com uma faca. Valiant trouxe uma vassoura e uma pá. Não demorou para que os dois limpassem tudo.

– Posso usar o telefone? – Slade olhou para Valiant.

– Eles não destruíram o da cozinha. Pode usá-lo.

Slade desapareceu. Brass levou o lixo para fora. Valiant estudava Trisha sombriamente enquanto ela o observava de volta.

– Vi o que você fez pelo Harley. Ouvi dizer que é médica.

Ela concordou com a cabeça.

– Trabalho em Homeland.

– Já trabalhou para as Indústrias Mercile? – A raiva fez seus exóticos olhos de gato parecem amedrontadores.

– Não. Nunca tinha visto um Nova Espécie até vocês serem libertados. Slade foi levado até minha sala de emergência direto do centro de testes.

Ele relaxou.

– Você parece jovem demais para ser médica.

– Comecei a faculdade de Medicina com quatorze anos. Sempre fui espertinha.

– Trabalha mesmo em Homeland?

– Sim.

Valiant sorriu, com todos os traços de raiva desaparecendo.

– Se sente mesmo atraída por Slade? Ele é meio rude.

Ela sorriu.

– Ele tem os momentos dele.

– Ouvi dizer que algumas de nossas mulheres ficam em Homeland. Cuida delas também?

– Quando elas precisam de mim.

– Pode me fazer um favor quando voltar para lá?

– Sim – ela concordou no ato. Ele ajudara a salvar a vida dela.

Os olhos dourados de gato dele se estreitaram.

– Não quer saber o que quero de você antes de responder?

– Você ajudou a salvar minha vida e te devo uma. O que precisa de mim?

Ele hesitou.

– Quero uma companheira. Você falaria com as mulheres para ver se há alguma interessada? Me sinto sozinho aqui. Quero uma mulher grande e robusta. Prefiro as espécies felinas, mas, contanto que ela seja durona, não vou ser exigente. – Ele fez uma pausa. – Dou medo para a maioria do meu próprio tipo. Nossas mulheres não se assustam facilmente, já que foram criadas em centros de testes. Cruzei com uma felina uma vez, no cativeiro, e ela não gritou ao me ver nem implorou aos homens que a levaram até minha cela para que a levassem embora. Todas as outras me recusavam. As primatas ficavam especialmente apavoradas ao serem apresentadas a mim.

Trisha teve de engolir em seco e se lembrou de ficar de boca fechada. Ele queria que ela arranjasse uma namorada para ele? Ela engoliu de novo.

– Posso falar com elas. Tem umas trinta e seis mulheres Novas Espécies em Homeland. Só não sei quantas são felinas, mas já vi algumas.

Ele concordou.

– Eu já tinha ouvido isso. Converse com elas para mim e diga que não sou tão assustador quanto pareço. – Ele se levantou de repente. – Está com fome?

– Um pouco.

– Vou te trazer um pouco de comida. Grávidas devem comer com frequência, e você precisa disso mais que as outras. É magricela demais. – Ele saiu da sala.

Trisha abraçou a cintura e absorveu a conversa. Valiant era um homem grande. Se alguém a levasse em sua cela e pedisse que ela transasse com ele, ela provavelmente morreria de medo também.

Chacoalhou a cabeça, incrédula. Ele parecia legal quando se acalmava e não rosnava. Talvez uma das Novas Espécies se interessasse por ele, mas ela não sentiria inveja dessa mulher. Ele era grande e feroz demais. Não achava que ele pudesse machucar alguém, mas só a visão dele bravo caso perdesse a paciência já era suficiente para deixar de cabelo em pé qualquer uma que o namorasse.

Slade voltou sozinho e se sentou no sofá a alguns centímetros dela.

– Falei com Moon. Harley está em cirurgia e está aguentando. Todos os homens que atacaram vocês foram pegos, mas a maioria morreu. Os três que sobreviveram estão sendo transferidos para as autoridades humanas e serão

interrogados. – Ele a estudou. – Como você está, docinho? Desde que se envolveu com meu tipo, sua vida não tem sido muito monótona, né?

Ela hesitou.

– Eu não trabalhava para as Novas Espécies quando te vi pela primeira vez. Você me deixou curiosa o bastante para querer mandar meu currículo para Justice, então a culpa é sua.

Ele sorriu.

– Mesmo?

– Sim.

– É de se pensar que seria o oposto. Eu te agarrei quando acordei e te puxei para a cama. Te prendi embaixo de mim e disse o que iria fazer com você.

Ela sentiu um calor nas bochechas.

– É, bem, talvez tenha sido isso que me deixou interessada.

O sorriso de Slade se alargou quando ele esticou os braços para ela. Sua mão deslizou pela coxa dela e esfregou-a.

– Que parte te interessou? Eu tinha certeza de que queria você embaixo de mim por dias.

– Essa parte me manteve acordada por noites, imaginando como teria sido se você tivesse feito tudo aquilo comigo.

Ele se aproximou.

– Ainda não tive a oportunidade de fazer isso, docinho. Quero passar dias com você embaixo de mim.

– Não vai prendê-la no meu sofá – rosnou Valiant.

Slade deu um pulo para trás e tirou a mão de Trisha. Ele sorriu para Valiant.

– Me desculpe, não ouvi você entrar na sala.

– Estava concentrado demais na sua mulher – Valiant entregou a Trisha um refrigerante e um muffin de banana. – Fico besta de ver como nossa espécie se amaciou desde que fomos libertados. Antes, ninguém poderia te pegar desprevenido.

– Antes, quando ficávamos presos a paredes e dormíamos em colchonetes no chão. Antes, quando éramos prisioneiros. Esse antes acabou.

Valiant concordou.

– Bem verdade.

– Preciso ir cuidar dos efeitos colaterais do que houve. – Slade deu a Valiant um olhar intenso. – Posso deixar ela e Brass aqui com você?

– Pode, mas lembre-se de que você disse que iria tirá-la da minha casa hoje à noite.

Slade levantou e olhou para Trisha.

– Você está segura aqui e volto em algumas horas, quando o sol se pôr. Vou te levar para a minha casa. Descanse um pouco.

– Ok. Volte logo.

Slade sorriu.

– Eu vou. Vou voltar para você logo.

Trisha se contraiu. Já o ouvira dizer aquilo antes, mas ele nunca retornou. Em vez disso, evitara-a, aceitando o emprego na Reserva. Ela o viu ir, entendendo que tinha que aprender a confiar nele, ou então teria medo toda vez que ele se afastasse dela. Não queria viver assim.

– Não fique tão assustada. Está segura comigo aqui. É magricela demais para despertar algum interesse sexual em mim, Slade já te conquistou e estou bravo demais com o que fizeram com a minha casa para me excitar com seu cheiro tentador. Ele vai voltar – Valiant rosnou baixo. – Ele sabe que eu acabaria com ele se deixasse uma humana comigo por mais de um dia. Preciso fazer uma faxina. Relaxe. Durma. Apenas não saia. Tem um banheiro perto da porta de entrada, caso precise. Os intrusos que violaram meu domínio o danificaram. Brass vai me ajudar a arrumar tudo.

– Vou? – Brass estava na porta.

Valiant concordou.

– Sou maior e estou dizendo que você vai me ajudar.

– Tudo bem por mim. – Brass piscou para Trisha. – Vou ajudar o grande felino a fazer faxina.

– Estarei descansando bem aqui e sem ajudar – Trisha provocou.

Brass deu uma risadinha antes de se virar e seguir Valiant para fora da sala. Trisha terminou o muffin e deitou no sofá confortável, até que percebeu que suas mãos ainda estavam sujas com o sangue dos ferimentos de Harley. Esteve tão distraída com tudo o que acontecera que não notou antes.

Fitou o sangue seco e lutou para não ficar enjoada. Levantou-se e saiu em busca do banheiro, sabendo que ia perder a batalha. Sentiu ânsia e mal chegou a tempo de colocar todo lanche para fora. Dez minutos depois, se esticou no sofá. A exaustão a ajudou a adormecer rapidamente.



– Fico feliz em ouvir. – Slade desligou o telefone, encontrando os olhos de Tiger, e deu um grande suspiro. – Harley sobreviveu à cirurgia. Justice mandou

uma equipe humana para ajudar Moon. Mais homens nossos vão ficar de guarda. Ele ficará bem.

– Tivemos notícias das autoridades. Queriam permissão para ir até a cena do crime, mas Justice está tomando conta disso com a ajuda de Fury. Não podemos deixá-los irem até a Zona Selvagem e mandei um de nossos homens ir buscar as coisas da médica. Não queremos rastro nenhum dela lá caso a polícia consiga convencer Justice a permitir que vejam onde o ataque ocorreu.

– Obrigado. – Slade encostou de volta na cadeira. Levantou uma mão e correu-a pelo cabelo. – Eu podia tê-la perdido. De novo.

– Mas não perdeu. É por isso que não te invejo por ter uma humana.

– Um dia você pode conhecer uma à qual não vai resistir.

– Não faça ameaças. – Tiger olhou para ele.

Um sorriso curvou os lábios de Slade.

– Não é tão ruim.

– Você vai ser pai. Está sendo tendencioso. Sua mulher te deu um milagre.

A realidade fazia o coração de Slade acelerar.

– Sim, mas ela já era a certa para mim antes mesmo de eu saber sobre o bebê que cresce dentro dela. Estou feliz, mas preocupado. Ela não é uma Nova Espécie. Humanas não são fortes como nossas mulheres. Fico pensando em todas as coisas que podem dar errado.

– Pare. Ela é uma mulher forte de cabeça, se não for de corpo. Isso é o que importa.

– Ela é bem valentona.

Tiger bufou.

– Você devia ver sua cara agora.

– O quê?

– Nada, só que é óbvio que você se importa profundamente com ela. Você parece orgulhoso e feliz. – Tiger levantou e andou pelo escritório. – Eles nunca vão nos deixar em paz e deixar que a gente viva numa boa.

Slade sabia que Tiger se referia aos humanos que os odiavam.

– Eu sei, mas podemos ter esperanças. Me disseram que as pessoas têm medo do que não entendem. Talvez com o tempo elas aprendam mais sobre nós e vejam que não somos inimigos. Até nos separamos delas para lhes assegurar de que estão a salvo. Muitas delas têm medo de sermos instáveis ou de atacarmos sem motivo.

– Pode ser que esse seja o problema. Talvez o fato de termos construído nossos próprios ambientes não foi o melhor jeito de eles nos aceitarem.

– Não sei, mas penso em todas as vidas que teriam sido perdidas se eles pudessem atacar e nos eliminar um por um. Essa pode não ser a melhor forma para eles nos aceitarem, mas é a melhor forma de nós sobrevivermos. Só não parecem prontos ainda para serem nossos vizinhos. Pelo menos não todos eles. Tempo é algo de que precisamos para aprendermos a conviver. Alguns dos nossos odeiam humanos. Lembre-se do motivo de a Reserva ser necessária – ele suspirou. – Fico feliz por não ter o trabalho de Justice. O meu é terminar a Reserva, fazer dela um lugar seguro para nosso povo e proteger Trisha. Qualquer coisa além disso é mais do que quero pensar agora. Lidar com nosso próprio povo já é difícil o bastante para termos que lidar também com os humanos.

– Vamos ter que apertar a segurança de novo. Não sei como. Nossos homens já estão cansados e sobrecarregados. Estamos cheios de humanos que podem não estar aqui apenas pela construção. Aqueles homens que atacaram a cabana aceitaram o trabalho para terem uma oportunidade de matar alguns de nós. Justice vai trocar alguns de nossos homens para que eles descansem um pouco. Só de colocarmos tudo para funcionar aqui e podermos fechar os portões para os humanos já vou ficar feliz.

– Não vai demorar muito mais.

– Eu sei. – Tiger se recostou na parede. – Fico grato por sua médica não ter sofrido nada e por ela ter conseguido salvar Harley. Aquilo foi incrível. Você teria ficado devastado se a perdesse, e todos nós ficaríamos muito mal se o tivéssemos perdido. E a questão de colocá-la em mais perigo estando com ela? Ainda acha que declarar que ela é sua vai arriscar mais a vida dela?

– Aprendi que ela corre perigo se eu for ou não parte de sua vida. Ela escolheu trabalhar conosco. É dedicada. Só fico feliz por ela ter me dado uma segunda chance. Não vou desapontá-la de novo.

– Sei que não. – Um sorriso curvou as feições de Tiger. – Por acaso achou alguma vez que toda a sua vida fosse girar em torno de uma humana? Ou de uma mulher qualquer?

– Não. – Slade sorriu de volta. – Mas dessa vez estou feliz por ter estado errado. Esse é o tipo bom de surpresa que a vida jogou no meu caminho.

– Não largue o trabalho todo para mim – grunhiu Tiger. – Sei que não vai querer sair de perto dela, mas Brass fez um bom trabalho protegendo-a e eu não posso terminar a Reserva sem você. Somos um time. Você pode proteger ela e nosso povo.

Slade concordou.

– Deixar a Reserva segura vai ser deixá-la segura também. Agora é a mesma

coisa.

CAPÍTULO DEZENOVE

– Doutora?

Trisha nem precisou olhar para saber que era Slade quem acariciava seu braço. Ela abriu os olhos e ele sorriu.

– Oi. Tirou uma boa soneca?

Ela não pôde resistir e segurou o rosto dele nas mãos. O cara a aquecia em todos os sentidos só de olhar para ele e apreciar aquele encanto puramente masculino. Ela sorriu de volta.

– Teria sido melhor se você tivesse dormido comigo e se estivéssemos pelados.

O sorriso de Slade ficou mais sério.

– Eu não precisava ouvir isso – rosnou Valiant.

– Merda – suspirou Trisha. – Não estamos sozinhos, né?

– Não – afirmou Brass.

Trisha tirou as mãos do rosto de Slade.

– Vou sentar se você me der um espaço.

Slade recuou um pouco, se endireitou e esticou a mão para ajudá-la.

– Agora está escuro lá fora.

Ela olhou em volta da sala, lembrando-se de que estava na sala de Valiant. O dono da casa estava numa cadeira perto dela e Brass estava esticado em uma poltrona no canto, com as pernas abertas. Slade levantou-a.

– Obrigada pela hospitalidade e por ajudar a me salvar. – Ela se dirigiu a Valiant.

– Eu diria “a seu dispor”, mas ainda tenho muita faxina para fazer antes de minha casa voltar a ser habitável. – Ele sorriu para ela. – Foi legal matar humanos.

Ela apenas piscou.

– Fico feliz? – *O que respondo para isso?* Ela não tinha certeza. Esperava ter falado a coisa certa e soube que o fizera quando Valiant pareceu achar graça. Ela virou a cabeça e olhou para Slade. – Estou pronta para ir.

Ele insistiu em carregá-la, pois ela não tinha sapatos, e Brass os seguiu até uma SUV estacionada do lado de fora. Ele abriu a porta de trás para Slade colocar Trisha no banco. Os dois subiram na frente.

– Você precisa abaixar quando passarmos perto das áreas principais – Slade ordenou delicadamente. – Vou estacionar na garagem quando chegarmos na minha casa. Não pode chegar perto de nenhuma janela nem sair quando chegarmos lá. Ninguém pode te ver.

– Mas…

– Sem "mas" – rosnou Brass. – Você tem que ficar escondida. Confia sua vida a nós e nós dois concordamos que isso é o mais seguro. Ninguém pode saber onde você está.

– Está bem. – Ela assentiu, abalada demais para discutir. – Alguma notícia do Harley?

– Está em estado crítico, mas é forte e sobreviveu à cirurgia – Slade informou a ela baixinho. – Moon tem certeza de que ele vai sair dessa. Você o salvou, doutora.

– Bom trabalho, Trisha. Eu tinha certeza de que ele tinha nos deixado. – Brass deu a ela um olhar de gratidão. – Eu teria ficado devastado se tivesse perdido meu amigo. Ele é como um irmão para mim.

Trisha encostou no banco e relaxou, emocionada por saber que o amigo sobreviveria.

– Ele é forte e todos sabemos como vocês todos são fortes. – O estômago dela escolheu aquele momento para roncar. Ela riu. – Estou morrendo de fome.

– Vamos te dar comida assim que chegarmos à casa do Slade. – Brass se virou no assento para continuar observando-a. – Não vamos conseguir roupas para você imediatamente. Houve perda total da cabana e me disseram que pegaram suas coisas, mas estão danificadas ou sujas. Acho que você vai ter que usar as de Slade até conseguirmos outras ou lavar as que está vestindo.

– A perda é certa – suspirou Slade. – Tiger mandou um cara para tirar o caminhão da sala e uma grande parte do sótão desmoronou. A estrutura inteira está instável. Aqueles filhos da puta enfiando um caminhão inteiro de obra lá só me deram mais pesadelos de trabalho. A casa vai ter que ser derrubada e outra terá que ser construída.

– Vão me esconder em outro lugar ou vou ficar um tempo na sua casa, Slade? – Trisha esperava que ele a mantivesse por perto.

– Você vai morar comigo. A casa é bem longe da área do hotel e dos novos prédios que estão sendo levantados, então não há motivo para ninguém ir lá. Só não queremos que você fique espiando pelas janelas ou saindo, caso alguém resolva xeretar. À noite, podemos te levar para dar umas voltas para se soltar um pouco. Sabemos como é desejar estar em um lugar aberto. Brass vai ficar com você enquanto eu estiver no trabalho e Moon deve voltar nos próximos dias. Justice vai mandar em breve alguém no lugar dele no hospital. Não quisemos trazer um guarda novo para você, já que quanto menos pessoas souberem da sua gravidez, melhor.

– Mas todos os guardas serão Novas Espécies, certo? Então é totalmente seguro. Isso não vazaria nenhuma informação sobre o bebê.

– Verdade – concordou Brass. – Mas Justice não quer arriscar. Você é importante para nós, Trisha. É nossa primeira fêmea a conceber.

Ela franziu a testa, sem gostar do termo.

– Você faz parecer que sou uma égua.

Brass se virou para a frente. Murmurou algo que fez Slade gargalhar.

– O quê? Não é justo, vocês sabem que não ouvi! Vamos, gente, sejam legais comigo.

Slade pigarreou.

– Ele disse algo sobre não ter sido uma má analogia, levando em conta nosso pau.

Brass riu. Trisha olhou para cima e chacoalhou a cabeça.

– Algumas pessoas são muito cheias de si.

Slade olhou para ela e mostrou os dentes ao sorrir.

– Quer se lembrar disso quando chegarmos em casa? Talvez você esteja se esquecendo do meu tamanho e precise de uma lembrança visual.

– Já vi cavalos quando trabalhei num hospital veterinário. Você nem chegaria perto de mim se se parecesse com um da cintura para baixo. – Ela fez uma pausa. – Mas você é maior do que qualquer um com quem já estive. Isso ameniza seu orgulho de macho?

Slade rosnou, Brass riu. Trisha sorriu do banco de trás, até que eles mandaram que ela se abaixasse. Estava escuro do lado de fora, ela não via motivo para se esconder, mas também não queria que os dois rosnassem, algo que as Novas Espécies pareciam adorar fazer quando estavam irritados ou emotivos. Slade entrou na garagem e ela ouviu o portão automático fechar. Ele abriu a porta para

ela.

– Vai dormir aí ou vai entrar na casa?

Ela mostrou o dedo para ele e sentou. Trisha olhou em volta da garagem. Era dupla e um jipe se encontrava ao lado da SUV. Ela se apertou para sair do carro e fechar a porta e Slade a levou para dentro da casa.

– Oh. Meu. Deus – Trisha suspirou.

Slade se virou para encará-la.

– O quê?

Ela olhou estarrecida para a cozinha.

– Você é um porcalhão!

Trisha curvou os lábios ao olhar para a pilha de pratos sujos na pia. O fogão… Ela se forçou a olhar para longe dele, imaginando que ele teria que ser muito bem lavado. O chão… Seus pés estavam descalços e ela podia sentir a sujeira. Seus olhos voaram até Slade, percebendo que ele apenas a observava em silêncio, franzindo a testa.

– Você *é* um porcalhão – Brass gemeu baixinho. – Já ouviu falar de água e sabão, cara?

– Tenho trabalhado dezesseis horas por dia e dormido seis nas três semanas que estou aqui. Me deem um tempo. – A irritação se mostrou em seu rosto. – Não há ninguém para contratar para limpar minha casa. Não tenho folga para eu mesmo limpar.

– Uau. Você fez tudo isso em só três semanas? – Trisha chacoalhou a cabeça. – Mal posso esperar para ver o resto da casa. – Ela esperava que seu sarcasmo não fosse muito perceptível.

– Você pode dormir na floresta – provocou Slade. – Pelo menos não tem um caminhão na minha sala. Você durou na cabana por quanto tempo? Vinte e quatro horas? Está tão ruim que tem de ser demolida. Pelo menos a minha só precisa de limpeza.

– Macacos me mordam – Trisha mostrou a língua para ele.

Ele sorriu de repente e seu olhar passeou lentamente pelo corpo dela.

– Eu posso fazer isso, doutora. – Ele exibiu os dentes afiados para ela.

Brass riu quando Trisha recuou.

– Deixe essas gracinhas longe do meu traseiro. – Ela chacoalhou a cabeça. – Não foi um desejo de verdade.

– Não sei como você consegue dormir com uma humana. – Brass riu. – Frágeis demais. Nossas mulheres adorariam levar uma mordida.

Slade fez que sim com a cabeça, mas manteve o sorriso.

– Eu sei, mas ela é bonitinha. O que eu podia fazer? Ela me queria demais.

– Enfatizo a palavra “queria”. – Trisha lançou a ele um olhar safado e foi até a sala de jantar.

– Ops – riu Brass. – Alguém vai dormir na casinha de cachorro.

– Eu não tenho uma – gargalhou Slade.

A sala de jantar obviamente não era um cômodo usado por Slade, pois ela estava limpa, a não ser pelo pó. A sala de estar era outra história. Devia haver uma mesinha de centro legal, se ela pudesse vê-la sob os pratos sujos, latinhas vazias de cervejas e refrigerante e um cinzeiro transbordando de cinzas. Ela franziu o cenho, estudando Slade.

– Você fuma?

Ele deu de ombros.

– Às vezes, quando tomo umas cervejas. Estou tentando me acostumar com o gosto horrível delas. Parece que para fazer amizade com os humanos temos que tomar algumas depois do trabalho, e fumar também.

– Bem, por favor, não faça isso enquanto eu estiver aqui. O cheiro dos cigarros vai me fazer mal.

– Não vou fumar dentro de casa.

– Bom mesmo. Isso faz muito mal.

Ela olhou em volta da sala antes de continuar. A parte de baixo tinha um banheiro, uma sala íntima que não era usada e um escritório que era. Ela abriu a boca, mas fechou-a ao notar que todas as superfícies estavam cobertas de papel ou latinhas. Ela ficou impressionada por um homem ter tantos pratos. Foi até a escada quando o tour pelo andar principal chegou ao fim.

– Vamos olhar todos os cômodos? – Slade a seguia.

– Sim. Quero saber onde vou morar e com o que estou lidando. Estou começando a sentir falta dos anos 1970.

Brass riu.

– O que isso quer dizer? – Slade olhou para eles.

– Explico depois – bufou Brass.

Havia dois banheiros e três quartos no segundo andar. Um dos banheiros tinha a porta no corredor. O segundo ficava dentro do quarto maior. Era um quarto grande, com uma cama de casal. Ela franziu a testa ao ver o pequeno colchão e se virou para olhar para Slade, mas não disse nada. Em seguida, checou os dois outros quartos. Um tinha nada mais que uma cama de casal e um armário. Um conjunto de pesos e uma esteira dominavam o último. Ela fechou a porta e encontrou o olhar de Slade.

– Então, onde você vai dormir? Brass pode ficar no quarto extra e você só tem uma cama de casal pequena. Não vou dormir no chão. Acho que você pode dormir no sofá ou no banco de levantar peso. – Ela pôs as mãos na cintura.

Slade piscou algumas vezes, com uma expressão confusa. Brass riu e Slade lançou um olhar zangado a ele, antes de franzir a testa para Trisha.

– Vou dormir no meu quarto, na minha cama, e você vai dormir na cama comigo. Sei que é pequena, mas cabemos nela. Acredite em mim.

O olhar dela passeou pelo corpo dele. Ela hesitou.

– Não vou dormir por baixo. O único jeito de nós dois ficarmos naquela cama é se um de nós dormir em cima do outro. Você vai me esmagar.

Slade se mexeu de repente.

– Deixa eu te mostrar como vai funcionar. Boa noite, Brass. Fique à vontade, há bastante comida na geladeira.

– Ei – protestou Trisha, quando Slade a agarrou. Ele ignorou a objeção dela e pegou-a nos braços. – E a janta? Estou com fome.

Slade rosnou.

– Estou com fome também. – Ele foi até o quartro principal e fechou a porta com um chute. Foi a passos largos até a cama estreita e gentilmente colocou Trisha em cima dela.

Trisha observava enquanto Slade se curvava, fitando-a. Ela adorava a paixão que explodia nos olhos dele. Ele parecia mesmo estar com fome, mas não de comida. Ele a queria. Ele arrancou os sapatos e as meias antes de tirar a blusa. O olhar de Trisha absorveu lentamente a visão dele, apreciando os braços musculosos e o peitoral largo.

Slade rosnou para ela de novo e pôs as mãos na frente da calça para abri-la.

– Você poderia se despir.

– É, mas eu perderia o show.

As mãos dele pararam por um instante, mas então ele empurrou as calças para baixo e chutou-as para longe. Ficou só com a cueca preta, até que alcançou a última peça de roupa que tinha no corpo. Trisha o observava empurrá-la para baixo e mordeu o lábio. O pau de Slade era grosso e o sangue o entupia até chegar a um tamanho que a maioria dos homens invejaria. O desejo dele por ela era evidente.

Ele pôs as mãos no short de Trisha. Ela ouviu o tecido se rasgar com a pressa dele de puxá-lo pelos quadris e pelas pernas. Ele o jogou por cima do ombro e rasgou a blusa dela. Já estava destruída de quando ela cortara uns pedaços para fazer tiras para os ferimentos de Harley. Não estava de sutiã, o que fez surgir um

sorriso nas feições de Slade.

– Sem lingerie, doutora? Estou chocado, mas muito excitado.

– Eu estava tomando banho quando aqueles homens chegaram. Brass me arrancou de lá e jogou umas roupas para mim. Minha calcinha e meu sutiã não estavam na pilha que ele enfiou nos meus braços.

O sorriso de Slade desapareceu.

– Ele te viu pelada? – Ele rosnou e a raiva pareceu escurecer seus olhos.

– Ele estava salvando minha vida. Tenho certeza de que nem notou.

– Acredite em mim quando digo que ele notou sim. – Slade agarrou os tornozelos dela e puxou-a até a bunda dela parar na beirada da cama. – Qualquer um notaria qualquer milímetro exposto seu.

– Obrigada. – Ela sorriu e tentou se sentar, querendo beijá-lo.

Ele usou a mão, que estava entre os seios dela, e colocou-a de costas na cama. Sua mão deslizou pela barriga dela, sobre o quadril e então as duas agarraram as coxas dela para subi-las. Ele as separou e olhou para a boceta dela. Ajoelhou no fim da cama para olhar melhor, lambeu os lábios e rosnou baixinho. Trisha olhou para baixo e viu o pau excitado de Slade a centímetros da boceta dela.

– Não vai nem me beijar antes?

– Vou, docinho. Vou te beijar antes de te foder. – Ela abriu mais as pernas dela e seu olhar quente estudou o corpo dela esticado diante dele.

Trisha tentou não ficar envergonhada com o interesse intenso dele em cada milímetro seu, especialmente quando ele começou a pairar sobre sua boceta exposta. Ele recuou um pouco, abaixou a cabeça e segurou a parte de dentro das coxas dela para deixá-las no lugar. Suas mãos se ajeitaram de um jeito que fez Trisha entender o que ele planejava fazer. Ela sentiu a respiração quente dele contra sua coxa logo antes de a língua dele provocar seu clitóris com lambidas fortes, e em seguida fechou a boca sobre o monte de nervos, chupando com sugadas fortes. Ela se derreteu.

– Ah, caramba – ela gemeu.

A boca dele se afastou da carne sensível.

– Eu disse que ia te beijar.

– Achei que fosse a minha boca.

Ele inclinou a cabeça, olhando para ela.

– Quer que eu pare? Tenho que admitir que não quero parar. Estava morrendo de vontade de sentir o gosto de cada milímetro seu. Não me negue isso, docinho.

– Quer morrer? É o que vai acontecer se parar. Continue, por favor.

Ele riu antes de sua boca e sua língua retornarem. Trisha gemia mais alto

conforme seus dedos se enterravam no lençol, segurando em algo enquanto arqueava as costas. Ela achou que pudesse dar conta das sensações incrivelmente boas que ele criava pelo corpo dela com a boca. Isso foi até ele começar a lamber o clitóris mais rápido e rosnar profundamente, fazendo-o vibrar. Trisha ficou tensa, sem nem mais saber se estava respirando e gozou. Gritando.

Slade levantou a cabeça rapidamente, agarrou o quadril dela e puxou-a para ele. Seu pau grosso se pressionou contra a boceta dela e ele adentrou-a lentamente enquanto ela ainda titubeava do clímax ao qual ele a fizera chegar com a língua. Ela gemia enquanto ele empurrava o pênis grande mais fundo, aproveitando a sensação de ter o corpo dela se esticando de um jeito delicioso, que a completava com o homem que amava. O pau grande dava uma sensação incrível ao corpo dela, que ainda se agitava com o clímax.

Slade enfiava em Trisha rápido e fundo, enlouquecendo-a de prazer outra vez minutos depois e fazendo-a gritar seu nome. Slade rosnou profundamente, metendo nela mais rápido, e jogou a cabeça para trás. Ela o viu exibir os dentes afiados quando ele começou a gozar dentro dela, inchando até quase sentir dor, e ele gritou. Seu corpo espasmava contra o dela enquanto ele jorrava líquido quente dentro de seu corpo.

Trisha sorriu quando abriu os braços para Slade e ele desmoronou sobre o peito dela. Os dois ofegavam e Trisha passou as pernas em volta dele e correu os dedos por aquele cabelo sedoso enquanto ele descansava a cabeça entre os seios dela. A respiração pesada dele fazia um pouco de cócegas em sua pele, mas ela o amava demais para reclamar ou pedir para que ele virasse a cabeça para parar.

– Eu disse que daria certo com essa cama – riu ele.

– Com certeza funciona para mim nessa posição, mas não sei como você vai dormir assim.

Slade virou um pouco a cabeça e se mexeu. Passou a língua na lateral do seio dela, fazendo Trisha estremecer. O seio dela respondeu imediatamente, com a ponta endurecendo. Slade abriu a boca, cobriu o mamilo e deixou os dentes afiados arranharem-no de leve. Trisha arqueou as costas. A sensação erótica deu a partida em sua paixão outra vez. Ele soltou o mamilo dela e levantou a cabeça para sorrir para ela.

– Quer de novo, Trisha?

– Sim, mas preciso de comida. Que tal comermos e continuarmos daqui?

Slade riu.

– Deixe eu preparar um banho para você. Se lave enquanto faço alguma coisa para o jantar.

– Espere um minuto. Eu vi a cozinha. Melhor pedirmos comida.

Slade se endireitou. Contorceu os lábios e levantou a bunda de Trisha da cama. Suas mãos bateram forte na bunda dela, o bastante para fazê-la se encolher, mas não foi doloroso.

– Não vou te envenenar e não tem nada perto da Reserva para pedirmos. Também não podemos confiar neles para prepararem nossa comida, pois não sabemos se são amigáveis a nós. Meus planos envolvem você bem viva e saudável. – Ele sorriu. – Acho que posso sair sem te machucar agora que o inchaço passou um pouco. Vamos lá, doutora, banho e comida, nessa ordem.

As pernas dela se prenderam em volta do quadril dele quando ele tentou remover o pau do corpo dela. Ela o olhou.

– Lembra da regra? Você está dentro de mim, então me chamar de doutora não é aceitável. Qual é meu nome, pirulito?

Ele chacoalhou a cabeça, mas sorriu de um jeito encabulado.

– Desculpe, Trisha.

– Pirulito? – Brass gritou do corredor. Eles ouviram uma gargalhada.

O calor inundou o rosto de Trisha.

– Ele ouviu tudo o que dissemos e fizemos, né?

Slade deu de ombros.

– É nossa audição, *Trisha* – ele enfatizou o nome dela. – Não é bem culpa dele, apesar de que ele devia ter só rido, sem fazer comentários.

– Desculpe – gritou Brass, do outro quarto –, Pirulito.

Slade rosnou ao tirar delicadamente o pau de dentro de Trisha. Se levantou e colocou-a em pé.

– Vou ter que matá-lo se ele ficar me chamando assim.

CAPÍTULO VINTE

Trisha olhava em volta da cozinha enquanto Brass guardava o último prato limpo. Ela suspirou, esfregando a lombar dolorida com as mãos.

– Está tudo finalmente limpo!

Brass franziu a testa.

– Eu te disse para deitar há duas horas. Está carregando uma criança. Slade teria ajudado a limpar tudo quando chegasse em casa se você tivesse esperado.

– Não estava aguentando – admitiu Trisha, ao abrir a geladeira e pegar um refrigerante e um chá gelado, entregando o primeiro a Brass. – Veja pelo lado bom, ele vai ficar surpreso quando chegar.

– Ou me dar um cacete por ter deixado você fazer tanta limpeza. Tínhamos que ter faxinado a casa toda em um dia? Você tem que pegar leve. Slade vai me culpar se alguma coisa acontecer com você ou com essa criança.

– Bem, você não conseguiria dar conta de tudo muito bem sozinho, e fez todo o trabalho pesado. Foi você que esfregou tudo e levantou peso.

– Você está com as mãos nas costas. Está com dor?

– Um pouco. – Ela se virou e de repente saiu correndo.

Ela quase podia sentir Brass grudado em sua bunda quando desceu a escada correndo para o banheiro. Bateu a porta, esperando que não pegasse na cara dele. Mal se ajoelhou quando o almoço saiu.

A porta se abriu atrás dela.

– Eu te avisei, mulher. Agora você está passando mal.

Ela não conseguia falar enquanto tudo se remexia e saía de dentro dela. Brass gentilmente segurou seu cabelo e, com a outra mão, acariciou suas costas. Ela finalmente parou, quando não havia mais nada no estômago.

– Não entre quando eu estiver no banheiro – ela gemeu. – Isso é muito

constrangedor.

– Você está grávida. Enjoo matinal acontece.

– Não neste estágio.

– Talvez você esteja passando mal porque deu duro hoje. Não faça isso de novo, Trisha. Te proíbo de levantar um dedo sequer. Que isso sirva de lição.

– Pode ser isso, ou então estou com enjoos matinais precoces porque nada sobre essa gravidez vai ser normal. Eu queria que alguma Nova Espécie tivesse dado à luz para que eu tivesse uma ideia do que esperar. Talvez seja normal ter náuseas tão cedo assim ao carregar um bebê Nova Espécie.

– Vou te ajudar a levantar. Terminou de vomitar?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Preciso de uma escova e de uma pasta de dente.

Brass ajudou-a a se levantar, segurando o peso dela.

– Vou pegar as coisas que Slade trouxe para você hoje de manhã. Vi tudo dentro de uma das malas. Você vai ficar bem enquanto vou buscá-las?

– Estou bem. Obrigada.

Ela se virou e estudou o próprio reflexo no espelho depois que Brass deixou-a sozinha. Estava pálida e tensa. *Talvez eu tenha mesmo exagerado hoje*. Ela só queria limpar a casa. Parecia quase que estava com um instinto incontrolável de aninhar, algo que comum pelo qual mulheres grávidas passavam. Ela também tinha a tendência a limpar as coisas quando estava nervosa ou preocupada, e no momento tinha ambos os sentimentos.

Brass voltou e abriu uma nova escova de dente e um tubo de pasta de dente. Ele ficou ali, se recusando a ir embora, enquanto Trisha escovava a boca inteira. Odiava vomitar. Quando teve certeza de que não estava com mau hálito ou impregnada de outro cheiro, lavou o rosto. Brass deu a ela uma toalha, agindo como se fosse uma serviçal. Ela deu um sorrisinho ao pensar nisso, achando graça, secou o rosto e devolveu a toalha a Brass.

– Obrigada.

Ele balançou a cabeça, mas de repente se curvou, pegou-a nos braços e se endireitou para caminhar com ela até a escada.

– Me ponha no chão, consigo andar.

– Você passou do limite e estou assumindo o comando. Vai seguir minhas ordens.

– Não vou não. Vamos, Brass, eu estou bem.

– Cale a boca.

– Lambe a minha bunda.

– Vou é bater nela.

– Jamais encoste na bunda dela – rosnou Slade. – O que está acontecendo aqui? Por que está carregando ela?

Brass se virou com Trisha nos braços, fitando Slade, que o olhava. Brass ficou tenso.

– Ela queria limpar a casa. Eu disse que faria isso sozinho, mas ela não me ouviu, achou que tinha que me ajudar. Ela teve apenas um enjoo e estou levando-a até seu quarto para que descanse.

A raiva de Slade sumiu e o olhar dele se suavizou ao encontrar o de Trisha.

– Você está bem?

– Estou. Pode dizer para ele me pôr no chão? Ele não quer me ouvir. Acha que não posso andar ou coisa parecida.

Slade soltou a maleta que carregava e chutou a porta da entrada para fechá-la. Se aproximou de Trisha e abriu os braços.

– Eu pego ela.

– Toda sua. – Brass entregou Trisha.

– Sou tão sortudo. – Slade riu.

Trisha colocou os braços em volta do pescoço de Slade.

– Não sou nenhuma coitada, você sabe. Posso andar e tudo mais.

– Cale a boca.

– Lambe a minha bunda.

– E foi aí que você entrou – Brass riu entre os dentes. – Entendeu por que eu estava ameaçando bater nela?

– Sim – disse Slade, balançando a cabeça, ainda olhando para Trisha. – Vou bater na sua bunda e depois lambê-la.

Ela riu, sem esperar que ele fosse ser brincalhão. Estava feliz porque ele não ficou bravo por ela ter limpado a casa e provavelmente exagerado.

– Que pervertido.

Ele sorriu e subiu a escada.

– Brass, você faz o jantar, por favor?

– Claro.

– Vou ter que enfiá-la na banheira e tentar não afogá-la por ser tão teimosa.

– Boa sorte – gargalhou Brass.

Trisha olhou para Slade.

– Não tem graça.

– Claro que tem. – Ele a carregou para dentro do quarto. Finalmente desceu-a, colocando-a no balcão do banheiro. – E da próxima vez que decidir limpar a

casa grávida, talvez eu não brinque sobre te enfiar debaixo da água.

Ela o observou abrir as torneiras, adorando a banheira de Slade. Além dela, havia um chuveiro separado. Slade testou a água e se virou para ela, enquanto a banheira enchia.

– Como foi seu dia, querido? – Trisha piscou os cílios para ele.

Ele sorriu.

– Bem, docinho. Eu perguntaria como foi o seu, mas já sei. Se sente melhor agora que a casa está limpa?

– Mil vezes, tirando a parte de colocar minhas entranhas para fora.

Ele se encolheu.

– Não vou te beijar.

– Eu escovei os dentes.

Ele fitou a boca dela.

– Deixe-me reformular isso. Não vou beijar sua boca. Vamos tirar esse moletom de você, se quer um beijo. – Ele desceu os olhos. – Esse fica bem grande em você. Você enrolou o cós?

– Você é muito alto e não posso fazer nada se você tem pernas bem longas. Eu usaria meu short, mas alguém o rasgou ontem à noite. – Ela levantou a blusa para mostrar a ele o cós da calça que ela precisara manipular para se ajustar melhor ao corpo.

Ele deu um sorriso malicioso.

– Você poderia simplesmente ficar sem roupa.

Ela deu um sorriso malicioso também.

– Lógico, eu poderia fazer isso. E, claro, tenho certeza de que Brass iria ver um lado meu totalmente novo. Dois lados, na verdade.

Os olhos dele se estreitaram e sua boca retesou, não gostando nada daquilo.

– Use qualquer roupa minha que quiser.

– Achei que fosse dizer isso – sorriu ela.

– Calças de moletom enroladas ficam bem sexy em você. Na verdade, insisto para você usá-las sempre que não estiver comigo no quarto. Eu realmente adoro quando você veste minhas roupas.

Slade puxou-a do balcão, ela ficou em pé e ele levantou a larga camiseta que ela usava. Suas mãos roçaram nos seios dela, que responderam instantaneamente ao toque. Ele se ajoelhou na frente dela e agarrou o cós da calça de moletom.

– Esperei o dia todo para ver isso – ele puxou a calça para baixo.

Trisha explodiu em gargalhada com a expressão de choque que se formou no rosto de Slade segundos depois.

– Esperou o dia todo para me ver de cueca?

Ele levantou as sobrancelhas.

– Está usando até isso? – Dois dedos dele se engancharam na abertura e se mexeram contra a pele dela. – Acho que há umas vantagens.

– Pare com isso. – Ela empurrou a mão dele, tirando os dedos dali. – Eu teria costurado isso se tivesse encontrado agulha e linha, mas parece que você não tem isso também.

Ele arregalou os olhos.

– Isso é meu. Não mexa com as minhas cuecas. O que eu faria se fosse usá-la e você tivesse costurado todas?

– Você as tiraria.

Ele riu, chacoalhando a cabeça.

– Preciso te arranjar umas roupas.

– E eu achei que você estivesse tentando me deixar pelada.

Ele agarrou a cueca e deslizou-a pelas pernas dela.

– Obrigado por me lembrar. Entre na banheira.

– Mas achei que você fosse me tocar e me beijar e…

Ele se levantou e a pegou na ponta da própria blusa.

– Eu vou, mas dentro da banheira.

Ela olhou para a banheira e sorriu.

– Aaaah.

Slade riu quando Trisha entrou na água morna que ainda enchia a banheira. Ela virou a cabeça e observou enquanto Slade começava a tirar as roupas. Ela adorava vê-lo nu e gostava de vê-lo se despindo de tudo com um grande sorriso naquele lindo rosto.

– Não quer desligar a torneira, doutora? Vai transbordar logo.

Ela girou as torneiras e precisou se mover para que Slade tivesse espaço para entrar na banheira. Ficou apertado quando ele se sentou atrás dela. Slade afastou os joelhos e levantou Trisha para que ela se sentasse confortavelmente em suas coxas. Ela encostou no peito dele.

– Isso é ótimo, mas ainda não vejo beijos e outras coisas.

– Desculpe, vou consertar isso.

Ela virou a cabeça e olhou para ele, que sorria de novo. Ele esticou o braço e pegou um frasco de óleo de bebê de um nicho na parede.

– Óleo de bebê?

Ele riu.

– Costumo passar para amaciar a pele enquanto fico aqui dentro. Fico com

muitos calos nas mãos. – Ele mostrou a ela as pontas dos dedos. – Mas não é para isso que vou usá-lo agora.

Trisha observou-o colocar o óleo nos dedos, e então ele os afundou na água. Ela arfou quando eles deslizaram entre suas coxas e gemeu quando a abriram, esfregando seu clitóris. Um gemido mais alto saiu dela quando ele parou e entrou na boceta dela com um dos dedos.

– Slade.

– Doutora.

Ela deu uma cotovelada nele.

Slade deu uma risadinha, acariciou o corpo dela e segurou-a pelo quadril. Levantou-a e ela mordeu o lábio quando ele a desceu em seu pau duro, preenchendo a boceta dela. Ela afundava mais conforme seu corpo descia até o limite, até que sentou totalmente no colo dele.

– Melhor, Trisha?

– Cuzão.

Ele deu uma pontada nela.

– Você é médica. Reprovou em anatomia? Não é onde você está sentada.

– Vai se foder – ela gemeu.

– Não, Trisha. Isso é o que eu vou fazer com você.

Ele agarrou o quadril dela e penetrou com força e rápido. A água caía pelas bordas da banheira, mas Trisha ignorava isso enquanto gemia. Slade pegou mais embaixo do quadril dela, provando sua força. Levantava-a para cima e trazia-a para baixo, com suas mãos manipulando o peso dela facilmente, e estabeleceu um ritmo que a deixou louca de êxtase.

O corpo inteiro de Slade se enrijeceu quando ele gozou e começou a inchar dentro dela. Ela estava tão perto do clímax, mas Slade diminuiu o ritmo enquanto rosnava de forma selvagem. Seu corpo espasmou e depois aquietou.

– Desculpa – rosnou ele.

Merda. Trisha balançou a cabeça, sexualmente frustrada, e então Slade mexeu as pernas de repente e forçou as pernas dela a se abrirem. O corpo dela doía de tanta vontade de ter um orgasmo, mas tentou ignorar isso, até que viu Slade pegar a loção novamente. Ele a colocou nos dedos de novo e afundou-os na água. Trisha gemeu quando ele acariciou seu clitóris.

– Me avise se eu te machucar – falou ele baixinho. – Ainda estou muito inchado.

Ela não ligava. O prazer se tornou forte demais com o que ele fazia com os dedos, brincando com seu ponto inchado, fazendo círculos e seduzindo-a para

que gemesse mais. Slade se mexeu dentro dela delicadamente, sem recuar muito, e apenas fodeu-a profundamente. A pressão que ela sentia do inchaço e a sensação dos dedos dele manipulando seu sexo a fez gritar o nome dele ao jogar a cabeça para trás, contra ele. Uma euforia absoluta percorreu o corpo dela enquanto atingia o clímax. Slade rosnou.

– Esqueça isso de eu machucar você. – Ele agarrou os quadris dela, segurando-a com muita firmeza no lugar. – Você está me matando, docinho. Caramba, você me aperta tão forte que dói. Isso vai me ensinar e te deixar gozar primeiro.

– Desculpa. – Mas ela não se importava nem um pouco.

Ele riu.

– Assim é bom. – Os lábios dele roçaram no pescoço dela. – Relaxe, doutora.

Ela deu uma cotovelada nele.

– Você está dentro. Qual é a regra?

– Ai. Desculpe, Trisha.

– Pare de me chamar de doutora.

– Mas é o que você é.

Trisha se virou o bastante para ver o rosto dele e apertou os músculos. Slade se contraiu.

– Tá bom, vou parar de te chamar de doutora. Você está me esmagando e vou morrer de dor. Inchaço, lembra?

Ela sorriu e relaxou nele.

– Agora você me segura. Realmente adoro essa coisa de inchaço.

– Também estava adorando, até você me esmagar.

Trisha sorriu e pegou um pano.

– Vou compensar isso.



Trisha não conseguia desviar o olhar do sorriso de Slade, sorrindo de volta para ele. Brass suspirou alto.

– É assim que vai ser até o bebê chegar? Vão me fazer pôr pra fora esse ótimo sanduíche de peru. Sei que você está acariciando a coxa dela por baixo da mesa, Slade.

Trisha dirigiu o olhar para Brass.

– É um sanduíche delicioso. Obrigada por fazê-lo. Adorei o bacon que você colocou.

– Sim – riu Slade. – Vamos transar muito até o bebê chegar. Adoro tocar nela e planejo fazer isso com frequência.

O telefone tocou. Slade piscou para Trisha e levantou para atendê-lo. Virou as costas para a mesa, falando baixo.

– Está melhor agora? Passou o enjoo? – Brass lançou a ela um olhar preocupado.

– Estou bem. – Ela deu uma mordida no sanduíche. – Sinto mais náuseas à tarde.

– Achei que fosse enjoo matinal.

Ela balançou os ombros.

– Diga isso ao bebê.

Brass riu.

– Ele não vai ouvir.

– É exatamente aonde quero chegar.

Slade desligou o telefone e suspirou ao retornar à mesa. O sorriso de Trisha se esvaeceu ao ver a expressão irritada no rosto dele.

– O que foi?

Slade sentou.

– Há ainda mais problemas para eu cuidar. Mal posso esperar até podermos fechar a Reserva aos construtores e a deixarmos segura de verdade.

– Mais problemas? – Brass parou de comer. – Mais alguma coisa aconteceu?

– Pode-se dizer que sim. – Slade levantou de novo e foi até a cozinha. Momentos depois, voltou com um refrigerante. Abriu a latinha e deu um gole, retomando o assento. – Três agressores que sobreviveram ontem estão afirmando serem parte de um novo ramo de grupo de ódio que jurou nos fazer vender a terra e sair da área. Estão alardeando que o dia de ontem marcou o início dos problemas que vamos enfrentar se ficarmos. Ainda há muita construção pela frente e precisamos que os pedreiros terminem. Qualquer um deles pode ser membro desse novo grupo.

– A intenção deles ontem era matar alguns de nós ou eles tinham planos maiores do que atacar a cabana? – Brass rosnou as palavras.

– O objetivo, segundo um deles, era destruir qualquer estrutura remota e matar qualquer um de nossa espécie que aparecesse. Eles sabiam que seriam atacados se fizessem de alvo as estruturas maiores, como o hotel, que já tem toda a segurança instalada. Sabemos que eles tiveram êxito com a cabana. Um dos homens humanos conhecia a idosa que morava na casa de Valiant. Acho que, como Valiant nunca tirou de lá as coisas da mulher, eles chegaram ao segundo

andar, acharam que a mulher ainda morasse lá e foram embora, senão iam tocar fogo na casa. Foram detidos antes que achassem mais casas para atacar.

– Aquela casa vitoriana é tão linda. – Trisha chacoalhou a cabeça. – Que idiotas.

– Estou mais puto por terem atacado você. – Slade parecia sombrio. – Podiam ter te matado. Alguns de nossos homens checavam os humanos a cada hora, mas agora terá de ser de meia em meia hora. Levaram uns vinte minutos para causar problemas antes de percebermos que tinham sumido. Além disso, vou colocar rastreadores em todos os veículos que entrarem na Reserva e monitorá-los. Eles passaram armas pela nossa segurança, o que também me deixa alarmado. Vemos vários veículos entrarem com materiais de construção e ferramentas. Isso vai diminuir o ritmo das coisas, pois teremos que checar cada milímetro de tudo o que passar pelos portões agora. Nosso povo já está exausto.

– Diga a Justice que você precisa de mais homens. – Parecia simples para Trisha.

– Já estamos no limite. – Slade encostou de volta na cadeira. – Ele colocou o máximo de homens que podia aqui sem enfraquecer a defesa em Homeland. Já estamos usando o dobro da força que realmente vamos precisar quando estivermos na ativa, porque temos que monitorar vários humanos.

Trisha esticou a mão e acenou para chamar a atenção deles.

– Ahn, e as mulheres?

– As mulheres? – Slade olhou para ela, franzindo o cenho. – O que tem elas?

– Sei de pelo menos três dúzias de Novas Espécies fêmeas em Homeland. Por que não as trazem para cá?

Slade chacoalhou a cabeça.

– Precisam ser protegidas. Nossas mulheres são poucas.

Ela franziu a testa.

– Alguém perguntou o que elas querem? Já viu algumas delas? Acho que são mais que capazes de contar alguns humanos e fazer um pouco da segurança. Vi câmeras, então imagino que há uma sala de monitoramento, certo? Quantos homens têm de fazer isso? Coloque as mulheres lá se não quer que elas controlem os portões ou tenham contato direto com os pedreiros.

– É uma boa ideia – afirmou Brass.

Slade hesitou.

– É uma ótima ideia. – Ele sorriu para ela. – Vou ver se Justice concorda e se as mulheres têm interesse em ajudar.

– Mas e as moradias? – Brass fitou Slade. – Onde vamos colocá-las?

– O último andar do hotel está pronto. Há dez apartamentos lá, com dois quartos cada um, o que dá uns vinte quartos.

– Seria seguro? – Trisha se lembrou de que Brass não queria colocá-la lá quando Slade sugeriu isso.

– Não vejo motivo para não ser. Aqueles homens não atacaram antes porque havia muita gente presente e porque a segurança era muito forte em volta das estruturas maiores que estavam em construção. – Slade fez uma pausa. – Não há outra opção.

– Não sei. – Brass ficou em dúvida. – Pôr fogo no hotel seria um bom jeito de nos causar encrencas se os humanos assim quisessem. É a maior estrutura da Reserva. Ficaria preocupado de nossas mulheres ficarem presas lá durante um incêndio se colocássemos todas no último andar.

– Tem razão – concordou Slade. – Era uma boa ideia, mas não podemos alojá-las, Trisha. Não podemos colocá-las em perigo, nem que o risco seja mínimo. Por mais que eu precise de ajuda, não posso exatamente pedir que fiquem com os homens.

– Vocês podiam trazer alguns trailers – Trisha deu de ombros. – Mulheres costumam não se importar em dividir as coisas, e elas trabalhariam em turnos, certo? Talvez dê para estacioná-los na Zona Selvagem e pedir que Valiant e os outros fiquem de olho. Deixe para lá a reconstrução da cabana, assim nenhum dos pedreiros vai ter motivo para ir até lá.

Slade sorriu para ela.

– Quer ficar com meu emprego? Você parece ser melhor que eu. Eu nunca teria pensado em pedir ajuda às nossas mulheres.

– Ela é médica – riu Brass. – É muito mais esperta que a gente.

– Não sei – Slade sorriu para Brass. – Ela não notou a diferença entre um cu e um…

– Cale a boca – gargalhou Trisha, interrompendo-o e chutando-o por baixo da mesa. – Sei qual é a diferença.

Os dois homens sorriram para Trisha enquanto ela chacoalhava a cabeça para eles.

– Não tem uns telefonemas para fazer, Slade? É melhor você falar com o Justice antes de ele ir dormir e dar um tempo para que ele fale com as mulheres antes que elas se recolham também. Quanto mais rápido a decisão for tomada, mais rápido terá ajuda extra aqui. – Ela deu um sorrisinho para ele.

Trisha olhou para o outro homem.

– Quanto a você, Brass, tem roupa para lavar. Disse que queria fazer tudo para

que eu não precisasse. Ande! Elas não vão se lavar sozinhas.

– Eu disse que faria faxina. Nunca disse nada sobre lavar roupa. – Brass levantou. – Odeio separar e dobrar roupas – grunhiu ele. – Mas vou fazer para que você não precise.

– Vou deitar. Boa noite!

– Ela é tão mandona – riu Brass.

– Eu sei, mas tem uma bela bunda – Slade riu também. – Quando ela grita comigo e fica exigente, sempre sai pisando duro. Eu fico olhando para a bunda dela enquanto ela vai embora e nem ligo mais por ela ter sido tirana.

Trisha parou na escada e riu. Chacoalhou a cabeça e se recolheu ao quarto.

CAPÍTULO VINTE E UM

Trisha tentou esconder sua reação apavorada e surpresa. Manteve um sorriso forçado firme na boca, até que os músculos em seu rosto começaram a doer. A expressão de enorme diversão no rosto de Brass era óbvia, mas ele não riu. Slade não mostrou nenhuma contenção ao se curvar, pôr as mãos na barriga e gargalhar até lágrimas rolarem pelos cantos dos olhos.

Valiant rosnou.

– Do que ele está achando tanta graça?

– Não faço ideia – mentiu Trisha. – Acho que às vezes ele é socialmente deficiente.

Slade parou de rir no mesmo instante, enquanto seu olhar voou até ela e se apertou perigosamente. Olhou para ela como quem jurava que iria se ver com ele depois. Trisha olhou para longe com um sorrisinho, esperando que ele tivesse a intenção de lambê-la até morrer, mas a graça acabou rapidamente quando ela avistou a mesa outra vez.

Tentou não olhar estarrecida para o enorme pedaço de carne crua embrulhado em um plástico que Valiant depositara na sala de jantar. Ela não sabia bem o que era, mas era grande o bastante para ser um corpo. *Meu Deus, espero que seja um animal*.

– Foi tão legal de sua parte nos trazer… tanta coisa. Vai durar uma semana inteira. – *Ou um mês*, ela acrescentou silenciosamente. Se forçou a olhar para longe da carne embrulhada e deu um sorriso mais largo para Valiant. – Qual é a ocasião?

– Slade me contou que foi você quem deu a ideia de pedir às nossas mulheres que viessem para cá. Vinte delas chegaram ontem. Já vi algumas de longe e estou muito satisfeito com a seleção. Te pedi para encontrar uma fêmea para

mim, mas você trouxe um monte. Quis agradecer. Sabia que seria falta de educação trazer a carcaça inteira, então tirei a pele e as tripas para você. Tirei até as patas e a cabeça – ele apontou para a coisa grande na mesa. – Embrulhei para não pingar sangue no carpete.

– Isso foi mesmo muito gentil – Trisha soltou, se esforçando muito para ser educada, apesar do choque. Deu um passo na direção dele, mas então parou. – Posso te abraçar e dizer obrigada?

Ele franziu a testa.

– Por que quer me abraçar? Acabou de agradecer.

– É uma coisa humana – sorriu Brass. – Parece que eles se abraçam. Apenas aceite, Valiant. Ela fica me enchendo se eu não deixo ela fazer isso às vezes. É legal.

Valiant deu um suspiro profundo.

– Acho que devo me acostumar com toques, já que quero uma companheira. – Ele abriu os braços. – Vá em frente. – Ele parecia completamente enojado.

Slade sofreu outro ataque de riso, mas Trisha o ignorou. Precisou se colocar na ponta dos pés para passar os braços em volta do enorme homem. Valiant ficou imóvel enquanto Trisha o apertava rapidamente em volta da cintura, antes de se afastar.

– Não foi tão ruim, foi?

– Não. Seu cheiro é bom. – Valiant deu de ombros. – Não foi ruim.

– Obrigada. – Ela olhou para o pedaço de carne embrulhada antes de direcionar os olhos a Slade. – Por que não fazemos um churrasco? Você e Brass podem fazer os cortes, congelar o que não formos usar e fazer um pouco para o jantar.

Slade sorriu para o homem grande, com jeito de leão.

– Ótima ideia. Obrigado, Valiant. Quer ficar para o jantar?

Valiant fez que não.

– Temos mulheres para conhecer e uma companheira para encontrar. – Ele saiu da casa.

Trisha apontou para o plástico, que estava manchado de sangue por dentro, e sussurrou, caso Valiant ainda estivesse a uma distância que pudesse ouvir.

– O que é isso?

– Sei lá. – Slade deu de ombros.

– Acho que é um veado – sussurrou Brass. – Há vários por aqui. Carne de veado parece uma boa pedida mesmo. – Ele se aproximou da mesa. – Vamos levar isso para a cozinha.

– Usem a varanda dos fundos, por favor. – Trisha o corrigiu imediatamente. – Assim vocês podem limpá-la com a mangueira depois de cortar.

– É – sorriu Slade. – Assim você pode lavar a varanda quando terminar, Brass.

– Você está pedindo – Brass rosnou para Slade. – Não sou açougueiro.

– Nem eu.

– Bem, não olhem para mim. – Trisha franziu a testa quando os dois homens se viraram para fitá-la.

– Você é médica e deve ser boa em cortar coisas. – Slade deu um sorrisinho esperançoso.

– De jeito nenhum. Sem chances. Eu ficaria enjoada. Eu que estou grávida, lembram? Sinto enjoo só de pensar em fazer isso. – Ela pôs as mãos na barriga e piscou os cílios para Slade. – Você é o grande predador, afinal de contas. Não é o que sempre me diz? Então vá… arranjar uma faca e pôr a mão na massa.

– Tão mandona – gemeu ele.

Trisha riu.

– Quer me ver sair pisando duro?

Brass deu uma risadinha.

– Fique olhando para a bunda dela enquanto eu vou atrás de facas afiadas e sacos para congelados.

Trisha virou, mostrou as costas para Slade e sorriu para ele por cima do ombro.

– Me chamem quando acabarem. Vou ficar pelada e tomar um banho. Obrigada!

– Está provocando.

Trisha caminhou até a escada.

– Você entendeu direitinho. Me chame quando o jantar estiver pronto. Você é o melhor.

– Continue andando – rosnou Slade. – Dá uma reboladinha, docinho.

Trisha entrou no quarto, ainda rindo bastante. Algumas de suas roupas haviam sido entregues naquela manhã. Alguém as salvara da cabana. Ela pegou um vestido de verão, roupas íntimas e entrou no banheiro.

Ela estudou o corpo nu no espelho, vendo que já começava a exibir a gravidez, apesar de ainda estar no começo. Aquilo a preocupava um pouco, ninguém sabia muito o que esperar e podia ser perigoso. Ela já tivera enjoos matinais, o que mostrara que a gravidez seria estranha desde o começo.

Slade havia entrado de fininho no novo centro médico naquela manhã, antes do amanhecer, onde havia o ultrassom. O centro ainda não estava funcionando,

mas o equipamento já havia chegado. O bebê era maior que o normal. Aquilo a fazia se perguntar o quão grande um bebê Nova Espécie ficaria perto da época do parto. O bebê parecia também estar se desenvolvendo a uma velocidade acelerada. O jeito com que Slade sorrira à visão do filho advertiu seu coração. Ela não teve dúvidas de que ele queria o bebê tanto quanto ela.

Slade era de uma mistura canina, e os ciclos de gravidez deles eram bem mais curtos que os de um humano. Ela se preocupava que o bebê pudesse crescer e se desenvolver mais rápido com o DNA alterado de Slade. Teria que ficar de olho bem atento ao desenvolvimento do bebê para entendê-lo e tentar estimar uma data para o parto. Conversara com Justice ao telefone e pedira para ele enviar mais equipamentos médicos para isso. Ele concordou no ato em arranjar qualquer coisa de que ela precisasse.

– Por que essa cara?

Slade entrou no banheiro e foi até ela. Suas mãos deslizaram em volta da cintura dela e apalparam delicadamente a barriga, levemente redonda. Seus olhos se encontraram no espelho enquanto ele acariciava a barriga dela. Ele beijou sua cabeça.

– Que cara? – Ela se encostou nele.

– Você está preocupada.

Ela sorriu.

– Um pouco. Não quero que nada aconteça com nosso bebê, nem que dê algo errado.

– Está alarmada porque ele é maior do que deveria ser e porque seus estágios de gravidez estão avançando mais rápido que o normal.

Ela concordou. Eles já haviam tido essa conversa quando ela fizera as observações sobre suas descobertas na clínica.

– Sim. Pare de chamá-lo de “ele”. E se for menina? Vai deixá-la complexada. Ainda não consegui ver direito o sexo.

Ele riu.

– Não vou deixar nosso bebê complexado. Você fica irritada quando digo que vamos ter um menino. Que pena que as pernas estavam para cima e juntas e você não conseguiu ver o sexo.

– Devia ser cedo demais para saber, mas ele já tem quase o tamanho de um bebê de doze semanas. Não ligo para o sexo, contanto que nosso bebê seja saudável.

– Nem eu. – Slade abraçou-a mais forte. – Vai ficar tudo bem, docinho. Você é uma médica incrível e Justice vai arranjar qualquer coisa que pedir. Ele está

procurando por um médico confiável e excelente para cuidar de você, que seja especialista em gravidez de alto risco. Fique tranquila. Você mesma disse que o bebê parece perfeito e que tem batimentos cardíacos fortes, apesar do tamanho anormal.

– Eu sei. É só que fico preocupada.

– Eu sei – sorriu Slade. – Poderia passar a próxima hora inteira aqui te distraindo.

Ela gargalhou de repente.

– Não devia estar ajudando Brass a cortar aquela carne?

– Vim aqui trocar de roupa, mas não ouvi o barulho da água correndo. Por favor, deixe eu te distrair. Aí posso dizer ao Brass que você estava triste e precisava de mim. – Ele piscou. – Ele vai ficar ocupado com o trabalho de açougueiro.

Trisha se agitou e pegou nos braços em volta de sua cintura.

– Ah, não. Ele vai rosnar comigo e queimar meu jantar. Me solte, Slade, estou bem. Vou tomar banho, vá trocar de roupa.

Ele virou-a nos braços e seu sorriso se esvaeceu.

– Está mesmo bem, Trisha? Quero que sempre confie em mim. Quero estar aqui para você.

– Estou bem. Vou continuar preocupada, mas também vou ficar atenta ao nosso bebê. É que às vezes fico inquieta demais.

– SLADE!

Trisha sorriu.

– Está sendo requisitado.

Ele gemeu.

– Por favor, deixa eu ficar.

Ela o empurrou.

– Vá ajudá-lo.

– Mas quero te beijar inteira e te deixar embaixo de mim por dias.

– Está provocando.

– Não estarei mais se eu fizer uma barricada na porta do quarto para impedir Brass de vir atrás de mim.

– Eu te amo, mas isso não vai te livrar de cortar toda aquela carne. Estou com fome e quero bife de veado.

O sorriso de Slade morreu e seus lindos olhos se arregalaram.

– Você me ama?

Ela o fitou.

– Você sabe que te amo.

– Você nunca me disse isso antes.

– Nunca? Bem… – Ela ficou na ponta dos pés e passou os braços em volta do pescoço dele. – Eu te amo, Slade. Te amo de todo meu coração.

Slade a levantou um pouco, até que seus rostos ficaram no mesmo nível.

– Eu também te amo, docinho. Você é tudo para mim. Agora temos que fazer amor. Sinto muito pelo Brass.

– Eu ouvi isso – berrou Brass. – Faça amor com ela mais tarde. Só um idiota não saberia que vocês dois estão loucamente apaixonados, então isso não deveria ser uma surpresa. Traga essa bunda até aqui e me ajude com esse veado.

Trisha deixou o rosto cair no peito dele e gemeu.

– Meu Deus, mal posso esperar para termos uma conversa sem alguém nos ouvir.

Slade riu.

– Vou fazer uma casinha de cachorro lá fora para ele dormir.

Ela deu um sorrisinho, levantando a cabeça.

– Promete?

– Não faça isso – gritou Brass. – Não vou dormir em casinha de cachorro.

– É quase como se já tivéssemos um filho, não? – Slade gemeu ao se afastar um pouco dela. – Quase. Nos chama em maus momentos e nos impede de fazer amor porque quer atenção.

Ela riu.

– É, é quase como se já fôssemos pais.

– Tome seu banho. Vou tomar conta do veado e de Brass. Vamos comer logo. – O olhar dele passou por ela, deixando sua paixão se exibir. – Depois vou deixá-lo idiota de tão bêbado, até que ele desmaie e possamos garantir que ele não vai nos interromper enquanto fazemos um monte de sexo à noite.

A boca de Trisha se abriu para concordar.

– Me parece um bom plano – gritou Brass.

Trisha se afastou e jogou um beijo para Slade. Virou as costas para ele, se curvou e ligou a água. Ouviu um rosnado sensual e virou a cabeça para espiar por cima do ombro o homem que amava. Slade olhava fixamente para a bunda nua dela.

Trisha apontou para a porta.

– Fora. Vou me curvar para você mais tarde, prometo.

– Mandona.

– Mas eu tenho uma bela bunda.

– Não. Você tem uma bunda incrível.
– Você também.
– E eu também – berrou Brass. – Agora, será que podemos cortar esse veado?

Table of Contents

Página de Título
Direitos Autorais Página
PRÓLOGO
CAPÍTULO UM
UM ANO DEPOIS
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO QUATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM